

Luís A. Weber Salvi

Pg 79 PM

A Mariposa de Fogo

A Tradição Tolteca

Volume II: *A Eternidade*

© LUÍS AUGUSTO WEBER SALVI

É permitida a reprodução de trechos mediante a citação da fonte.

webersalvi@yahoo.com.br

www.mensageirodoarcoiris.ubbihp.com.br

www.o_caminho.ubbihp.com.br

O propósito final dos feiticeiros é arder, desaparecer, devorados pela força da percepção. O nagual e seu grupo de feiticeiros se preparam durante toda a vida para aquela audácia: sonhar acordados que conseguem ludibriar a morte –conforme comumente concebemos a morte– e atravessar para o desconhecido, acentuando, sem romper, a unidade de sua energia total.

F. Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 289.

Índice

Introdução	4
a. A Renovação de uma Grande Tradição	
b. O Propósito desta Obra	
c. A "Maestrta da Consciência"	
Capítulo 1. Tula, a Cidade do Mito	13
a. A Estrutura Mística	
b. O Nascimento do Mito	
Capítulo 2. As Antigas Linhagens	
a. As Linhagens Toltecas	
b. Corroborações Históricas e Astrológicas	
Capítulo 3. A Mariposa de Fogo	21
a. Os Videntes Telúricos	
b. A Lira Cósmica	
Capítulo 4. Consciência – o "Sendeiro de Ida"	33
a. <i>Conhecimento</i> : a Natureza da Consciência	
b. A Filosofia da Eternidade	
c. O "Caminho do Coração"	
d. Predisposições Especiais da Consciência	
e. A Direção e a Hora Pessoal	
f. As Quatro Verdades sobre a Consciência	
g. As Quatro Categorias de Conhecimento	
h. Fixação e Preservação da Consciência	
i. O Resgate da Consciência	
j. A Busca da Iluminação	
Capítulo 5. Os Mistérios do Tempo	50
a. A Roda do Tempo	
b. O Tempo Mítico	
c. A Construção da Eternidade	
Capítulo 6. Os Calendários Sagrados	56
a. As Funções dos Calendários	
b. A Pedra do Sol	
c. O Calendário Lunar: <i>Cosmologia</i>	
d. A Astrologia na Nova Era	

Capítulo 7. <i>Água Queimada</i> ou a Alquimia Atlante	63
a. O Trabalho Atual	
Capítulo 8. O Ponto de Aglutinação	67
a. "Deslocamentos" do Ponto de Aglutinação	
b. "Movimentos" do Ponto de Aglutinação	
Capítulo 9. O Regulamento dos Grupos-Fênix	71
a. A Iniciação Grupal	
b. O Regulamento do Nagual	
c. Os Conclaves Telúricos ou <i>O Fogo Novo</i>	
d. Os Grupos-Fênix na Nova Era	
Capítulo 10. O Universalismo Atlante	77
a. A Estrutura Universalista	
b. Os Quatro Tipos Humanos	
c. O Cânone social	
Capítulo 11. <i>Tezcatlipoca</i> ou o Nagual- <i>Arhat</i>	80
a. O Aliado Animal	
b. Estados de Consciência	
c. O Guia Espiritual	
d. <i>Tlatoani</i> , o Arquétipo (<i>O Arhat</i>)	
Capítulo 12. O Nome Espiritual	90
a. Recursos do Nome Oculto	
Capítulo 13. <i>Tonantzin</i> – O Papel-Lua da Mulher	93
a. As Guerreiras: <i>pragmatismo oculto</i>	
b. Almas-Companheiras	
c. Habilidade Astral	
d. A Questão Sexual: <i>economia e ética</i>	
e. Os Mistérios Maiores na Polaridade	
Capítulo 14. O Deserto e a <i>Árvore do Conhecimento</i>	100
a. A <i>Árvore do Conhecimento</i>	
b. Os Passes Mágicos	
Capítulo 15. <i>Ressurreição</i> : o Salto para a Eternidade	107
a. O Grande Umbral	
b. O "Caminho da Perda"	
c. O Dom Feminino	
d. O voto sagrado	
Capítulo 16. A Tarefa Ashrâmica I: <i>Fundamentos</i>	116
a. A Recapitulação Final	
b. A Vitória da Alma	
c. A "Coleção de Eventos Memoráveis"	
c. Os Quatro Inimigos	

d. Desvios no Caminho Telúrico	
Capítulo 17. A Escola-TAU	125
a. A Palavra Atlante	
b. O Manejo da Dualidade	
Capítulo 18. As Iniciações Solares	130
a. O Treinamento Xamânico	
b. A Iniciação Tolteca	
Capítulo 19. Os Aliados da Natureza	139
a. Revisitando os Reinos Naturais	
Capítulo 20. Lugares de Poder no Norte	146
a. Tabus e Malefícios dos Locais Místicos	
b. O Trabalho dos Antigos Adeptos	
c. Regiões de Poder (I)	
Bibliografia	154

Introdução

É possível encontrar hoje muitos trabalhos sobre as culturas sagradas do Extremo e do Médio Oriente. A existência da *escrita* desde tempos antigos nestas partes do mundo, tem facilitado o registro do conhecimento. No Extremo-*Ocidente* (a "América pré-colombiana") também se tinha a escrita, porém, além de seus recursos serem mais rudimentares, os seus conhecimentos superiores têm sido destruídos sob um processo brutal de aculturação, ou, por isto, preservados de forma muito oculta em pequenos círculos tribais ou espirituais, geralmente de forma oral.

Sabemos no entanto que as Américas antigas tiveram desenvolvimentos espirituais notáveis. Suas façanhas técnicas e científicas foram apenas reflexos deste alto grau de cultura interior, um resultado direto de conhecimentos tidos como *sagrados*.

Tais tradições representaram alguns dos últimos focos de filosofia antiga sobre a face da Terra, e sua vitalidade seguiu irradiando expressões legítimas no território das Américas, lado a lado à emergente cultura colonial, para hoje enriquecer uma nova síntese no amadurecimento dos povos pan-americanos.

O trabalho de Carlos Castañeda apresenta-se como um elemento essencial nisto tudo, na medida em que estabelece um elo vivo entre o acadêmico e o prático, tal como se necessitaria para transmitir algo de valor real.

Trata-se de um homem culto e autor de obra digna dos mais profundos estudos, revelando um universo profundo e pouco conhecido e que apenas aos poucos tem demonstrado as suas riquezas, na medida em que seus livros eram *narrativas vivas* de processos pessoais, uma vez que optara por descrever tudo pelo que estava passando. Por esta razão, os termos empregados por Castañeda e sua análise muitas vezes evoluíam no decurso de seu aprendizado, juntamente com a sua compreensão. E tudo isto envolveu de algum modo a todos aqueles que acompanhavam a sua surpreendente trajetória; e que desde aqueles anos tem sido realmente muitos.

À medida em que prosseguiam as narrativas, percebia-se que no bojo desta tradição (que a princípio parecia algo primitiva), existia uma síntese fantástica de elementos, reunidos a partir de diferentes origens e desenvolvidos no seio de uma cultura profundamente pragmática.

Nestes ensinamentos vamos encontrar uma série de elementos familiares a muitas tradições, tais como sistemas de *chakras* (hinduísmo, budismo, cabala), meridianos (taoísmo), almas-gêmeas (através do casal-nagual), exercícios psico-físicos (os "passes mágicos"), e muito outros.

Apesar de —até onde se sabe— os seus representantes não contarem com livros e compêndios, mas preservando seus conhecimentos através da memória viva, o Regulamento pelo qual estavam regidos, assim como o conjunto de elementos que constituem o universo místico dos toltecas, tais como os "fatos energéticos" que colecionaram juntamente com as técnicas empregadas para enfrentá-los, representa uma herança ímpar comparável a qualquer alta cultura sagrada que possamos hoje estudar.

Chega a fazer lembrar as épocas em que as grandes verdades podiam ser escritas diretamente nos corações dos homens. E sugere a possibilidade de que um dia o homem volte a possuir uma

imensa ciência espiritual, sem ter necessidade de alterar excessivamente a natureza exterior. Pelo contrário, alcançando tais riquezas internas, como equilíbrio, saúde perfeita e liberdade cósmica, através do respeito e da devoção à Criação, em harmonia afirmada pela observação das suas leis.

Muito sentiam nesta obra a transmissão de um *conhecimento vivo*. Conforme o autor, as obras foram escritas um estilo mágico e como um trabalho de magia, de modo que nelas transparece a "força da atenção dos videntes do México antigo" (cf. *A Roda do Tempo*).

Agora que o último representante desta linhagem –o próprio Castañeda – não se encontra mais neste mundo, e considerando que seu grupo tem por tarefa encerrar as antigas linhagens toltecas, podemos ver este ciclo de ensinamentos como efetivamente encerrado e começar a apurar o seu conteúdo, com tudo o que significa para a humanidade, tendo em vista uma síntese cultural, e refletindo sobre a possibilidade de sua restauração e evolução futura, anunciadas pelo mestre Juan Matus e talvez sugerida nas antigas profecias.

Quando uma linhagem vê o seu fim, ela não procura estender-se para além do possível. Antes, entrega os seus bens espirituais ao Mundo, sabendo que é chegada a hora de novas forças espirituais. Não pretende desafiar-las mantendo segredos desnecessários que apenas inflariam externamente os egos depositários, antes oferecendo os seus recursos abertamente onde eles podem ser necessários, sobretudo para serem devidamente *renovados*.

Apesar de, felizmente, restarem membros do grupo de Castañeda portadores de chaves e memórias importantes a serem ainda oferecidas, a extinção do nagual reforça a idéia do encerramento do ciclo, permitindo também a sua renovação a partir das bases legadas.

Neste sentido, existe um *universo* muito grande de elementos que necessitam ser organizados, sistematizados, analisados, comparados, exaltados e criticados. Desde a sua primeira obra, Castañeda se esforçou por emprestar ordem ao conjunto das informações recebidas. Seu primeiro livro foi na verdade uma *tese de doutorado*. Após relatar suas "experiências de campo", procura empreender uma longa análise "estrutural" do sistema indígena de conhecimento. Estas primeiras tentativas foram imperfeitas porque a noção que tinha daquela tradição era incompleta. A continuidade do seu processo permitiria u'a maior organização do sistema tolteca, removendo inclusive a sua impressão inicial sobre a importância das "plantas-de-poder".

No geral, suas tentativas de sistematização deste conhecimento permaneceram precárias ou parciais. Teria sido preciso ser um mestre e um aplicador deste saber na sua totalidade –coisa que ele mesmo não se propunha realizar–, para poder organizá-lo de fato em todas as nuances – o próprio fato de ser um encerrador de linhagem conspirava contra isto.

Talvez o autor jamais tenha se curado de todo da perplexidade daquilo que vivenciou, ou simplesmente tomou a opção de *relatar* sem julgamentos aquilo que experienciou, e fazer assim isto "a sua parte", como afirma em alguma parte. Por outro lado, empregava uma técnica definida para escrever. No prefácio de *A Travessia das Feiticeiras* de Taisha Abelar, Castañeda revela que recebera de seu mestre Don Juan a tarefa de relatar não como um escritor, mas como um xamã, isto é, em *estado intensificado de consciência*. Tal recurso revelou-se fecundo, o que inspirou alguns colegas ocidentais a tentarem o mesmo.

De resto, a tarefa é mesmo complexa. As peculiaridades da linguagem e do estilo de atuação dos índios, além das dificuldades inerentes a este tipo de saber, mantém sempre um véu sobre as suas realidades. Daí a importância de se procurar tecer um diálogo intercultural tendo em vista um acesso mais amplo às técnicas e aos fundamentos de cada sistema. Para se ter pleno sucesso nesta empresa, deve-se conhecer a fundo ao menos *um sistema completo de conhecimentos*, assim como os princípios em termos de métodos e recursos de algum outro que se pretende avaliar.

Don Juan facilitou muito as coisas com sua mente brilhante. Ainda assim, este mestre não era exatamente um entusiasta das divulgações, uma vez que a sua grande preocupação não era difundir ensinamentos, mas sim perpetuar a sua linhagem. Mas diante da evidência de que sua linhagem se extinguiria, ele modificaria a postura, inclusive pedindo ajuda de seus colegas xamãs.

Não se sabe ao certo que noção tinha Don Juan do impacto da obra de Castañeda no mundo, mas provavelmente estava a par de tudo, ainda que, no México mesmo, por determinação do Governo, quiçá temeroso de um movimento de consequências imprevisíveis, as obras somente seriam publicados após a morte do mestre.

Na verdade, várias vezes Don Juan expressou o seu desejo de ver a humanidade retornando aos mistérios do "conhecimento silencioso". É bem possível que isto por si só justificasse este ciclo literário, vindo a surgir como uma nova *descrição de mundo* para inúmeros jovens. Tal diluição da sabedoria tolteca no seio da juventude ocidental, representaria um ato de generosidade por parte dos índios, e também um golpe certo na visão de mundo moderna (já em transformação), alimentando os sonhos de toda uma geração e contribuindo para uma nova forma de se encarar a existência. Sabemos que esta nova "descrição" já não pode ser considerada anti-científica, não tanto porque a mística se tenha modificado, mas porque a Ciência está avançado. Certamente a mística também deverá tornar-se mais científica e pragmática, o que caberá às novas Escolas de Mistério realizar

O valor desta tradição é único não apenas porque pertence ao contexto pré-colombiano (auxiliando a esclarecer o espírito que move a orgulhosa resignação dos índios), ou por ser extremo-ocidental (região particularmente associada à Nova Era), mas por oferecer *caminhos alternativos* para o homem de amanhã, e até por conferir bases para um renascimento cultural em função dos tantos elementos atraentes que apresenta, tudo com muita ordem, pureza e rigôr. Fazia-se mister uma nova linguagem para trabalhar as questões espirituais, e Castañeda e seu grupo trouxeram isto para o mundo, na medida em que chegaram até nossos dias com este saber vivo e profundo.

A cultura que revelaram era detentora de técnicas tão definitivas e maravilhosas como o "sonhar acordado", que permite o emprego de um corpo mais sutil, ou a "conquista da liberdade total", na liberação cósmica final do homem, assim como a capacidade de entrar definitivamente numa outra dimensão sem deixar vestígios. Com isto abriram brechas para realizações que a humanidade apenas gozará regularmente num futuro muito distante, trazendo quiçá este futuro para mais próximo de nós.

Por seu próprio treinamento, os videntes índios costumam ser inacessíveis ao contato com o homem branco. Ao mesmo tempo em que vale-se dos desafios trazidos pelo homem branco para se aprimorar, alimentam um rancor natural que somente poderá ser vencido pela *devida valorização de suas culturas e povos*. O trabalho de Carlos Castañeda representa um passo importante nesta direção, indo muito além do academicismo frio, para penetrar diretamente no âmago das crenças e práticas ancestrais.

Além disto, nada leva a pensar que existam ainda no México videntes de importância fora da linhagem de Don Juan. Encontrar a este e seus companheiros já foi um milagre quase inacreditável, uma grata surpresa ocorrida no final do milênio, encerrando o ciclo de 500 anos da Conquista com uma chave de ouro (ciclo este muito valorizado pelos Antigos). Por tudo isto devemos considerar que estas revelações trazem realmente o melhor do que existia neste universo.

Na verdade, dificilmente algo se iguala em força e vivacidade em qualquer outra parte, trazendo informações técnicas e possibilidades ignoradas que levam a antropologia e a espiritualidade a um grau único de unidade.

a. A Renovação de uma Grande Tradição

Não há tampouco de nossa parte o que lamentar quando sabemos que esta linhagem se preservou até o momento necessário, para logo ser renovada pela chegada de novas energias espirituais ao mundo, encerrando o seu ciclo juntamente com todas as outras grandes tradições do mundo, como o budismo, o hinduísmo e o cristianismo, cujos avatares *finais* são agora esperados.

Os próprios videntes toltecas entenderam esta situação e estimularam os seus seguidores a encerrar o seu ciclo, inspirados pela vontade revelada do Destino. E naquilo que toca a nós como herdeiros, cabe tratar de aproveitar avidamente os últimos elos que nos prendem à linhagem que se extingue, como forma de permitir o início do novo ciclo sobre as bases antigas, assim como as forças restauradoras que surgem neste momento. Esta renovação é hoje possível e necessária.

Podemos dizer que a ciência tolteca sintetiza a sabedoria antiga e, assim como a partir de certo momento passou a representar o seu modelo máximo, também agora representa a ponta-de-lança de sua herança ancestral, enlaçada diretamente no futuro. É muito provável que, honrando a este saber, possamos resgatar dignamente o melhor do que havia na América antiga e assim neutralizar em parte o nosso carma de colonizadores, a um grau suficiente para dar prosseguimento à nossa própria civilização ameaçada, levando a marca da *síntese cultural*.

Ocorre ser este um grande momento de renovação, e a humanidade deve estar atenta para todos os sinais. É certo que há de surgir a renovação porque o antigo se extinguiu, não podendo permanecer porém nenhum vazio. Estas reformas são pois iminentes e estão em curso. A presente obra pretende sinalizar neste sentido, oferecendo bases para o novo momento aguardado do toltequismo e da tradição sagrada em geral, protegida pelos Espíritos antigos, nossos ancestrais sagrados que levaram muitas vezes a sabedoria e a glória do homem a um grau inimaginável, mas que ainda assim serão suplantadas no futuro.

Sabemos que a tradição tolteca em geral, é ainda mais ampla do que apresenta a linhagem de Juan Matus. É algo bem mais rico e universal, consistindo num universo de conhecimentos e práticas difundidas pelo mundo antigo e que a nova humanidade e seus sábios deverão resgatar.

O universo tolteca (abrangendo Teotihuacan) foi o mais clássico e difundido da Meso-América, incluindo elementos completos de civilização como calendários, arquitetura, artes plásticas, o próprio Estado sagrado, e ciências espirituais como astrologia, alquimia, profecia, etc. Se Castañeda não estivesse tão absorvido em seu processo pessoal, poderia, como um acadêmico e místico moderno, ter procurado reagregar também estes elementos –os quais não foram estranhos aos "antigos videntes" de que falavam os seus tutores– e colaborado ainda mais para uma nova síntese.

Ao mesmo tempo, como estudioso e praticante místico, perceberia a imensa concordância havida entre os ensinamentos toltecas e os de outras correntes esotéricas. À luz destes recursos, teria podido corroborar a exatidão de muitas informações históricas trazidas pelos "novos videntes" acerca de seus antepassados, inclusive as de seu tutor. No mesmo sentido, teria observado que a visão de mundo dos xamãs mexicanos se aproxima de certas concepções ultramodernas da Ciência.

De qualquer forma, este é um trabalho que vem sendo realizado por outros estudiosos dentro e fora do campo espiritual e do México. Neste sentido, nossa visão do universo tolteca é mais ampla, segundo os recursos hoje disponíveis e também necessários neste novo momento criador.

b. O Propósito desta Obra

Toda a tradição tolteca está tingida pela idéia da dualidade –algo tipicamente ocidental, sendo talvez para eles a mais importante delas a dualidade existente entre o *homem* e o *infinito*

O trabalho tolteca tinha também esta expressão de dualidade no Regulamento do Nagual, onde aparece o mestre e seus guerreiros.

A rigor, o que se oferece nestas páginas é o plano de trabalho integrado entre a Humanidade e a Hierarquia na Nova Era, empregando nisto algumas das importantes fontes de ensinamentos místicos atuais (especialmente Castañeda), ao lado de informes acadêmicos e ainda de elementos originais. Tudo isto faz parte de um quadro cultural de integração e de renovação expresso nas profecias de muitos povos e dos próprios toltecas, antigos e modernos.

Outrossim, não pretendemos fazer aqui um *inventário* completo da sabedoria tolteca em todos os tempos e nem mesmo em qualquer de suas linhas. Alguns outros autores têm já se debruçado sobre isto.

Nossa primeira intenção é oferecer um compêndio didático sem pretender substituir as fontes, mas facilitando o acesso a elas, e até complementá-las na medida do possível, podendo ser usado também como um manual de xamanismo telúrico e cósmico (conforme as suas duas grandes divisões); fornecendo também suficiente informação histórica para embasar as novas propostas.

Naturalmente, seria impossível desenvolver todos os métodos dos guerreiros toltecas no espaço deste volume. Muita coisa será apenas citada a título de "síntese" e informação para que o estudante possa ter um panorama geral deste conhecimento. Seu desenvolvimento se encontra em princípio nas próprias obras de Castañeda e de seus colegas, assim como nas práticas vivenciais que se venha a realizar. Toca-nos aqui discorrer sobre certos princípios fundamentais e trazer mais luz sobre estes e outros mistérios.

Nisto, as menções às antigas mitologias nahuas e eventualmente aos símbolos de outras culturas, servem para ilustrar os princípios tradicionais e confirmar o treinamento tolteca, sem pretender abarcar toda a possível gama de correspondências e analogias existentes entre, por exemplo, os Sete Raios da Consciência e as "transformações de Quetzalcóatl", ou entre as energias elementais e os "vários Tezcatlipocas".

Um dos pivôs deste trabalho é a *exegese dinâmica* da obra de Castañeda, ilustrativa e podendo oscilar entre a linguagem moderna e a citação simbólica ou técnica. Não é nosso propósito escrever uma obra apenas erudita ou resgatar as formas antigas na sua totalidade. Tanto os mistérios da Escola Atlante como os da Escola Árya nos são familiares, na medida em que sempre nos detivemos sobre tais ensinamentos com propósitos pragmáticos, buscando caminhos para o auto-conhecimento no seio de uma cultura predestinada a projetar uma nova síntese.

Por "exegese dinâmica" entendemos um procedimento que vai além das técnicas de desenvolvimento e aproximação de idéias, para incluir conhecimentos complementares e avançados como os existentes na base desta cultura ou apresentados em Escolas paralelas. Nisto, os desdobramentos poderão ir além do sistema tolteca, beneficiando o estudante aberto à verdade de forma indistinta às suas origens. No entanto, pela vastidão e suficiência do entorno geral do toltequismo, podemos dizer que certamente não fugimos ao seu universo.

Se nos limitássemos a realizar uma obra de erudição baseada nas "tradições comparados", isto já seria certamente de grande utilidade, pois demonstraria cabalmente o valor e a integridade das antigas culturas americanas. A erudição, especialmente quando acompanhada de

pragmatismo –do qual muitas vezes depende o sucesso da análise–, é em si uma virtude. Disse Don Juan: "Os guerreiros compreendem que os seres humanos são criaturas de inventário. Conhecer os pormenores de qualquer inventário é o que converte a um homem em um erudito ou em um *expert* em seu campo." (Castañeda, *La Rueda del Tiempo*, pg. 295) De fato, o que faz a diferença entre um simples intelectual e um iniciado, é que este conhece todos os detalhes de uma teoria, justamente porque realizou a sua *praxis*.

Os videntes toltecas possuíam inclusive em seus grupos uma categoria de guerreiro que era basicamente erudita: é chamado *mensageiro*. Porém, como detentores de conhecimentos vivos e pragmáticos que são os toltecas, este guerreiro, ao invés de se limitar a "teorizar", é na verdade aquele que **vai na frente** em todos os caminhos, sendo também por isto chamado *o testemunho*, demonstrando a verdadeira função do conhecimento enquanto *inventário da experiência viva*. Na sua acepção original, a *teoria* é algo sublime e significa *contemplação*, em grego, isto é, "visão divina". Modernamente a ciência preserva a palavra "teoria" como sinônimo de visão e de *concepção*, mesmo depois de comprovadas as suas bases.

Castañeda e seu grupo lançaram um estilo especial, mas a maioria da literatura do gênero é meramente romanesca. É certo que uma narrativa ou um romance são sempre mais envolventes do que uma análise sistemática. Além disto, permitem diluir a informação e com isto comunicar melhor o conhecimento para a média dos leitores.

Obras técnicas e filosóficas são para quem deseja aprofundar algo, tal como a de Alice A. Bailey. O buscador sério que já se acha na senda e almeja a aplicação prática do verdadeiro saber, tratará de investigar também nestes compêndios e livros-textos, ricos em detalhes e elucidações ocultistas, trazendo iluminações para quem deseja o esclarecimento e a prática real. Neles achará maior conteúdo na forma de "conhecimento bruto", por assim dizer, válido na medida em que este conhecimento está embasado em métodos oriundos de uma tradição. "Conhecimento concentra energia. Portanto conhecimento é poder." (*A Travessia das Feiticeiras*, pg. 125)

Don Juan estava convicto de que o homem, especialmente o gênero masculino, necessita *compreender* antes de poder seguir um caminho qualquer. Às mulheres, mais intuitivas e emotivas, lhes basta em princípio serem orientadas. De fato, os homens são seres de razão, e o mestre de Castañeda deu mostras surpreendentes desta habilidade.

Mas os seres da nova humanidade tratarão de unir a mentalidade e o psiquismo. O estágio atual do toltequismo e as fontes empregadas neste trabalho permitem ir nesta direção. A própria complexidade deste treinamento (e a sua importância para o futuro da humanidade) exige muitas camadas de interpretação, e isto pretendemos fazer nesta obra sem esgotar o assunto.

A mística tolteca caracteriza-se pelo pragmatismo, uma vez que "todas as coisas relacionadas ao seu conhecimento são um convite para entrar em ação" (Castañeda, *Passes Mágicos*, pg. 117). Os toltecas oferecem um repertório técnico muito amplo, que aliado com os desenvolvidos em outras culturas, e ainda juntamente a novos adequados aos tempos atuais, fornecem ao homem moderno um quadro riquíssimo em possibilidades.

Se nossa própria formação não está exclusivamente conectada ao sistema dos "novos videntes", sendo antes *universalista*, é porque isto se demonstra hoje necessário até mesmo para a evolução do nagualismo. Toda a renovação requer novos elementos, e estes devem ser o mais ricos possíveis. A participação de elementos transculturais é nisto essencial, como demonstraram os próprios toltecas em sua busca de síntese.

Não é que o universo tolteca fosse incompleto, pois naquilo que lhe era permitido realizar, suas conquistas foram assombrosas. Podemos dizer que quase tudo o que se pode fazer é tratar de resgatar, desenvolver e integrar aquilo que iniciaram, mesmo empregando roupagens novas ou modificadas. Pois se tampouco usamos nesta obra elementos estritamente nahuas e toltecas

(mesmo das várias correntes que empregam este nome), é porque conhecemos a importância da análise transcultural na elucidação e na aplicação dos elementos de uma dada cultura. O importante é a habilidade de eleger os elementos certos que possam enriquecer, completar e elucidar um saber.

Os próprios novos videntes se mostraram abertos à assimilar elementos que pudessem ampliar o seu universo. Um dos mais importantes *naguais* da linhagem de don Juan, chamado Lujan, foi chinês e colocou elementos das artes marciais nos movimentos dos *passes mágicos*. Mais tarde uma guerreira do grupo de Don Juan chamada Clara Grau foi para o Oriente estudar as artes e a filosofia chinesa. Praticava meditação e conhecia várias técnicas do Oriente (inclusive o "Tai Chi interior", mais conhecido como *Chi Kung*). Em certa altura ela faz a seguinte comparação entre as duas culturas:

"(...) o povo do México pré-hispânico era bastante parecido, sob muitos aspectos, com os chineses antigos. Talvez porque ambos possivelmente tiveram as mesmas origens, eles partilharam uma visão de mundo semelhante. Os índios ancestrais do México, contudo, levaram uma pequena vantagem, pois o mundo em que viveram estava em transição. Isto os tornava extremamente ecléticos e curiosos em relação a cada aspecto da existência. Eles queriam compreender o universo, a vida, a morte e a extensão das possibilidades do homem no que se refere à consciência e à percepção. O grande desejo de conhecimento levou-os a desenvolver práticas que lhes possibilitaram alcançar níveis inimagináveis de consciência. Eles fizeram descrições detalhadas de suas práticas e definiram as esferas reveladas por estas práticas. Eles transmitiram essa tradição de geração em geração, sempre envolvida em segredo." (Taisha Abelar, em *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 143)

Os toltecas dizem que as mulheres são essencialmente práticas. E este caráter se estende ao ambiente extremo-ocidental, feminino, psíquico e experiencial.

O ambiente em formação da Meso-América também teria favorecido pois uma síntese ainda mais ampla, e isto fica evidenciado quando vemos que suas conquistas tangem o que de mais avançado existe em termos de revelações espirituais (como as trazidas através de Bailey). Ao mesmo tempo, as Américas foram notadamente foco de influências e intercâmbios com outros continentes. Existem evidências de que a América pré-colombiana haja recebido influência chinesa e até egípcia. Joseph Campbell explora a semelhança de sua mitologia e sua arte com a chinesa, em *A Imagem Mítica*. Estudos recentes revelaram que múmias egípcias do século X a.C. tinham produtos oriundos das Américas em seus corpos, como tabaco e coca. De resto, sabemos que os avatares da Meso-América e da América do Sul eram comumente brancos e barbados. O mito da Atlântida, transmitido pelos egípcios a Sólon, que o repassou a Platão, vela vários elementos extremo-ocidentais, inclusive na sua etimologia.

O próprio Don Juan recomendava que os guerreiros fossem praticantes de alguma arte marcial. Castañeda empregou estes recursos para completar o seu aprendizado. Cada *nagual*, como representante de sua época, deve realizar a sua própria síntese com aquilo que for necessário e que lhe esteja acessível. Por esta razão, no final os benfeitores de Castañeda declararam esperar dele (como dos outros guerreiros) uma atitude totalmente original em relação ao seu aprendizado (cf. *La Rueda del Tiempo*, pg. 313).

O domínio de um sistema de conhecimento facilita a compreensão de outro, uma vez que os princípios cósmicos são universais. É mais fácil restaurar elos de conhecimento do que gerá-los; e é mais natural descer escadas de analogias do que subi-las. A Escola na qual realizamos a nossa formação espiritual está dedicada à *preparação dos videntes cósmicos*, os quais representam a linhagem que dará continuidade ao ciclo de videntes toltecas que se extingue neste final de século. Os videntes cósmicos expandirão as premissas trazidas pela estirpe de Don Juan, que já apontava nesta direção, permitindo que uma nova cultura *univérsica* seja implantada na Terra,

resgatando os conhecimentos de todas as linhagens sagradas toltecas e ainda trazendo um novo degrau. Em *O Espelho de Obsidiana* e no conjunto da obra trazemos maiores informações sobre esta nova reforma do toltequismo.

É notável como este sistema foi sendo gerado com o tempo, e ainda que tenha tido os seus gênios criadores e os seus reformadores, não faz referência a seres divinos que teriam originado o conjunto de elementos ou determinado as suas bases, como se atribuiu a Quetzalcóatl por exemplo, a criação de tantas coisas na Antiguidade tolteca. Ainda assim, é inegável a presença do gênio e de estruturas precisas em todo este saber, prenhe de fecundidade e vitalidade suficientes para chegar a nossos dias, quando todas as antigas linhagens devem ser renovadas. Afinal, os naguais se inserem diretamente na dinastia de Quetzalcóatl e o representam.

A presente obra segue a linha anunciada pelo próprio *benfeitor* de Castañeda quando admitia a possibilidade da vinda de um novo ciclo de ensinamentos, em termos mais adequados às demandas do mundo atual, corroborando a posição de vários mensageiros espirituais de nossos dias.

Na sua elaboração desta obra nos movem portanto os cinco seguintes propósitos:

1. Realizar uma sinopse geral das tradições toltecas;
2. Apurar a exegese em torno dos preceitos dos videntes;
3. Efetuar um estudo comparativo com outras tradições;
4. Colaborar na sistematização didática do treinamento tolteca;
5. Avaliar os caminhos que se abrem para as futuras linhagens.

c. A "Maestria da Consciência"

O presente Volume da Série *A Tradição Tolteca* está dedicado ao desenvolvimentos dos Mistérios Menores segundo a ótica tolteca. É o que estes sábios designavam como a *Maestria da Consciência*. Envolve particularmente os Mistérios do Tempo, com sua técnicas de ampliação de consciência e o emprego dos calendários, pelos quais torna-se possível instrumentalizar o tempo através do *ritmo* (o tema também acha-se desenvolvido em nossa obra *O Primado de Sophia*, Volume II da série *O Retorno à Tradição Perene*).

Nisto, a abordagem mística de Castañeda complementa os registros legados e as tradições remenescentes à época da Conquista, muitas das quais mantinham vivos os preceitos toltecas (ver Volume I desta Série).

Por muito tempo a resolução dos mistérios do tempo e da consciência estiveram no cerne dos trabalhos dos sábios pré-colombianos, e podemos dizer que esta pesquisa teve início com o ciclo atlante, do qual os antigos americanos herdaram uma parte muito importante da cultura, inclusive através dos orientais.

Atualmente os toltecas vinham ampliando seus trabalhos na direção da *Busca da Liberdade Total*, um passo considerado definitivo na evolução da consciência.

Num dado sentido, o trabalho da consciência representa o cerne das tarefas do nível *humano* de atuação. Assim, estes Mistérios Menores representam o campo de desenvolvimento do centro da Humanidade, da mesma forma como os Mistérios Maiores são o tema principal do centro da Hierarquia, e os Mistérios Eternos o foco de trabalhos do centro de Shambala. Tal tríade de atividades está relacionada à Trindade ou à Trimurti divinas.

Todo o caminhante da luz deve iniciar sua jornada conhecendo os mistérios da consciência. Apenas a partir do momento em que tenha pleno controle sobre os seus ritmos, é que poderá

dominar o ambiente e fixar o tempo e o espaço. Do contrário tudo lhe será volátil, inclusive a própria vida.

Capítulo 1

Tula, a cidade do Mito

Tula é uma palavra associada aos mitos de origens da civilização, particularmente ao ciclo atlante. A origem atlante desta palavra transparece nas letras que a formam, especialmente *tla* ou *atl*, que significa "água", o sufixo universal atlante.* Trata-se também Tula de um fonema universal, estando presente em muitas culturas a partir da difusão atlante. Na China e na Índia significa o signo de Libra, ou Balança. Alguns sábios como Ibn Arabi, associam este signo às origens deste ciclo do mundo. René Guenón também vincula este fato:

"Há que se distinguir a Tula atlante (o lugar de origem dos toltecas, que provavelmente estava situada na Atlântida setentrional), da Tula hiperbórea; e é esta última que, na realidade, representa o centro primeiro e supremo para o conjunto do *Manvantara* atual; ela foi a 'ilha sagrada' por excelência, e sua situação era literalmente polar no começo" (René Guénon, *O Rei do Mundo*, pg. 112)

Diz-se que a verdadeira humanidade teve início na raça atlante ou, mais precisamente, sob a luz do ashram ou da hierarquia que regeu esta raça, com sua evolução espiritual quaternária. Diz daí Guenón:

"... essa Thulé era verossimilmente idêntica à primitiva 'ilha dos quatro Mestres' (da Céltida)." (*O Rei do Mundo*, pg. 111)

Com tudo isto, Tula se tornou um sinônimo de *centro*, e todas as grandes capitais pré-colombianas usavam a palavra para co-designar o seu *status* central: Tula Tenochtitlan, Tula-Teotihuacan, etc. Tule é uma cidade da Islândia, e os índios Cunas do Panamá (cuja bandeira ostenta uma suástica) consideram-se residentes da Terra de Tule.

Mas apenas uma cidade tem sido chamada simplesmente de *Tula* na América pré-colombiana: a "capital dos toltecas". Embora a cultura tolteca remonte a épocas anteriores, a cidade que deu origem histórica a esta tradição chama-se *Tollan*, em nahuatl, para muitos a cidade-modelo da Meso-América, onde governava o senhor Quetzalcóatl, originando um novo ciclo da civilização pré-colombiana, devidamente demarcado nos seus calendários:

"Tollán é a cidade ideal da idade áurea da Meso-América, governada por Topiltzin Quetzalcóatl e pelo deus criador Quetzalcóatl. No mito e na história sagrada, Tollán foi retratada como o lugar em que se haviam cristalizado os conceitos e instituições associadas às grandes cidades. Em Tollán, o calendário, a arquitetura cerimonial, a medicina, a astrologia, a sabedoria, a arte e os rituais foram desenvolvidos a um grau de excelência." (John R. Hinnells, *Dicionário das Religiões*, pg. 268)

Topiltzin era um rei tolteca que tinha como nome-astrológico Quetzalcóatl, de modo que terminaria por ser reconhecido como o *escolhido* aguardado naquela época do mundo (ver sobre o tema do nome-astrológico no Volume III desta Série).

Após a destruição de Teotihuacan, os toltecas centralizam o seu reino em Tula, que se apresenta assim como sucessora da Cidade dos Deuses, iniciando a cultura monárquica ou real de Quetzalcóatl, sua época e estilo militar-sacerdotal, de fundo também místico, dando início às guerras religiosas (ou "guerras floridas"). Era a forma como se poderia sobreviver naquela altura da história americana.

Estas cidades se posicionam geograficamente no local adequado para centralizar a cultura atlante, ou seja, no *paralelo 20*. Toda a matemática e astrologia meso-americana tem base *vigesimal*. A arquitetura de Tula reflete este espírito nascente, que deu origem aos novos videntes e aos guerreiros toltecas.

Desde o ponto de vista da atualidade espiritual e da evolução do toltequismo, os padrões de Tula apresentam hoje uma estrutura mística e racial, ainda que na época fosse um pólo de cultura universal.

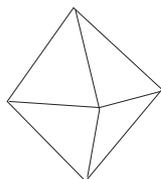
a. A Estrutura Mística

Tula é uma cidade que guarda o gênio tolteca, especialmente por sua *arquitetura*. Destaca-se nestas ruínas o templo da Estrela da Manhã, com seus "atlantes" monumentais de quatro metros de altura representando Quetzalcóatl com indumentária de guerreiro e sacerdote, a dupla função que encarnava a dinastia tolteca, simbolizada pela bolsa de copal (incenso) e pelo lançador de dardos que portam as estátuas.

Certamente envoltas por uma elevada simbologia, os toltecas posteriores criaram mitos ainda mais fantásticos em torno destas figuras. Em *O Presente da Águia*, o templo da Estrela da Manhã de Tula é apresentado como o *protótipo arquitetônico* do grupo do Nagual, e portanto uma expressão do Regulamento. Segundo os novos toltecas, os quatro "atlantes" enfileirados no seu topo, seriam na verdade *guerreiras* e as quatro colunas que têm por detrás são *guerreiros* ou senão guerreiras de outro tipo:

"Tula tinha sido o epicentro do império Toltec. Aquela pirâmide é o centro da ordem e da estabilidade. Aquelas figuras são seus quatro cantos; são os quatro ventos, as quatro direções. Elas são a fundação, a base da pirâmide. Têm de ser mulheres, mulheres masculinizadas, se quiser chamá-las assim. O nagual Juan Matus disse que o mistério da pirâmide é a sua estrutura. Os quatro cantos foram elevados para o alto. A própria pirâmide é o homem sustentado pelas guerreiras femininas; o macho que elevou suas sustentadoras ao lugar mais alto (Castañeda, *op. cit.*, pgs. 17-18).

O Nagual é a própria pirâmide, cuja ponta é substituída pela presença das guerreiras que são "elevadas para o alto". Vamos encontrar algo semelhante na *Pirâmide Divina da Cúpula de Cristal* (ver Volume III), o padrão piramidal cósmico deste mundo. Representa uma verdadeira anti-pirâmide cuja ponta seria, por sua vez, a mulher-Nagual, ocultada sob a terra. A parilha-Nagual são as duas pontas de um eixo. O quadro resulta no símbolo do *octaedro* (como os oito guerreiros), uma forma regular que apresenta duas pirâmides "invertidas".



Daí ter tido a pirâmide tamanha importância entre os atlantes e também entre os áryas. Um símbolo estelar deste quadro é a constelação do Cruzeiro do Sul, verdadeira mandala cruciforme. E um esquema astrológico perfeito é o ciclo mazdeísta de 12.000 anos (o *Manvantara* hindu) divididos em Eras de três mil anos. A última delas iniciou com Zoroastro e conclui agora, através do esperado avatar *Soshyant*.

No Regulamento, a base desta pirâmide seria o grupo masculino ou mesmo as espreitadoras. Por princípio, a *arte da espreita* é masculina, e a *arte de sonhar* feminina:

"As Atlantas são o *nagual*; são *sonhadoras*. Representam a ordem da segunda atenção; é por isto que são tão ameaçadoras e misteriosas. São criaturas em conflito, mas não destroem. A outra fila de coluna, as retangulares, representam a ordem da primeira atenção, o *tonal*. São espreitadoras, por isso são cobertas de inscrições. São muito pacíficas e sábias, o oposto da fileira da frente." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 18).

Também devemos associar este dois grupos ao *duplo quaternário* atlante mencionado: o da cosmologia racial e o da alquimia hierárquica, reunidos na astrologia árya.

Este padrão expressava pois o modelo do grupo do Nagual, sobretudo o seu aspecto feminino. E segundo os relatos, isto não é meramente simbólico, pois as estátuas conteriam realmente almas de antigos videntes, que ali fixaram a sua atenção de forma permanente, fazendo delas "estátuas vivas" que até se movem à noite. Para eles, a atração dos antigos pela magia conferiu uma energia excepcional a estes monumentos, chegando a insuflar-lhe algum tipo de consciência.

O que sabemos ao certo, é que em Tula iniciou-se um novo conceito arquitetônico, especialmente pela criação das colunas, permitindo a ampliação do espaço interno dos Templos. A presença deste elemento se revestiu de uma categoria mítica especial. Baseado na mitologia local, Eduard Sellar nomeia aos quatro atlantes de "sustentadores do céu", daí a palavra *cariátide* em função das estátuas que sustentavam os templos gregos, especialmente no Erectéion. Curiosamente, o mítico reis Erecteus estava associado aos quatro ventos, como estão as cariátides toltecas, fazendo de Erecteus a imagem grega do Nagual.

O templo tolteca original era muito mais elaborado, e as próprias cariátides foram reerguidas por antropólogos em termos modernos. Além de parede e cobertura, tinha um altar ao fundo e duas colunas-serpentes com *Chac-Mool* à frente, como no Templo dos Guerreiros edificado mais tarde em Chichén Itzá pelos maia-toltecas. As duas serpentes simbolizam entre outras coisas a dualidade da condição-Nagual. Diz um informante diz a Castañeda:

"O motivo pelo qual nós o chamamos de Nagual é que ele é dividido em dois. Em outras palavras, a qualquer momento que ele precisasse, podia entrar em outra pista que nós outros não temos..." (*O Segundo Círculo do Poder*, pg. 146).

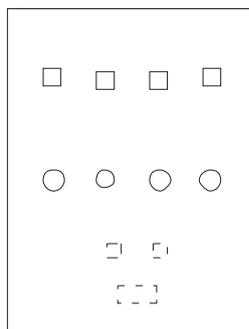
O *Chac Mool* é o deus das águas, e o Nagual tem pleno poder sobre o emocional comandando os caminhos do além, do astral, seja em vida ou no pós-morte. Mais que isto, o Nagual cósmico chamado *Chohan* detém poder sobre as *águas cósmicas*.

O *Chac Mool* é apresentado em postura de sacrifício, porque esta é a posição permanente do Nagual. O *Chac* maia é o mesmo *Tlaloc* nahuatl, cultuado em Teotihuacan como o Senhor do Paraíso dos Mortos, um Osíris pré-colombiano,** onde muitas vezes faz par com *Quetzalcóatl*.

Abaixo reproduzimos o conjunto de guerreiros ou colunas presentes no topo da pirâmide da Estrela da Manhã, assim como o seu *Chac-Mool* (o nahual):

Templo da Estrela da Manhã, em Tula

**Fundo: pilares posteriores:
os guerreiros ou o Tonal**



**Centro: Cariátides frontais:
as guerreiras ou o Nagual**

Frente: Colunas-sepente e Chaac Mool

No Regulamento, as quatro guerreiras sempre recebem uma vinculação cardeal ou direcional, enquanto os quatro guerreiros são associados aos quatro temperamentos humanos, devendo ser postos assim em posições intercardiais. Em *O Segundo Círculo de Poder* (pg. 228), onde Castañeda é posto dramaticamente em contato direto com os membros de seu próprio grupo mexicano (o "segundo ciclo" de Don Juan), o antropólogo-iniciado descreve um episódio em que as quatro guerreiras se unem a ele para enfrentar certos "aliados" ou espíritos elementais, como se fossem *objetos* do guerreiro através das direções cardiais, numa formação chamada "disposição de poder tolteca", e que consiste em:

Norte: escudo;

Leste: arma;

Sul: cesta de objetos de poder;

Oeste: apanhador de espíritos.

Certamente esta é uma "indumentária" místico-militar. A posição natural do guerreiro é de frente para o Norte, mas em certos casos deve-se trocar de direção. Neste quadro, o próprio Nagual é sempre uma síntese central e uma quintessência, centralizando todos os grupos.

O grupo completo do nagual consiste de 16 guerreiros. Cada coluna ou cariátide tem 4 faces, especialmente as quadradas de trás. E também está formada por quatro blocos empilhados, somando 16 blocos em cada fileira de colunas, num total de 32, número que encontra muitas referências na Tradição de Sabedoria.

As colunas principais e frontais são os imponentes "atlantes", e suas 16 peças evocam o grupo *completo* de guerreiros. Esta estrutura 4x4 está presente nas hierofanias através de símbolos como a da *Mercabá*, o Carro de Fogo de Ezequiel, com suas quatro rodas de seres elementais com quatro faces, quatro asas e quatro mãos. O Querubim é um símbolo atlante. O mito do Éden foi um arquétipo racial antigo, assim como o Templo de Salomão e o Templo de Ezequiel, embora também sejam proféticos, da mesma forma como o Messias judeu é até hoje aguardado. A Nova Raça-Raiz é o ambiente cultural no qual esta estrutura poderá ser amplamente organizada, estando sediada no Extremo Ocidente.

Vimos também que o 9 é o grande número *mandálico* do grupo do nagual-Asekha (a unidade divina que centraliza as 8 posições cardiais), servindo para relacionar as duas cruzes atlantes.

Cabe observar que no calendário pré-colombiano, o ano solar tinha 18 meses de 20 dias. Nove meses ocupam meio-ano solar, tratando-se de um ciclo solsticial ou equinocial.

Em Chichén Itzá existe um belo monumento que ilustra tudo isto. O sol do equinócio ilumina as duas serpentes que costeam as escalinatas daquela que pode ser a mais bela pirâmide do mundo, chamada *El Castillo* pelos espanhóis. Projetando a sombra dos 9 patamares da pirâmide contra a mureta da escada que assim assume um movimento serpentino, fornece um espetáculo emocionante, como se as duas serpentes que ladeiam o *Chac Mool* à entrada do Templo adquirissem vida. São como o par de serpentes descendentes guardiãs que existe no tabuleiro do templo da Estrela da Manhã em Tula e no Templo dos Guerreiros em Chichén Itzá. Delas irradiam as oito direções, compostas por pares de guerreiros do tonal e do nagual.

Conseqüentemente, os sábios áryos passaram a valorizar também o ciclo de 9 meses *lunares*, reforçado por analogias como a da gestação humana. E isto originou o *Tzolkin*, o calendário sagrado de 260 dias, associado a Vênus, que passou a servir de elo entre o calendário solar *lemuriano* e o calendário *lunar* atlante, representando assim o calendário *áryo* por excelência.

Antes de Tula, em Xochicalco o culto a Quetzalcóatl foi renovado e os calendários retificados, através do advento do profeta de Anahuac.

b. O Nascimento do Mito

Tula deu nascimento ao mito de Quetzalcóatl e o Regulamento do Nagual tem ali o seu grande modelo, através do próprio mito solar do líder iluminado e seu grupo planetário de guerreiros, formando um mesocosmos particular. Este sistema está expresso na arquitetura e na mitologia de Tula.

O grupo completo é "a parte viva de um mito", e o Nagual é aquele que tem "o mito em suas mãos" (Donner, *Sonhos Lucidos*, pg. 42 e 137). Viver o mito é um ato de poder. Como reza um dito popular, "o sonho é a realidade dos guerreiros". "Os guerreiros consideram que os mitos são sonhos de sonhadores extraordinários. É preciso ter muita coragem e concentração a fim de poder mantê-los. Acima de tudo, é preciso muita imaginação." (Donner, *op. cit.*, pg. 297).

Após ser criado por um ser divino, o mito deve ser sustentado pelos sucessivos naguais e seus guerreiros. As realidades do mito são distintas das cotidianas, sua pureza e energia são superiores e outras são as suas perspectivas. O mito contempla um universo diferente de possibilidades, de modo que viver o mito exige esta consagração integral, pois "não se pode servir a dois senhores" (Jesus Cristo). Por isto é uma tarefa difícil, embora seja a única coisa realmente sábia a ser feita neste mundo. "Apenas como guerreiro é possível viver no caminho do conhecimento", diz o *nagual* Don Juan.

O mito prevê um contexto próprio, e seria impossível sustentar o mito fora deste contexto. Este inclui uma série de elementos de apoio. A exemplo de outras mitologias, a pré-colombiana possui um rico panteão e contempla todas as situações da vida.

Inicialmente, trata-se do mito original relacionado aos deuses e aos avatares, que no toltequismo estava relacionado a Quetzalcóatl, e que entre os novos videntes foi substituído pelo mito da Águia. Não deixa de haver certo parentesco entre ambos. A serpente emplumada é uma síntese da águia que agarrou uma serpente, conhecido símbolo cosmogônico local.

Este Quetzalcóatl foi um profeta renovador, um grande *Rishi* e não propriamente um Avatar. Veio no entanto *preparar* as novas coisas, anunciando o seu retorno numa maior glória, mais ou menos como fez Jesus (deste *mito polar* trataremos no Volume III desta série, *O Espelho de Obsidiana*).

Depois segue o mito do Nagual, suas linhagens e seus grupos. O Nagual encarna um mito do tipo *solar*, centralizando fisicamente os trabalhos espirituais e coordenando ativamente os processos civilizatórios. É portanto a parte *central* do quadro, sendo sua a responsabilidade de *sustentar* o mito, ao passo que o Avatar o *cria* com sua existência única e ideal, sendo aquele polo para o qual o Sol se dirige, ou seja, a *Águia*. Assim como o Sol renova a vida, o Nagual renova a Tradição através da *Transmissão* pela qual é o grande responsável.

Para que isto seja feito com pureza, a mulher-nagual é extraída de seu meio. Isto acarreta uma crise inicial, podendo até desequilibrar o grupo e sobretudo o homem nagual. Apoiado em suas experiências e esperanças, ele deve reerguer-se e levar a cabo a árdua tarefa que lhe cabe, assumindo integralmente o mito através do qual teve contato com o Regulamento e suas realidades mágicas, e através disto superar as ansiedades humanas até chegar ao ponto de plena impecabilidade, quando ele passa a encarnar o mito na sua integridade.

Por sua natureza e posição, o Nagual é também amiúde alvo de grandes afeições, gerando mal-entendidos até entre os guerreiros. Por isto eles esclarecem que "não se pode estar ligado a um nagual como a uma pessoa, mas apenas como a um ser mítico" (Donner, *op. cit.*, pg. 298). O nagual tem um compromisso inadiável com o Regulamento e é isto que o faz viver o mito de forma irrepreensível, gerando para isto uma conduta impecável.

De um modo geral tudo o que existe é o poder e a pureza pessoal. Existem mitos envolvendo tais processos, alguns deles tratam de situações adversas, não apenas das dificuldades e das provas dos naguais, mas também das tentativas fracassadas e dos processos ilegítimos. Pode-se citar os mitos de Prometeu, de Lúcifer e dos Titãs, seres de elevada capacidade mas que se julgaram à altura dos deuses e se viram presos por suas limitações, pois não compreendiam que *nem tudo dependia do poder pessoal*. As provas de Ulisses na Odisséia seguem na mesma linha. É preciso honrar os deuses que auxiliam os homens (o que deve ser feito através da Hierarquia). Por isto os guerreiros são levados a situações onde seus poderes são colocados à prova, até o ponto de reconhecerem a impossibilidade de confrontar a *Águia*, e de "lutar contra Deus" ou contra o destino como fez Jacó.

Tais mitos falaciosos são compensados ou redimidos por outros corretos como o de Atlas, o mestre que aceita carregar a carga do mundo ao invés de ofuscar os homens com sua luz e impôr seus poderes, assim como o de Hércules, o discípulo ideal que realiza todas as suas tarefas e inclusive auxilia seu mestre Atlas a carregar o mundo, além de salvar Prometeu de sua agonia. Como apresenta Bailey, os Doze Trabalhos de Hércules são um modelo do discipulado perfeito.

A própria conduta pessoal está na base de tudo, tanto quanto dos frutos obtidos. Isto se aplica literalmente ao caso do nagual, mas não necessariamente às outras pessoas. Por isto se disse: "...a capacidade intrínseca dos naguais para afetar os outros não depende apenas de sua ausência de interesses pelas coisas terrenas ou da força de suas personalidades, mas, antes, da força de seu comportamento irrepreensível. Os naguais são irrepreensíveis em atos e sentimentos, não importando as emboscadas –terrenas ou as de outro mundo– colocadas em seu caminho interminável" (Donner, *op. cit.*, pg. 299).

Esta frase deixa de parecer tão misteriosa se compreendemos que a impecabilidade do nagual gera situações carmicamente auto-sustentadas. Isto significa que eles são substancialmente auxiliados pelo *carma*, que é aquilo que geralmente os toltecas denominam *o Poder*. A partir da ética, o carma passa a suprir todo o necessário para o cumprimento do plano previsto no Regulamento – ele atrai até as pessoas necessárias, de modo que os naguais e seus grupos não necessitam andar atrás delas ou tomar quaisquer atitudes movidas por sentimentos pessoais. O nagual apenas acata as "indicações do Poder".

O nagual não pode dar-se a preferências pessoais ou fazer predileções de pessoas. Cada um se afirma por suas próprias capacidades, as quais são recolhidas por ele para o andamento dos

trabalhos grupais, exatamente como o maestro se vale das habilidades dos músicos para gerar uma sinfonia. Isto faz parte do exercício de impecabilidade do nagual:

"Os naguais, ao contrário dos homens comuns, não procuram aprovação, respeito, louvores ou qualquer tipo de reconhecimento de qualquer um, inclusive seus companheiros feiticeiros. Só o que buscam é a sua própria noção de impecabilidade, simplicidade, de integridade." (Donner, *op. cit.*, pg. 299).

Por sua vez, as pessoas devem compreender que estão sendo dirigidas para um trabalho, e o apoio do grupo é essencial, pois disto depende todo o resto: "O mundo dos feiticeiros é um mundo mítico, separado do cotidiano por uma barreira misteriosa feita de sonhos e compromissos. Somente se o nagual for apoiado e sustentado por seus companheiros sonhadores é que pode guiá-los a outros mundos viáveis, de onde pode atrair o pássaro da liberdade" (Donner, *op. cit.*, pg. 298).

Se este conjunto pode ser estabelecido, então o mito de Tula é revivido. O nagual é Quetzalcóatl e o grupo de guerreiros que o cercam formam um conjunto inseparável. A casa do nagual passa a ser um templo, um símbolo e o próprio ambiente do mito, que os guerreiros levam por toda a parte (cf. Donner, *op. cit.*, pg. 297).

* Daí também palavras como *nahuatl e tlatoani*, nomes de cidades como *Aztlán, Tenochtitlan, Ixtlán, Mitla, Tuxtla, Atlixco e Citlaltepétl*, os signos astrológicos *ehécatl, atl, cipactli, coatl, acatl, mazatl, ozomatli, tecpatl*; alimentos como *tomatl, aguacatl* (abacate) e *chocolatl*; etc. Pode-se mesmo comparar à terminação universal *el* ou *al* do Islamismo.

** Tratam-se de "deuses da vegetação" no jargão acadêmico. Na verdade estão associado ao *plano psíquico e emocional*, sempre simbolizado pelo elemento água e ao reino vegetal (como ao sistema nervoso vegetativo).

Capítulo 2

As Antigas Linhagens

A cultura tolteca tem sobrevivido até nossos dias com suas memórias e boa parte de sua práticas, evoluindo e se adaptando aos tempos.

Uma das mais importantes fontes modernas sobre estas tradições vivas está na obra de Carlos Castañeda, trazendo aquilo que de mais avançado parecia restar das antiga sabedoria pré-colombiana. Em obras como *O Fogo Interior* e *O Poder do Silencio* são mostradas a evolução que estas linhagens sofreram através dos tempos.

O representante que instruiu Castañeda nos seus conhecimentos, chamado Juan Matus (um nome fictício), afirmava que suas ciências vinham dos *toltecas*, como estes sábios também se denominavam. Afirma porém que não empregava a palavra no sentido acadêmico do termo, mas sim na acepção de "homem de conhecimento", e apresenta esta definição: "tolteca é o receptor e conservador dos mistérios" (*O Segundo Círculo do Poder*, pg. 136).

Etimologicamente a palavra *tolteca* significa "povo de Tula". Mas o prestígio dos toltecas era tão grande, que "toltequismo" era praticamente sinônimo de cultura superior e tradição verdadeira no planalto do Anahuac, onde todas as linhagens nobres tinham que possuir sangue dos reis da antiga Tula:

"O sentido de excelência refere-se nos termos *toltecatl*, que significa 'artista habilidoso', e *toltecatoytl*, que quer dizer criatividade artística de qualidade superior.'" (John R. Hinnells, *Dicionário das Religiões*, pg. 268)

Os nahuas davam muito valor às artes, mas por "arte" eles entendiam um espectro muito amplo de criações. De um modo geral, os toltecas foram sábios universais detentores dos cânones sagrados. Não se pode fazer juz às suas à importância de suas obras a menos que se os

considerem como *divinos artifices*, inspirados pelo "Grande Arquiteto do Universo", e nisto equiparando-se aos maçons enquanto "obreiros (sagrados)"

Entre as habilidades dos toltecas achava-se a arquitetura, sendo suas cidades centros de irradiação universal, verdadeiros *polos* culturais do mundo de então, como iremos observar nos Capítulos desta obra dedicados a dois de seus maiores centros, Tula e Chichén Itzá.

Castañeda se limita a transmitir as informações dadas pelos índios. E o resultado é um quadro de um lado esclarecedor naquilo que revela, mas por vezes menos satisfatório ao investigador moderno que possui outras fontes de informações, históricas ou espirituais, as quais não obstante em muitas ocasiões concordam com o relato indígena. O que vamos apresentar representa uma síntese de tudo isto, partindo dos informes dos videntes.

Segundo a tradição representada por Don Juan, houveram duas grandes linhagens de *videntes* (uma forma de se auto-referirem estes amantes da percepção), a antiga e a nova, estabelecidas por marcos históricos definidos.

A antiga linhagem seria propriamente formada por feiticeiros e xamãs. Sua origem é imemorial e está associada ao conhecimento obtido através das plantas de poder. Segundo Don Juan, remonta a dez mil anos atrás (cf. *A Arte de Sonhar*, Castañeda), época certamente atlante concordando com o *Crítias* de Platão e com as fontes maias.

Este é um ponto crítico, pois sabe-se que a rica tradição tolteca comportava elementos revelados e de alta intelectualidade. Ainda assim, estimamos que com o passar do tempo os feiticeiros foram evoluindo e se fundindo à verdadeira tradição tolteca, mesmo que esta, por sua vez, tenha sofrido vários ataques desmoteadores e seus sacerdotes obrigados a se refugiar em terras mayas, como aconteceu com Quetzalcóatl. A linhagem nahuatl fundiu-se então com a maya.

Tanto é assim que, conforme Don Juan, esta linhagem estava associadas às civilizações espalhadas por todo o México. Informa ele que encontravam-se organizadas em corporações e possuíam um imenso poder sobre as populações. Entre suas atividades incluíam-se a medicina, o artesanato, as artes divinatórias, a dança, o sacerdócio, a educação, a culinária, o teatro, o canto e a narrativa de lendas.

O grande centro cultural deste ciclo foi Teotihuacan, a imensa cidade cerimonial dos nahuas e na qual não existiam quaisquer representações guerreiras ou sanguinárias (ver sobre esta metrópole cerimonial em *A Serpente Emplumada*, volume I desta série).

Foi o período clássico ou teocrático, a era dos sacerdotes, mas estes tampouco eram perfeitos. Segundo os informes esotéricos, a hierarquia atlante era ainda algo burda pois suas condições espirituais eram dramáticas. Não eram "mestres liberados", uma vez que a Raça Atlante dava acesso apenas à 4ª Iniciação. Além disto, a própria população era bastante primitiva e apenas compreendia uma linguagem religiosa grosseira e emotiva. Não é necessário dizer que o quadro era perfeito para a corrupção. No caso, a degeneração foi em parte motivada pela própria magia, porque estes feiticeiros estavam obcecados pelos "mundos paralelos" e detinham muito poder oculto, transformando o mundo presente num inferno para as suas populações, através da combinação de poderes mágicos com terrenos.

De um modo geral, o espírito de suas buscas se dirigia ao domínio e à manipulação das consciências (cf. Castañeda em *O Fogo Interior*). Neste sentido, eles eram realmente praticantes de magia negra. Este quadro reinou até que vieram os bárbaros ("chichimecas") do norte e destruíram as antigas civilizações em torno do ano 1.000 d.C. O povo vivia atemorizado e, vendo a chegada destes bárbaros pensou-a como uma punição às atividades dos feiticeiros. Seu fim foi rápido, concordando com as lendas sobre o fim da Atlântida "em um dia e uma noite", dentro de uma visão simbólica que associa as "águas" que submergiram a antiga civilização ao elemento

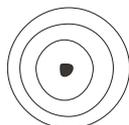
da ilusão, da magia e das paixões, assim como da própria sociedade, que então se revoltou. Algo semelhante ocorreria mais tarde com os astecas, quando tiveram que enfrentar os espanhóis.

Certos costumes hoje conhecidos podem ser realmente considerados abusivos, como a construção de pirâmides a cada 52 anos para sinalizar novos ciclos do mundo, no caso, relacionado ao Microcosmos. Cada pirâmide está associada a um rei, mas haviam sempre muitos lugares trabalhando nisto e competindo pela mão-de-obra e pela matéria-prima, incentivando o comércio ou gerando guerras.

Por tudo isto denominamos os antigos videntes como *videntes lunares*, por estarem quase exclusivamente voltados para o plano emocional ou astral, sendo vítimas das ciladas das emoções e do poder pessoal.

Juan Matus remonta a origem dos "videntes" à dez mil anos atrás, ocupando seu apogeu um longo período de sete mil anos. Este período corresponde bastante rigorosamente com as narrativas transmitidas por Platão sobre a Atlântida, quem afirma em sua obra *Crítias*, baseado em dados egípcios trazidos por Sólon, que a Atlântida "afundara" há 9 mil anos (o que já representa hoje 11.500 anos, incidindo sobre a Era de Câncer, regida pela Lua e pelo elemento água, *atl* em nahuatl e muito presente nesta língua). A capital insular atlante pode ter sido uma cidade pré-colombiana, possivelmente La Venta, a principal cidade dos Olmecas, corresponde geograficamente às descrições de Platão: situada defronte do mar e tendo por detrás pântanos ou canais. Mas Tiwanaco também ficava às margens do Titicaca, que na época era 50 metros mais alto, e sabe-se que a cidade estava cercada por canais. Este parece ter sido aliás um dos padrões comuns às grandes cidades dos antigos pré-colombianos. Os seus vários canais concêntricos tinham diferentes funções: proteção da cidadela, transporte, captação de água e escoamento de dejetos. Algumas destas funções empregavam canais específicos.

Os três canais circulares da capital do reino de Poseidon em *Crítias* reproduzem a imagem do símbolo do Milênio, um ciclo mítico tradicional. E está relacionado aos três *círculos de poder* com que trabalhavam os videntes toltecas:



Este símbolo traduz também o quaternário característico da cultura atlante, empregando círculos para delinear o fogo central do coração.

O período clássico da cultura pré-colombiana durou todo o primeiro milênio da era cristã, ocupando especialmente as culturas Olmecas, Zapoteca, Maias e de Teotihuacan. Também parece ser possível associar a ciclos de 700 anos os períodos pré-clássico, clássico e pós-clássico, embora os meso-americanos tivessem predileção pelos ciclos de 400 e 520 anos.

Mas Platão também deixa entrever, como afirmam os esotéricos, que as "águas" que submergiram a antiga civilização eram de natureza *espiritual*, na forma da decadência moral e da propagação da feitiçaria. É bem provável que o processo de crise institucional tenha se repetido muitas vezes, dentro de um contexto do qual a história de Israel traria um modelo: sempre que as instituições de um povo eleito decaem espiritualmente, este povo é alvo de crises sociais e políticas, geralmente na forma de invasões de bárbaros ou de guerras com povos rivais.

Foi algo assim que teria acontecido no final do primeiro milênio. E este duro golpe mostrou aos antigos feiticeiros que suas estruturas tinham sérias deficiências. Com a crise, o estado de

corrupção endêmica a que se haviam entregue foi profundamente abalado, dando início a uma renovação nas suas metodologias

Segundo a Arqueologia, depois da queda de Teotihuacan fortalece-se um centro vizinho denominado Tula (*Tollan*), dominada pela dinastia de Quetzalcóatl. É quase uma sobrevivência da antiga cultura, porém adaptada ao ambiente bélico emergente.

O nagual Don Juan falava com respeito e reverência das estátuas de Tula, afirmando que nelas vivem ainda o espírito de guerreiros antigos, através dos recursos da feitiçaria. Eventualmente isto pode significar que os antigos videntes estiveram vinculados com a civilização tolteca em sua própria origem.

Seja como for, a isto corresponde o início da nova tradição tolteca. E as metas dos novos toltecas seriam redirecionadas para o conhecimento puro e a busca da *liberdade*, enquanto a anterior focalizava o poder em si, havendo evoluído para a forma atual porque a busca do poder sempre se revelava ilusória.

Descobriu-se que o verdadeiro aprendizado consistia em obedecer os desígnios da *Águia*, uma forma de nomear a Força original do Universo e que consiste basicamente em *consciência* livre e soberana.

Esta é portanto a nova linhagem tolteca à qual pertencem os mestres de Castañeda. O Nagualismo atual aparece como uma expressão sofisticada do xamanismo e uma depuração dos métodos de feitiçaria, embora sem reincorporar conceitos civilizatórios de maior alcance.

Nasceu de um reaproveitamento das conquistas dos antigos feiticeiros, adaptadas aos novos tempos da colonização européia, resultando numa sistematização filosófica que estabelece como bases a *espreita*, o *sonho* e o *intento* como procedimentos-chave para a *mestria da consciência*, e reduzindo a importância das plantas de poder. Para Don Juan, isto demonstra que o emprego sistemático de tais plantas era um dos grandes responsáveis pelo estado anterior das coisas, afastando os antigos videntes do sentido de realidade (devemos observar que cada linhagem tinha a sua planta de poder predileta, o seu tipo de *aliado*, que passou a lhe instruir e conformar o caráter).

a. As Linhagens Toltecas

Os antigos e em especial os pré-colombianos, tinham uma predileção em jogar com os números 2 e 5. Estes números eram particularmente relacionados ao *homem* e seus ciclos evolutivos sobre a Terra. Em muitas tradições o 5 é o número do "homem perfeito". E o 2 representa o algarismo que aponta a Segunda Pessoa da Trindade, o 2º Logos, responsável pela evolução humana.

Assim, as suas *gerações* eram medidas pela cifra de 25 anos (mais exatamente, 26 anos) e seus *ciclos humanos* (sóis ou *kin*) eram medidos em 50 anos (mais exatamente, 52 anos, ou seja, o dobro do anterior).

Além disto, ambos os valores se multiplicavam sobre si ou se combinavam para definir grandes ciclos culturais. Exemplos:

$$26 \times 26 = 676 \text{ anos}$$

$$26 \times 52 = 1.352 \text{ anos}$$

$$52 \times 52 = 2.704 \text{ anos}$$

Pelos cálculos maias estamos terminando um ciclo cósmico em 2.012. Segundo a antiga tradição tolteca, o ciclo do Nagual é de 52 anos. E como é observado transculturalmente e no

ciclo de Castañeda, um ciclo cultural completo ocupa 25 ou mesmo 26 gerações. Deste modo, $26 \times 52 \text{ anos} = 1.352 \text{ anos}$ (relacionado ao ciclo da estrela Sírio), remontando ao ano de 660 d.C., em torno do qual teriam acontecido eventos de grande importância, dando início a um novo grande ciclo cultural em muitas partes do mundo. Marca no contexto pré-colombiano a chegada do grande senhor maya pacal Votan, uma encarnação de Quetzalcóatl, como sugere a sua magnífica lápide (ver nossa obra *A Serpente Emplumada*).

O século VII viu o surgimento de movimentos tão significativos como foram o Islamismo e o Lamaísmo. E estas linhagens espirituais também se estão encerrando hoje, com 25 gerações. Gurdjieff, cujos trabalhos tem muitos paralelos com o toltequismo, foi o último representante de uma longa linhagem de sábios que remonta às próprias fundações do Islã, especialmente através do Kalifa Ali e da linhagem dos Imanes. A este período remonta o início da antiga linhagem *Ningma* ou "vermelha" de Padma-Sambhava e seus 25 *tertons* ou "caçadores de tesouros sagrados" (*termas*), surgidos a cada 60 anos, conforme o ciclo do calendário oriental.

Naturalmente, se deve dar ênfase ao renascimento islâmico do século XII, quando o movimento organizou-se de fato a partir da chegada de expoentes tão notáveis como Ibn Arabi (chamado o "Mestre dos mestres"), do grande poeta Rumi, de Yusufi Hamadani (patriarca de tantas linhagens sufis)* e Fari ud-Din Attar, o autor de *A Linguagem dos Pássaros*.

Nesta época também foram renovados o Cristianismo (Francisco de Assis) e o Budismo (Milarepa, Tsong Khapa). A linhagem *Gelug* ou "amarela" conclui hoje com 24 regentes, 14 Dalai-Lamas e 10 Panchen-Lamas, linhagens paralelas evocativas do surgimento alternado dos Budas e dos Bodhisatwas na esfera do Mesocosmos, associados aos ciclos de 5.000 e 2.500 anos.

Como veremos, estas divisões apresentam muitas analogias com os ciclos toltecas. Os *Anais de Cuauhtitlan* (o "País da Águia") coloca o início do "Quinto Sol" e da chegada de Quetzalcóatl por volta no último milênio, associado por vezes também ao Pacal Votan maia. (cf. Romám Piña Chan, em *Historia, Arqueología y Arte Prehispánico*, pg. 70).

Mas o padrão de 52 anos para cada geração pertence a uma ordem superior que há muito não existe. A cronologia média dos novos videntes sugere que os processos toltecas passaram a ser regidos pelo sub-ciclo de 26 anos, metade do anterior mas igualmente cabalístico. É o novo padrão dos videntes telúricos ou lunares.

Sabemos neste sentido que, se o ciclo de adeptos tibetanos era de 60 anos, o egípcio era apenas a metade, de 30 anos. A abreviação dos ciclos está associado às conquistas materiais e espirituais. Trinta anos é não apenas idade ideal para a reprodução humana, mas também a metade da vida humana média e ainda a idade em que começam a amadurecer os processos espirituais.

Esta relação é semelhante àquela existente entre Era Solar (5.000 anos) e Era Lunar (2.500 anos). A Era Solar inclui a lunar e expressa uma totalidade, ao passo que a Era Lunar representa apenas a metade ou um hemi-ciclo da anterior. No período de integridade a civilização organiza-se de forma unificada e se expressa por instituições áureas. No período de separatividade a civilização organiza-se de forma fragmentada e se expressa por instituições básicas. Por isto as linhagens que empregavam o registro completo de tempo, o *kin*, perduraram somente até a Conquista. Foi ali também que terminou a ordem superior nas antigas Américas, coma derrocada do último império e estado autóctone.

No total, a nova linhagem tolteca remonta a 26 gerações de Naguais (cf. *Passes Mágicos*, C. Castañeda), desde fundação de Tula, e teve marcos importantes. Um deles foi o processo da Conquista espanhola, que dizimou grande parte dos Novos Videntes no momento em que estavam começando a se firmar. O desafio da Conquista foi ao mesmo tempo a prova que faltava para assegurar a solidez de suas doutrinas e até o elemento que deveria fortalecer novas atitudes,

transformando-os em verdadeiros guerreiros do espírito inspirados por uma ética superior. O grande desafio para desenvolver suas artes estava colocado. Aceitaram os desígnios da Águia compreendendo que apenas poderiam sobreviver desenvolvendo a maestria da *espreita*, em especial. Apenas como guerreiros impecáveis é que subsistiriam espiritualmente neste "novo mundo".

Os videntes vinham compartilhando suas experiências e consideravam-se amadurecidos, pois haviam assimilado todas as lições da História. Até aí Houveram 11 gerações de *Naguais* ou mestres, desde a queda de Tula, o que daria uma média superior, identificável ao ciclo clássico de 52 anos (11 x 52 anos = 572 anos, remontando ao início do último milênio, na Ascensão de Tula).

No final do século XVI eles se dispersaram e deram início às verdadeiras linhagens *individuais*. É a partir disto que se registram as verdadeiras linhagens. Houveram 15 gerações delas até Castañeda. Este período está regido pela média inferior de 26 anos (de modo que 15 x 26 anos = 390 anos; 1580 + 390 = 1970, ano da morte de Juan Matus, praticamente).

Esta linhagem em particular recebeu uma alteração drástica no ano de 1723, pela interferência de um feiticeiro da antiga linhagem chamado *O Inquilino* e que trouxe certas práticas antigas à tona, de modo que os nove *naguais* que surgiram a partir de então "são considerados intrinsecamente diferentes dos seis que os precederam" (em *O Fogo Interior*), sendo dotados de grandes poderes psíquicos ou "atlantes".

Este poderoso feiticeiro também era chamado de "o Desafiador da Morte" por que permanecera vivo por muitos séculos, através da troca de seus dons de poder pela energia dos *Naguais* de cada geração (o que certamente fazia dele um guardião desta Tradição). Muitos dos poderes aberrantes que os novos videntes manifestaram derivavam das dádivas fornecidas por este grande vidente. A atitude de Castañeda foi distinta, porque recusou receber tais poderes, oferecendo sua energia "gratuitamente". *O Inquilino*, não podendo aceitar isto, entregou a Castañeda um dom diferente e mais "abstrato", como relata em *A Arte de Sonhar*.



b. Corroborações Históricas e Astrológicas

Em função de todo o exposto, se poderia remontar a tradição dos Videntes toltecas de Castañeda à época de Tula e à dinastia de Tolpitzin Quetzalcóatl, que caracterizou-se por renovar a cultura, eliminando os sacrifícios humanos e as guerras endêmicas. Tula caiu cerca de 400 ou 500 anos antes da Conquista, e os seus sábios se exilaram no território maya, principalmente na cidade de Chichén Itzá, no Yucatã, que tornou-se a terceira grande capital de Quetzalcóatl e a segunda dos toltecas, e desde onde promoveriam um renascimento cultural, perdurando até cerca do ano 1400 segundo o livro de *Chilam Balam*. Outros centros permaneceram mais tempo, pois os mayas apenas foram totalmente conquistados às portas do século XIX.

A Chichén Itzá maia-tolteca não permaneceu uma simples imitação de Tula. Chegou a representar um renascimento cultural de contornos proféticos (como veremos no volume III desta série, *O Espelho de Obsidiana*), e parte de sua arquitetura se encontra entre o que de mais belo e original existe não apenas no mundo pré-colombiano, mas em todo o planeta.

Chichén Itzá significa "cidade dos feiticeiros d'água". Assim, a evocação dos mistérios atlantes permanecia poderosa ali. Como os bruxos atlantes, os pré-colombianos eram obcecados

pelos mistérios da "Segunda Atenção", relacionada o plano emocional ou astral e ao elemento psíquico simbolizado por *água*.

Pelos eventos acima, vê-se como os ciclos de 400 e 500 anos, chamados *Baktun* e *Kaltun* entre os maias, rege os movimentos culturais, e é bem possível que as duas linhagens estejam associados a eles. Entre os nahuas este ciclo esteve associado à mariposa, cuja forma evoca um *mandala*. O ciclo de 500 anos era chamado *Fênix* ou *Benu* entre os egípcios e *Pachacuti* entre os incas (e um ciclo tríplice estava relacionado aos três ovos que a Fênix deve colocar, formando o ciclo sótico).

Por isto a volta de Quetzalcóatl era aguardada à época da Conquista, sobretudo pelos nahuas, já que os maias ainda o tinham entre si. Não aceitaram jamais a chegada do invasor e lutaram longamente. Por outro lado, também vinham desenvolvendo elementos proféticos em sua cultura.

Castañeda foi mais que um mero receptor porque sujeitou-se ao treinamento tolteca, e teve uma função distinta ao encerrar esta linhagem. É o elo final destas correntes que apresentam um número familiar na Tradição Sagrada universal: 26 é o valor cabalístico de IHVH, por exemplo. As profecias tibetanas associam o seu salvador ao futuro 25º Tashi Lama. A tradição tibetana *ningma* estipulou 25 *tertons* ou caçadores de tesouros ocultos, sucessores e reencarnações do "segundo Buda" Padma Sambhava. E a tradição tibetana *gelug* teve 24 Lamas Regentes, entre *Dalais* e *Panchens*. O Jainismo encerrou o seu ciclo com o 24º Tirtankara, e o Apocalipse apresenta os 24 Anciãos coroados cercando ao Cristo como o 25º. Este padrão teria determinado o ciclo pessoal dos Naguais entre os novos videntes.

Passados hoje 500 anos da Conquista, um novo ciclo tem lugar, concluindo esta antiga linhagem de sábios. Associando-se desta forma às profecias, Castañeda participa ativamente no cumprimento do destino destes povos.

Trata-se, na verdade, de mais uma linhagem setentrional que se extingue, no encerramento do antigo ciclo racial que se desenvolveu no Hemisfério Norte. A Nova Era translada suas energias e padrões simbólicos novamente para o Sul, como na época da Atlântida. O fato de Castañeda ter sido sul-mericano (brasileiro) não foi casual, o mesmo que sua colega Florinda Donner (venezuelana).

E este fato apenas reforça as profecias dos pré-colombianos.

A Atlântida apresenta vínculos muitos estreitos com a América do Sul. Segundo os principais informes esotéricos, o templo atlante era chamado IBEZ e situava-se "no centro da América do Sul" (Alice A. Bailey, em *Tratado Sobre Magia Branca*, pg. 377 ss.). E esta palavra contém muitas relações com TULA.

Porém, à luz dos conhecimentos e da geografia atual, a palavra "centro" pode ser algo enganosa. Sabe-se que a geografia mudou muito desde lá, e é possível que se tratasse de uma parte do subcontinente que se achava ainda "à deriva", antes de se agrupar ao restante para formar o bloco atual. Além disto, a palavra pode fazer uma alusão simbólica, não exatamente geográfica, mas antes *cultural*, como se costuma fazer hoje.

O que virá doravante cada vez mais deixa de ser uma incógnita, pois podemos entrever muitas possibilidades partindo de uma revisão das antigas técnicas e procedimentos, e até planificar os passos da futura linhagem à luz das novas necessidades cósmicas e raciais. O Nagualismo dos novos videntes trouxe suas adaptações e estava em constante transformação, ora adaptando-se aos novos tempos, ora recebendo influências antigas. Uma nova síntese se impõe hoje, e certamente muito do que havia será depurado e reciclado.

Para finalizar, e considerando os períodos de 500 anos que geralmente determinam os ciclos espirituais, teríamos a partir da época de Pacal Votan/Quetzalcóatl e do apogeu de Teotihuacan

até hoje três ciclos, que reunidos integram o ciclo sótico ou a "fênix-de três-cabeças". Isto concorda com a visão de que a Dinastia original representou um ciclo à parte, vindo desde antes de Tula, mergulhando pois na própria Época Clássica e Teocrática.

Isto encerra naturalmente um grande ciclo espiritual, que desagua hoje para formar uma síntese, surgindo em nossos dias através dos "Videntes Cósmicos". Assim, uma primeira classificação seria como segue:

- a. Naguais Solares = "Videntes Originais" (500 a 1.000 d.C.)
- b. Naguais Lunares = "Antigos Videntes" (1.000 a 1.500 d.C.)
- c. Naguais Telúricos = "Novos Videntes" (1.500 a 2.000 d.C.)
- d. Naguais Cósmicos = "Videntes do Futuro" (2.000 a 2.500 d.C.)

Os Novos videntes diziam que "os feiticeiros sempre contam os acontecimentos de três em três." (Taisha Abelar, *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 133). Assim, podemos analisar também estes ciclos em termos dos ritmos cósmicos de início, meio e fim, ou, nos termos astrológicos, Cardinal, Fixo e Mutável. Tudo isto se reúne também no "arritmo", ou o que está além dos ritmos, em sânscrito *nirguna*, que forma uma quarta posição no tempo, de natureza transcendente.

Os *Naguais Solares* foram os grandes sacerdotes das cidades-estado do modelo áryo. *Ritmo Cardinal*.

Os *Naguais Lunares* fizeram uma paródia disto, embora também criaram Tula num ciclo monárquico-militar. *Ritmo Fixo*.

Os *Naguais Telúricos* foram experimentadores versáteis que se desenvolveram sob a complexa época da Conquista. *Ritmo Mutável*.

E os *Naguais Cósmicos* são os representantes da "Era dos Planetas" das profecias nahuas, que surgem resumindo todas as antigas conquistas e redimensionando-as. *Arritmo*

Este quarto ciclo que inicia será pois o da "coração da montanha", o do quaternário sagrado e o do Quetzalcóatl cósmico. E uma das grandes características do novo ciclo é que suas energias transladam-se para o Hemisfério Sul.

* Ver J Bennet, *Os Mestres de Sabedoria*, Ed. Pensamento, SP.

Capítulo 3

A Mariposa de Fogo

A mariposa foi um símbolo muito empregado no universo pré-colombiano, especialmente a partir dos toltecas. Astrologicamente a Mariposa é um símbolo de Vênus. Enquanto forma-mandala, a mariposa foi comparada ao *quinquince* de Vênus, como está representado no centro da Pedra do Sol, o magnífico calendário existente no *Teocalli*, o Templo asteca reencontrado nos últimos séculos.

A mariposa pode ser encontrada em abundância na arte-pré-colombiana. A borboleta é um símbolo clássico da *Alma*, e foi especialmente valorizado na Meso-América. As estátuas dos guerreiros de Tula, berço da grande dinastia de Quetzalcóatl, carregam este símbolo no peito, pois a Alma está sediada no coração, que é o quarto centro. O clã-Mariposa era o mais antigo e respeitado, representando o grupo de guerreiros que cercava o rei-sacerdote.

Representa a Alma liberada de seu casulo físico, supremo propósito dos trabalhos da Hierarquia espirituais atlante e que, em última instância é a *busca da imortalidade*. Simbolizava também o fogo, o "quarto elemento", que os pré-colombianos apreciavam comparar ao flamar das mariposas. Associada ao sopro divino, era comumente empregada como narigueira, além de receber outras representações.

Com suas quatro asas, a mariposa é um símbolo do coração e suas quatro divisões. É também uma representação do Nagual, o guia espiritual tolteca, cuja aura é dividida em duas metades e quatro setores. O padrão 2:4 é o da cultura atlante, sendo representado entre os pré-

colombianos por símbolos como o da "água queimada" e por mitos como o de "espelho fumegante" (*Tezcatlipoca*).

É claro que esta forma mandálica tem um centro que representa um quinto elemento ou *quintessência*, daí sua grande vinculação com as energias do Quinto Sol e da Quinta Raça, vigente durante os últimos milênios e da qual os povos pré-colombianos souberam extrair grandes lições e representar suas particularidades com admirável maestria.

Mas tampouco se pode deixar de remontar ao padrão quaternário que tão fortemente dominou o passado dos povos pré-colombianos e que também dominará o futuro do mundo americano, razão pela qual se acha presente em suas profecias.

Assim, as quatro etapas de evolução da mariposa –ovo, verme, casulo e borboleta– evocam os quatro graus iniciáticos da antiga hierarquia atlante, cujos mistérios voltam a ser evocados hoje como base dos novos trabalhos raciais.

Entre os toltecas da linhagem de Don Juan, a mariposa é, sobretudo, um símbolo do *conhecimento*, quiçá mais que um símbolo, porque ela pode mesmo aparecer sob a forma deste inseto, trazendo "o pó do conhecimento em suas asas." "As mariposas são os arautos, ou melhor ainda, os guardiães da eternidade. (...) As mariposas têm sido amigas íntimas e auxiliares dos feiticeiros desde tempos imemoriais", diz Don Juan (*Porta para o Infinito*, pgs. 23 e 30 ss.). O canto da mariposa é um som de poder que abre a porta para outros mundos. Carlos Castañeda teve a dádiva de ser escolhido pelo poder desta forma, razão pela qual recebeu uma atenção especial por parte de seus mentores (cf. *Porta para o Infinito*, pg. 86).

Uma lenda dos videntes conta que as quatro colunas de Tula chamadas *atlantes*, comportam almas de guerreiras e caminham à noite (cf. *O Presente da Águia*, Castañeda, pg. 17). Ocorre que o grupo de oito colunas do qual as "atlantas" faz parte sempre foi considerado o modelo do grupo de guerreiros do nagual. Com o tempo, se chegou a pensar que haviam almas de guerreiros nestes pilares.

Isto é parte dos poderosos mistérios dos antigos mexicanos, que hoje revivem sob a energia da nova raça-raiz fundada nas Américas. Na continuidade observaremos a sua evolução histórica, acompanhando os seus movimentos e profecias, até chegar em nossos dias quando se delinea um novo plano de trabalhos, baseado também nos esquemas proféticos das lendas, dos calendários e da arquitetura tardia dos meso-americanos, sobretudo a grande fusão entre a cultura maia e nahuatl ocorrida no Yucatan através da última dinastia de Quetzalcóatl/Kukulcan em Chichén Itzá, onde a antiga cultura de Tula é revivida tendo em vista diretamente o Futuro.

a. Os Videntes Telúricos

Segundo aquilo que revela o plano de trabalhos destes videntes, tratam-se de "videntes telúricos" porque estavam relacionados às energias elementares, isto é, iam até a quarta iniciação, ainda que enquadrados sob um sentido de organização tipicamente áryo. Esta designação é importante para distinguir o trabalho dos *videntes do futuro*.

O fato de que a linhagem de Juan Matus extingue-se hoje com o grupo de Castañeda é reconhecido por todos os seus representantes. Ao mesmo tempo, existem sinais de uma renovação futura, nos processos vividos por esta linhagem. Determinadas diretrizes foram por eles apontadas, plenamente aceitáveis e até óbvias à luz dos novos cânones.

Não existe porém derrotismo no espírito destes guerreiros. Como têm afirmado em entrevistas recentes, tudo o que desejam é "fechar o seu próprio ciclo com chave de ouro", e com isto certamente oferecer as bases para um novo momento.

De fato, desde o ponto de vista mundial, este processo não sofreu solução de continuidade; não tem sido de todo dissolvido e nem foi alvo de rupturas, porque a Hierarquia da Nova Era iniciou a sua manifestação *antes* da extinção do último Nagual desta linhagem (que foi o próprio Castañeda), tendo empregado também nisto os antigos recursos toltecas.

Por esta razão, e tendo em vista o ressurgimento da luz espiritual no Extremo-Occidente, a *intenção* dos sábios antigos de todas as linhagens toltecas ou pré-colombianas, também transparece nos presentes esforços de restauração e renovação. Esta tarefa não poderia ser realizada sem a reunião de todos os elementos da tradição toleca universal, em todas as épocas, tendo em vista a natureza da época atual, que requer um quadro de integridade e de originalidade.

Com a extinção da última linhagem tolteca, a expressão "novos videntes" se esvazia, e reempregá-la neste momento causaria confusão. Devemos assim agrupar este ciclo anterior numa nova designação, sendo uma das expressões mais adequadas a de "videntes telúricos".

Seu modo de atuação empregava a natureza terrena, não apenas as energias humanas elementares, como também o ambiente natural. E sua exploração dimensional estava ainda amplamente voltada para as energias e para as entidades terrestres, num contexto que se diria *fenomenológico* ou existencialista. Ainda que viessem ensaiando os caminhos futuros do Ser (SAT) "americano", esta tradição primava de um modo geral pela busca do Estar (TAT) "atlante", Os Novos videntes representaram uma transição entre ambas as etapas, tarefa esta tipicamente árya.

Não se trata de um plano de trabalhos propriamente hierárquico, mas antes uma adaptação intermediária entre os trabalhos racial e o hierárquico áryo, realizada sob forte influência atlante, influência esta que foi retomada pelos "novos videntes" nos últimos séculos através da interferência do "Desafiador da Morte".

Esta interferência não pode ser considerada propriamente nefasta na medida em que aumenta os conhecimentos sobre as possibilidades espirituais da humanidade. Cada guerreiro da linhagem dos novos videntes tinha a opção de escolher entre ser um vidente "antigo" ou "novo". Castañeda tinha certas propensões para a Segunda Atenção (o que poderia ter feito dele um "vidente antigo"), mas seu processo foi especial, ao renunciar o "presente" do Inquilino.

Os videntes do futuro empregarão estes recursos de forma muito particular, porque existem *analogias* entre estes dons atlantes-lemurianos e os dos videntes cósmicos. Certamente a esfera de trabalho dos videntes do futuro será muito mais ampla, mas nem por isto o passado será rejeitado. Em vários níveis, os antigos estilos de atuação serão *reciclados*, seja para a nova raça ou para a nova hierarquia.

Mas não se deve pensar que os videntes telúricos eram meramente atlantes. Surgem antes como representantes de um *neo-xamanismo*, que é uma prática áryo-atlante até mesmo *profética*, gerando as bases para a futura cultura sagrada americana, centrada no mito *cósmico* de Quetzalcóatl. Existem muitas tradições áryas que foram desenvolvidas ou preservadas nas Américas.

De certo modo, os videntes telúricos estão mais próximos dos atlantes do que os antigos ou lunares, porque seguiram uma ordem tribal e um estilo de vida algo marginalizada à qual imprimiram uma filosofia cética, fruto das limitações do meio, compensadas pelo despreendimento em relação ao poder, diferente do que chegou a ocorrer entre os antigos videntes. "Não existem funções sociais para eles, como havia entre os feiticeiros do passado. De modo que nunca os verá como os videntes oficiais ou os feiticeiros residentes" (Castañeda, *O Poder do Silêncio*, pg. 16).

Estão mais avançados no sentido de realizarem opções mais evoluídas, como a busca da liberação espiritual e o cumprimento do destino humano como tal, com todos os seus desafios e

grandezas. Tudo isto é resultado do quadro espiritual ocidental, que apenas nesta Nova Era poderá encontrar a sua perfeição, da mesma forma como o Oriente achou sua liberação na Era anterior.

Ainda assim, os novos videntes tinham uma visão geral das coisas e estavam atentos para os passos da humanidade. Como homem bem informado, o benfeitor de Castañeda acreditava que o homem moderno deveria mudar sua concepção de mundo para sobreviver: "Estou convencido de que, para o homem sobreviver agora, a base social de sua percepção deve mudar", declarou ele. A "base social" é o contexto cultural de uma sociedade, como demonstra Don Juan:

"... é a certeza física de que o mundo é feito de objetos concretos. Chamo isso de base social porque todo mundo empenha um grande esforço em levar-nos a perceber o mundo do jeito que percebemos.

"- Então como deveríamos perceber o mundo?

"Tudo é energia. Todo o universo é energia. A base social de nossa percepção deveria ser a certeza física de que a energia é tudo o que existe. Deveria ser realizado um esforço gigantesco para levar-nos a perceber energia como energia. Então teríamos duas alternativas à mão.

"Perceber a essência de tudo irá nos fazer compreender, classificar e descrever o mundo em termos completamente novos, mais emocionantes e sofisticados."

Castañeda, *O Poder do Silêncio*, pgs. 17-19.

Suas percepções revelam-se simplesmente proféticas. Esta mudança tem sido iniciada desde *dentro* da cultura moderna através dos avanços da ciência. De certo modo, o homem já vê a "energia como energia", e a liberação da energia atômica é um reflexo material deste processo.

Vejamos então as seguintes teorias que tem revolucionado várias vezes a Ciência neste século:

1. *Teoria da Relatividade*. Ofereceu um modelo mais maleável de mundo, trazendo o Tempo como uma dimensão à parte e tornando relativos os critérios espaciais e temporais.

2. *Física Quântica*. Trouxe um padrão alternativo ou duplo de universo, onde podemos ver o mundo como luz ou matéria, fornecendo uma base científica para a idéia de livre-arbítrio.

3. *Teoria das Supercordas*. Através desta teoria se prevê alcançar o procurado *Campo Unificado* de Einstein, a matriz energética de toda a Criação, capaz de explicar como as Quatro Forças do Universo atuam de forma interligada.

4. *Teoria Holográfica*. Confirma a tradicional Lei de Analogia (microcosmo – macrocosmo, etc.) e o princípio dos *fractais* numéricos (exemplos: 5, 50, 500, 5.000, etc.) usado pelos antigos.

5. *Teoria da Supersimetria*. Afirma existir uma supersósia ou um par igual para cada partícula do universo. A *Susy*, sigla carinhosa como é chamada, confirma assim a idéia tradicional do arquétipo e do duplo-etérico.

Os místicos têm encontrado nisto tudo um respaldo para suas visões de mundo. Mas o antigo pragmatismo mantém as coisas voltadas para o passado, colocando o planeta em risco num momento em que apenas uma nova mudança de paradigmas pode alterar o rumo quiçá fatal das coisas atuais.

O mundo da energia liberada é também o mundo da *iluminação*, que é a grande meta da nova raça. A evasão "do sistema" feita pelos jovens nas últimas décadas, na busca de modos alternativos de viver, tudo isto foram ensaios preciosos a apontar novas possibilidades de vida. Quando não for mais possível sustentar o atual modelo mundial, então muitos trarão em suas memórias aquelas experiências. Outros buscarão uma nova síntese, tratando de harmonizar internamente a vida urbana através de recursos ecológicos e sanar o sistema mediante governos mais sábios e flexíveis.

O treinamento tolteca se insere diretamente nos novos objetivos raciais e vem atender às suas maiores urgências. As técnicas desenvolvidas pelos videntes deverão ser ampliadas e difundidas, sistematicamente cultuadas em centros especializados através do mundo. Lugares especiais serão escolhidos, com destaque para as Américas, berço da nova raça-raiz.

Existem também ensinamentos paralelos de grande utilidade. Aquele que deseja aprofundar-se no estudo das energias existentes no Universo, deve estudar o *Tratado Sobre Fogo Cósmico* de Alice A. Bailey. Outras obras desta amanuense, como *Os Raios e as Iniciações*, dão instruções sobre o manuseio destas forças. Também é recomendável conhecer o ciclo de Ensinamentos da Agni Yoga, a "Ioga do Fogo", de Helena Roerich. Tratam-se de videntes especiais que, mais ou menos como as antigas pitonisas, receberam estes elevados saberes para uso da nova humanidade e até da nova hierarquia.

b. A Lira Cósmica

Nos mapas celestes antigos, vemos sempre no Hemisfério Norte a imagem de uma águia segurando em suas garras uma lira.

Trata-se de símbolo que reúne a Constelação de Lira e a sua estrela principal, chamada Vega ou *Águia*. Existem razões especiais para exaltar-se de tal forma esta estrela, pois ela demarca o ciclo cósmico, sendo assim chamada em muitas culturas, inclusive entre os meso-americanos.

Podemos dizer que esta lira projeta as cordas do universo, emanadas através da *Águia*. Em *Viagem da Ixtlan*, Castañeda faz exercícios de ver as "linhas do mundo" (pgs. 190 e 234) e até de senti-las com suas mãos: "(...) explicou-se que havia um número infinito de linhas que nos ligavam às coisas." (pg. 182). A chave para ver estas linhas é *parar o mundo*.

O ser humano também é visto como um aglomerado de feixes luminosos, e o ponto de aglutinação é um conjunto de emanações reunidas numa dada faixa deste casulo luminoso.

Esta visão de mundo parece ter muito a ver com a mais moderna concepção científica: a das *Supercordas*, segundo a qual por detrás de todas as partículas e formações materiais existem *cordas energéticas* cuja vibração determina a natureza destas partículas.

As Supercordas explicam como as partículas são formadas, alteradas e destruídas e como interagem usando as Quatro Forças da Natureza que a Ciência registra: *força nuclear forte*, *força nuclear fraca*, *força eletromagnética* e *força gravitacional*. Isto poderá representar então o "Campo Unificado" universal.

É pelo manejo destas "cordas" que o iniciado aprende a manejar as leis do universo, gerando radiatividade como na iluminação, suspendendo seu peso como na levitação, e manifestando energia quando cura ou é curado.

Prótons, neutrons, elétrons, pósitrons, fótons... cada tipo de partícula no Universo está associada a um certo "comprimento de onda", à vibração ou a frequência de uma "supercorda". A corda do *fóton* luminoso "nasce" da união entre a corda de um *elétron* e a corda de seu par, o *pósitron*, e se desfaz quando estes opostos se separam.

Tal visão se aproxima surpreendentemente da percepção dos antigos xamãs mexicanos. A teoria está para ser definitivamente provada nos próximos anos, pela construção de um superacelerador de partículas. Às vezes necessita-se tempo para provar;

Capítulo 4

Consciência – o "*Sendeiro de Ida*"

A questão dos *mistérios da consciência* representa o tema central dos trabalhos toltecas. A *maestria da consciência* é um dos três princípios fundamentais da filosofia tolteca sistematizada pelos novos videntes, que também inclui a *arte da espreita*, o *domínio do intento* e a *arte do sonhar*; conformando o quádruplo universo consciencial.

É a área de habilidades que Castañeda melhor divulgou e representa a principal especialidade destas linhagens de videntes. O que segue inclui algumas conclusões dos sábios toltecas neste campo, inseridas nos princípios da Sabedoria universal.

a. *Conhecimento*: a Natureza da Consciência

A consciência humana é algo muito especial porque tem parte com o *divino*, representado pelo dom do *livre-arbítrio*, através do qual o homem pode realmente *conhecer* as coisas, seu lado bom e mal, e assim poder realmente *eleger com consciência*:

"...os xamãs o mundo antigo acreditavam que a escolha, como os seres humanos a compreendem, é a condição prévia do mundo cognitivo do homem." (em *Passes Mágicos*, Castañeda, pg. 178)

Enquanto a vida estava meramente aprisionada aos instintos –o que aconteceu até o reino animal–, ela não tinha a menor possibilidade de liberdade. Mas a condição humana inaugura uma etapa em que os reinos podem "olhar para cima" e fazer novas opções. Talvez a sua grande característica seja pois a do *livre-arbítrio*: os reinos inferiores não o conhecem e os reinos

superiores não o empregam. (podemos mesmo dizer que estes "olham para baixo", num sentido superior ou misericordioso, donde a palavra *avalokitshwara*, nome do buda da compaixão).

Esta possibilidade abre um processo muito complexo e até confuso. A oposição e a antítese é a sua base; o conflito é a sua norma, e a harmonia o seu final. Durante isto ele trata de exercitar a sua liberdade conhecendo o conflito na dialética dos opostos.

Experimentar o "fruto proibido" do conhecimento representa a etapa fundamental de compreender os seus limites e as suas possibilidades.

Isto significa que, ao fim, o "livre-arbítrio" termina por se revelar apenas aparente, e com a evolução o homem entende que representa apenas um mecanismo de crescimento pela conscientização dos fatos, na medida em que o conhecimento do bem e do mal adquirido pode ensinar sobre os *verdadeiros* caminhos. Por isto os sábios entendem que "a obediência, sempre que se ache emoldurada pela religião, é em si um meio de perfeição interior" (Frithjof Schuon, em *Sobre los Mundos Antiguos*).

O homem deve aprender sobre a *verdadeira* liberdade, e isto apenas pode ser feito através da experiência do certo e do errado. Nada pode ser imposto: "o livre-arbítrio é a (própria) dignidade humana" (Agni Ioga). No entanto, cada um deve entender o real sentido desta liberdade.

"O ensinamento mais difícil de entender no mundo do nágual é que ele oferece liberdade irrestrita. Mas liberdade não significa estar livre." (*A Bruxa e a Arte de Sonhar*, Florinda Donner-Grau, pg. 21)

Assim, e como ele termina por compreender através do *aprendizado da Lei*, este livre-arbítrio não é exatamente fazer o que se quer. É antes a possibilidade de se fazer o que *deve ser feito* e assim *agir com o coração*. Apenas através do amor se termina por reunir todas as coisas e atingir a essência de nossa condição – a *Eternidade*.

b. A Filosofia da Eternidade

Os mistérios da consciência dizem respeito à *Filosofia da Eternidade*. A nova raça verá o resgate destas grandes verdades atlantes, pois é chegada a hora de a humanidade em conjunto se deparar frontalmente com as possibilidades do Infinito.

E aquilo que todo o ser humano deve essencialmente saber, é que a consciência é uma dádiva que deve ser alcançada pelo treinamento e pelo emprego positivo deste livre-arbítrio. O homem recebe apenas oportunidade de viver eternamente. O fato de ter uma semente eterna e principalmente de participar de algum modo das energias divinas na Terra, lhe traz a armadilha de sentir-se eterno, quando na verdade ele pode extinguir-se de todo caso não tome das medidas necessárias.

O mantra oriental TAT TWAN ASI significa "Isto És Tu". Fundamenta pois as filosofias da Fenomenologia e do Existencialismo, na medida em que "a existência precede a essência". Num certo sentido, recebemos a oportunidade de *existir* antes que tenhamos uma *essência* particular bem definida. Mas através desta existência recebemos a oportunidade de alcançar e conquistar esta essência, que é a nossa *seidade* ou a nossa *individuação*.

A Filosofia da Eternidade trabalha essencialmente com os "Mistérios do Coração", que são aqueles mistérios "atlantes" que envolvem o Amor, a Beleza, a Comunidade e a Religião. Representa o resgate das quatro maldições do Pecado original, permitindo que o homem retome os dias do paraíso na Terra.

As chamadas "práticas mortuárias" empregadas pelos egípcios, tibetanos e pré-colombianos (os três povos que tinham os chamados "Livros dos Mortos"), com toda a sua mitologia póstuma, serão de certo modo restaurada para ser aplicadas à nova humanidade. Os Mistérios Atlantes, antes pertencentes ao rol da Hierarquia, agora serão difundidos a nível massivo ou, ao menos, para toda a nova Raça-Raiz, uma vez que esta situa-se agora no umbral dos Mistérios Maiores.

c. O "Caminho do Coração"

Deste modo, o coração vem a ser a verdadeira natureza da consciência ou, como pode ser melhor designada, da *Alma*. E o amor a expressão da Energia da Eternidade na qual por fim encontra a sua essência.

Existe um vínculo muito preciso entre o amor e a consciência. Assim como o amor é o Segundo Aspecto ou o *Raio divino* (Cristo, Vishnu), a consciência também é gerada pela combinação entre os poderes opostos do cosmos, tais como são os elementos fogo e água, ou terra e ar, cuja separação gera o mundo nas mitologias, na medida em que se desfaz o *caos* original e o substitui pelo *cosmos* ("ordem"). Mas assim como o amor combina as coisas e as supera, ele também as abrange e glorifica. Situa-se antes, depois e durante a evolução, assim como por detrás de tudo, sendo daí onipresente.

De fato, o amor é a verdadeira *essência consciencial*, na percepção do destino de paixão inelutável que representa a própria *encruzilhada da condição humana*, situada entre céu e terra, passado e futuro, deus e animal, eternidade e extinção...

A *paixão* é a resposta natural aos dilemas da condição humana, e isto apenas se acrescenta com o crescimento das possibilidades do homem. Por isto os caminhos do amor sempre foram os verdadeiros caminhos humanos. O poder e o conhecimento apenas lhe servem, em última análise, para alcançar mais felicidade e comunhão com o Todo. Pois o destino do homem é se diluir no cosmos, é perceber e comungar as riquezas das formas e das energias existentes nos vários mundos, aprendendo a tirar o melhor delas e nisto se enriquecer e completar.

O amor resume tudo na condição humana: é sentido, conhecimento e vida. Quanto mais conhecimento o homem tem, e quanto mais vivo e consciente estiver, mais paixão manifestará. A vitalidade também se revelará como amor e desejo. E é na satisfação desta sede de amar que ele encontra a paz e o *sentido* almejado por seu Ser.

O desejo de amar se lhe traduzirá em novas revelações, que serão sempre *caminhos de amor*, ardentes e definitivos. O próprio conhecimento é apenas um instrumento para a paixão, ou antes, ambos devem se equilibrar para gerar a Sabedoria. No final o verdadeiro conhecimento será sensível e sempre prático, na forma como o termo era empregado nas raças atlantes e que a Bíblia traduz.

Esta ótica da vida é aquela que se poderia definir como propriamente *ocidental*, e enquanto estivermos na esfera da Quarta Ronda, ele será também *universal*.

Por isto os antigos meso-americanos enfatizaram tanto a *cultura do coração* e o drama que envolve o auto-sacrifício tendo em vista a redenção final. A degeneração desta Alta Filosofia resultou em práticas repulsivas que terminaram realizando o oposto do que propugnavam, que era a compaixão e o desprendimento *interior*. A paixão não educada se esvai no vício, que é o oposto da virtude. É preciso muita cultura e educação para que a paixão se expresse pelos canais superiores. A rigor apenas a Escola Iniciática pode proporcionar tal coisa, com o auxílio de um Mestre, dos ensinamentos e dos colegas de busca.

Não é fácil posicionar-se equilibradamente entre os opostos, tão atrativos e compulsivos eles são. Sucumbir a eles é o drama dos "gigantes" –e da humanidade em geral. Exige trabalho criar um *cosmos* próprio no mundo. Requer sabedoria e investimento, uma luta contínua contra as forças do caos. A tendência do universo é oscilar entre o poder e o conhecimento, coisas que, sem a expressão do amor, são apenas ilusões. Gerar a consciência e o amor é a tarefa da Hierarquia dos Sábios e resume o dom da Civilização. Apenas o amor legitima o poder e o conhecimento, e é por seu intermédio que os Enviados do Altíssimo invariavelmente se manifestam. Seus marcos são o sacrifício e a iluminação, mas seus frutos logo florescem em conhecimento e liberação.

Os novos videntes toltecas diziam que um guerreiro deve "seguir o caminho que tenha coração". Para trilhá-lo com segurança é preciso atingir a posição de *impassibilidade*, manifesta como uma consciência pura. O amor existe num tempo mítico, e quando este amor se torna perfeito, então ele abre as portas do Eterno e se transforma em gozo.

O homem só alcança isto através da criação, executando um ato divino gerador. Deus, que é "Ser, Consciência e Bem-Aventura" (*Sat-Chit-Ananda*), vive neste estado deleitoso. Através dele e dos poderes especiais de criação conferidos ao homem, este pode conhecer fragmentos de beatitude e até verdadeiros estados superiores de consciência.

Existir é gozoso, ser é prazeroso, especialmente quando se pode superar as incertezas –coisa a rigor jamais alcançada de todo em reino algum, de modo que o Ser atravessa a eternidade como numa ponte cósmica de criação (de outra forma, talvez o Buda teria sentido menos dor ao deixar este mundo).

O guerreiro deleita-se na Eternidade porque ele faz todo o possível para ser impecável, assegurando-se do que necessita, de modo que apenas lhe reste a parte deleitosa da vida. Sua consciência está tranquila porque se acha solidamente *estabelecida*. Ele tem um pacto com a criação, determinado por seu "poder pessoal", e que lhe assegura tudo o que necessita, que é sempre pouco. O coração sacia, aquece e preenche, sendo tudo o de que realmente necessita.

O mistério, a grandeza, o saber, a beleza, o amor: tudo isto constitui-se nos maiores tesouros da existência –são a *própria* existência, os elementos que servem como pano-de-fundo da consciência. O guerreiro já tem assegurado tudo isto para si, e agora pode trabalhar exclusivamente para os outros, se isto lhe couber.

Sente-se como um rei pois é senhor de si e crê ser capaz de viver eternamente. E este domínio ele preserva pelo amor que manifesta pela vida e pelo mundo, com tudo o que nele existe de bom. O guerreiro tem um romance com a terra e lhe é eternamente fiel. Nisto ele é gratificado no pouco que necessita e no muito que a vida lhe dá. Tudo o que deseja é colher os frutos sem fim da existência, como o bom amante que sempre desvela novos mistérios em sua amada.

O amor é plenificante porque desperta as forças dos arquétipos. O coração abre uma porta diretamente para a essência das coisas, ali onde reside o núcleo de cada consciência ou da Consciência Una que se manifesta em cada segmento de vida, quiçá até naquilo que parece inerte.

A consciência é uma energia todo-abrangente, e o caminho do coração é o verdadeiro *sendeiro da consciência*. É o caminho da liberdade e também da responsabilidade, do céu e da terra, da harmonia redentora, enfim, que redime o divórcio entre o homem e o Infinito.

No entanto, como tudo o mais, a paixão também requer um aprendizado. De outra forma, confunde-se com certas tendências emocionais ou degenera naquilo que ela pretende substituir, que é o desejo inferior. A paixão requer uma energia que deve ser adquirida ou restaurada no ser humano. Isto as técnicas toltecas contemplam, mas o devido direcionamento para os centros corretos, da forma mais objetiva e concisa, é o que os videntes do futuro tratarão de realizar. Um

mundo complexo e veloz como o nosso requer uma nova consciência e novos métodos de trabalhar a energias.

Em resumo, o amor não é apenas um elemento conscientizador: o coração *é a própria consciência humana*. Concluímos assim este segmento com a seguinte frase para meditação:

*Toda a evolução é uma escada para o coração;
E o coração é o portal do infinito.*

d. Predisposições Especiais da Consciência

A consciência aparece como um brilho especial no casulo luminoso dos seres humanos. Por isto os videntes chamaram esta luminosidade de *brilho da consciência*.

"Situa-se numa faixa estreita e vertical no lado extremo direito do casulo, correndo por todo o seu comprimento. O talento dos antigos videntes consistia em mover este brilho, em fazê-lo espalhar-se, a partir de seu ponto original na superfície do casulo, para dentro, por toda a sua largura." (*O Fogo Interior*)

A rigor, o que Don Juan descreve como consciência poderia ser visto como "energia individual", uma forma parcial de consciência relacionada à individualidade e à Primeira Atenção.

Os antigos videntes viram poder manipular a consciência ao modificar a estrutura do casulo. Esta manipulação direta das emanções internas é um procedimento de magia e revelou-se pernicioso, de modo que os novos videntes optaram por trabalhar de outras formas.

De qualquer forma, os estímulos diretos no casulo luminoso permaneceram sendo realizados com o intuito de conduzir à consciência intensificada. As experiências resultantes apenas são lembradas mais tarde quando o vidente consegue realinhar sua consciência de forma *voluntária* com as energias contatadas. O estímulo é feito para atenuar a fixidez do ponto de aglutinação, e então o guerreiro é estimulado a lembrar de suas experiências e assim deslocar desde dentro o ponto de aglutinação.

Estes deslocamentos são chamados *alinhamentos de emanções*. Através de um trabalho paciente, o homem de conhecimento deve realizar o *realinhamento* destas emanções, preparando o caminho da manobra peculiar de acender todas as emanções dentro do casulo. "Eis a tarefa deixada para ser executada por todo o nagual." (*Fogo Interior*, Cap. 12). Quando isto é obtido, gera-se uma iluminação que é considerada a realização máxima de um vidente, e ele está liberado para partir deste mundo, na segurança de ter adquirido uma consciência livre, permanente e independente dos vínculos materiais através dos quais viu a luz pela primeira vez.

e. A Direção e a Hora Pessoal

As predisposições da consciência estão associada a fatores de tempo e espaço, resultando nas ciências da Astrologia e da Geografia sagrada. Desde o ponto-de-vista da mística pessoal, tal coisa resulta na existência de uma hora e de uma direção especial para cada indivíduo, as quais podem necessitar ser *trocadas* tendo em vista o acesso a novas energias. Naturalmente, as iniciações reciclam tais bases espaço-temporais.

Assim, a consciência está associada a *direções*:

"O Nagual disse que todos nós, em nossas vidas, criamos uma direção na qual olhamos. Essa se torna a direção dos olhos do espírito. Com os anos, essa direção torna-se gasta com o uso, fraca e desagradável e, como estamos presos àquela determinada direção, também nos tornamos fracos e desagradáveis" (Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 32).

Por isto uma das primeiras medidas do Nagual é mudar a direção das pessoas. A direção pessoal pode ser estabelecida a partir de vínculos históricos que cada um possui naturalmente, e até mediante elos grupais, como no caso da origem européia dos imigrantes das Américas. Sintomaticamente, todo o grupo de Castañeda, geralmente constituído por homens e mulheres de formação ocidental e moderna, recebeu uma direção diversa de sua origem étnica européia, ao passo que os guerreiros índios tendiam a receber uma direção distinta (ver Castañeda, *op. cit.*, pg. 50).

O alinhamento da direção racial deve ser feita em relação à Terra da Luz, ou seja, ali onde se encontra sediada a Dinastia Sagrada de uma raça-raiz. O grupo de Castañeda foi alinhado com esta direção (que é a da América do Sul), num gesto que se diria *intuitivo* por parte de seus Mestres. Foi, de resto, a mesma direção tomada por Quetzalcóatl em sua fuga para o Yucatan.

No mesmo sentido ocorre em relação à *hora* de cada um. Geralmente a nossa hora é a do nascimento físico. A hora da pessoa está associada a todos os eventos importantes que lhe ocorrem e vice-versa (cf. Castañeda, *op. cit.*, pg. 208). Apenas um evento importante pode trocar esta hora. E este deve ser como uma iniciação, um batismo, um renascimento de alguma forma enfim.

Todo este quadro espaço-temporal pode ser portanto relacionado à Astrologia e ao horóscopo.

f. As Quatro Verdades sobre a Consciência

As Quatro Verdades Sobre a Consciência tocam alguns pontos que não são exatamente originais na filosofia universal, sobretudo no budismo com suas Quatro Nobres Verdades, e às quais a própria física quântica oferece hoje um respaldo teórico. Avança no sentido de aprofundar a experiência sobre os mecanismos da consciência e a forma de controlá-los. São elas:

1ª Verdade. *Nada do que percebemos é definitivo.* "O mundo é como parece, e entretanto não é. Não é tão sólido e real como nossa percepção foi levada a crer, mas também não é uma miragem. O mundo é uma ilusão, como tem sido dito, ele é real por um lado, e irreal por outro." (Castañeda, *O Fogo Interior*) Não existe de uma forma absoluta este mundo de objetos que percebemos, auto-existentes e próprios, mas sim campos de energia que são as "emanações da Águia".

2ª Verdade. *A percepção é uma condição de alinhamento.* "As emanações no interior do casulo ficam alinhadas com as exteriores, que se adaptam a elas. O alinhamento é aquilo que permite que a consciência seja cultivada por toda criatura viva." (Castañeda, *op. cit.*) Na física quântica, a luz pode ser fluída (onda, *física*) ou densa (partícula, *química*), a depender apenas da *qualidade de consciência* do observador. "Os seres humanos são feitos das emanações da Águia e são essencialmente bolhas de energia luminescente; cada um de nós está envolto em um casulo que aprisiona uma pequena porção destas emanações. A Consciência é o resultado da interação obtida pela pressão das emanações externas ou livres da Águia, sobre as emanações internas do casulo, dando origem à percepção." (Castañeda, *op. cit.*, cap.7)

3ª Verdade. *A percepção é determinada pelo ponto de aglutinação.* "A percepção tem lugar porque existe em nós um agente chamado *ponto de aglutinação* que seleciona as emanções internas e externas para o alinhamento. O alinhamento particular que percebemos como *mundo* é produto da posição específica em que nosso ponto de aglutinação está localizado em nosso casulo." (Castañeda, *op. cit.*, cap.7)

4ª Verdade. *Podemos perceber outros mundos.* "O ponto de aglutinação pode aglutinar mundos diferentes do nosso próprio, quando se desloca de sua posição original. (...) É a melhor descoberta dos antigos videntes, embora eles nunca tenham tido consciência disto." (Castañeda, *op. cit.*, Cap. 9)

A percepção deste conjunto de verdades resulta no desapego virtual do mundo físico, pois aquilo que os videntes chamam "outros mundos" não pertence à esfera densa. E na ausência de ideais áureos que reúnam matéria e espírito, os videntes toltecas desenvolviam o desinteresse real pela vida terrena, apesar de amarem intensamente esta Terra. Por isto "...os guerreiros não tem vida própria. No momento em que compreendem a natureza da conscientização, deixam de ser pessoas e a condição humana não mais lhes interessa" (Castañeda, em *O Presente da Águia*, pg. 243).

Isto não significa desprezo pela existência, mas sim *aspiração pela liberdade*. A grande sabedoria tolteca está em preservar o vigor físico e a lucidez mental para deixar este mundo – algo inevitável– com plenos poderes e no momento em que deseja, o que considera um direito cósmico inquestionável e excelso, que em nada se compara a um "suicídio", porque se trata já de um ser liberado que cumpriu com sua missão essencial. Ele adquiriu naturalmente o poder de liberar-se desta casca material, e se estiver no seu destino fazê-lo voluntariamente, estando desobrigado de outros carmas espirituais, ele pode seguir em definitivo para outras dimensões.

Um pouco como o guerreiro antigo que aspirava por morrer em batalha, o guerreiro da luz busca a "desmaterialização" de sua forma física e a explosão de sua consciência, graças à maestria da atenção desenvolvida pelos toltecas, especialmente pelos novos videntes, adeptos da liberdade total. Esta habilidade coroa a maestria da consciência dos videntes telúricos –os *Arhats*.

Naturalmente, este sentimento de desapego relativo se deve em parte ao isolamento em que têm vivido estas linhagens. Em outras culturas sagradas como no Tibet, a compaixão tem sido um motivo especial não apenas para permanecer no mundo, como também para alcançar realizações superiores. Tal coisa se reflete no espírito dos videntes cósmicos –os *Chohans*–, que são ainda menos inclinados a desprezar a vida terrena, pois seus propósitos são pela unidade dos mundos. Pode-se dizer também que eles tem muito mais a alcançar e a realizar aqui na Terra – como por exemplo, novos estados de consciência.

Os guerreiros telúricos já tinham em vista a necessidade de trilhar apenas os "caminhos do coração". A ampliação destes caminhos por parte dos videntes cósmicos os levará ainda mais longe, unindo os mistérios da Eternidade aos mistérios do Infinito.

g. As Quatro Categorias de Conhecimento

Deve-se considerar também as *verdades sobre a consciência* classificadas em quatro graus de conhecimento:

- a. o pré-conhecido
- b. o conhecido

c. o desconhecido

d. o incognoscível

Todas estas modalidades de conhecimento provenientes da Águia: "As emanções da Águia são uma coisa-em-si imutável, que engloba tudo que existe, do conhecido ao incognoscível."

A meta do guerreiro é atingir o *desconhecido* e evitar "aquilo que não devemos conhecer", ou o *pré-conhecido*.

O pré-conhecido, que é a primeira delas, não entra diretamente nos campos de trabalhos da magia, ou ao menos não deveriam fazê-lo, pois integram as artes da magia negra. Na prática esta etapa tem sido sim muito explorada historicamente, resultando em muitas tragédias e aberrações, inclusive na própria catástrofe e na Guerra da Atlântida.

Nisto tudo estão presentes os seis elementos da estratégia da *espreita* desenvolvida pelos videntes (ver adiante), cinco deles chamados *atributos do guerreiro*:

a. controle,

b. disciplina,

c. paciência,

d. oportunidade,

e. *vontade*.

O último pertence à esfera do *desconhecido*, e os anteriores, agrupados entre as condições de *guerreiro* e *homem de conhecimento*, à esfera do *conhecido*.

O sexto elemento pertence ao *mundo exterior* e chama-se:

f. o *pequeno tirano*.

Trata-se de um indivíduo capaz de desafiar nossas posições de guerreiro. Quanto mais inoportuno e ameaçador mais eficaz é considerado, desde o ponto de vista do guerreiro. Descobriu-se que a vaidade é aquilo que mais consome a energia do guerreiro. Todo este conjunto se destina pois a liberar o buscador de sua vaidade e a recanalizar esta energia para encontrar o desconhecido.

Segundo Don Juan, aquilo que caracteriza os novos videntes é a precisa distinção entre o desconhecido e o incognoscível e também a organização exata destas classificações. Os antigos videntes julgaram equivocadamente que seus poderes (especialmente a capacidade de *ver* e possuir *aliados* mágicos) era uma salvaguarda, e que *vendo* poderiam controlar os pequenos tiranos, o que se revelou como uma inversão de premissa. Pensaram que eram intocáveis, mas quando o invasor chegou deu mortes horrendas à maior parte deles, demonstrando que não possuíam qualquer proteção. O orgulho, a presunção e a vaidade foram a sua ruína, de modo que os novos videntes começaram por aí a reforma do sistema tolteca.

Os antigos videntes confundiram o incognoscível com o que os novos videntes chamam "àquilo que não queremos conhecer", o campo inferior e "pré-conhecido" das emanções da Águia ao qual os antigos videntes deram realmente muita atenção. O incognoscível é o campo das emanções livres que se abre através da iluminação, o qual os antigos videntes não tinham real acesso, procurando antes a permanência através de pactos com entidades elementais mais longevas, ao que Don Juan denomina como as "aberrações dos antigos videntes". Esta longevidade material terminou se revelando uma prisão, uma armadilha e uma ilusão, pois atava a consciência a planos muito limitados. Para os novos videntes o preço do apego ao mundo material é alto demais e não deve comprometer a nossa liberdade maior e o mistério do desconhecido.

h. Fixação e Preservação da Consciência

Certamente os antigos feiticeiros também realizaram muitas conquistas positivas. Seus métodos é que eram precários e primitivos. Entre os seus grandes feitos está descobrir a própria *razão da existência* no conceito dos novos videntes:

"Um dos legados mais dramáticos que os antigos videntes nos deixaram foi a descoberta de que a razão da existência de todos os seres sencientes é o desenvolvimento da consciência." (Castañeda, *O Fogo Interior*).

Tal coisa envolve de alguma forma todas as criaturas vivas, uma vez que cada espécie participa de alguma modalidade dentre as emanações da Águia. Isto não significa que esta consciência possa se desenvolver substancialmente dentro de um mesmo reino. Antes, cada espécie tem a sua própria forma de consciência. É o conjunto delas e a evolução das espécies que permite o desenvolvimento da consciência em geral, e vice-versa.

Para os novos videntes a consciência –que se desenvolve desde o momento da concepção– tem uma origem exterior ao homem. As emanações externas de energia provenientes de um poder cósmico chamado "Águia" interagem com as emanações existentes dentro do casulo luminoso do homem, dando lugar à consciência humana.

Normalmente, as emanações internas do ovo áurico são móveis ou instáveis, impedindo um verdadeiro fluxo de consciência. A força das emanações externas teriam o poder de fixar o movimento interior:

"Já que as emanações livres são feitas para fixar o que está dentro do casulo, o que a consciência faz é deixar as emanações fixadoras fundirem-se com o que há dentro de nós. Os videntes acreditam que, se permitirmos que isto aconteça, tornamo-nos como realmente somos: fluídos, sempre em movimento, eternos. (...) O grau de consciência de cada ser senciente depende do grau ao qual ele é capaz de deixar as pressões das emanações livres levá-lo." (*O Fogo Interior*).

O elemento "fixador" é muito conhecido em Alquimia, e na prática gera o que Alice A. Bailey chama de "estabilidade de consciência" e os videntes toltecas de "auto-consciência". Esta dádiva em consciência real corresponde ao "presente da Águia", pois isto apenas é obtido mediante a auto-entrega às forças superiores.

É certo que existem miríades de forças e formas de influências externas a nós. Porém, é importante entender que, na formação da consciência, ela seria o produto não tanto da penetração de uma força externa, mas da própria *harmonia* entre as emanações interiores e exteriores. Quando as duas correntes estão harmonizadas, é que tem lugar a verdadeira consciência mediante a estabilização das forças opostas.

A consciência é pois uma realidade *central* e por isto pode ser eternizada. Esta concepção está muito difundida na tradição universal e existem miríades de símbolos e mitos cosmológicos para representá-las, como a cruz ansata e a teologia de Heliópolis, na parte que trata da formação dos elementos cósmicos.

Assim, as emanações externas não deteriam realmente por si só um poder *fixador*. É a própria consciência que determina a sua fixação e desenvolvimento ao sujeitar-se ou ao buscar um equilíbrio, embora isto também possa ser induzido por uma força externa por *imantação*, sob a influência da aura ou do toque do nagual, por exemplo, donde a importância de um mestre para o fortalecimento deste processo.

Existe realmente uma ação externa fecundante, e neste aspecto o ovo áurico seria o fator receptivo. A consciência é como o fruto deste intercâmbio; por isto se associa ao aspecto "Filho"

na Trindade. Quando a aura está pacificada pela meditação ou sob a harmonia ambiental, torna-se mais receptiva às emanções externas e a consciência se fortalece.

De qualquer forma, se as conclusões dos novos videntes estão corretas: a consciência é um produto do alinhamento entre as amanações internas e as exteriores, o que vem a ser a Segunda Verdade da Consciência.

Deste modo, preservar a consciência é o propósito último dos trabalhos atlantes-toltecas. Para isto o foco da consciência é cultivado e desenvolvido.

Mas antes de desenvolver a consciência é preciso tratar de manter a *auto-consciência*. Para isto é preciso romper com a rotina, inicialmente através da técnica da *espreita*, base dos trabalhos místicos toltecas.

Outra técnica elementar nesta etapa é a de "ver a morte como uma conselheira" (cf. *Viagem a Ixtlan*, Castañeda). A consciência *ativa* da mortalidade, o sentimento de finitude da vida e a ameaça da extinção da consciência, devem mobilizar o guerreiro em cada ato, o qual deve se revestir de *impecabilidade*, isto é, de integridade e pureza.

Geralmente isto surge com o tempo. Paradoxalmente, o jovem, no esplendor de suas forças, vive como um deus e assim amiúde perde parte dos seus dons vitais. É a consciência da morte e dos limites que confere boa parte da sabedoria dos anciãos.

As escolas de sabedoria tratam então de despertar e manter esta consciência na humanidade e em especial nos seus acólitos. O "Quarto Caminho" enfatiza este ponto:

"...o único modo de salvar a humanidade é desenvolver um 'órgão' que nos permita perceber a inevitabilidade da nossa própria morte e da morte de todos à nossa volta.(...)
Uma forma de criar essa sensação de necessidade premente é procurar desafios."

Colin Wilson, *Caminhos do Despertar*, pg. 109.

A busca pelos "pequenos tiranos" se dirige exatamente nesta direção. A ameaça que representam à nossa integridade física é considerada uma condição do "bom" pequeno tirano. Se um tirano nos perturba somente psicológica ou mentalmente, ele é apenas um "pequeno tirano".

Apenas sobre o abismo o homem pode criar asas. O Ensino da Agni Yoga transmitido por Helena Roerich, reitera sobre a importância do "caminho adverso", do "andar rente ao abismo" e do "impasse" para a geração das energias necessárias às novas conquistas. Alice A. Bailey, também mensageira da hierarquia, revela que a iniciação outra coisa não é que o resultado de energias geradas diante de situações desafiadoras.

Tais situações nos induzem ao desapego, base da libertação da consciência. Como um ser livre o homem veio e assim ele partirá. Por isto o princípio *comunitário*, onde não necessitamos de posses, é amplamente libertador. Esta é uma das explicações pelas quais as sociedades decaídas não encontram paz ou estabilidade. O cosmos conspira para que cada um encontre contínuos desafios e regenere sua alma.

Neste quadro surge também o "caminho da enfermidade". Muitos santos e iluminados foram revelados através de processos de auto-cura, e várias doutrinas afirmam que os próprios Avatares passaram por isto. Em certas tradições as necessidades são simuladas pela retenção de indivíduos em cavernas ou claustros, determinando exigências físicas e psicológicas especiais.

i. O Resgate da Consciência

O desenvolvimento da consciência muitas vezes exigirá também um *resgate* e uma *recapitulação*.

Quanto mais elevado é o reino maior será a sua complexidade e riqueza. E o plano da Criação culmina a rigôr no Reino Humano.

A formação de cada indivíduo humano é longa e complexa, ultrapassando em muito o tempo necessário às restantes espécies.

Além disto, ela está sujeita às mazelas de educação. A humanidade também atravessa os seus ciclos e, como qualquer reino e suas espécies, também a sociedade humana está composta internamente por miríades de padrões.

Existe porém um padrão mínimo que deve caracterizar a *consciência humana*, um grau necessário para alcançar os seus propósitos existenciais. E para realizar este resgate, devemos de início ter claro o que significa esta *consciência humana*.

A consciência propriamente humana não apenas está livre de impulsos e atavismos, como também se dirige para esferas transcendentais. Para obter isto é preciso não apenas contar com as suas estruturas elementares, como também tê-las sadias e fortalecidas.

Desde o ponto de vista da consciência, tais estruturas estão simbolizadas pelos *animais sagrados*, cuja unidade representa as forças da Alma. Estes animais são, na cultura Centro-Oriental, o Leão, o Touro, a Águia o Homem, e no extremo Ocidente ("Américas") o Jaguar (ou o Urso), o Búfalo, a Águia e o Homem (ou o Coiote).

Isto significa que o desenvolvimento da consciência passa pelo *resgate de nosso animal-de-poder*. Cada um de nós tem um vínculo especial com algum destes animais, mas também devemos cultivar as Quatro Forças no seu conjunto.

A força taurina é *tamásica* (inércia), a forma aquilina é *rajásica* (impulso), e a força leonina é *sátwica* (equilíbrio). Mas a força humana é *nirguna* (transcendente), pois o quaternário representa já uma dimensão polar ou ascendente.

O ser humano deve ter a *força* do touro, a *coragem* do leão e a *acuidade* da águia, para então chegar a despertar a *paixão* do homem, e assim expressar a *verdadeira consciência humana*. Apenas então o homem pode realmente olhar para a Eternidade.

Esta prática é muito própria do xamanismo e representa a base de toda a verdadeira psicologia e do humanismo, razão pela qual está presente não apenas nas cosmologias, como também nas hierofanias. Trabalhar com a Cruz Fixa é despertar as energias de síntese e de equilíbrio, é abrir as portas das dimensões superiores, a terceira e a quarta. Pois esta é também a *Cruz das cruces*, e contém em si a transcendência.

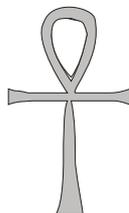
Podemos associar estas forças aos quatro primeiros centros do ser humano (os toltecas também detinham um sistema desta natureza) e evocar as suas energias através do arquétipo correspondente, sempre que necessitemos de uma ou de outra força. A ordem é a seguinte:

1. Base-da-Coluna *Elemento Terra* Touro
2. Esplênico *Elemento Água* Águia
3. Plexo-Solar *Elemento Fogo* Leão
4. Cardíaco *Elemento Ar* Homem

Um ensinamento importante sobre isto, diz respeito a que *elementos são alimentos*. Os elementos são os nutrientes de nossa natureza básica e criada. Sem eles definhamos, e talvez sem nos darmos conta disto antes que seja tarde, caímos enfermos. O contato regular com a terra, com a água corrente, com o ar puro e com o calor do sol, são tão preciosos para a nossa

saúde física quanto para a psíquica e a mental –e por consequência para a consciência espiritual–, uma vez que todas estas coisas estão interligadas de forma *construtiva*.

No campo da Astrologia, podemos observar que enquanto *signos*, estes arquétipos são regidos pelos mesmos planetas associados à grande Cruz das Estações. De fato, a nível anímico-planetário, a Cruz Fixa *reproduz* a Cruz Cardeal ou criativa, associada às energias do Espírito.



Acima: Sol

Esquerda: Vênus

Direita: Marte

Abaixo: Saturno

Não se pode deixar de perceber a semelhança existente entre a Cruz Ansata, acima, e o símbolo de Vênus. São os emblemas do homem, o Quarto Reino.

Marte e Vênus, representa as *polaridades de gênero* e regem os equinócios, ao passo que Sol e Saturno, que são as *polaridades de hierarquia* e regem os solstícios. Desta forma, as duas maneiras de representar os *arcos* zodiacais estão aqui representadas, a circular ou serpentina da "Árvore do Conhecimento" (cármica e *samsárica*), e a direta ou em flecha da "Árvore da Vida" (iniciática ou *nirvânica*). Naturalmente, nisto tudo existe uma esfera ainda maior, representada pelos regentes esotéricos destes signos (ver Volume III desta série).

No Capítulo seguinte veremos melhor a forma como trabalhar com este triângulo dentro das dimensões da *temporalidade*.

j. As Três Atensões

De um modo geral, a filosofia dos novos videntes está dedicada a realizar o *inventário da consciência*, focalizando todas as coisas em termos conscienciais.

Como base da consciência, a *atenção* também é uma forma especial de energia. O acúmulo de experiência gera uma faixa de emanações de maior brilho. "A atenção é o controle e a intensificação da consciência através do processo de estar vivo", e "a utilização e a canalização da percepção" (em *O Presente da Águia*, pg. 254). Em *A Roda do Tempo*, Castañeda comenta como a "força da atenção" dos antigos videntes permanecia viva durante os trabalhos realizados em seu aprendizado.

Nestes termos, afirmam que os seres humanos possuem três modalidades de *atenção*. "Mas não são somente tipos de atenção; são, antes, três níveis de realização. São a primeira, segunda e terceira atenção; cada uma delas é um campo independente, completo em si mesmo" (*O Fogo Interior*). Com isto fica claro que tais modalidades de atenções corresponde ao conceito de *iniciações*.

Através de seu livre-arbítrio, o homem está particularmente capacitado a vivenciar diversas modalidades de consciência. Para os toltecas, cada pequeno deslocamento do ponto de

aglutinação modifica radicalmente a modalidade de consciência do ser humano. Estas várias "consciências", ou senão estas alterações da consciência única, estão associadas aos centros de energia do ser humano. Diz o Lama Govinda:

"Enquanto que de acordo com as concepções Ocidentais o cérebro é a sede exclusiva da consciência, a experiência yogue mostra que nossa consciência cerebral é apenas uma entre as muitas formas possíveis de consciência, e que esta, de acordo com suas funções e natureza, pode ser localizada ou centralizada em vários órgãos do corpo. Estes 'órgãos' que coletam, transformam e distribuem as forças que fluem através deles são chamados de chakras ou centros de força." (*Fundamentos do Misticismo Tibetano*, pg. 145)

Os toltecas trabalham com cinco ou seis destes centros, no entanto, afirmam que existem apenas três focos principais de "atenção". E uma das razões é porque existem certos *estados gerais de consciência* formados pelo **alinhamento** de centros. A tradição fala em Personalidade, Alma e Espírito (além da consciência divina ou Logóica). Mas os toltecas modernos, na verdade, parecem ater-se realmente aos centros.

Vejamos então.

1ª Atenção: "Consciência Instintiva". Trata-se do campo das *alternativas* humanas, aquilo que somos capazes de escolher como pessoas. É chamada "instintiva" devido a seu caráter materialmente utilitário. Complexa e frágil, está ligada ao mundo cotidiano, envolvendo tudo o que se pode pensar. Trata com o campo do *conhecido* e está focalizada no lado direito do cérebro e do casulo áurico, na forma de um brilho especial fixado em sua superfície. Pode ser definida como *consciência mineral*, porque trata dos elementos básicos e estáticos da percepção. A primeira atenção é a "atenção do tonal", relacionada ao mundo cotidiano e constitui o nosso "primeiro círculo de poder", capaz de dar ordem à percepção de todo o dia (cf. Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 200). A chave para disciplinar esta atenção é a *arte da espreita*. Está associado com o *nadi* ou corrente sutil chamado *Ida* na fisiologia yoga, associada ao que a psicologia moderna denomina "consciente".

2ª Atenção. "Consciência Intensificada". Também chama de "sonhar acordado", trata-se do campo das *possibilidades* humanas, aquilo que temos capacidade de atingir. Pode ser denominada como *consciência vegetativa*, e sua utilização requer muita disciplina e concentração. Suas energias se apresentam de forma fragmentada, de modo que os antigos videntes, ao procurar estimular suas emanções (*chakras*) interiores isoladamente, ficaram aprisionados no "pântano" da segunda atenção. Trata com o campo do *desconhecido* e está focalizada no lado esquerdo do cérebro e do casulo áurico, associado com o *nadi* ou corrente sutil chamado *Pingala* no yoga. Relacionada ao que a psicologia denomina "subconsciente", trata-se da "atenção do nagual", relacionada ao mundo não-comum e que representa o nosso "segundo círculo de poder", capaz de dar ordem ao mundo não-comum (cf. Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 200). A chave inicial para dominar esta atenção está em *contemplar* visando aquietar os pensamentos ou "parar o mundo", o que deve ser desenvolvido pela *arte de sonhar* (Castañeda, *op. cit.*, pg. 214-5). Como a consciência é cumulativa, os videntes consideram que esta atenção reúne as duas atenções numa única unidade, que é a totalidade do ser" (Castañeda, *op. cit.*, pg. 213). Também se diz que "perder a forma humana é o requisito necessário para unificar as duas atenções", mas é igualmente um atributo da terceira atenção. A ritualística costuma ser usada para fomentar este nível: "...o meio mais seguro de dar uma tacada direta na segunda atenção era através de atos rituais, cantos monótono, movimentos repetitivos e complexos" (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 199).

3ª Atenção. "Consciência Total". Os novos videntes não dão ênfase excessiva na composição das atenções anteriores porque seu verdadeiro propósito é "quebrar as duas primeiras tendências perceptivas a fim de entrar na terceira atenção." (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 262), uma forma de consciência que funde a consciência animal e a consciência propriamente humana, requerendo já uma luz superior. Nesta modalidade o brilho da consciência se transforma em *fogo interior*. Os antigos videntes selecionavam as faixas de emanções da Águia e se tornaram obcecados por suas energias. "Os novos videntes corrigiram esse erro. Deixaram o domínio da consciência desenvolver-se no sentido de seu fim natural, que é o de estender o brilho da consciência além dos limites do casulo luminoso em uma única pulsação. (...) A terceira atenção é atingida quando o brilho da consciência se transforma em fogo interior: o brilho que acende não uma faixa de cada vez, mas todas as emanções da Águia no interior do casulo do homem" (Castañeda, *O Fogo Interior*, pg. 73). Trata com o campo do *incognoscível* e está focalizada no interior do casulo áurico, relacionado ao *nadi* central chamado *Sushumna* no yoga. Está associada ao que a psicologia denomina "inconsciente". A chave para administrar esta atenção é o *ver*. A terceira atenção se ocupa das emanções livres da Águia; "é uma consciência incomensurável que envolve aspectos indefiníveis dos conhecimentos dos corpos físico e luminoso" (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 20)

Cabe comentar, inicialmente, que as atitudes dos novos videntes em relação às emanções internas é a mesma do yoguismo moderno, que não recomenda trabalhar diretamente com os centros inferiores, porque foram desenvolvidos em raças precedentes e toda a manipulação sobre eles resultaria no desequilíbrio. Libera porém o trabalho com os centros superiores.

É claro que, apesar de a nova raça estar ao nível dos centros superiores, todos devem fazer uma *recapitulação* e iniciar do começo.

A forma *indireta* de trabalhar com os centros "antigos", visando redespertar suas energias, é atuando em seus universos ou ambientes, éticos, artísticos, sociais, hierárquicos, etc.

Os *chakras* atuam em diversos níveis. Trabalhando fisicamente, por exemplo, podemos despertar integralmente o primeiro nível, mas apenas parcialmente os restantes.

Podemos deduzir que as três atenções estão associadas às próprias emanções: as internas, as externas e ao seu intercâmbio. O *incognoscível* é o equilíbrio e o pós-racional.

Recordamos que em *O Presente da Águia*, Silvio Manuel apresenta a Castañeda e La Gorda uma série de três exercícios para conduzi-los diretamente à "segunda atenção". Consistia em trabalhar com os sentidos (ou com a *ausência* deles), privando os guerreiros ora de um e ora de outro sentido. Primeiro, colocou-os numa caixa fechada para bloquear a visão e a mente. Depois os fez rolar no chão sobre o lado esquerdo para trabalhar a audição e a rotina. E por fim suspendeu-os numa árvore para anular o tato e o psiquismo. Assim, as três etapas estão relacionadas aos três graus: físico, emocional e mental.

Poderíamos quicá aventar em uma "4ª Atenção" relacionada ao que "não pode ser conhecido" e à supraconsciência. Esta divisão de certo modo se funde à terceira na filosofia dos videntes telúricos.

I. A Busca da Iluminação

A idéia de acender simultaneamente todas as emanções internas é muito conhecida na Tradição e, como declara o próprio Don Juan, corresponde à *iluminação*. O casulo luminoso dos videntes é semelhante ao ovo áurico, ao *atanor* dos alquimistas e ao corpo causal dos teósofos. Diz-se

em esoterismo que na quarta iniciação tal corpo é *destruído*, e que no entanto permanece (Bailey, *Tratado sobre Fogo Cósmico*). Isto significa apenas que suas estruturas internas são *eclipsadas* pelas energias que brotam no seu interior, no momento em que as emanções da Águia se fundem em definitivo com as do próprio vidente, através da ascensão da *Kundalini*.

"O estado de consciência total é visto como uma incandescência no ovo luminoso inteiro. É uma explosão de luz de tal magnitude que os limites da concha ficam difusos e as emanções do interior estendem-se além de qualquer coisa imaginável" (Castañeda, *O Fogo Interior*, Cap. 7) .

Também é dito que esta luz é como a do Sol, porque "somos parte do Sol" (Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 103). Os guerreiros procuram por isto cultivar as energias solares:

"A luz do sol é puro poder. Afinal de contas, é a concentração energética máxima que existe." (em *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 133, Taisha Abelar)

Normalmente, o vidente vê isto como serpentes de luz subindo enroscadas por sua coluna vertebral, tal como no caduceu de Mercúrio. As duas serpentes são as emanções externas e internas do casulo luminoso, a parte da Águia e a parte do Homem.

Na verdade, esta conquista, que resulta em irradiação de energia para fora do casulo, costuma ser associada a um *quarto estágio*, que é do elemento fogo:

"Os guerreiro que alcançam deliberadamente a consciência total são algo digno de contemplar. Esse é o momento em que ardem por dentro. O fogo interno os consome. E em plena consciência, se fundem com o conjunto das emanções da Águia e se deslizam para a eternidade" (*La Rueda del Tiempo*, pg. 264).

Mas esta condição apenas se pode postular através de uma perfeita recapitulação técnica e consciencial dos passos anteriores. Sabemos que o nagual necessita de tempo para fazer o seu realinhamento:

"O grande teste que os novos videntes desenvolveram para os seus aprendizes é reconstituir a trajetória seguida por seus pontos de aglutinação sob a influência do nagual. Ao completar-se, esta reconstituição é chamada de reconquista da totalidade de si mesmo." (*Fogo Interior*, Cap. 7)

Mais ainda, este ciclo não pode ser adiantado:

"...a forma do ovo luminoso é um casulo externo, uma casca de luminosidade que encerra um núcleo muito intrigante, formado de círculos concêntricos (...) A casca deve ser quebrada a fim de liberar o ser. Deve ser quebrada de dentro para fora no tempo certo, como as criaturas que saem do ovo quebram as cascas. Se não quebrarem, ficam sufocadas e morrem". (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 177)

Cada "camada" é um corpo sutil do homem, quiçá com seus subplanos. Por fora existe uma camada mais densa relacionada à consciência material, a "casca" dos condicionamentos humanos. Romper esta "casca" é o que deveríamos tratar como o domínio das Terceira e Quarta Atenções. No caso, a terceiro grau prepara o alinhamento e aperfeiçoa a forma humana. E o quarto grau consolida o alinhamento destruindo a forma.

"Don Juan falou que perder a forma humana era o único meio de quebrar aquela casca, o único meio de libertar o núcleo da consciência." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 177)

O trabalho inicial atua diretamente com energias de síntese, e a condição de *vidente* está adequado ao terceiro grau. Mas o alinhamento perfeito, quando resulta na combustão interna conduzindo à "totalidade de si mesmo", representa já o domínio da quarta iniciação.

O inventário recente dos novos videntes incluía atavismos culturais, inspirados por um pragmatismo extremado (por vezes até verdadeiras artes luciféricas, em parte isto foi

influência do *Inquilino*). Sabiam porém que a recusa inicial dos conhecimentos dos antigos videntes lhes acarretava certos prejuízos teóricos e técnicos.

Mas sabiam eles, por exemplo, que para a hierarquia árya já era possível e *necessário* mais do que "simplesmente" iluminar-se, que seus mestres podiam aspirar pela permanência na Terra, um caminho que já se abrira na História mundial, como demonstrou a própria hierarquia de Quetzalcóatl? O Budismo ilustra bem estas distintas possibilidades através de suas principais correntes. A Escola Hinayana (ou o "Pequeno Caminho"), aspira apenas pela iluminação ou pela liberação individual dos *Arhats*. Já a Escola Mahayana (ou o "Grande Caminho") aspira pelo serviço terreno de salvação dos *Bodhisatwas*. Com tal amplitude de visão, esta última abria os horizontes para a permanência na Terra dos iluminados, pois esta perspectiva vai muito além dos limites da consciência individual, permitindo participar diretamente da *consciência cósmica*, imortal e divina, garantindo assim maiores frutos.

Apenas por desconhecerem esta possibilidade é que o incognoscível era para eles uma barreira intransponível. Meramente elaborara a possibilidade de alcançar isto ainda em vida, o que representava uma antiga conquista atlante. Se o homem consegue iluminar-se enfrentando o incognoscível em vida, ele passa a integrar as emanções livres da Águia, permanecendo e escapando de ser consumido.

"A realização suprema dos seres humanos é atingir aquele nível de atenção enquanto retém a força da vida, antes de se tornarem uma consciência desencarnada movendo-se como uma cintilação de luz na direção do bico da Águia para ser devorada." (Castañeda, *O Fogo Interior*, Cap. 5.)

Capítulo 5

Os Mistérios do Tempo

A iniciação atlante e o xamanismo em geral tinham um vínculo muito definido com a questão da *temporalidade*, e todos os seus esforços se dirigiam em última análise à resolução dos dilemas das origens, dos recursos disponíveis e da destinação última do ser humano.

Somente após solucionada esta questão através da estabilização do *ser* –isto é, a aquisição da eternidade– é que as questões espaciais, históricas ou geográficas poderiam passar a ter um sentido revelante. De nada importava conquistar espaços se não se podia garantir a capacidade administrativa e de usufruto permanente. "Buscai primeiro o reino de Deus e todas as coisas vos serão acrescentadas."

Em *La Rueda del Tiempo*, Castañeda define a forma que toma o tempo para os videntes:

"Para os chamãs do antigo México, o tempo era assim algo como um pensamento; um pensamento pensado por algo de tal magnitude que ultrapassava toda a compreensão. Sua conclusão lógica era que o homem, sendo parte deste pensamento pensado por forças inconcebíveis para a sua mente, todavia retinha uma pequena porcentagem deste pensamento; uma porcentagem que podia ser redimida sob determinadas circunstâncias de extraordinária disciplina." (pg. 16)

O grande "Pensador" cósmico seria definido como *a Águia*, da qual emanam as energias do universo enquanto centro e pivô do cosmos, e ao qual tudo se dirige ao final. Ao homem, como criatura especial, foram dadas oportunidades especiais de permanecer eternamente vivo. A isto se denomina como a *Dádiva da Águia* (ver também em *A Serpente Emplumada*).

a. A Roda do Tempo

O conjunto das energias cósmicas é denominada pelos toltecas de "roda do tempo", *kalachakra* em sânscrito, palavra que define as formas de Astrologias do Oriente, com seus ritos, mitos e símbolos próprios.

Na Astrologia Esotérica a constelação da Águia está associada às origens cósmicas (ver *Revista Órion de Ciência Astrológica*, nº 6). A fabulosa "Pedra do Sol" nahuatl, que contém a súplica da Astrologia meso-americana, é chamada de *Casa da Águia (Cuahxicalli)*. Trata-se de mais uma autêntica tradição tolteca preservada pelos videntes mexicanos.

Os videntes tratam no entanto tudo isto desde um ponto de vista estritamente prático. Para os antigos o conhecimento era algo que devia ser vivido. Tratar de temas abstratamente era "tomar o nome de Deus em vão" e profanar as altar verdades.

Os videntes procuram daí *mover a roda do tempo* e ensinam que isto "não se refere ao tempo medido em relógio, mas à própria *essência da atenção*, pois as emanções da Águia são feitas de tempo; e, propriamente, quando se entra em qualquer aspecto do outro eu, trava-se o conhecimento com o tempo." (*O Presente da Águia*, pg. 242). Tempo é, enfim, apenas *energia qualificada*.

Neste sentido, o Budismo também fala de "mover a roda do dharma" (*chakravarti*), que significa fazer avançar a lei espiritual, dinamizando-a e renovando-a. Inúmeras tradições apresentam o cosmos como roda. Uma delas é o *Bhavachakra* tibetano, que significa "roda da vida" ou "círculo de influências". O próprio Zodíaco (*Rasi-Chakra*) é uma expressão desta realidade, e as várias *mandalas* possuem este propósito.

"Mover a roda do tempo" significa pois alcançar outras focalizações de energia:

"A roda do tempo é um estado de elevada conscientização, parte do outro eu, e que pode ser descrita como um túnel de comprimento e largura infinitos, com sulcos de reflexão. Cada sulco é infinito, e há um número infinito deles. A *vontade* pertence à roda do tempo, e o objetivo final de um guerreiro é aprender a focalizá-la na roda do tempo a fim de fazê-la girar. Os guerreiros que conseguem girar a roda do tempo podem olhar para dentro do sulco e tirar dele tudo o que desejarem. Ficar preso obrigatoriamente num sulco de tempo implica ver as imagens daquele sulco só quando elas retrocedem. Estar livre da força feiticeira destes sulcos significa poder-se olhar nas duas direções, nas das imagens que retrocedem e das imagens que se aproximam." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 242)

Castañeda descreve portanto aqui o *fluxo da criação*, polarizado entre Criador e Criatura, ativo e passivo. Segundo ele, o "homem comum vê apenas o tempo que passou, mas os guerreiros aprendem a ver o tempo que se aproxima" (Castañeda, *op. cit.*, pg. 233). Assim, "...o desafio de um guerreiro é chegar a um equilíbrio muito sutil das forças positivas e negativas." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 243).

Isto significa posicionar-se num ritmo criativo ou numa nova situação de poder, que o coloca ao fim numa posição central na qual ele também pode *deter* a roda do tempo, isto é, o fluxo da causalidade cármica, sendo capaz de equilibrar-se entre a inércia e a compulsividade, passado e futuro, o que já caracteriza a *terceira atenção* e a arte do *intento*.

Castañeda teria recebido do *Inquilino* um dom especial neste plano: o dom de "se movimentar para trás e para frente no aqui e agora da energia do universo", também chamado de "as asas do intento" (Castañeda, *O Poder do Silêncio*, pgs. 274 ss.).

"Um guerreiro fluído não pode mais tornar o mundo cronológico. Ele é um ser luminoso existindo num mundo luminoso", diz Don Juan em *Porta para o Infinito*, pg. 47.

b. O Tempo Mítico

A verdadeira consciência habita um tempo mítico no qual prevalecem os ideais. O tempo mítico tem a capacidade de evocar os arquétipos da realidade. Quase diríamos que ele nos aproxima do futuro, se não soubéssemos que, na verdade, os arquétipos existem num "tempo eterno". Estes arquétipos podem ser acessados quando 3/4 de sua energia se encontra preenchida.

Sob estados de consciência intensificados, o estranhamento (ou o *alheamento* no dizer de Fernando Pessoa) aumenta na mesma medida dos artifícios dos objetos e das atitudes. Pode-se por isto achar muita graça em coisas como automóveis e edifícios, por exemplo, assim como de comportamentos desequilibrados.

Levando este estado a um grau maior, pode ser possível entrar numa outra realidade na qual inexistam de todo estes artificios, e até abstraí-los magicamente. Numa passagem em *Viagem a Ixtlan* (Capítulo 18 e 19), os mestres de Castañeda fazem simplesmente "desaparecer" o seu carro. Depois esclarecem como fizeram isto:

"Genaro não tirou seu carro do mundo dos homens comuns no outro dia. Simplesmente obrigou você a olhar para o mundo como os feiticeiros olham, e seu carro não estava naquele mundo. Genaro queria abrandar a sua certeza."

As bizarras invenções humanas inexistem no mundo divino, até porque lá as soluções para as necessidades humanas passam por outras esferas. Trata-se do mesmo mundo em que vivemos, porém em sua *descrição original*.

Não pretendemos supor que este "mundo arquetípico" tenha apenas perfeições. O que pode ocorrer é que, naquele mundo, seja mais fácil a pessoa eliminar as imperfeições, que de certa forma não tem existência moral ali, por assim dizer.

Esta é a grande "magia" do estado de consciência superior, capaz de neutralizar as energias negativas e suprir as suas deficiências. É o poder "alquímico" que tem os mestres e que os antigos diziam terem os reis.

c. A Construção da Eternidade

Tudo existe de uma forma relativa, e é apenas assim que o Tempo é verdadeiro.

O Passado deixa suas marcas através das obras e do carma.

O Futuro se constrói através do plano existente para cada coisa e sobre o mesmo carma do passado.

O presente é o tempo da consciência, aquele no qual podemos aplicar a sabedoria, empregando a experiência do passado e semeando melhores condições no futuro.

Assim também os mistérios da temporalidade se resumem ao *ternário*, embora reunidos no *quaternário* (e que já remete ao espaço). O tempo em si apresenta três níveis: passado, presente e futuro. O presente é obviamente o ponto de equilíbrio, a ponte entre o *tonal* e o *nagual*. É somente nele que a consciência emerge como tal através do encontro e da harmonia das energias opostas, associadas a passado e futuro.

A manipulação do tempo é essencial no treinamento neo-xamanístico. O feiticeiro o estica e comprime à vontade, e sobretudo trata de *anulá-lo* (cf. Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 241). Os estados de consciência alterados podem relativizar ao extremo o tempo. A intensidade permite viver mais, porém faz sentir menos a passagem.

Don Juan afirma que o feiticeiro sequer trabalha em termos de dias, mas de *horas*. Esta é uma das implicações do rompimento da rotina.

O fato de poder ser o tempo tão estupendamente manobrado já na segunda iniciação, é porque o tempo *presente* ("aqui-e-agora") pode ser visto como de *segundo grau* em termos finais. Ainda que surja ao cabo de um processo ternário, trata-se de algo central. Isto faz parte da magia do tempo.

Este estágio *central* resulta na consciência intensificada, a qual tem entre suas principais funções romper com a linearidade passado-futuro, gerando em seu lugar um ritmo circular ou, antes, *espiral*. É dilatando este estado central que o feiticeiro abrange os opostos até conquistar o estado *eterno* no quarto grau. A eternidade é o "tempo do *nagual*", um tempo plástico que pode ser dilatado internamente. É o Grande Vazio plenificado, o Dragão cósmico, o centro

absoluto ou o "centro do centro", o "santo dos santos" (hebreus) e o "núcleo do núcleo" (Ibn Arabi).

Como a mulher-nagual Carol Tiggs afirma: "Não existe passado nem futuro no universo. Só existe o momento. (...) No universo só existe energia, e esta energia só tem um aqui e agora, um aqui e agora infinito e eternamente presente." (Castañeda, *A Arte de Sonhar*, pg. 273)

Don Juan oferece esta "frase de poder":

"Sabe que este momento pode ser a eternidade? Isto não é uma charada; é um fato, mas somente se voce agarrar esse momento, utilizando-o para levar a totalidade de voce em qualquer direção, para sempre" (*Porta para o Infinito*, pg. 16).

Tudo isto corresponde à três modalidades de *temporalidade*.

O tempo que se limita à dualidade entre passado e futuro denomina-se *tempo linear*. É o tempo profano, instintivo, compulsivo e inconsciente.

O tempo auto-centrado no presente denomina-se *tempo central*. É o tempo sagrado, cultural e reflexivo da consciência.

E o tempo que ascende como um vórtice ou espiral denomina-se *tempo polar*. É o tempo divino e transcendente da supraconsciência.

A partir disto podemos refazer a formulação dos videntes para obter maior clareza. O "tempo linear" também pode ser chamado *tempo circular* ou periférico. Centralizá-lo seria a tarefa do guerreiro, e isto corresponde a fazer a roda do tempo *parar de girar*. Desde o centro podemos observar as linhas de energia que chegam e parte em todas as direções. E a partir do momento em que temos poder sobre os opostos desde esta posição central, a síntese inicia a ser realizada gerando energia ascendente.

Estas linhas são exatamente como os "sulcos de extensão infinita" de que fala don Juan. Eventualmente podemos até *quantificar* o seu número e dispor suas posições, assim como definir suas cores e conhecer as entidades que ali residem em todos os seus níveis. Naturalmente, isto já representará uma completa *ordenação ou hierarquização do espaço* (tema tratado em *O Espelho de Obsidiana*, volume III desta série).

Com o grupo ternário temos o primeiro resultado importante, chamado *alinhamento de consciência* ou da Personalidade. Este triângulo é o *instrumento* para todos os trabalhos espirituais, e é preciso obtê-lo. A *mente* é o veículo do Raio e é apenas a partir do quarto grau que obtemos uma síntese setenária parcial.

Trata-se de uma conquista árya e todos os expoentes raciais devem hoje possuí-lo. No esoterismo, se diz que esta conquista pertence ao quadro da *iniciação solar*. Tal coisa apenas pode ser obtida através da Agni Yoga, a Ioga do Fogo, que vai além do "Eu Superior". Também ultrapassa a *bodhicita*, a "mente-compassiva" que centraliza as aspirações do Budismo Mahayana, assim como a mente tranqüila do Zen (Raja Yoga), que apresenta por sua vez um espelho fiel da realidade, gerando o ambiente no qual se pode gerar uma energia superior. Como se diz, o espelho de água reflete o céu. Mas a síntese funde ativamente todas as coisas. Trata-se do plano do *intento*, que vai muito além do diálogo interno e da contemplação. É o estágio do poder real, com mobilidade e liberdade.

Com isto temos a manifestação de uma força maior, quando a concentração de energias chega a irradiar. Com a iluminação alcançamos a atemporalidade, porque traz consigo energias eternas e incriadas.

Este esquema corresponde a vários símbolos sagrados, como o da Cruz Ansata, onde o braço inferior representa o presente e o círculo a luz superior eterna. Tudo isto pode ser também simbolizado por um triângulo centrado.



O triângulo é comumente simbolizado pela montanha ou pela pirâmide, em cujo interior ficavam as grutas ou as criptas de Iniciação, onde eram sepultados os prepostos à ressurreição. A posição interior denomina-se na ioga nahuatl *Tepeyollotl*, "coração da montanha", nome do deus do fogo comumente disposto no interior das mandalas e calendários.

Uma vez que se obtém o conceito de *Tempo Sagrado* (Eternidade), então a humanidade pode começar a viver uma realidade transcendente. Isto representará a conquista da nova raça, polarizada no quarto grau. Os toltecas recentes tendem a identificar o plano de trabalhos a quatro etapas, culminando no quarto elemento, o fogo. Quando o fogo interno consome os guerreiros, eles "se fundem com o conjunto das emanações da Águia e se deslizam para a eternidade" (*La Rueda del Tiempo*, pg. 264).

O grande propósito desta etapa é pois a *eternidade*. As características de cada estágio são as seguintes:

1º grau: Resolução dos impulsos instintivos; Passado; Reino Mineral; Saturno

2º grau: Resolução dos impulsos projetivos; Futuro; Reino Vegetal; Júpiter

3º grau: Neutralização dos impulsos contrários; Presente; Reino Animal; Marte

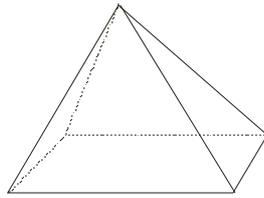
4º grau: Irradiação centralizante; Eternidade; Reino Humano; Vênus

Deste modo, a resolução da questão temporal soluciona praticamente toda a problemática humana, que se resume a manter a chama de consciência com a qual veio ao mundo, alcançando a libertação dos limites da temporalidade, que se expressam no prazo vital que tem o indivíduo para realizar a sua meta evolutiva básica. O nível de informações disponíveis, a quantidade de energia e a qualidade da assistência espiritual interferem no padrão cronológico de evolução. Se o tempo-energia é aproveitado ao máximo, então torna-se impossível adquirir "nesta mesma vida" a iluminação. As raríssimas oportunidades surgem apenas sob um enquadramento dramático e puramente ascético. Quase sempre, a única forma de "dilatarse" o tempo é "subindo nos ombros" daqueles que tem já conquistado isto, possuindo o conhecimento e a energia necessária.

É preciso libertar-se *do* triângulo e *no* triângulo, que é a unidade deste ciclo, pois o quarto estágio já integra um padrão de energias de natureza sagrada. O triângulo é a primeira forma do universo. A expressão "Iniciação grupal" que tem início neste ciclo racial, também representa a instrumentalização da unidade formada no 3º grau.

E esta unidade pode ser projetada através do tempo e suas quatro dimensões, fornecendo 12 possibilidades evolutivas. É isto que determina a base de muitos calendários, cujo propósito último é o equilíbrio e a transcendência das dualidades temporais.

O símbolo tridimensional resultante é a pirâmide, cuja forma é a metade do *octaedro* (sólido regular de oito lados). O ápice da pirâmide é o ponto de confluências e representa a *quintessência*.



Se mantemos as três etapas consciências estritas podemos adotar o tetraedro (quatro lados). E se distribuirmos os quatro elementos centralizando-os teremos um núcleo quintessencial que evoca um sólido que emprega triângulos: o icosaedro (20 lados), associado aos três graus elementares. A soma totaliza 32, um número sagrado de totalidade.

O tempo que se limita à dualidade entre passado e futuro denomina-se *tempo linear*. É o tempo instintivo, compulsivo e inconsciente, de natureza lunar.

Além dele temos o tempo circular ou cíclico, que é ternário, associado ao presente. É o tempo reflexivo e central ou solar.

E o tempo mítico é o além-tempo ou o tempo eterno, de natureza quadridimensional, irradiante e polar.

Capítulo 6

Os Calendários Sagrados

Os Calendários nasceram como uma forma de demarcar os *ciclos de tempo*, a partir dos registros da Ciência Astrológica e da Astronomia. E os povos meso-americanos estiveram entre aqueles que mais soberbamente desenvolveram e aplicaram tais preceitos.

Mas o calendário não é apenas um quadro cronológico funcional. Ele serve para organizar o ritmo da existência e até para conduzir o homem para além do tempo comum. Daí que o tempo registrado nos calendários atuais, construídos na Antiguidade, representam mais que um aspecto linear, mas também *cíclico*. Seu propósito é também o de permitir que o ser humano possa integrar-se a um Plano maior, representado pelo Centro.

Os modernos não compreendem a dimensão destes fatos porque suas existências não se encontram programadas sobre tais estruturas. Empregam o tempo sem consciência do ritmo e das etapas construtivas da evolução. Assim, um dia é igual ao outro, a não ser o feriado, que é um repouso sem maior transcendência.

O contexto extremo-ocidental é extremamente fecundo para analisar tais questões, e os pré-colombianos deram mostras soberbas de seu domínio sobre estas ciências. Seus calendários mostravam como nenhum outro o caráter cíclico e *mandálico* (centralizado) do tempo sagrado.

A implantação de um calendário representa tradicionalmente bem mais que uma simples convenção utilitária. Ela obedece a uma fundação espiritual definida, determinada pela chegada de uma encarnação divina que transforma as energias do mundo e determina realmente um novo padrão energético. É este tempo sagrado que os calendários tradicionais buscam pois registrar e regular, mantendo em torno da figura divina a evolução do mundo e dos homens como planetas em torno de um Sol.

A organização espacial das cidades-estados sagradas, com setores bem definidos, representa o contraponto geográfico destes esquemas astrológicos, servindo como o ambiente ideal para a aplicação cotidiana destes ritmos temporais (ver sobre isto no Volume III desta série, *O Espelho de Obsidiana*).

Por sua natureza feminina, a energia do Extremo-Occidente está particularmente relacionada ao fator-*tempo*. Na seqüência vamos analisar vários aspectos envolvidos na ciência calendárica, trazendo uma síntese da função dos calendários, além de demonstrar a globalidade da abordagem pré-colombiana e ainda revelar novos calendários que reúnem elementos de esquemas anteriores do Ocidente e do Oriente e reciclam as energias nos termos hoje necessários à humanidade.

a. As Funções dos Calendários

Os Calendários apresentam várias funções, e cada um deles também se adequa a um fim específico. Assim, *existe um Calendário para cada nível do cosmos*, da mesma forma que para cada grande centro planetário: Humanidade, Hierarquia e Shambala.

Ao lado disto, os Calendários mais importantes em cada ciclo humano são no mesmo número dos *graus raciais*, tal como acontece com o número de pirâmides (os 12 ângulos das pirâmides simbolizam os signos zodiacais) e templos que se costumam edificar juntos tendo em vista o culto a todos os planos ativos

Por isto cada ciclo racial tem as suas próprias estruturas e a forma de organizar tais ciências deve ser reformulada para cada raça. A *restauração* das Ciências Antigas é sempre útil e instrutivo, mas também devemos estar atentos para o novo, ou seja, para a sua *renovação*.

Atualmente ocorre a manifestação da Quarta Grande Rama de Shambala, através do Templo de Albion. A sequência geral é a seguinte:

1. Templo de Shambala Lemúria
2. Templo de Ibez Atlântida
3. Templo de Agartha Aryavartha
4. Templo de Albion Américas

Assim, a raça lemuriana teve um calendário e uma pirâmide ("Solar"); a raça atlante teve dois calendários e duas pirâmides ("Solar e Lunar"); a raça árya teve três calendários e três pirâmides ("Solar, Lunar e Mercurial"); e a raça americana terá quatro calendários e quatro pirâmides ("Solar, Lunar, Mercurial e Venusiano").

O Calendário Solar lemuriano está relacionado ao advento da Hierarquia naquela Raça-Raiz. Sua influência despertou a semente da ordem cósmica no planeta, e o Sol *cultural* vislumbrado através do Calendário era a própria divindade. Este sempre foi portanto o grande Calendário Hierárquico, revelando o poder da *Águia* e do *Jaguar*.

A Raça Atlante marcou o surgimento da Humanidade como tal, e isto aconteceu *sob o signo da Lua* (Era de Câncer). O Calendário Lunar, acrescentado ao Solar, representa a forma de *regular os ciclos humanos*. E este sempre foi o grande Calendário da Humanidade, estando cosmicamente relacionado às Pleiades.

Depois, na Raça Árya, os sábios procuraram elaborar um terceiro calendário que reunisse os restantes. E o novo calendário surgiu sob a luz da Estrela Sírio, "relacionada com todas as religiões da Antiguidade" (H. P. Blavatsky) e o equivalente cósmico de Mercúrio, o grande planeta racial áryo. Este Calendário-de-síntese foi chamado *Tzolkin* entre os maias, sendo de origem oriental e expressando uma síntese maravilhosa de ciclos, associando praticamente todas as esferas.

E hoje, na Raça Americana, surge a influência de Vênus, cosmicamente relacionada à Ursa Maior. Devido à posição da nova raça, ela deve reunir quatro Calendários fundamentais. Alternativamente, isto pode ser realizado *aos pares*. E neste caso devemos suscitar antes de tudo certas *analogias* existentes com os ciclos do Sol e a Lua, que são aquelas obtidas através dos ciclos de Júpiter e de Saturno, planetas que formam um par clássico na Astrologia, mais ou menos como o Sol e a Lua (nota-se que, no Zodíaco, estas esferas se encontram situados nos mesmos eixos, representando *polos de expressão*). A pertinência desta medida é completa uma vez que Júpiter rege a Nova Raça-Raiz e Saturno rege a Nova Era, Aquário. Os antigos sempre

deram grande valor aos números *fractais*, isto é, os valores proporcionais e análogos, uma vez que o maior se reflete no menor e vice-versa. A Ciência Calendária está baseada nestes princípios, e é a isto que faz referência os grupos acima reunidos.

b. A Pedra do Sol

As Ciências do Tempo foram sempre uma das mais nobres artes empreendidas pelo homem. Os Antigos, em especial, tiveram especial predileção por desenvolver complexas considerações sobre o tema. Pese a escassez de recursos disponíveis, seus calendários eram fabulosos e ainda hoje oferecem enigmas.

Estudando a Astrologia e a Ciência calendária dos pré-colombianos, observamos que eles possuíam vários calendários, alguns deles ainda não decifrados ou sequer detectados. Em nossa obra *O Livro dos Códices*, analisamos vários destes esquemas e demonstramos a variedade de ciclos com que trabalhavam.

Tais calendários tratavam de codificar as energias de todos os níveis cósmicos, e são num total de dez estes níveis, divididos em planos humanos e divinos.

Cabe destacar assim a habilidade e a exímia ciência dos povos pré-colombianos, cujos múltiplos calendários foram reunidos na magnífica "Pedra do Sol" encontrada no *Teocalli*, o grande templo asteca. O estudo dos calendários pode ser cabalmente realizado através desta escultura, mandada construir pelo rei-sábio asteca Tizoc. Reúne 10 Calendários que integram o grupo de ciclos completos com que trabalhavam.

Tem sido assim chamada hoje porque a sua figura central é o Sol (*Tonatiuh*), cujo valor numérico é 10. Na verdade, este esquema chama-se "Casa da Águia" (*Cuahxicalli*), evocando assim à estrela da Águia (Vega), sempre associada às Origens e nome do divindade entre os pré-colombianos. O sistema *Kalachakra* tibetano, emanado de *Shambala*, trata igualmente deste conjunto de astrologias.

Atualmente todos este conhecimento se encontram recuperados, inclusive com o auxílio destas heranças ancestrais. Reunimos a seguir estes dez calendários, divididos em dois grupos: o *grupo sistêmico* (energias individuais ou humanas) e o *grupo cósmico* (energias coletivas ou divinas), e atuam como as suas mãos de Deus, ou duas suásticas girando em direções opostas, ou as duas garras de águia que ladeam Tonatiuh na "Pedra do Sol".

Suas naturezas é a seguinte:

Grupo de Calendários Sistêmicos

- a. Calendário Saturnino: profano 1° grau 28 anos
- b. Calendário Joviano: místico 2° grau 12 anos
- c. Calendário Lunar: sagrado 3° grau 364 dias
- d. Calendário Solar: divino 4° grau 360 dias
- e. Calendário Venusiano: cósmico 5° grau 260 dias

Total: 42 anos ou 500 lunações (Ciclo Crístico)

Vê-se assim que a soma de seus ciclos básicos totaliza 42 anos, que é o ciclo de formação do Microcosmos e a Idade do Cristo nas profecias (Apocalipse 11). Como corresponde à 500 lunações, trata-se do *Ciclo da Fênix* no âmbito do Microcosmos.

Grupo de Calendários Cósmicos

- a. Calendário Pleidiano (Plêiades) 6° grau 2.000 anos
- b. Calendário Oriano (Órion) 7° grau 8.000 anos
- c. Calendário Siríaco (Sirius) 8° grau 1.500 anos
- d. Calendário Arturiano (Ursa Maior) 9° grau 4.320 anos
- e. Calendário Draconiano (Vega) 10° grau 10.000 anos

Total: 26.000 anos (Ano Cósmico)

A soma de seus ciclos totaliza o Grande Ano de Platão, ou *Ano Cósmico*, com seus 26 mil anos.

Estes grupos estão subdivididos em sub-grupos. E existem vínculos definidos entre os vários calendários, dentro de cada grupo e sub-grupo, assim como com ciclos conjuntos (como o de Saturno/Júpiter). Exemplos de analogias matemáticas:

Nº 12: Sol, Jupiter, Lua, Pleiades, Vega.

Nº 20: Sol, Sirius, Vênus, Saturno/Júpiter, Vega

Nº 28: Lua, Saturno, Sol.

Tais analogias são chamadas *fractais* é são o que permitem conciliar vários calendários e planos, trazendo harmonia entre os mundos.

Todos estes conjuntos de calendários, associados a várias Astrologias e seus ciclos iniciáticos, estão sendo restaurados atualmente através do Plano de Shambala, através do qual se reimplantam as energia divinas na Terra. O grupo sistêmico é estudado em nossa obra *Terra 2001 – A Cúpula de Cristal*, e o grupo cósmico é estudado em *O Livro dos Portais – Plano de Shambala para o Final dos Tempos*.

Trata-se da manifestação da Hierarquia, através da chegada do novo Cristo ou Buda, no seio da nova *Raça Eleita*, reativando as novas energias planetárias e cósmicas.

Como este evento possui uma região determinada, os calendários também recebem esta mesma influência etnocêntrica, determinando padrões simbólicos próprios, vinculados com o ambiente local. Os signos, por exemplo, são arquétipos associados às *Estações*, e estas são distintas nos diferentes hemisférios do globo, sendo inclusive *opostas* como é sabido. Mas a região da Luz deve emanar harmonia, sincronicidade e verdade.

Não se pode desvincular as Ciências Sagradas. Assim, o Tempo Sagrado está associado ao Espaço Sagrado. Ou seja, a implantação de um calendário está necessariamente ligado à instauração de um Plano racial geograficamente definido (este tema é analisado no Volume III desta série).

c. O Calendário Lunar: *Cosmologia*

Apesar de contarem com princípios cosmológicos e ritualísticos perfeitos, os videntes toltecas das linhagens recentes não desenvolveram uma verdadeira Astrologia e nem preservaram os Calendários antigos. Na verdade, bem poucos povos indígenas do México seguiram usando estes Calendários até nossos dias, ainda que hoje já existam movimentos de revalorização destes Calendários, geralmente vinculados à mística da "Nova Era". A cultura superior da antiga América foi combatida até o final, e hoje, depois de ter se destruído quase todos os registros, muitos querem dizer que eles não tinham um alfabeto. Tratava-se todavia de um encerramento de ciclo.

O Calendário Lunar é um dos ciclos que os pré-colombianos trabalhavam, ainda que à época da Conquista ele estivesse em desuso.

Trata-se daquele calendário mais diretamente relacionado à esfera da humanidade e aos trabalhos xamanísticos. Trata dos processos *construtivos* do cosmos, sendo portanto o que trabalha com as esferas propriamente *temporais*.

A *construção da consciência* é realizada através dele, tendo como meta a dinamização do ciclo de Saturno.

Os parágrafos seguintes são extraídos de nossa obra *O Calendário da Nova Era – Nova Síntese da Ciência do Tempo*:

"O Calendário Lunar é um recurso tradicional usado por muitos povos na Antiguidade, estando na base das semanas de sete dias, relacionadas às fases da Lua. Possui uma função elementar na Civilização, sendo aplicado para regular os ritmos naturais e gerar um padrão de equilíbrio na natureza.

Existe uma analogia entre o ciclo de Saturno (29 anos) e o da Lua (29 dias). Como se tratam de *padrões harmônicos*, realizar os processos e ritmos do Calendário Lunar propicia as elevadas realizações iniciáticas obtidas no processo de Saturno. O Calendário Lunar está relacionado então a este processo oculto, razão pela qual a Lua vela Saturno/Urano na Astrologia Esotérica.

"É um padrão místico e ritualístico, que trabalha com o ritmo da vida natural, distinguindo dois dias para dedicar ao Sagrado.

"O Calendário Lunar é um padrão hierárquico, no sentido de que a semana evolui em etapas até culminar numa apoteose: o Domingo.

"O processo de Saturno inicia nas trevas absolutas, pois começa no nascimento físico. O trabalho é solitário e assim segue até o fim. Esta é também a grande característica do ciclo lunar. Nada é igual: existem as quatro fases em 29 dias, análogas às 4 iniciações que culminam o ciclo saturnino de 29 anos.

"Por isto este Calendário se presta tanto ao *Mandala*, tal como fizeram os pré-colombianos e como está planejado em nosso *Codex Aquarius*. Cada semana é como uma iniciação, uma grau espiritual, um elemento alquímico, uma direção espacial, etc."

De fato, toda a mandala é também um *calendário espacial*, que agrupa as direções em torno de um centro no qual situa-se o sagrado.

O novo Calendário Lunar é chamado "Calendário da Nova Era", devido à analogia astrológica existente entre os ciclos da Lua e de Saturno, sendo este último o regente clássico de Aquário.

Deste modo, torna-se possível assegurar que o Calendário Lunar representa um estágio místico que propicia os altos processos espirituais representados pelo ciclo de Saturno.

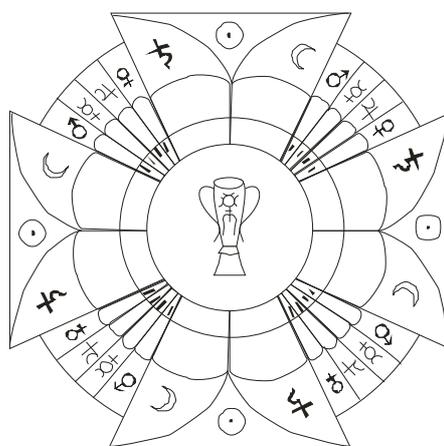
A humanidade deve pautar os seus ritmos através deste Calendário criativo, capaz de organizar o cosmos e conferir as energias necessárias à sua evolução.

Este Calendário é na verdade *sol-lunar*, como geralmente se faz, tratando de aproximar os dois luminares em seus ciclos semelhantes. Raramente os sábios fizeram uma distinção tão grande entre Calendário Lunar e Calendário Solar como os meso-americanos. Neste caso, o que realmente distinguiram foi o ciclo solar, pela opção *atlante* de empregar um mês solar de 20 dias, divididos em quatro semanas de cinco dias. O primeiro deles era um "dia fora do tempo" (associado aos signos "carregadores de anos"), restando assim 16 dias "profanos", número que corresponde ao do grupo completo do Nagual (ver adiante), e ao ritmo quaternário de trabalhos com os quatro elementos, tal como se necessita na Nova Era a nível *humano*. Na época atlante este padrão era útil a nível *hierárquico* e na época árya foi um padrão *universal* ou mediador.

Na época árya, a humanidade cultuava os Nove Senhores do Tempo e a hierarquia cultuava o Zodíaco de 13 escalões *duplos*, onde o 13º patamar era encimada pelo Senhor da Dualidade, *Ometéotl* ou *Hunab Ku*. O 26 era um de seus valores mais sagrados, assim como era entre os cabalistas do Oriente Médio.

O fato de associar-se um calendário a um astro ou planeta não significa que se adeqüe de forma absoluta os seus ciclos, tratando-se antes de harmonizar o tempo real com o tempo ideal, a partir da métrica de cada cultura. Os orientais *arredondaram* o mês lunar para 30 dias, solarizando-o, e os caldeus e os meso-americanos o *aquadradaram* para 28 dias, lunarizando-o. Em cada caso tem-se em mente um determinado propósito.

Vimos que o Calendário Lunar estava em desuso há muito tempo na época da Conquista Espanhola. Isto se devia em parte pela radical distinção realizada entre os dois Calendários básicos, dificultando o acompanhamento dos sábios. De resto, ele se encontrava de algum modo embutido no Calendário Universal, ou *Tzolkin*, preenchendo os ciclos quaternários mensais.



O Codex Aquarius

O Calendário da Nova Era está aparentado a muitos calendários tradicionais, representando uma síntese que reúne Ocidente e Oriente, além de restaurar, revelar e renovar preceitos.

Cabe destacar aqui que ele comporta 20 dias profanos e 8 dias sagrados ou místicos, distribuídos em 16 dias comuns e 12 dias sagrados ou místicos. Como além de um dia sagrado feriado, dois outros dias são meio-feriados (e portanto místicos), sua fórmula harmoniza as proporções 5:7 e 3:4.

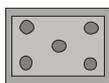
Estes 20 dias profanos acham-se distribuídos em forma de *mandala* como na fórmula do calendário pré-colombiano, tendo os 8 restantes como dias "fora-do-tempo" centralizando aos restantes.

Estes 16 dias profanos são como os 16 membros do grupo completo do Nagual (ver adiante), e podem ser associados a este trabalho grupal.

O mês pré-colombiano era de apenas 20 dias, e era também o 20 a sua base notacional. Ao que se saiba este é um registro único no mundo. Talvez os pré-colombianos estivessem desejando com isto reunir o 4 e o 5. Além dos eloqüentes "Nove Senhores do Tempo" de sua cosmologia, a fórmula 4×5 *processa* as energias atlantes antigas e as energias áryas vigentes.

É evidente que os pré-colombianos não tinham problemas em trabalhar com "ciclos dentro de ciclos", tendo em vista no caso os dois registros. Cada um tem a sua função no conjunto da evolução, e não significam exatamente a mesma coisa. Existem ainda outros ciclos que poderiam ser sobrepostos, e os Antigos trabalhavam com o inventário completo deles, razão pela qual detinham tantos Calendários e pesquisavam as estrelas procurando referências para eles, mesmo que simbólicas.

Depois que inventariavam estes ciclos eles também os reuniam. O *quinqüncio* que simboliza Vênus/Quetzalcóatl, representa a união do 4 e do 5, abaixo.



O próprio ciclo de 20 apenas pode ser multiplicado exatamente como 2×10 e 4×5 , sendo esta última a divisão do mês pré-colombiano em quatro semanas de 5 dias (eles também empregavam com menos exatidão o 3×7), fundamentando ainda ciclo maiores como o das Eras Zodiacais de 2.000 anos (4×500), em número de treze Eras no total.

Hoje em dia também podemos manter este padrão tendo em vista que o quaternário é um cânone atual em função das energias da Nova Raça-Raiz, e que o quinqüence está ainda vigente pelas energias áryas, além de represebtar o número *universal* da Nova Era e ainda prenunciar a Nova Ronda Cósmica.

Podemos da mesma forma selecionar neste calendário o 12 (total de 4 dias sagrados e 8 dias místicos), que representa o dobro do 6 da nova Hierarquia ou o seu número de *perfeição*.

d. A Astrologia na Nova Era

A Astrologia foi mais uma exímia elaboração da civilização árya, a raça *científica* por excelência, destinada a gerar o plano da *individualidade* humana.

Antes disto, a energia dual atlante induzira os homens à religião e ao sacerdócio. A devoção ao sagrado era a lei, e ao nível de uma hierarquia que estava sob o signo da cruz, o sentido de auto-sacrifício era a regra geral. Mas uma vez que o psiquismo racial estava estabelecido e estabilizado, estavam formadas as bases para uma futura síntese individual.

Assim, a tarefa da raça árya foi a de implantar os *cânones* da humanidade, de definir a individualidade humana e os arquétipos das personalidades dos homens. Daí a Astrologia e os seus signos que definem as particularidades humanas. A hierarquia sustentava a energia da revelação e iluminava a humanidade com os cânones da criação.

A energia ternária ou triangular daquela raça possibilitou o alinhamento da Personalidade ao nível dos *arquétipos raciais*. A Astrologia servia para representar estes cógigos individuais.

O triângulo representa uma unidade e uma síntese. Mas na prática, o sentido de síntese estava centalizado na figura do rei-divino, e era através da associação consciente com este

personagem e com a civilização que ele representava, que eram feitos os alinhamentos ternários individuais.

Na nova humanidade quaternária, estes padrões, estão bem sedimentados e a raça repleta de conhecimentos, inclusive gerando conflitos entre cânones na medida de suas amplas variáveis e condicionantes limitadas –por exemplo, a relação de raiz entre signo e estação, que o associa a um hemisfério definido. Num mundo unificado, fatos assim podem gerar conflitos, ainda que novamente a ciência espiritual possa dirimir todas as dúvidas e determinar os caminhos únicos a serem seguidos.

Mesmo assim, sempre restam muitas possibilidades, como os diferentes tipos de astrologias, com seus signos e estruturas variadas. A ciência espiritual sempre poderá determinar preferências e primazias, mas as heranças não devem ser perdidas. Além disto, existem comumente mais de uma abordagem aos fatos, sobretudo os *subjetivos*.

A realidade é que o homem já não necessita agarrar-se a estes padrões formais –os cânones– como ele fazia antigamente. Ele não precisa mais afirmar a sua identidade e definir a sua personalidade da mesma forma que antes. Após definidas as individualidades, elas podem ser empregadas como *vias de crescimento*.

Assim, a nova etapa é menos intelectual e mais *solar*, e ele deve tratar de afirmar a sua essência vivenciando outras dimensões e realidades, e especialmente, tratando de exercitar positivamente o seu livre-arbítrio através das corretas relações humanas, assim como ambientais e espirituais.

Num certo sentido, existe um retorno ao plano de *dualidade*, posto que nova raça é ocidental e seu número é par. O 6 ocupa a segunda posição ascendente no setenário. Existem no Zodíaco *dois planetas de cada*, um positivo e outro negativo.

Se, a nível hierárquico, o 5 áryo era um número solar, o 6 americano é um número planetário. E se, a nível humano, o 3 áryo era um número mental, o 4 americano é um número intuitivo.

Daí vemos a razão pela qual os pré-colombianos afirmavam que o futuro seria a "era dos planetas".

Deste modo, a posição é hoje mais importante do que o atributo, e o planeta mais importante que o signo. E com isto, a *Numerologia* adquire maior importância que a Astrologia, e a *estrutura* sobressai-se sobre a conjuntura.

Capítulo 7

Água-Queimada ou a Alquimia Atlante

A civilização atlante foi aquela que deu início aos trabalhos espirituais na Terra, e a fórmula de sua alquimia era 2:4, ou seja, envolvendo os planos astral e intuitivo, ou os elementos "água" e "fogo", as energias diretamente relacionadas à humanidade e à hierarquia atlantes, respectivamente.

Estão reunidas em mitos e profecias como a do lago-de-fogo dos egípcios (*Livro dos Mortos*, Caps. XXII e XXV) e cristãos (*Apocalipse*, 20,14), e estavam diretamente transpostos na cultura pré-colombiana através de símbolos como o da "água-queimada" (*atl-tlachinolli*), que representava também a "guerra-florida" ou a alquimia interior/exterior, e de mitos como o do espelho-fumegante (*Tezcatlipoca*) e práticas como as da posturas *Chiltan*.

No padrão atlante, esta postura traz u'a mão sob o plexo solar e a outra mão no coração. Trabalhada em sentido ascendente serve para a evolução espiritual, e se invertemos a direção a energia desce para curar o corpo físico.

Ou seja: a atitude meditativa transforma energias humanas em espirituais, ou de instinto em intuição. Neste caso o movimento de energias é *ascendente*, e para isto coloca-se a mão esquerda (negativa, receptiva) no centro inferior e a mão direita (positiva, doadora) no centro superior.

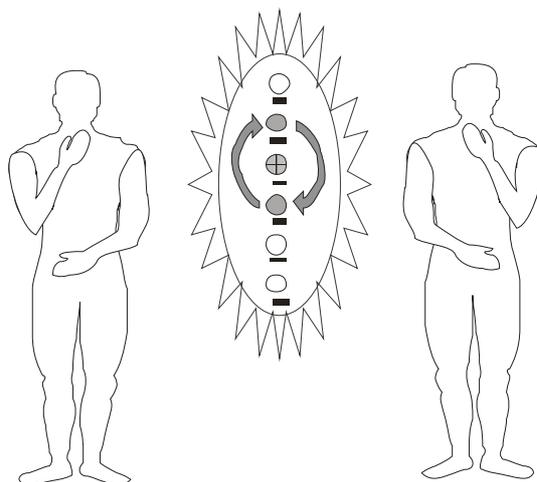
A atitude curativa se destina a sanar o corpo físico com o uso das energias espirituais. Neste caso o movimento de energias é *descendente*, e para isto se deve inverter as mãos, colocando a esquerda no alto e a direita abaixo.

Ao se realizar estes processos, devemos ter em mente as *unidades* a que cada um pertence, pois, a exemplo de outras tradições, os toltecas fazem uma divisão perfeita entre "corpo esquerdo" e "corpo direito", no lugar da simples separação entre "lado esquerdo" e "lado direito". Cada lado do corpo representa uma unidade completa.

A gravura abaixo ilustra estas duas atitudes.

Atitude Curativa

Atitude Meditativa



Postura Chiltan II - Movimento Yama ou de Transmutação (alquimia atlante)

Esta postura se chama *Chiltan II* porque pertence à segunda raça sagrada. Existe uma postura-Chiltan para cada raça-raiz, como veremos adiante. A de acima é a mais encontrada entre as representações tradicionais, até porque envolve centros facilmente tangíveis.

Sabe-se que muita coisa está ainda para ser revelada sobre o antigo trabalho atlante, e isto será feito também porque boa parte dele será *reutilizado*. Acreditamos que aqui se encaixam as afirmações feitas pelo Tibetano no *Tratado Sobre Magia Branca*, de Alice A. Bailey:

"...descobertas serão feitas revelando a realidade da velha forma de trabalho hierárquico; antigos registros e monumentos serão revelados, alguns acima do solo e muitos em fortalezas subterrâneas. Como os mistérios da Ásia central na terra que se estende da Caldéia e Babilônia através do Turkestão para a Mandchúria, inclusive o deserto de Gobi, estão abertos, está planejado que muito da história primitiva dos trabalhadores de Ibez seja revelado."

Ibez é o nome do Templo original atlante, o qual teremos a oportunidade de analisar na continuidade.

a. O Trabalho Atual

A nova raça-raiz está potencialmente polarizada no coração, e deve trabalhar para realizar o seu grande destino de *imortalidade*. Portanto isto é o que ela deve tratar de alcançar, e nunca como uma conquista já adquirida. Como vimos, a evolução representa apenas uma potencialidade e devem ser buscada conscienciosamente. Isto é consequência do livre-arbítrio "ativo" da humanidade. A vantagem de empregar esta liberdade aparente é relativa, porque oferece contínuas armadilhas.

Como exercício de recapitulação ou de preparação, pode-se praticar todos os movimentos anteriores, dando ênfase para o atlante e o arya, porque o home sempre deve restaurar as energias perdidas para fins de ativação dos centros superiores, e também *recapitular* de fato os graus raciais anteriores. O único que muda é a rapidez e a facilidade com que se pode atravessar as etapas antigas.

O nome do movimento atlante é *Yama*, do deus-da-morte dos hindu-tibetanos, o mesmo que Osíris. Na iconografia tibetana este deus sustenta a Roda da Vida (*Bhavachakra*), sendo basicamente a deidade do sendeiro samsárico ou reencarnatório. Mas como o homem está em evolução contínua e em aprendizado, *Yama* é também o regente da transmutação, e neste sentido sua grande tarefa é ajudar a humanidade a superar *Maya*, a energia do 2º centro, palavra que representa um anagrama de *Yama*. O efeito buscado em tratar com *Maya* é o da *geração* de energia, através do celibato ou do maithuna. Os representantes do movimento *Yama* de transmutação são os sábios e os yogues.

Estes são símbolos e técnicas que certamente mantêm sua vitalidade a nível de humanidade, posto que a nova raça é de natureza quaternária. Aquilo que na época atlante era uma prática hierárquica, hoje passa a ser um recurso humano corrente.

De fato, o padrão hierárquico atlante pode ser reencontrado na sua totalidade se consideramos que o patamar astrológico da Nova Era é o 2º grau (ver a *Pirâmide do Novo Mundo*, na volume I). As energias das Eras astrológicas oscilam, de um modo geral, entre as consciências de 1º grau e de 2º grau, conforme sejam as Eras negativas ou positivas. Numa Era negativa basta a castidade e o naturismo para ter acesso à energia coletiva-astral, mas em Eras positivas deve-se acrescentar o aspecto devocional e o sentido de fraternidade. A energia propriamente racial é de outra qualidade e de natureza *iniciática*. Em esoterismo, muitas vezes não se considera os dois primeiros graus como verdadeiras iniciações, mas simplesmente como treinamento preliminar (vide Alice A. Bailey). Por isto apenas na raça Árya foi possível realizar um verdadeiro quadro áureo na Civilização, posto que o núcleo da humanidade foi capaz de ultrapassar o padrão astral (2º grau) ou astrológico e ascender ao 3º grau.

Uma variante moderna do movimento áryo ou *Ayma* é a saudação da Grande Fraternidade Universal, onde se coloca a mão esquerda sobre o plexo solar e a direita à altura do coração (embora ao lado do corpo) com quatro dedos em riste e o polegar dobrado para dentro centralizando a *quintessência*. É portanto uma forma de postura *Chiltam III* ou *Ayma*, palavra que significa o "caminho sagrado" ou "filho" em quéchua (os *Ayma-Rá* são "aqueles que caminham para o Sol" ou os "filhos do Sol"), e base para o processo de *transição* de energias. A postura da GFU conclui com a pronúncia da saudação *PAX*. Consta porém que "a palavra Paz era o objetivo do aspirante da Atlântida. Conscientização é a do discípulo Ariano" (Alice A. Bailey, *Tratado Sobre Magia Branca*). O homem áryo é criativo e dinâmico. Ele não se limita a neutralizar e dominar estaticamente as forças. Em sua sabedoria compreende que o vazio não é permanente, e deve ser usado para gerar um ciclo *positivo* de atividades. A palavra do aspirante da nova raça é *AMO*, variante de *AOM*.

A cultura atlante deu início à ordem universal e à civilização. Mas o Paraíso atlante estava polarizado entre a Árvore do Conhecimento e a Árvore da Vida. O resultado foi um equilíbrio frágil onde cedo caiu a humanidade e de certo modo até a Hierarquia –são os "anjos caídos" de Genesis 6,1-4, dando origem ao Dilúvio Universal que concluiu aquele ciclo.

De modo que os pré-colombianos herdaram a forte dualidade dos atlantes, expressa nos Calendários do Sol e da Lua e nos clãs da Águia e do Jaguar. A dinastia de Quetzalcóatl (Mercúrio, Vênus) procurou resolver este problema com novas concepções, através do clã-Mariposa, inclusive na forma de Cidades-Estado regidas por governantes benignos e pacifistas. Em Teotihuacan, as Pirâmides do Sol e a da Lua são as mais antigas, e a da Serpente Emplumada remonta ao IVº século d.C.

O templo de Quetzalcóatl-Tlaloc traz esta dualidade através das 356 efígies de cabeças destes deuses que tinha em seus patamares.

Capítulo 8

O Ponto de Aglutinação

O "ponto de aglutinação" é o foco de energias que define os mundos possíveis à percepção e seu padrão de consciência. Conforme a região em que situe-se este foco, a consciência terá uma dada qualificação. A posição habitual está a 3/4 partes da altura do casulo luminoso do homem, na altura das omoplatas, modificando um pouco de pessoa para pessoa.

Segundo Castañeda, o ponto de aglutinação ocupa cerca de 1/10 da área total do casulo luminoso, e se diz que a energia que necessita para aglutinar o nosso mundo representa também 1/10 da energia disponível no casulo (cf. *O Fogo Interior*, pgs. 208 e 239).

O ponto de aglutinação é o local através do qual a consciência está focalizada. Por esta razão, é também o ponto pelo qual o *mar escuro da consciência* (ou a "Águia") absorve a consciência das criaturas vivas na sua morte (cf. *El lado Activo del Infinito*, pg. 192). Por esta razão é que Don Juan define a bruxaria como *a prática de manipular o ponto de aglutinação* (op. cit., pg. 233).

Os videntes alcançaram mapear o casulo luminoso do homem e encontraram 600 locais de estabilidade do ponto de aglutinação, o que corresponderia a seiscentos mundos possíveis de experiência e de estados de consciência.

O ponto de aglutinação pode ser manipulado de duas formas, através de *deslocamentos*, e através de *movimentos* próprios.

a. "Deslocamentos" do Ponto de Aglutinação

Na busca da ampliação, da intensificação e da liberação da consciência, inicialmente é preciso tratar de *deslocar* o ponto de aglutinação para novas posições. Para isto existem vários recursos e procedimentos, desde as plantas de poder até a reeducação do indivíduo, passando pela aplicação do toque do Nagual.

O toque do Nagual é uma espécie de soco nos omoplatas (por vezes descrito como mera *sensação* de soco), capaz de induzir um estado intensificado de consciência. Seria uma reminiscência de antigos procedimentos toltecas.

Em *A Arte de Sonhar* (pg. 202), Don Juan afirma que o movimento do ponto de aglutinação depende da energia obtida no reino dos seres inorgânicos. Mas também é dito que os novos videntes tratam esta técnica como um assunto pessoal "através da auto-disciplina", e por isto procuram ter acesso direto aos reinos inorgânicos. Afirma que os antigos videntes contavam com o auxílio de seus mestres para estes procedimentos: "Para os feiticeiros antigos o

deslocamento do ponto de aglutinação era consequência da submissão a outros; seus professores, que realizavam esses deslocamentos através de operações obscuras e os ofereciam aos discípulos como dons de poder (op. cit., pg. 228). De certo modo, existe maior segurança nesta dependência, pois permite que se trate do tema apenas mais adiante e com maior poder.

Afora os rituais, um destes recursos externos é o "toque do nagual". Se reconhece que o mais importante deste procedimento está na forma de *respiração* que acarreta naquele que recebe o toque (cf. *O Presente da Águia*, pg. 135). Nisto encontramos um elemento tradicional no treinamento espiritual avançado, que é o trabalho com a respiração, chamado na yoga oriental de *Pranayana* ou o "controle de *prana* (energia)". Os toltecas empregam uma técnica de "respiração dividida" muito semelhante à do *Pranayama*, que trata de alternar o fluxo da respiração entre as duas narinas, relacionadas aos *nadis* (canais) positivo e negativo. Com isto os toltecas pretendem separar o "corpo direito" do "corpo esquerdo".

Nenhum conhecimento sagrado pode cumprir os seus propósitos se não empreender um condicionamento interior empregando os recursos respiratórios, até porque os centros superiores de consciência estão associados aos pulmões. Neste quadro, cabe dizer que a respiração em si é mero detalhe, porém um "detalhe" inicialmente vital, e depois apenas alegórico (ou, antes, *analógico*). Mesmo esta técnica requer uma orientação externa, inclusive por sua complexidade. Essencialmente, o mais importante é refazer os hábitos: "A maneira de deslocar aquele ponto é estabelecer novos hábitos, fazê-lo deslocar pela *vontade*." (*O Fogo Interior*, Cap. 12)

E esta é a tarefa básica do guerreiro. "A coisa mais difícil no caminho dos guerreiros é fazer o ponto de aglutinação deslocar-se. Este movimento é a coroação da busca do guerreiro. Seguir daí em frente é outra busca; é a busca dos videntes propriamente dita." (*Op. cit.*, Cap. 12).

Apesar da importância dos recursos internos, e na medida em que aquilo que realmente importa é a impecabilidade, os "novos videntes" tinham a correta "convicção de que uma vida de impecabilidade leva inevitavelmente ao sentido de sobriedade, e este por sua vez ao deslocamento do ponto de aglutinação." (*Op. cit.*, Cap. 11). No mínimo a busca individual levará muito mais tempo que sob o controle de um mestre.

Uma das chaves desta habilidade reside na detenção do *diálogo interno*. "Os novos videntes dizem que, quando somos ensinados a falar com nós mesmos, somos ensinados a entorpecer-nos, de modo a manter o ponto de aglutinação fixo em um lugar." (*Op. cit.*, Cap. 9) "Depois que se chega ao silêncio, tudo é possível."

A chave original está no *ritmo*, e este ritmo pode ser trabalhado de muitas formas, como através do *rito*, uma atividade que segundo Don Juan todo o guerreiro necessita exercitar em algum momento. O rito é sempre um exercício de vontade. E uma vez que a vontade está sob controle, para alcançar a *intenção* é apenas um passo.

Conclui Castañeda:

"Tudo o que é necessário é a impecabilidade, energia, e isto se inicia com um ato singular, que deve ser deliberado, preciso e constante. Se esse ato é repetido o tempo suficiente, a pessoa adquire um sentido de *intenção* inflexível, que pode ser aplicado a qualquer coisa. Se isto é realizado, o caminho está aberto. Uma coisa levará à outra até que o guerreiro descubra seu potencial completo."

Acreditavam também que o ponto de aglutinação pode ser deslocado desde dentro. "Eles deram mais um passo e afirmaram que homens impecáveis não necessitam de ninguém para guiá-los, e sozinhos, através da economia de sua energia, podem fazer tudo o que os videntes fazem. Tudo o que necessitam é uma chance mínima, a de terem conhecimento das possibilidades que os videntes desvendaram." (*op. cit.*, Cap. 11)

A informação correta proporciona aquela *oportunidade mínima* que o guerreiro impecável necessita. Para os videntes toltecas isto era o suficiente (e muitas vezes também o possível).

Sob o auto-treinamento estrito é possível atingir todos os objetivos humanos, mas não é possível prosseguir na Terra para realizar serviços e obter conhecimento ainda maiores. Isto é uma coisa que apenas dentro de uma linhagem regular se torna possível, ou então naquele caso único dos Avatares, e quiçá nos outros processos especiais de restaurações internas de linhagens, sempre muito difíceis.

Os novos videntes eliminaram ao máximo as antigas técnicas de feitiçaria. Mas por ser algo tão arraigado à tradição tolteca-atlante, preservaram muita coisa quase a título de *inventário mágico*, mantendo em parte a polarização com o mundo psíquico aberta pelos antigos videntes.

Pois, se de um lado os novos videntes depuraram este inventário, por outro lado o mundo cotidiano também aumentou o seu poder de cerceamento. A existência deste imenso abismo atua como um impulsor para atitudes extremas. Daí ter muito sentido a frase de Don Juan:

"O que torna o caminho do guerreiro tão perigoso é que ele é o oposto da situação de vida do homem moderno. O homem moderno abandonou o reino do desconhecido e do misterioso, instalando-se no reino do funcional. Voltou as costas ao mundo do proibitivo e da exultação e deu boas-vindas ao mundo do enfado.

"Receber a oportunidade de voltar novamente ao mistério do mundo é às vezes demais para os guerreiros, e eles sucumbem; são desviados pelo que chamei de grande aventura do desconhecido. Esquecem da busca da liberdade; esquecem de ser testemunhas imparciais. Afundam-se no desconhecido e o amam." (O *Fogo Interior*, Cap. 9)

O homem comum criou um inferno de mediocridade para si, onde existe pouca diferença entre viver e morrer. O contraste entre as "delícias" do outro mundo é tão grande, que quando o guerreiro as contata pode mergulhar nelas para além de toda a conta. Este é também um dos problemas das drogas, que nos caso das plantas de poder podem seduzir com visões especiais, inclusive com a falsa promessa da liberdade total.

Tudo isto pode resultar pois muito enganoso, reflexo de um desequilíbrio e da ausência de poder pessoal. Todas as técnicas místicas são artificios para acelerar a evolução, e algumas delas podem resultar muito perigosas. É como julgar que uma correnteza nos levará de volta à praia quando na verdade apenas nos afogará assim que as ondas se tornarem mais fortes. Daí a importância do instrutor e do benfeitor, alguém com experiência no caminho.

Diz Don Juan: "Para ser um nagual imaculado, a pessoa precisa amar a liberdade, e deve ter um desprendimento supremo." Também acrescenta a importância do "amor pela Terra". Os videntes do futuro agregam o amor *pela humanidade*, para completar a base tradicional trinitária: o espírito do Pai-Criador, o amor do Filho-Criatura, e a beleza da Mãe-Criação.

Portanto os videntes cósmicos, tendo em mãos tão grande instrumental, serão ainda mais cautelosos com os estados alterados de consciência obtidos com métodos não naturais.

b. "Movimentos" do Ponto de Aglutinação

Os *movimentos* do ponto de aglutinação, dependem da energia obtida no reino dos seres inorgânicos (cf. *A Arte de Sonhar*, pg. 202). Os novos videntes tratam esta técnica como um assunto pessoal e para isto procuram ter acesso direto aos reinos inorgânicos. E para isto tratam de reforçar suas posturas através de *decisões conscientes* ou de resoluções formais.

Os videntes limitam suas explorações quando o ponto de aglutinação adquire certa maleabilidade, passando a realizar *movimentos* com ele, e não mais deslocamentos. A diferença é que os deslocamentos atuam em áreas mais ou menos previsíveis, e os movimentos se dirigem ao desconhecido (cf. *A Arte de Sonhar*, pgs. 96-7). Pode-se dizer com certa precisão que, no trabalhos com estes pontos, os antigos videntes se voltavam para baixo e para trás (reinos inferiores), e os novos videntes se dirigem para o alto e para a frente (reinos superiores), alcançando faixas distintas das emanções da águia.

A tarefa básica do guerreiro e também a coisa mais difícil é fazer o ponto de aglutinação deslocar-se. "Este movimento é a coroação da busca do guerreiro. Seguir daí em frente é outra busca; é a busca dos videntes propriamente dita." (*op. cit*, Cap. 12)

Os movimentos do ponto de aglutinação são tarefas que os guerreiros realizam por conta própria no caminho do conhecimento. Don Juan apresenta os *quatro passos no caminho do conhecimento*, demonstrando que entre a condição de guerreiro e a de vidente existe ainda a de homem de conhecimento. O verdadeiro vidente é o homem de conhecimento que assimilou a essência das instruções sobre a consciência e consegue ver efetivamente outras faixas de emanções.

"O ponto de aglutinação é como um magneto luminoso que escolhe emanções e as agrupa sempre que se move dentro dos limites da faixa de emanções do homem." (*O Fogo Interior*, Cap. 7)

O casulo luminoso humano está preenchido por muitas faixas. O ponto de aglutinação pode se mover para dentro e em profundidade penetrando em outros mundos, ou apenas andar lateralmente (produzindo alucinações e visões comuns) ou para baixo (com conseqüências nefastas).

Don Juan tenta descrever os produtos das grandes emanções como um agrupamento de bolhas que crescem ao redor de um grupo de filamentos luminosos. "As emanções da Águia estão sempre reunidas em aglomerados. Os antigos videntes chamavam esses aglomerados de grandes faixas de emanções. Não são realmente faixas, mas o nome pegou." (*Op. cit*, Cap. 10).

Capítulo 9

O Regulamento dos Grupos-Fênix

A suprema meta da humanidade é a sobrevivência da Alma, ou o renascimento espiritual no outro mundo visto como uma nova existência. Tal coisa começou a ser conquistada pela hierarquia atlante. Por isto um dos símbolos atlantes é a Fênix. No Egito ela chama-se *Benu*, e corresponde à pequena garça-de-penacho da espécie *egretta tula* que pousava sobre a pedra *Benben*.

A referência à Tula neste nome é de interesse, pois Tula é a grande cidade dos toltecas, na qual residia o Nagual-rei Quetzalcóatl e onde se guardavam os mistérios do seu Regulamento. Mas é também uma palavra universal, presente na China e na Índia, onde significa "balança" e nomea o signo de Libra; em nahuatl significa "cidade do sol", ou senão "lugar dos juncos".

Uma variante egípcia da Fênix era a ave Íbis, termo certamente associado ao nome do Templo Atlante original, *Ibez*. Sua relação com Thot a associava ao conhecimento, mas também com a transcendência e o sacrifício, pois Mercúrio (Thot) pode ser relacionado igualmente a este plano. Além disto, estava associada a Osíris, como a Fênix, cujo nome egípcio era *Hab* (lembrando o do calendário solar nahuatl, *Haab*). Este processo estava associado entre os pré-colombianos ao deus solar *Huitzilopochtli*, "Colibri Esquerdo", pois diziam que o colibri morria no inverno para renascer no verão.

As aves aquáticas relacionam os elementos raciais das raças atlante e árya, ou sejam, *água* e *ar*. De certa forma, os animais associados aos deuses representam a energia *racial* que serve de base para a energia hierárquica –no caso, os próprios deuses. O plano humano está simbolizado pelos animais porque sofre a influência do Zodíaco, palavra que significa "roda de animais". É o mesmo símbolo dos "animais" que entraram aos pares na Arca de Noé.

Como o cisne, a garça é por vezes um símbolo da mente, e como a fênix, é também o da transformação. A Fênix é a ave da ressurreição. Na antiga cultura meso-americana estava representada pela bela ave-Quetzal, através do mito de Quetzalcóatl, a serpente-emplumada, simbolizando a energia instintiva tornada alada. Mais que renúncia, indica *transformação*.

No entanto, a garça também cumpria esta função. Se *tolteca* significa "povo de Tula", *asteca* significa "povo de Aztlan", ou "o país das garças". Os astecas eram cultores do sacrifício. A cultura asteca ofereceu uma imagem daquilo que devem ter sido os antigos atlantes, com seu despotismo místico-militar.

O símbolo alquímico mais comum era a serpente alada, a serpente rastejante que se transforma em pássaro, símbolo da alquimia espiritual, da alma que se libera da terra, semelhante portanto ao da borboleta.

Na mesma linha estava o da "água-queimada", evocando os elementos raciais e hierárquicos atlantes. Segundo o Genesis, antes da maldição da Queda, a serpente do Paraíso que ainda não se rastejava sobre o ventre.

A fusão entre pássaro e serpente denota a conquista da síntese, coisa que chegou a ser realizada durante a época pré-colombiana, revelando novas possibilidades para aquela humanidade: a do *conhecimento espiritual*.

Neste sentido, as perspectivas da linhagem de Castañeda também estavam definidas pelos limites atlantes antigos: a visão e a penetração na *Grande Luz* unicamente através dos portões da morte física.

Por isto, quando um Nagual estava para se iluminar, ele reunia seu grupo e partia. Graças a seu poder ele servia como um *porteiro* para o grupo ter acesso às emanções livres da Águia e se iluminarem quase por *osmose*.

Neste estágio apenas existem duas alternativas: a iluminação ou a extinção. O Nagual era a garantia de redenção para o seu grupo.

a. A Iniciação Grupal

O trabalho de fixação consciencial dos grupos-fênix foi a tônica da hierarquia atlante, expandindo-se na raça árya e se tornará uma atividade de grande escala na Nova Era. Para isto novos recursos têm sido adotados.

Os participantes tinham uma meta suprema em comum: sobreviver à morte e conquistar a liberdade total. Por esta razão se enquadram no símbolo da Fênix. Os próprios pré-colombianos atribuíam este símbolo aos seus iniciados, e a ave Quetzal não é diferente disto, especialmente enquanto Quetzal-coatl.

A 4ª iniciação abre muitas portas individuais e grupais, mas ninguém pode depender apenas do Nagual para alcançar a salvação. Ela inicia no vínculo com a Águia (ou o Cristo), razão pela qual o regulamento que é apresentado para o guerreiro começa falando das determinações da Águia. Na Nova Era, todo o membro racial deve esperar chegar à condição de *Arhat*. Porém, apenas vínculos mais amplos capacitam uma transição tranqüila e segura. O Nagual serve como um guia terreno e pessoal, mas também transcendente e grupal, para os destinos de liberação final.

O novo homem traz uma bagagem espiritual muito ampla, cabendo-lhe realizar uma recapitulação de tudo, neste momento em que um ciclo cósmico se encerra. Práticas com energias anteriores são recomendadas apenas de forma indireta. No novo ciclo se trabalha basicamente com o *coração e o cérebro*.

Em princípio, a luz maior apenas era outorgada no pós-morte. Mas, para a hierarquia, isto deixou de ser uma necessidade desde a raça árya, apesar de certos grupos remisscentes atlantes ainda trabalharem assim, colocando seus trabalhos em planos pré-hierárquicos.

O homem já pode chegar a desfrutar as condições de iluminação na própria Terra. Mas isto depende de uma organização hierárquica e cultural superior do mundo, porque a iluminação traz muitos poderes, ativos e potenciais. A iluminação é um dos maiores critérios para definir a hierarquia, e sua difusão apenas pode ser realizada se as bases estão bem assentadas. Os riscos de disputas entre as linhagens de mestres ou entre seus discípulos é sempre grande. Mas uma vez definidas as origens ou as fontes maiores, então a ordem hierárquica pode ser estabelecida e a luz difundir-se de uma forma maravilhosa. Vários mestres e iluminados podem surgir, contanto que sempre exista uma referência suprema única.

Comentamos a seguir o plano geral de trabalho desenvolvido pelos índios mexicanos, os *toltecas*, conforme apresenta Castañeda. Como demonstramos ao final, este plano pode ser adaptado às necessidades espirituais da Nova Era.

b. O Regulamento do Nagual

O Regulamento do Nagual foi divulgado por Carlos Castañeda em *O Presente da Águia*, e trata das determinações libertadoras do poder supremo do Universo, chamado *Águia*. Por isto o

Regulamento é inicialmente visto como uma *promessa* de liberação, e depois como um *mapa* para a liberdade.

Este Regulamento apresenta também o arcabouço da organização grupal dos guerreiros. Partindo das quatro formas que o poder supremo do universo pode ser visto (relacionadas aos quatro graus atlantes de "atenção" ou consciência), descreve a organização do grupo de guerreiros em seus dois ciclos, o do "velho Nagual" e o do "novo Nagual", assim como a forma como aparece ao vidente as auras das várias classes de guerreiros e a do próprio Nagual, além da natureza e do trabalho de cada um. Como na tradição medieval dos "Quatro Temperamentos", afirma taxativamente que existem no mundo apenas quatro classes de pessoas. Os tipos enquadrados pelo Regulamento tem alguma conexão com isto.

Segundo o Regulamento, cada grupo de guerreiros deve ser composto por quatro elementos, e o grupo *completo* do Nagual deve incluir quatro destes grupos (totalizando 16 elementos), embora apenas dois deles (totalizando 8 elementos) constituam de fato o seu *próprio* grupo. Os grupos de videntes devem ser em múltiplos de 4. E segundo Castañeda, o grupo ideal é formado por 8 indivíduos, uma quantidade nem grande nem pequena:

"São necessárias oito pessoas para estabelecer um consenso alheio à individualidade.

Oito é o número que rompe o individual porque é o número da massa humana" (em *Conversado com Carlos Castañeda*, de Carmina Fort).

O oito é o grande número universal da raça árya (ver adiante). Ainda assim, este grupo apenas se completa com a presença de duas essências, uma masculina e outra feminina, representadas pelo *casal-nagual*. Estas duas essências hierárquicas atuam exatamente como o Sol e a Lua perante os oito planetas do Sistema Solar, e funcionam como "alfa e ômega" do conjunto.

Mas um nagual deve tratar de reunir dois grupos destes, um para si e outro para o seu sucessor e *com ele*, totalizando 16 elementos. No seu mais amplo desenvolvimento, a fórmula racial "ocidental" é 2⁴. Por isto, preparando inclusive os tempos emergentes, o Regulamento prevê um total de 16 elementos, mais o Nagual:

"Enquanto neste mundo, o número mínimo sob a liderança de um nagual é sempre dezesseis: oito guerreiras, quatro guerreiros, contando com o nagual, e quatro mensageiros. No momento de deixar este mundo, quando a nova mulher nagual estiver com eles, o número passa a dezessete. Se seu poder pessoal permitir-lhe ter mais guerreiros, então devem ser acrescentados em múltiplos de quatro."

O Regulamento do Nagual.

Assim, pode-se dizer que o grupo *mínimo* ou menor é de 4 indivíduos, o grupo *perfeito* é de 8 indivíduos e o grupo *completo* é de 16 indivíduos. Apesar de evoluir em múltiplos de 4, não existe em Castañeda qualquer referência objetiva a grupos de 12 elementos, já que o dobro é também sempre o procurado por conferir a *simetria* necessária. Tais padrões em nada são arbitrários, e o verdadeiro grupo atlante-áryo (mexicano, tibetano, *Escola Toom* da Índia) básico é de cinco elementos, tendo o nagual ao centro, como no famoso *quincunce* que representa Quetzalcóatl e Vênus, refletido pelas *mandalas* budistas.

O ciclo 4x4 tem servido como uma preparação para a futura raça-raiz americana, de modo que o Regulamento do Nagual comporta aspectos premonitórios. A tentativa de administrá-lo a partir de um nagual áryo ou até atlante representou pouco mais que um *ensaio*, que apenas poderia ter algum resultado empregando técnicas arcaicas, pois apresentava uma grande mistura de padrões formando um quadro de transição. O calendário pré-colombiano se insere sob tais considerações, apresentando as futuras estruturas raciais americanas de forma ainda mais completa. A semana de cinco dias expressa o padrão atlante-áryo, mas o mês completo reflete

um quadro cultural mais complexo que apenas pode ser definido como *áryo-americano*, ou seja, *profético*.

As quatro casas do Regulamento recebem unidade através da figura do Nagual, que transita através delas insuflando-lhes dinamismo. Esta quintessência corresponde ao mito de Quetzalcóatl, que é a renovação do culto ao jaguar sino-tolteca.

Na base deste processo existe uma cosmologia elementar. Fala-se então de "quatro planetas da esquerda" (sonhadoras, campo do *nagual*) e "quatro planetas da direita" (espreitadoras, campo do *tonal*).

Como vimos, o fato das guerreiros estarem organizados em "planetas", e ainda centralizados pelo Nagual, demonstra que existe uma cosmologia solar por detrás, pertencente não mais à cultura atlante, mas já ao quadro hierárquico do *neo-xamanismo* elaborado pelos aryo-toltecas.

Apenas o seu caráter extremo-ocidental, afastados da região árya central de dharma, impediu aos toltecas u'a maior fluência em suas engendrações culturais durante esta época. Ainda assim surgiram como o modelo áureo de toda a cultura pré-colombiana, e foram veículos para muitas profecias e quiçá certas pré-estruturações. Esta síntese obrigatória originou o neo-xamanismo, base para aquilo que a Nova Raça realizará.

Cada Nagual é diretamente responsável pela liberação de seu próprio grupo óctuple e pela instrução básica do grupo do "novo Nagual". Isto constitui o que se chama de "os dois ciclos do Nagual" (cf. Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 193).

O grupo completo se divide em 4 casas, relacionadas aos pontos cardeais. Cada uma destas quatro casas de Guerreiros está composta por um grupo básico de:

- 1 mensageiro(a);
- 1 sonhadora;
- 1 espreitadora.
- 1 guerreiro.

Apenas o *mensageiro* pode ser indistintamente homem ou mulher. O "mensageiro" é sempre aquele que está mais próximo do verdadeiro Mestre, que é o nagual. São sempre muito inteligentes e bem informados, além de serem verdadeiros *batedores* no caminho do conhecimento, pois vão na frente do nagual para lhe orientar e abrir caminho (cf. *O Presente da Águia*, pg. 155). Por sua especial lucidez, o mensageiro é também chamado de *Testemunha*, pois ele assiste e registra todos os atos importantes dos guerreiros.

Seria possível associar as quatro funções a vários quaternários clássicos, como o dos quatro elementos e o dos animais sagrados, assim como, é claro, aos quatro temperamentos, que de resto os toltecas também possuíam, como vimos. Caberia destacar porém, neste quadro místico, as quatro naturezas do *Caminho Quádruple*, conforme apresenta Angeles Arrien, de modo que podemos efetuar a seguinte associação:

espreitador = "curador"
sonhador = "visionário"
guerreiro = "guerreiro"
mensageiro = "mestre"

Como veremos no Volume III, também devemos estender estas quatro atividades aos *Naguais-de-Conhecimento* do Novo Regulamento,

Preenchendo-se estas quatro funções (que são um pouco como os quatro signos-dias do calendário), é possível suprir o número mínimo exigido, de quatro integrantes. O número oito é importante também porque possibilita a existência de um par ou *casal* dentro de cada especialidade. O nagualismo valoriza muito a idéia da convivência entre homens e mulheres em grupos. Florinda Donner observa que a liderança dos grupos é feita unicamente em termos de eficiência.

Além disto, na eventualidade de não se conseguir organizar um novo grupo óctuple, se pode tentar dividir o próprio em dois grupos menores, de modo que, quando chega a hora de "partir", a metade permanece para prosseguir o trabalho.

Em alguns casos os videntes também partem um a um, como ocorreu com o grupo do mestre de Don Juan, quem atribui isto ao fato de três homens daquele grupo serem "altamente inconseqüentes". Ainda assim, diz ele que era um grupo "perfeito e equilibrado".

Nestes critérios, o próprio grupo de Don Juan parecia um *protótipo*, e Juan Matus um modelo de *impecabilidade*, e cuja capacidade intelectual tem até gerado certo ceticismo quanto a poder se enquadrar num índio. Sabe-se porém que ele foi um grande *leitor* em sua juventude.

Seu grupo tinha as 16 pessoas necessárias, 8 de seu próprio ("primeiro ciclo") e 8 de um outro que deveria ser liderado por Castañeda, que é assim o "segundo ciclo" do Nagual Don Juan.

Em *A Travessia das Feiticeiras*, de Taisha Abelar, existe uma forte divisão na casa dos guerreiros entre os dois grupos óctuples (ver pgs. 33-34). Certamente se pode associar esta divisão à *polaridades*. Podemos dizer que, no grupo completo de 16 peças do xadrez, cada metade de oito está regido por uma polaridade, relacionada ao rei e à rainha.

1 Rei	1 Rainha
1 Bispo	1 Bispo
1 Cavalo	1 Cavalo
1 Torre	1 Torre
4 Peões	4 Peões

O grupo que parte se associa à mulher-nagual que o espera. E o grupo que permanece fica sob a regência do homem-nagual.

c. Os Conclaves Telúricos ou *O Fogo Novo*

Os ciclos escatológicos pré-colombianos eram de 52 anos. A cada 52 anos era celebrada a cerimônia do "Fogo Novo" (*Xiuhmolpilli*), quando todos se desfaziam de seus bens, mais ou menos como o Jubileu judaico de 50 anos. Com esta idade os reis legavam seus cargos e os sábios se reuniam para corrigir os Calendários, pois era preciso trocar os Portadores de Anos, isto é, o grupo de signos que abrem as quatro semanas dos meses durante os anos de cada ciclo. As pirâmides e os templos eram também refeitos.

Nesta cosmologia encontramos as bases do Regulamento do Nagual. O ciclo do Nagual é de 52 anos, quando ele parte com seu grupo de guerreiros, idéia que permanece hoje através da tradição dos *voladores*, quatro índios que sobem a um mastro e se projetam presos a uma corda que dá 52 voltas. É fácil encontrar a estrutura do Regulamento em vários calendários pré-colombianos.

O "Fogo Novo" é portanto o novo Nagual, herdeiro das coisas anteriores e que deve preservar a tradição. Por isto a cerimônia está associado ao sacrifício. Na origem se tratava da ascensão do velho Nagual para o outro mundo, ou mesmo da iniciação do novo Nagual, o que em épocas tardias se trocou por sacrifícios humanos.

É claro que se trata de um padrão áureo. Vários reis e sacerdotes pré-colombianos morreram ou depuseram seus cargos aos 52 anos.

Na história recente, os Naguais tampouco permaneceram observando este ciclo, e suas regências passaram a oscilar segundo as necessidades, como se observa nas linhagens dos novos videntes. É possível no entanto que tenha emergido neste quadro o sub-ciclo de 26 anos, número também sumamente sagrado e a metade do anterior.

d. Os Grupos-Fênix na Nova Era

Em tempos recentes o grupo de Castañeda modificou radicalmente a sua maneira de agir. Ao invés de limitar-se a divulgar conhecimentos como fazia até então, saiu a público oferecendo práticas pertencentes à tradição com que vinham mantendo contato. O novo estilo é mais moderno e ocidental, correspondendo também à idéia de que na Nova Era as Escolas de Iniciação reabrirão suas portas.

A abertura das academias de *Tensegridade* sinaliza o começo de uma nova perspectiva para o sociedade moderna, que pode assim aproveitar-se na prática da profunda sabedoria tolteca.

Isto será necessário para atender à demanda espiritual do Novo Mundo, sob a orientação das futuras linhagem de videntes, telúricos e cósmicos. Com o regresso do padrão quaternário, a estrutura exposta pelos videntes telúricos pode ser aproveitada a nível racial.

As profecias falam dos santos e dos 144.000 eleitos. Este é o número dos guerreiros reunidos atualmente no *Círculo da Águia*.*

São os portadores do sinal da cruz na frente (Ez 9,4; Ap 7,3), os iniciados do terceiro olho, a "visão única" dos detentores da síntese, produto da raça anterior. Eles devem se manifestar na Terra e permanecer neste número por todo o novo Milênio, servindo de *ponte elementar* para a liberação humana.

Os grupos de guerreiros poderão manter a mesma estrutura básica formulada para os novos videntes, permanecendo o Regulamento inalterado para o trabalho *racial*. Se acrescentarão algumas práticas, sempre baseadas no Regulamento, e sobretudo se enriquecerão os recursos disponíveis (energia, amor e conhecimento), que serão imensamente maiores porque estes buscadores contarão com a presença de mestres de maior envergadura para orientá-los. Uma das grandes modificações é que muitos *Arhats* poderão optar por trabalhar na Terra e prosseguir evoluindo, passando a integrar a esfera hierárquica dos videntes cósmicos. Isto depende unicamente de uma perfeita organização da hierarquia no planeta, a fim de possibilitar com que os caminhos se abram realmente por direito, mérito e justiça.

Tais grupos serão como organismos que poderão trocar informações e experiências, assim como membros entre si, uma vez que as ciências sagradas e as energias divinas emanadas dos superiores permitirá uma ordem de associação ideal.

As futuras Escolas de Naguais formarão líderes aos quais oportunamente serão associados grupos para dirigir. Tais Escolas serão dirigidas por *Arhats*-Fênix e supervisionadas por *Asekhas*-Águia, sob o comando supremo dos *Chohans*-Condor, os Sumo-Sacerdotes da nova hierarquia terrena.

* 144.000 vezes 3 dá 432.000, que é o ciclo do *Manvantara* hindu. Porém este número é dividido por 360 para fornecer o padrão *divino* de tempo, que é o ciclo do Nagual. Totaliza 12.000 anos e, no caso da profecia, 400 unidades, que é um ciclo do calendário pré-colombiano (20x20) que foi adaptado ao ano solar de 360 dias.

Capítulo 10

O Universalismo Atlante

Podemos dizer que o universalismo atlante está baseado no valor médio 3, média entre o segundo grau humano e o quarto hierárquico.

a. A Estrutura Energética

Como o cânone atlante é quaternário, o sistema budista de chakras duplicação do quatro, ou oito. Desde o ponto de vista atlante, o número 8 surge como uma fórmula de integração entre os padrões espirituais racial e hierárquico, ou seja, 2x4 (inversão masculino/feminino).

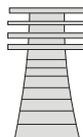
Já o sistema hindu é como abaixo, para os chakras inferiores:

- 4. Coração 12 pétalas
- 3. Plexo Solar 10 pétalas
- 2. Esplênico 6 pétalas
- 1. Base-da-Coluna 4 pétalas

total 32 pétalas

Este quadro nos traz um algarismo comum nos trabalhos alquímico-iniciáticos. A Maçonaria tem os seus ritos de 33 graus, mas na Cabala temos os 32 Caminhos de Sabedoria, que a Árvore Sefirótica estão representados através das 10 esferas da Árvore, mais os 22 elos existentes entre elas.

Observemos então que a Árvore cabalística comporta 4 esferas centrais, as quais podem ser associadas aos quatro chakras acima apresentados. Normalmente, afirmamos que estes quatro chakras apenas ativam os quatro alinhamentos ternários da Árvore Sefirótica. Mas aqui devemos encontrar uma real identificação com este Todo. Assim, um símbolo que se equivaleria é o da TET egípcia.



Cada barra desta cruz está sustentada por um triângulo, identificando-se assim à Árvore Sefirótica cabalista.

É possível até 14 esferas no esquema cabalístico, se incluirmos *Daath* e ao tríplice *AIN* que coroa a tudo, às 10 esferas visíveis com as quais se trabalha ativamente. São como as 14 Estações do Calvário ou as 14 parte em que Osíris foi despedaçado. Num outro mito Osíris é depositado dentro de uma árvore sagrada com a forma desta TET.

O número 10 é de natureza solar e também se relaciona ao quatro através do *valor secreto* deste algarismo: $1+2+3+4=10$.

Este padrão integra certos ciclos e símbolos sagrados, como a *Tetraktys* pitagórica e a fórmula do *Manvantara* hindu.

Existe certo relativismo na classificação destes centros. O número 10 se relaciona ao plexo solar e o número 12 ao coração. No entanto, sabemos que, em termos de *padrões mínimos de tempo*, o quarto grau pode ser atingido em 10 anos, e que o quinto grau pode ser atingido em 12 anos (o dodecaedro está formado por 12 pentágonos).

b. Os Quatro Tipos Humanos

Os videntes toltecas afirmam existirem quatro tipos de atitudes que o homem costuma tomar diante das circunstâncias, segundo o seu temperamento particular. Assim, esta filosofia reproduz de certo modo a idéia medieval dos Quatro Temperamentos humanos.

Porém, este ensinamento é dado para distinguir a atitude do guerreiro face a três outros tipos de atitudes. E nisto encontramos um paralelo com a distinção feita na *Escola do Quarto Caminho* para um quarto tipo de homem, o atual, perante três outros tipos de comportamentos espirituais anteriores, que vamos analisar na seqüência.

Assim, segundo Don Juan em *Porta para o Infinito* (pg. 52), a atitude geral do guerreiro perante o desconhecido difere de três outros tipos de atitudes possíveis.

Numa ponta está o fanático, que simplesmente procura ignorar o que acontece. Podemos colocar nesta categoria os cientistas e os céticos em geral.

No outro extremo está o devoto, que toma tudo pelas aparências. Um bom exemplo seriam os psicólogos, que reduzem os acontecimentos internos a símbolos e a ilusões.

Entre ambos está a do tolo, que fica obcecado e preso ao que percebe, porque não pode nem aceitar nem desprezar o que vê.

O guerreiro ocupa também uma posição central, mas superior (como a do *alto da montanha*). Ele "aceita sem aceitar e despreza sem desprezar. Nunca acha que sabe, nem sente que nada aconteceu. Age como se estivesse controlado, mesmo que esteja tremendo por dentro". "A verdadeira arte do guerreiro é equilibrar o terror com o assombro." (*op. cit.*, pg. 85) Ou seja, na medida em que se deslumbra ele pode suportar o seu medo.

Na Escola do Quarto Caminho, o quarto tipo de buscador, que seria o tipo "moderno", é o "homem esperto" (oposto a "tolo" portanto). Os outros são o faquir, o devoto e o yogue, que podemos relacionar às três raças sagradas anteriores, a física Lemuriana ("fanático?"), a emocional Atlante ("devoto?") e a mental Árya ("tolo?").

c. O cânone social

O contexto pré-colombiano conheceu grandes realizações e organizações sociais, mas sua base estava positivamente voltada para a religião. A estrutura quaternária social teve nesta época seu apogeu e fundação.

O Hinduísmo pode ser usado como uma referência posterior, a partir de suas bases dravídicas, deixando sempre certa margem para o mistério, especialmente através das instituições do Brahmanismo, que era a forma mais acabada de organização social da Índia védica.

Este sistema determinava que o ser humano deveria atravessar quatro etapas na sua existência: estudante (*brahmacharin*), casado (*grihastha*), instrutor (*vanaprastha*) e liberado (*sannyasin*).

Na primeira etapa, o jovem empregava as suas altas energias para tomar contato com os mistérios. Era celibatário e estudava as verdades científicas e religiosas com seus instrutores e mestres.

Na segunda etapa o homem contraía o matrimônio com aquela que lhe estava astrológicamente predestinada, segundo os cálculos dos sábios. Tinha filhos e organizava um lar.

Na terceira etapa o homem maduro transmitia os seus conhecimentos e aperfeiçoava a sua sabedoria num ambiente espiritual. Tinha alunos e podia formar uma academia para lecionar.

Na quarta etapa o ancião abandonava a tudo para terminar seus dias na intimidade com o Criador, como um monge mendicante. Dirigia-se ao seio da natureza como um peregrino errante e desaparecia para o seu passado.

Após ter servido a Deus, à Sociedade e à Natureza, ele deixava tudo e estava liberado para seguir seu rumo como desejasse, preparando-se para o encontro definitivo com o Além. Muitos tomavam o rumo de um lugar sagrado, conforme a sua religião. No decurso desta jornada ele poderia naturalmente falecer. Então o seu corpo anônimo era cremado por quem o encontrasse, e nada mais se sabia dele. Assim, a cremação corresponde bem à necessidade de impessoalidade desta situação.

Mas também podia acontecer de ele vir a instalar-se nos arredores de alguma vila e tornar-se um sábio e um eremita. Se alcançasse certo prestígio, na sua morte podia ser enterrado e este lugar se transformaria num santuário e um foco de peregrinações.

Capítulo 11

Tezcatlipoca ou o Nagual-Arhat

A expressão *nagual* corresponde à energia superior a que os xamãs tem acesso, àquilo que os xamãs yanomanis denominam *xabori*.

A tradição tolteca apresenta vários recursos para a identificação de um Nagual ou xamã, sendo um dos mais importantes a visão direta da aura do Nagual e suas particularidades.

Por isto, a palavra *nagual* apresenta universalmente vários sentidos e aplicações. No contexto pleno do xamanismo, que é a evolução do Nagualismo até a 4º iniciação (iluminação, condição de *Arhat*), está associada a quatro estados de consciência raciais, sempre expressos de forma dupla. É o que determina a natureza da aura ou o casulo luminoso do Nagual, inicialmente dupla e depois subdividindo-se em quádrupla.

Na tradição nahuatl existem os *Tezcatlipoca* ou "espelho fumegante". O espelho é um símbolo da dualidade da aura do nagual mas também se associa à Atlântida. Aliás, os guerreiros toltecas são inimigos dos espelhos porque eles "registram a passagem do tempo, quando é importante invertê-lo" (*A Travessia das Feiticeiras*, pg. 36, Taisha Abelar). Empregam-nos apenas para atos mágicos como captar "seres inorgânicos" nas águas. Os antigos usavam espelhos de obsidiana em suas artes mágicas.

O nagual atlante associava-se às direções cardeais (os *Bacaab* maias), e portava cruzes às costas de conformações que lembra a da aura do nagual, como abaixo se vê:



Este Nagual-cruciforme veio substituir o nagual-lunar ou dual representado por *Huitzilopochtli*, o "colibri-esquerdo" que simboliza a consciência de lado esquerdo da raça atlante, e que os astecas vieram reimplantar, trazendo um *dios otiosus* com todas as suas terríveis conseqüência (a exemplo do que fariam os nazistas no final do ciclo áryo). A profecia de Quetzalcóatl ia de encontro a estes ususpadores e Montezuma entregou a Cortez o trono asteca julgando ser este o deus retornado a seu universo.

Como o propósito dos nagualismo tolteca é a liberação do tempo e da matéria, ele se enquadra na categoria de trabalho dos *Arhats*.

O Nagual-Arhat sustenta um quádrupla estado de consciência que culmina hoje na nova *condição racial*, disseminando assim os seus preceitos técnicos e filosóficos para toda a humanidade.

São estes os seus quatro aspectos e atributos:

ASPECTO	DUPPLICIDADE	PLANO	RAÇA-RAIZ	REINO
1. espírito-aliado	dupla-essência	físico ...	lemuriana ..	mineral;
2. estado-de-espírito .	dupla-consciência .	astral ...	atlante	vegetal;
3. guia espiritual	dupla-forma	mental ..	árya	animal;
4. arquétipo-grupal ...	dupla-aura.....	intuitivo .	americana .	humano.

Em Castañeda prevalecem os níveis 2 e 3, havendo alusões explícitas ao nível 1 e referências parciais ao nível 4. Este último sentido é o emergente hoje a nível racial, embora já tradicional a nível hierárquico. Apenas na atualidade esta quádruple natureza se poderá expressar nos níveis *humanos*, dando à humanidade a capacidade de transcender, embora sua vitória dependa sempre da hierarquia.

Como a *cultura* representa um elo intermediário entre a evolução racial e a hierárquica, esta última corre por vezes o risco de *regressão*, num certo sentido, ao contrário da humanidade que tende sempre para adiante sob a sua orientação.

Na raça árya a humanidade esteve sob a influência do reino animal, e isto teve reflexos sobre as linhagens de Naguais. Os sábios se tornaram homens e se apaixonaram pelas mulheres, donde o mito dos "anjos caídos" do Genesis, comprometendo toda a ordem atlante e acarretando no Dilúvio.

De uma forma mais primária, o Regulamento afirma que em qualquer reino "vivo" pode haver entes-naguais. E os guerreiros se depararam em várias situações com seres assim, nos reinos vegetal e sobretudo no animal.

a. O Aliado Animal.

Oriundo do xamanismo primitivo, o sentido menos usual para "nagual" no ensinamento tolteca atual é este primeiro. O aspecto aliado-animal é a característica lemuriana do Nagualismo.

A própria palavra *nagual* significa "jaguar", sendo similar ao mapuche *nahuel* da América do Sul.

Deriva de um poder que certos xamãs cultivavam e ainda o fazem de se associarem ou até se transformarem fisicamente em animais, aos quais chamavam de *seu nagual* (*O Fogo Interior*, pg. 134). Também por isto se diz que os xamãs são indivíduos *duplos*.

Em *A Erva do Diabo*, diz-se que os bruxos que exploram o poder de transformação são chamados *diablos*. O termo sugere o fato de que "venderam a alma ao diabo". Este poder é adquirido através do pacto com um "auxiliar", no mundo em que se encontram as almas dos feiticeiros mortos. Tratam-se geralmente de almas de bruxos antigos que permanecem em certas regiões astrais onde podem ser contactadas pelo viajante que passa por uma "fresta entre os mundos". Encontrando o auxiliar este mata o viajante e toma posse de sua alma (ver Capítulo sobre os *Aliados*).

O vínculo com o animal de poder é uma das primeiras manifestações mágicas do homem, mas ele foi evoluindo no decurso das raças. Na primeira raça-raiz prevaleceu o aspecto do *mito*; na terceira raça-raiz a ênfase foi através do *rito*, e na quinta raça-raiz ele tomou a forma de *símbolo*.

Neste sentido, o vínculo com o animal de poder é a forma de atuação xamânica da hierarquia na Lemúria, retomada depois pela humanidade árya, da mesma forma como houve o vínculo com a planta de poder no decurso da hierarquia lunar. Estes procedimentos foram reativados mais tarde em evoluções análogas. Na raça atlante, a estes dois tipos de *aliados* –o vegetal e o animal–, acrescentou-se o espiritual e o "ser inorgânico". Mas na raça árya o grande aliado foi do reino espiritual, fornecedor de conhecimento e liberdade. E na nova raça-raiz, o aliado cósmico será a própria divindade.

O xamanismo deixou de ser um trabalho hierárquico na época árya, mas será sempre o trabalho da humanidade em seu próprio nível, ressurgindo com força sempre que o centro da hierarquia esteja impedido de maior expressão, fundindo o estilo humano de atuar ao da hierarquia, numa síntese providencial tal como observada entre os novos videntes. Na raça árya, a humanidade alcançou a 3ª iniciação, na qual, quando deixada às suas próprias forças elementares, retomou o ancestral-mítico animal concebendo o *Nagualismo*.

Quando Don Juan transmite que a tradição tolteca teve início há 10 mil anos atrás através dos conhecimentos fornecidos pelas plantas de poder, reporta-se certamente às origens da cultura atlante, cuja hierarquia tinha apenas o 4º grau e estava completando o quadro xamânico de trabalhos. E o grande *aliado* desta hierarquia era o reino vegetal, associado ao 2º grau da humanidade em questão.

O animal representa basicamente uma força vital, sendo também um protótipo simbólico da *forma* humana, e está associado à saúde física, emocional e até mental. Enfim, à vitalidade dos planos da Criação.

Quando uma pessoa adoece, o xamã parte em busca do espírito-aliado do enfermo no "Mundo Profundo". Estar de posse de seu animal-de-poder representa possuir uma base material saudável. O reino animal representa a perfeição da forma física. O reino humano já transcende a materialidade em si. O *Zodiaco* mental é um vínculo com os arquétipos da forma humana, como veremos melhor no Capítulo dedicado aos aliados, adiante.

Nagual simboliza portanto o vínculo que o xamã possui com alguma criatura do reino natural determinando-lhe "alma-dupla". Por vezes isto é também denominado "espírito-aliado". Trata-se de uma força auxiliar que transcende as energias próprias e confere poderes especiais, capazes de dar acesso a outros planos. Geralmente o xamã sonha com seu animal-nagual, identificando-se imediatamente com ele.

Por vezes o xamã manifesta uma capacidade literal de transformação, possivelmente uma regressão à alma-grupo original da qual o indivíduo veio. Basta ler o que os guerreiros afirmam em *O Presente da Águia* (pg. 49), quando Castañeda narra seus repetidos sonhos com tigre-dente-de-sabre:

"Você deve ter sido um tigre e vai definitivamente voltar a ser novamente. Foi o que aconteceu com o Nagual; ele tinha sido um corvo e durante esta vida voltou a ser corvo novamente."

O Nagual Don Juan recebeu o dom de se transformar em corvo, e os guerreiros associam isto à sua origem pré-humana. No caso de Castañeda, o sonho com um animal que já não existe coloca uma situação especial e requer outros recursos. Don Juan afirma que na verdade os antigos videntes podiam se transformar em qualquer coisa que desejassem (cf. *A Arte de Sonhar*, pg. 95).

Relatos de cronistas da época do Descobrimento afirmam que no seu primeiro encontro com Cortez, o rei asteca Montezuma se aproximou dos espanhóis ladeado por um feiticeiro que se transformava em cão, serpente e pássaro, visando apavorar os recém-chegados, tal como costumavam aterrorizar suas próprias populações. Com tais poderes, estes feiticeiros eram aliados eficientes dos reis e governantes. Ninguém ousaria desobedecer a feiticeiros com tais poderes.

Segundo o Nagual Juan Matus, a transformação é uma prática relativamente fácil em feitiçaria, embora possa ter conseqüências desastrosas. Ela é possível pela exploração de regiões inferiores do casulo humano, pela mudança drástica da posição do ponto de aglutinação. O homem pertence ao mesmo setor dos animais dentro da grande emanção orgânica da Águia, razão pela qual pode se converter neles. O homem é afinal uma evolução dos animais, e mesmo em sua formação intra-uterina reproduz todas as fases da vida evolutiva.

Poderíamos também dizer que os outros seres vivos, especialmente os animais, é que representam expressões de faixas da evolução humana arquetípica, considerando que o homem é a coroa da evolução material.

Seja como for, os animais situam-se na parte inferior da faixa de emanções a que pertence o homem. Os videntes podem sofrer mudanças acidentais para esta região, chamada "mudança para baixo". Todo o nagual aprende a arte da metamorfose, mas os novos videntes não consideram este contato positivo.

Trata-se daquilo "que não se quer conhecer, o lado escuro, o domínio da besta", segundo Don Juan, e considera a exploração destes domínios um erro grave por parte dos antigos videntes. É o domínio do *pré-conhecido*, diríamos, porque pertence a reinos anteriores.

O homem descende do animal e lhe é fácil voltar a estabelecer vínculos. Pode ser uma tentação obter certos poderes dos animais, como voar e ser feroz, por isto Don Juan *testou* Castañeda proporcionando-lhe uma experiência desta natureza, e este deveria fazer a sua opção segundo as possibilidades oferecidas.

Trata-se de uma prática perniciosa porque fortalece os extratos inferiores da consciência, com prejuízo para a integridade humana e a evolução, da mesma forma que o emprego indiscriminado das plantas de poder. O animismo e o fetichismo são expressões reducionistas da consciência porque evocam forças ancestrais, reduzindo a natureza humana a etapas primitivas.

O caminho espiritual é por sí difícil e perigoso, por tratar com energias poderosas e por trabalhar com as estruturas internas do homem. O emprego de recursos externos tende a desequilibrar a frágil estrutura interna do homem, muitas vezes de forma definitiva.

b. O Estado de Consciência.

A palavra *nagual* também designa um estado de consciência e de percepção, relacionada à chamada *Segunda Atenção* ou o *Segundo Círculo de Poder*.

O campo da Segunda Atenção é comparado pelos videntes ao mundo e seus mistérios quase infinitos, enquanto que a Primeira Atenção seria meramente uma mesa com seus objetos familiares (cf. Castañeda em *O Segundo Círculo do Poder*).

O aspecto duplo da segunda atenção se deve à sua posição secundária, assim como à natureza de suas disposições, seja para a prisão dos sentidos ou para a liberdade da consciência.

Por sua vastidão relativa, a Segunda Atenção pode-se tornar um atrativo espetacular para o homem comum, sobretudo quando as energias hierárquicas não estão plenamente disponíveis. No contexto atlante muitos sucumbiram a este perigo e isto produziu o fim daquela civilização. Pois o aspecto *consciência* do Nagualismo, que é a Segunda Atenção, prevaleceu durante todo o período atlante.

A cultura pré-colombiana também estava suscetível a isto, por herdar fortemente o espírito atlante, e sucumbiu várias vezes pelos mesmos motivos, à medida em que especializaram-se em demasia nestas coisas antigas ou *pré-conhecidas*.

Entre os novos toltecas este perigo tem estado sob mira. Don Juan não cessava de avisar sobre o que denominou "as ciladas da consciência", ou seja, o bem-estar produzido pelo estado da Segunda Atenção. Os antigos videntes foram a tal ponto seduzidos por elas, que perderam seus destinos superiores apenas para viver neste estado intenso mas vegetativo de consciência:

"O Nagual me contou que a segunda atenção é a coisa mais terrível que existe. Ela se focaliza em objetos e não há nada mais medonho" (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 16).

Sob recursos externos ou artificiais, como manipulações mal feitas e drogas, os riscos são ainda maiores.

As ciladas da segunda atenção incluem a busca de poder material e sobre as pessoas. É um ambiente de tentações poderosas. Por isto o verdadeiro campo de batalha do guerreiro é a segunda atenção, cabendo-lhe entender que esta é apenas "uma espécie de campo de treinamento para atingir a terceira atenção." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 20-1).

A terceira atenção apenas pode ser perfeitamente explorada sob a guia hierárquica do Nagual, o que nos leva ao item seguinte.

c. O Guia Espiritual.

Apenas na raça árya, sob o impulso da hierarquia espiritual, o xamãismo se tornou uma força dinâmica e libertadora, dando origem ao *Nagualismo*, que é propriamente um neo-xamãismo ou uma cultura atlante-árya. Esta foi a Era dos "Naguais de três pontas".

Este grau está associado ao conhecimento técnico e a uma certa síntese intelectual. Ao adquirir conhecimento e realização, o Nagual se torna um *Instrutor*. Carlos Castañeda foi uma representação moderna do "Nagual de três pontas".

Nos grupos de guerreiros, o Nagual possui uma função estimuladora. O Nagual executa o golpe no ovo luminoso que transfere o ponto de aglutinação para um ponto de consciência intensificada. Com isto ele produz um estímulo ou uma "fenda" temporária atingindo emanções internas e mais profundas.

O Nagual possui a capacidade de induzir estados de consciência especiais em outros, sendo esta a própria *essência do sacerdócio*. Ele existe para substituir os artificios que sustentam as culturas místicas primitivas.

Os contatos com a *Segunda Atenção* produzidos pelo golpe do Nagual ou pela sua simples presença são cumulativos, e embora não passem diretamente para a consciência normal, vão minando-a de dentro para fora até que, no momento em que a recordação seja obtida, o ponto de aglutinação volta a se tornar fluído naquela área. Para realizar isto o nagual necessita saber *ver*, visando localizar precisamente o ponto de aglutinação, cuja posição modifica um pouco em cada pessoa.

O caráter duplo do Nagual se deve ao fato de manifestarem um "sósia" astral, um réplica com o dobro de seu tamanho que lhe confere poderes especiais, como o desdobramento da consciência e também para a síntese luminescente final (cf. Castañeda, em *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 103). E também:

"O motivo pelo qual nós o chamamos de Nagual é que ele é dividido em dois. Em outras palavras, a qualquer momento que ele precisasse, podia entrar em outra pista que nós outros não temos; algo saía de dentro dele, algo que não era um sósia e sim uma forma horrenda e ameaçadora, que parecia com ele mas era o dobro do tamanho dele.

Chamamos essa forma de nagual e qualquer pessoa que a tinha, naturalmente é o Nagual" (Castañeda, *op. cit.*, pg. 146)

O Nagual é um alquimista poderoso, capaz de induzir estados de consciência intensificada nos guerreiros e comandar processos mágicos coletivos. Por esta razão ele lidera os grupos de videntes. Sua força é impessoal e está sempre associada à ordem grupal.

O Nagual possui força pessoal, associada aos mecanismos cósmicos que emprega através de sua impecabilidade de conduta, a qual certamente é inspirada pelas mais altas esperanças conforme demonstra o Regulamento. Em *Sonhos Lúcidos* lemos:

"A capacidade intrínseca dos naguais para afetar os outros não depende apenas de sua ausência de interesse pelas coisas terrenas ou da força de suas personalidades, mas, antes, da força de seus comportamento irreprensível.

Sua presença mágica é perfeitamente capaz de induzir novos estados de consciência:

"Para um Nagual, o mundo é sempre novo em folha. Em companhia dele, a pessoa começa a contemplar o mundo como se nunca tivesse acontecido antes." (Donner, *op. cit.* pg. 299)

A mentalidade do Nagual é tão pura que suas esperanças são de todo transcendentas, sonhando sem objetivos concretos. O nagual apresenta um sentido de integridade todo próprio e uma estrutura energética adequada a isto. Por isto ele não se define por questões "de superioridade ou inferioridade, senão em termos da capacidade de ser responsável. Só o nagual tem a capacidade energética de ser responsável pelo destino de seu grupo" (*El Lado Activo del Infinito*, pg. 93)

De fato, como demonstra Castañeda, existem xamãs poderosíssimos no grupo de um nagual, cujos poderes muitas vezes superam os do próprio nagual em certos sentidos. Afinal, representam funções específicas e especializadas, tais como as forças do universo. O nagual seria um centro e uma síntese de tudo. Por isto eles sabem que o nagual têm a chave de sua unidade e que esta unidade é necessária para seguirem adiante com o menor risco possível. As possibilidades grupais são sempre maiores, especialmente junto ao nagual. Cada um traz uma virtude única que pode auxiliar o grupo, mas é o nagual que sintetiza o conjunto e o representa perante o cosmos, abrindo assim as portas do infinito para todos.

Em suas origens, o nagualismo certamente contava com ideais solares e o Nagual devia ser um iluminado, um *Arhat*. Devido ao poder sagrado que maneja, a condição de Nagual na 4ª Iniciação possibilita e determina o controle de um Ashram, correspondendo ao estágio de *implantação* hierárquica. Por isto o nagual tem como tarefa organizar grupos de guerreiros, condição esta essencial para a sua própria liberação. Esta tarefa é outorgada pela Águia, o Poder supremo do universo. O Nagual tem a tarefa de preparar os guerreiros, que são a ele enviados pelo Espírito. A eleição não é feita por razão pessoais, como entre os próprios filhos como ocorreu em outras épocas do xamanismo tolteca, colocando o sistema sob grave risco, pois "a verdadeira feitiçaria não admite a interferência humana" (Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 115, ver também pg 57)

No entanto, esta possibilidade depende do esforço individual de cada guerreiro e também da unidade do grupo:

"O mundo dos feiticeiros é um mundo mítico, separado do cotidiano por uma barreira misteriosa feita de sonhos e compromissos. Somente se o nagual for apoiado e sustentado por seus companheiros sonhadores é que pode guiá-los a outros mundos viáveis, de onde pode atrair o pássaro da liberdade." (Donner, *op. cit.* pg. 298)

Mas a condição de *Nagual* não faz do feiticeiro imediatamente um líder ou um mestre (cf. Donner, *op. cit.* pg. 111 e Carmina Fort em *Conversas com Carlos Castañeda*). Castañeda não

se considerava tal coisa e buscava por todos os meios afirmá-lo. Um iniciado não se torna automaticamente um mestre. Até porque muitas vezes os processos iniciáticos são muito árduos e trazem seqüelas duradouras. Ser um mestre exige muito conhecimento interior e exterior. E "para isto, às vezes, os feiticeiros tem de esperar a vida inteira."

Neste sentido, a tarefa do *Nagual* é exatamente como a do *Arhat*, caracterizado pela "mera presença", aliada a certas informações técnicas, mais que pelos "atos sociais" que possa realizar. Diz Castañeda a sua colega Florinda Donner:

"Entre os feiticeiros não há gurus nem sábios, somente naguais. São os líderes, não porque saibam mais ou porque sejam melhores feiticeiros, de modo algum, mas apenas porque têm mais energia. Não me refiro à força física, mas a certa configuração de seu ser que lhes permite ajudar a qualquer pessoa a romper os parâmetros da percepção." (*op. cit.*, pg. 188)

O *Arhat* ou o Nagual é um ser que tem acesso a uma energia superior e sagrada, de modo que sua simples presença enaltece o "ambiente". É capaz de tonificar as auras auxiliando energeticamente as pessoas, como a "pedra de toque" do Alquimista que tudo transforma em ouro. Mas em certos casos ele deve buscar se completar e tornar-se um Mestre para assegurar o cumprimento da sua tarefa.

Hoje se sabe que boa parte da autoridade dos reis maias derivava dos sacrifícios que realizavam, tirando sangue de sua língua e pênis. Não que esta seja uma forma recomendável de provar a sua consagração. Pode se tornar algo até muito fácil sob certas circunstâncias. Melhor seria viver com humildade e austeridade.

d. *Tlatoani*, o Arquétipo (o *Arhat*).

O quarto aspecto do Nagual está associado ao aspecto propriamente *sagrado* dos animais, que surge como expressão da individualidade humana. A essência da alma-grupo animal da qual o indivíduo proveio sempre subsiste em nível intuitivo, donde os signos-animais do Zodíaco, palavra que significa "roda-de-animais".

Na nova-raça o Nagual se expressa como *arquétipo universal*, centralizando os aspectos anteriores. Trata-se do sentido mais elevado do Nagualismo: a expressão de uma individualidade superior e sagrada. Apesar do Nagual de quatro pontas ser clássico entre os toltecas, apenas agora surge como um trabalho humano e regular, ou seja; seu saber e dons podem ser difundidos em escala massiva, uma vez que até agora este trabalho estava ocorrendo, de certa forma, apenas em níveis hierárquicos.

A palavra *arquétipo* significa "modelo original". É o protótipo humano associado à expressão da individualidade, a qual costuma ser associada a modelos animais. Os animais atendem pelo aspecto *liberdade* no mundo material, na medida em que possuem mobilidade. O homem, suscitado materialmente no reino animal, transcende propriamente a natureza criada, realizando um elo entre a tríade inferior e a tríade superior, porque na sua consciência traz uma semente superior.

No xamanismo, esta liberdade atinge o aspecto temporal através do quarto aspecto do Nagual, capaz de conduzir a consciência à plena atemporalidade e à fusão das dimensões.

Os toltecas denominam o arquétipo humano de *o molde do homem*, sendo apresentado como a imagem de Deus no homem (cf. Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 117). Não deve ser confundido com a *forma* humana, associada a um padrão atávico de comportamento do qual

o guerreiro deve tratar de ser desprender. De certo modo, o molde é o *Eu Superior*, o *Atma* ou o *Augoeides*, expressões internas dos Raios divinos.

O quarto grau dá acesso aos mundos sagrados. Os animais sagrados são os elementos dos totens norte-americanos e de símbolos complexos como o do querubim ou da esfinge, o touro-alado-leão-homem, presente na cultra pré-colombiana em sínteses como a da serpente-emplumada ou da serpente-jaguar-homem-pássaro (estudada por Laurette Séjourné em *Pensamento y Religion en el Mexico Antigo* e em *El Universo de Quetzalcóatl*), que representa os signos fixos do Zodíaco, associados tanto ao trabalho do segundo como do quarto nível de consciência, ou seja: o tempo-Presente e seu produto alquímico, a Eternidade, associados também ao par de elementos água-fogo ou ao símbolo nahuatl da *água-queimada*.

A Arca da Aliança, feita de madeira da acácia como o Templo de Salomão, contém dois querubins, seres humano-animais ou *naguals*. Os querubins ou esfinges são seres tetramorfos, comumente presentes nas hierofanias bíblicas. O Nagual é um ser duplo cuja aura tem 4 subdivisões, e os dois querubins são como o casal-nagual em sua própria natureza, eixo central da evolução espiritual humana.

Nas representações egípcias e mesopotâmicas, os querubins (do caldeu *querub*, touro-alado) apresentam apenas duas asas. É o modelo mais antigo e simplificado. Em Ezequiel (Cap 1) possuem 4 asas, e em João (Apocalipse, Cap. 4) 6 asas. Tratam-se de variantes associadas à evolução do Nagualismo, mas também integram a fórmula final da correlação humanidade-hierarquia neste ciclo mundial, que é 4:6.

A Arca da Aliança de Moisés é uma antecipação da Arca de Noé que conduziu a humanidade a uma nova aliança com o Criador, simbolizada pelo arco-íris nas nuvens (Genesis, cap 9, v. 8 ss.), e também da *Carruagem divina* descrita por Ezequiel. À Arca de Noé foram levados sete pares dos "animais puros", e apenas um par dos "impuros" (Genesis Cap, 7). Esta idéia está relacionada à questão dos *nomes-astrológicos*, através dos quais se identificam as distintas espécies e seus pares.

Arka significa Sol em sânscrito, e a Arca de Noé foi feita quando terminou o *Arco do Eón*.* Os animais conduzidos aos pares representam modelos de individualidade que devem ser preservadas no bojo da Nave Solar.

O duplo-aspecto do arquétipo está relacionado ao fato de o casulo áurico do Nagual ser duplo. Em *El Lado Activo del Infinito*, Castaneda diz:

"...o nagual é um xamã específico de cada geração, a quem os outros xamãs podiam ver, não como uma só bola luminosa, senão como uma unidade de duas esferas de luminosidade fundidas uma sobre a outra." (pg. 96)

Talvez se possa associar esta dupla esfera às duas auréolas que os artistas representam nas gravuras dos santos e dos budas, centralizadas na mente e no coração.

Esta divisão, que confere poderes e habilidades especiais, está também associada a um complemento cósmico na forma da *alma-gêmea* chamada mulher-nagual. A união do par-nagual gera uma unidade sagrada, análoga à cor branca em sua integridade.

Separados, os membros do casal-nagual são como cores complementares do espectro, sujeitas à energias de raios opostos. O carma que assumem tende a gerar um estado de antagonismo, e sua tarefa passa a ser transformar esta oposição em complementaridade, através da resolução deste carma, limpando, fortalecendo e definindo o próprio raio, na luta contra os seus agentes ou, antes, no saneamento dos maus efeitos desencadeados. Pois, por mais terríveis e temíveis que sejam, os inimigos são apenas um instrumento da Águia para a geração das energias necessárias. Eles apenas são revelados na mesma medida da capacidade do guerreiro em fazer frente aos desafios. Daí a proximidade operativa do Bem e do Mal.

Neste processo o Nagual desenvolve ao máximo todos os aspectos do Nagualismo e origina um novo, relacionado à resolução dos conflitos essenciais da condição humana, resumidos na busca da imortalidade da alma.

É a própria Dádiva da Águia –o dom da consciência– reconquistada e assegurada graças àquele que traz para a humanidade o *pássaro da liberdade*.

Ele é o guerreiro que enfrenta o Anjo que guarda os portões do Paraíso, como Jacó que lutou contra o seu Anjo *solar*. Por isto é também a reconquista do Paraíso, com suas quatro virtudes que representam as fronteiras do Jardim do Éden humano: harmonia pessoal, harmonia conjugal, harmonia social e harmonia espiritual.

No *Regulamento do Nagual*, a mulher-Nagual é tomada como garantia do sucesso do homem-Nagual. A alma-dupla do Nagual passa a ser também a garantia da Unidade final. A alma-gêmea pode encontrar abrigo ali. O verdadeiro Nagual, na sua função de *Arhat*, neutraliza carma suficiente para garantir esta possibilidade.

Em sua complexa tarefa, o Nagual tende a possuir diversas identidades ou nomes próprios. Entre os novos videntes, o Nagual tem o propósito da *liberação*. Seu destino é a quarta iniciação (iluminação), na qual a participação de uma energia *extra* se torna essencial. Por isto este grau contém a idéia do *matrimônio místico*, vinculado à energia de Vênus, que toma a forma da comunhão com a *Shakti-Kundalini* e do amor espiritual. Pode-se dizer que representa englobar a totalidade das energias da Terra.

O *Nagual* é aquele que possui o domínio potencial ou efetivo de duas dimensões completas e mais duas dimensões parciais. Para realizar isto ele deve alçar-se ao menos ao 4º grau ou chegar a ser um *filho da Águia* (5º grau).

Considerado como *Arhat*, neste estágio o Iniciado se torna um Magneto Vivo, cuja influência oculta irradia de uma forma irresistível. *Arhat* significa literalmente "Venerável" (*Rimpochê* em tibetano), porque neste grau o iniciado transcende toda a individualidade inferior e passa a comunicar a própria energia sagrada. Outra tradução para o termo é "Vitorioso". O *Arhat* é vitorioso sobre as vicissitudes da condição humana e sobre o seu grande inimigo: a Morte.

Por isto este grau está também relacionado à realeza "divina" e à coordenar grupos. Seu caráter solar se manifesta sobretudo a nível de energia, senão de conhecimento sagrado. Esta energia radiante exerce uma grande influência social, sobretudo a nível sub-racial, havendo sido um grau *apostólico* na época atlante. Por isto também está associado à ciência de tempo-e-espaço, a Astrologia Sagrada. Relaciona-se tanto ao Calendário Lunar como ao Calendário Joviano, devido à analogia entre estes dois planetas, que ocupam a segunda posição no espectro setenário visto em seus dois sentidos: descendente e ascendente.

Na época atlante a palavra tinha um grande poder. A função de rei entre os toltecas era designada como *Tlatoani*, que significa "aquele que fala". Ou seja, quando ele fala, os outros *ouvem*, pois dele emanam verdade e autoridade.

Enquanto a maioria das pessoas têm o seu ovo áurico repartido em duas sub-divisões, o nagual costuma ter o ovo áurico duplo repartido em quatro sub-divisões, tal como o coração. Isto significa que ele também é duplo em relação às outras pessoas. Tudo isto lhe dá recursos especiais no campo da magia.

Este quadro, característico da nova raça-raiz, pertence de certo modo aos videntes cósmicos, e deve ser realizado em associação com eles. A nova raça deve realizar hoje aquilo que a hierarquia realizou em seus primórdios, na era atlante. Sua garantia de sucesso é a presença dos Mestres, da mesma forma como a garantia do sucesso hierárquico na época atlante fora a presença de Shambala.

* Ver sobre isto em nossa obra *Os Mistérios Antigos*, Volume I de *O Regresso à Tradição Perene*.

Capítulo 12

O Nome Espiritual

Existe certo consenso de que o nome original de uma pessoa não seja algo aleatório, relacionando-se antes à missão e à essência do indivíduo.

Neste sentido, em várias tradições realiza-se na iniciação uma troca de nome, buscando-se um nova energia, tornando-se este um recurso importante para definir uma nova identidade. O nome tem um aspecto *mântrico*, seja por seu conteúdo como por sua vibração e forma.

O nome é *essência*, e sem seus nomes as coisas se tornam difusas e as energias periféricas dominam. O nome permite objetividade no trato de alguma coisa, conferindo poder sobre ela. Por isto em magia conhecer o nome das coisas é essencial.

Para os toltecas o nome foi sempre um *elemento de poder*. Os novos videntes mantinham uma relação própria com o nome pessoal, o qual buscavam preservar do "desgaste", inclusive empregando pseudônimos. Isto era especialmente válido no caso do Nagual, que não podia expôr ou cristalizar a sua essência. O nome fictício do nagual é um recurso de *espreita*, uma vez que permite dissociar do histórico pessoal. Por razões semelhantes, os xamãs temem a fotografia, pois ela seria capaz de revelar a alma e tornar vulnerável o objeto da imagem.

Os nomes empregados pelos feiticeiros toltecas das tradição contatada por Castañeda atendem a um aspecto de herança de linhagem. Cada guerreiro herda um ou mais nomes de seus antecessores (cf. Taisha Abelar, *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 259). O nagual, porém, apresenta muitos nomes:

"Ele tem muitos nomes, um para cada uma das diferentes facetas da feitiçaria a que ele se dedica." (Taisha Abelar, *op. cit.*, pg. 285)

Deste modo, cada Nagual pode cultivar uma diversidade de nomes, para distintas situações, momentos e pessoas. O Regulamento limita e disciplina porém as coisas determinando certas regras para estes nomes. Como demonstramos em *O Espelho de Obsidiana*, esta medida pode ser apenas a sombra de uma tradição tolteca bastante difundida na Meso-América, a do *nome-astrológico*, cujo aspecto ontológico é quiçá ainda mais tangível.

Castañeda usava vários nomes. Florinda Donner o conheceu sob o pseudônimo de "Isidoro Baltazar". Depois ficou sabendo que ele também empregava o nome de "Charles Spider", com o sobrenome inglês que significa *aranha*, sendo na verdade o sobrenome paterno no seu batismo brasileiro e ao qual renunciara em sua chegada à Califórnia.

Se consideramos que a aranha representa a constelação de Órion entre os pré-colombianos, podemos até ver nisto um desígnio cósmico. Órion simboliza os processos mundiais de transição, inclusive entre hemisférios do globo –como foi uma das funções de Castañeda–, além

de representar o grupo do Nagual, especialmente no Novo Regulamento. Assim, Castañeda teria reservado o sobrenome masculino para as suas tarefas mais profundas e elevadas.

Outro nome de Castañeda era Dilas Grau, empregado para a "feitiçaria do infinito". (Taisha Abelar, *op. cit.*, pg. 285)

Certamente este é um recurso que pode trazer muitos problemas "colaterais", inclusive a nível policial. Ao empregá-lo no contexto da civilização moderna, e sendo sua imagem pública desconhecida, Castañeda teve seu nome "legal" amplamente usado por pessoas inescrupulosas que empregaram o seu prestigiado nome para ludibriar mulheres e negociantes. Ele mesmo chegou a ser apresentado a alguém que, usando o seu nome, autografava os seus livros! (ver *Entrevista com Carlos Castañeda*, de C. Fort)

Talvez sejam mostras de que tal recurso tenha uma utilidade limitada ou até contraproducente em nosso ambiente cultural. E pode-se talvez questionar a sua coerência em adquirir fama mas esconder a tal ponto a imagem. Pois, como ensinam os naguais, a "inacessibilidade" não é meramente a ocultação da pessoa e a indisponibilidade para toda a demanda exterior do mundo. Representa antes cultivar o desapego ou evitar o auto-desgaste, mas como vimos acima, este pode terminar acontecendo por outros meios.

a. Recursos do Nome Oculto

Nos trabalhos do Nagual com seus aprendizes, as diretrizes são também muitas vezes feitas de forma indiretas. Para isto, o Nagual pode se ocultar por detrás de um auxiliar, como por vezes Don Juan fazia detrás de Don Genaro e vice-versa. Em *O Presente da Águia*, ficamos sabendo que a grande mente por detrás do grupo do Nagual era na verdade o obscuro Silvio Manuel, um mestre absoluto da Segunda Atenção, mas tão despido de vontade própria que necessitava empregar a de Juan Matus para agir, ao passo que este se valia do poder do grande bruxo para ser mais eficiente na sua tarefa de Nagual. Desta forma vemos que o Nagual não age sozinho, e sim em grupo, confirmando que a estrutura do Regulamento é um pouco mais complexa do que se apresenta (ver também volume III para isto), demonstrando a importância dos papéis na unidade funcional do grupo.

Tal medida reserva dupla função. De um lado representa um recurso didático por desviar o foco de atenção do aprendiz da figura do diretor real. Por vezes o treinamento requer esta dissimulação, sobretudo em casos de ensinamentos e práticas mais árduas que poderiam gerar temor e rancor contra o Mestre. Certamente este é um estilo bastante xamânico de atuar.

Associado a isto, permite maior proteção ao Mestre. Os Mestres devem sempre encontrar alguma forma de proteção, de modo a estarem inacessíveis. A única forma de se manifestarem visivelmente no mundo, é organizando um grupo de guerreiros que formam uma barreira de proteção contra eventuais inimigos.

Esta virada de milênio assiste o amadurecimentos deste processo. A nova Hierarquia, já presente na *terra eleita*, está em vias de manifestação e aguarda o amadurecimento da nova Humanidade, aquela que, tendo assimilado as lições da Era anterior, é capaz de se relacionar com a Hierarquia da forma necessária, ou seja, com respeito e solicitude, sabendo que os Mestres de Luz não são líderes punitivos que exigem o sacrifício dos homens, mas sim sábios amorosos que se auto-sacrificam pela humanidade. Mas esta deve fazer a sua parte seguindo diligentemente a orientação compassiva destes seres de luz e amor. Como os Mestres não tem desejos pessoais, antes se manifestam pela renúncia e pelo sacrifício, o pedido de um Mestre

representa um decreto cósmico de gravidade insuspeita. Atendê-lo significa trazer a perfeição universal ao mundo, e desatendê-lo significa trazer o caos temível.

A dinastia tolteca de Quetzalcóatl veio trazer esta grande lição em plena cultura pré-colombiana. Por isto o nome de Quetzalcóatl permaneceu e foi elevado à categoria profética por sua aura de perfeição, representando a promessa de um idílio que o futuro certamente haveria de trazer.

A cruz maia de Pacal Votan, identificada à de Quetzalcóatl e à de Jesus Cristo, é uma cruz com formato humano e mostra que os mestres são capazes de abençoar os homens, em reciprocidade, porque desejam exaltar a humanidade à categoria do sagrado. Os pés simbolizam as regiões baixas ou básicas do ser humano. Beijá-los significa que o homem se torna capaz de sacralizar a sua existência como um todo, unindo céu e terra, alfa-e-ômega. Para isto, é preciso ouvir com muita atenção a mensagem divina, que se aproxima cada vez mais da essência sagrada do coração humano. Este processo chega ao auge na Nova Era, quando a humanidade poderá revelar todos os seus potenciais e viver a perfeição de sua própria condição. Por isto esta será a Idade do Espírito Santo, na difusão universal da luz.

Capítulo 13

***Tonantzin* ou o Papel-Lua da Mulher**

A mulher tem um trabalho importante junto ao homem em todos os níveis da civilização. Ela representa uma das polaridades energéticas cósmicas enquanto o homem representa a outra.

Existem dois níveis de energias a serem trabalhados em cada cultura, uma racial-humana, e outra espiritual-hierárquica. A mulher está relacionada ao padrão humano e o homem ao padrão hierárquico.

Da mesma forma como as raças acumulam energias e evoluem sob as bênçãos da hierarquia de luz, à mulher, sendo a *companheira* do homem, não é exigido o trabalho real num nível superior. Por isto ela já vem com a essência racial desenvolvida. É claro que está sujeita a vicissitudes. Pode não expressar seus potenciais ou pode aumentá-los se forma sábia. Também pode explorá-los negativamente ao enfatizar energias antigas.

Mas isto é em grande parte uma responsabilidade masculina. Se a mulher é Lua ela irá refletir a luz do Sol. Se este está fraco ela não será culpada de ser obscura. E sendo a companheira, muito do que ela recebe de verdadeiramente espiritual o faz por "osmose". Sua sensibilidade é suficiente para elevá-la às alturas, quando isto é possível. Por outro lado, ela preserva o *nagual*, o conhecimento silencioso. E não necessita *refazer* os passos do conhecimento como o homem. Deve apenas *recordar*, e para isto a presença do guia-Nagual é imprescindível, como semeador de luz e verdade.

a. As Guerreiras: *pragmatismo oculto*

As evoluções humanas estão associadas às energias naturais, uma vez que o plano racial se desenvolve através dos quatro elementos.

Deste modo, tratar da energia feminina e da própria mulher numa investigação sobre o xamanismo é natural. O Xamã se caracteriza pela exploração das forças "naturais" e se vale amplamente das formas externas. Nas religiões africanas as mulheres tem vários papéis, inclusive de natureza diretamente sexual.

É claro que o estilo de trabalho dos novos videntes é bastante mais sutil e interiorizado. Ainda assim, o nagualismo dá muito valor à presença de mulheres nos grupos de guerreiros. O conceito de energias complementares e equilibrantes entre guerreiros de sexos opostos é muito difundido ali. Considera-se que elas tem vantagens excepcionais e até maiores que as dos homens para experienciar os mundos paralelos. Certamente esta vantagem sobressai nos dharmas psíquicos como são os ocidentais.

As *pitonisas* tiveram um papel excepcional nos mistérios, e isto foi confirmado em nossa época através dos trabalhos de H. P. Blavatsky, A. A. Bailey e H. Roerich.

Segundo Don Juan, tardam um pouco mais para iniciar seus processos internos mas depois vão mais longe que os homens (no que sugere ser a tendência geral de suas energias).

Talvez a demora inicial se deva à própria polaridade dual que representam, e suas implicações: "...as mulheres precisam de dois de cada coisa para solidificá-las." (Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 119). No geral, a mulher não tem iniciativa e requer direção. Mas uma vez no caminho elas seguem com maior determinação.

Tal como na biologia, a mulher recebe as sementes do homem e trabalha na sua gestação:

"...a razão da Águia exigir duas vezes mais guerreiras que guerreiros era precisamente pelo fato das mulheres terem um equilíbrio inerente a elas e os homens não. No momento crucial o homem fica histérico e comete suicídio quando julga que tudo está perdido. A mulher pode se matar por falta de direção e objetivo, mas não por derrota de um sistema ao qual pertença." (Castañeda, *O Presente da Águia*. pg. 179)

Assim, o homem depende da razão e a mulher da volição. "Aos guerreiros homens deviam ser dadas razões sérias antes de se aventurarem no desconhecido. As guerreiras mulheres não são sujeitas a isso e podem ir sem qualquer hesitação, desde que tenham total confiança em quem as guia" (Castañeda, *op. cit.*, pg. 197).

As mulheres têm facilidades especiais para a feitiçaria propriamente dita. "Os homens têm sobriedade de propósito, mas as mulheres têm talento. Esta é a razão pela qual um nagual precisa ter oito mulheres videntes em seu grupo."

A importância do poder feminino está estabelecido nestas palavras definitivas de Don Juan: "No tempo dos xamãs que fundaram a minha linhagem, as mulheres eram, por regra, os naguais." (Castañeda, *El Lado Activo del Infinito*, pg. 93) No entanto, tanto homens como mulheres têm suas virtudes e seus limites, de modo que a síntese final apenas viria através do trabalho conjunto atualmente procurado:

"Seu pragmatismo natural, produto de sua feminilidade, conduziu a minha linhagem para poços de praticidade dos quais quase não puderam sair. Então, os homens assumiram a direção e conduziram a minha linhagem para poços de imbecilidade dos quais apenas estamos saindo agora.

"Desde os tempos do nagual Lujan, que viveu há uns duzentos anos, tem havido um nexo conjunto de esforços, compartilhado por um homem e uma mulher. O homem nagual traz sobriedade; a mulher nagual traz inovação." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 93)*

O próprio nagual tem pois uma contraparte feminina. Depois que Don Juan se foi, a mulher-nagual Dona Florinda permaneceu completando a instrução de Castañeda ainda por 12 anos.

b. Almas-Companheiras

Tudo isto é muito compreensível, pois a raça atlante estava polarizada no 2º grau, daí as mulheres atlantes serem verdadeiras artistas do psiquismo. O protótipo da mulher-Lua é Eva, a companheira que reflete mas dualiza em sua função de *mãe*. É a alma-companheira, que geralmente envolve relacionamentos pessoais cármicos, razão pela qual os guerreiros evitam tais relacionamentos. O grupo do Nagual não é um campo fértil para o sentimento humano comum, a não ser a nível de companheirismo interno, cientes de que a unidade enriquece e protege o grupo.

Talvez por não possuírem vínculos espirituais mais profundos, manejam com energias escassas e não podem pensar em associar-se mais amplamente e nem ter filhos. Raramente ocorre o padrão da alma-gêmea, capaz de conferir a energia da eternidade, embora isto parece se dar a nível de *naguais*.

No Genesis o homem se sente só e pede uma companheira. Assim, o primeiro papel da mulher foi o de *companhia*, mesmo no Jardim do Éden. Devido à pouca profundidade desta relação é que não puderam preservar-se dos frutos do pecado ao comer da Árvore do Conhecimento. Era preciso desenvolver a idéia de *complemento*, a única capaz de gerra uma síntese.

Na Nova Era, o símbolos das ondas paralelas demonstra que as energias pares estão em alta. É preciso voltar a respeitar as polaridades e a dualidade. Já não basta um único ponto de vista e nem qualquer verdade é simples ou absoluta.

c. Habilidade Astral

Este padrão dual reflete e valoriza as habilidades astrais da mulher, para a intuição e a imaginação. As mulheres possuem dons especiais, relacionado justamente à energia do útero. "O segredo da força da mulher é o seu útero. O útero é o centro de nossa energia criadora." (Donner, *op. cit.*, pg. 57). É o útero que permite estabelecer o vínculo das mulheres com os quatro ventos, através dos quais elas alcançam a liberdade (cf. Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 35).

Os ciclos uterinos são muito úteis para os processos femininos. A menstruação é considerada um período especial no qual elas poderiam "abrir uma fresta entre os mundos" (tal abertura tende a ocorrer dois dias antes da menstruação –ver Castañeda, *op. cit.*, pg. 121). Esta possibilidade dispensa e substitui o salto no abismo que os guerreiros homens quase invariavelmente devem realizar para abrir tal "fresta" (Castañeda, *op. cit.*, pgs. 39-40).

O segundo centro energético do corpo humano está associado ao útero. É nele que as mulheres guardam os seus sentimentos, da mesma forma como os homens o fazem no peito (Castañeda, *op. cit.*, pgs. 86-87).

É também o útero que confere às mulheres uma vocação nata para *sonhar*. Movendo e girando o corpo acumulam energia para conseguí-lo, pois desta forma ativam o útero. Para elas tudo é uma questão de acumular energia, e então a coisa acontece naturalmente. "...Sonhar é a função secundária do útero –sendo a primeira a reprodução e o que estiver relacionado com isso. Sonhar é uma função natural nas mulheres, corolário puro da energia. Tendo suficiente energia, o corpo da mulher, por si só, desperta as funções secundárias do útero, e a mulher sonhará sonhos inconcebíveis" (Donner, *op. cit.* pg. 258).

Em compensação, dizem as videntes que obter esta energia necessária é o seu grande desafio. As estruturas sociais impedem que a mulher tenha acesso à energia, sobretudo pelo vínculo matrimonial que tão fortemente lhe é imposto. "A grande tragédia das mulheres é que a sua consciência social domina completamente e sua consciência individual" (Donner, *op. cit.* pg. 278-9).

Mas tal estado de abstração é também uma virtude:

"Um feiticeiro homem é muito difícil de treinar porque a atenção dele está sempre fechada, focalizada em alguma coisa. A mulher, ao contrário, está sempre aberta porque a maior parte do tempo ela não focaliza a sua atenção sobre nada. Especialmente durante a mestruação" (Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 181).

d. A Questão Sexual: *economia e ética*

A incorporação de mulheres nos grupos de videntes deve ter representado uma das maiores revoluções da tradição tolteca. Seu poder de vidência é o acréscimo da raça árya. Reflexo disto seria a capacidade feminina de *dialogar com o vento* (Donner, *op. cit.*).

As mulheres são mais receptivas e contemplativas, e os videntes perceberam que podiam induzir com facilidade os estados alterados de consciência às mulheres, e passaram a dar um valor especial à sua companhia.

A mulher tem uma vocação natural para o conhecimento direto ou silencioso. As videntes consideram que a razão surge como um atributo masculino apenas porque os homens necessitam sistematizar o conhecimento para ter acesso a ele. E neste sentido, a forma feminina de perceber poderia dar uma contribuição especial para a civilização –sobretudo na Nova Raça, cujas energias são "femininas". No "lado feminino da razão" inclui-se a técnica do sonhar, por exemplo. Isto é mais importante que a ritualística xamânica tradicional, que é basicamente pagã. O caminho de síntese é o principal, emoldurado pelos verdadeiros desafios da vida, que são aqueles trazidas pelo cotidiano (cf. Donner, *op. cit.* pg. 246-9).

Castañeda não oferece relatos de procedimentos "tânicos" dentro dos grupos de novos videntes, embora mencione uma única vez casos de "romances entre feiticeiros" (particularmente no casal nagual). Pelo contrário, aprendera que dormir na mesma cama e até na mesma casa com alguém era sempre imprudente, porque as energias se "enroscam" de uma forma prejudicial. O dormir próximo apenas é empregado como recurso para "sonhar junto", quando então as guerreiras dormiam na mesma cama que o Nagual (Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 74).

Segundo Don Juan, o homem é incapaz de gerar energia, devendo por isto economizar a que possui como única forma de obter a energia necessária para ter acesso aos mundos superiores. O *maithuna* ou magia sexual é muito empregado no Oriente como *recurso energético*. Ainda assim representa uma técnica perigosa, instável e limitada. Ainda assim o tantrismo é uma prática de guerreiro e uma forma de "caminho de meio", na medida em que propugna enfrentar uma situação desafiadora sem ceder e sem fugir.

A prática sexual vulgar é vista pelos novos videntes como desperdício de energia ou da "força de vida", além de ser eticamente ilegítima fora de sua função natural de gerar filhos. O instinto é considerado um mero recurso biológico ao qual o sábio deve saber resistir e superar.

No geral, para o treinamento tolteca a castidade é uma premissa por razões basicamente *econômicas*. É dito que o homem possui um quantidade limitada de energia e que é necessário economizá-la para ter acesso ao conhecimento: "...o pré-requisito de entrada em qualquer dos estágios de atenção é a posse da força de vida, pois sem ela os guerreiros não podem ter direção ou objetivo" (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 197).

O nagual explica a Taisha Abelar: "(...) o armazenamento da energia sexual constitui o primeiro passo da jornada rumo ao corpo etérico, à consciência e à liberdade total (*A Travessia das Feiticeiras*, pg. 184).

Nesta obra é explicado que a atividade sexual é a principal causa de perda de energia, inclusive muito após o ato na medida em que permanecem "vermes" (fios) de energia na mulher. O enfoque, dado desde a ótica feminina, diz que isto prejudica a mulher pois fortalece o homem que nela deixou estes fios, à medida em que ela mesma se fortaleça. Mas certamente o efeito é ambivalente, e o homem quando se fortalece também drena a sua energia para a mulher na qual

deixou tais fios. Caso não se deseje este vínculo, a solução é realizar a *recapitulação* e a "varredura" de energias.

Devemos neste caso tratar de abstrair o nosso intento sexual. É muito normal mantermos uma expectativa regular neste campo, tratando-o mais ou menos como qualquer outra fonte regular de alimentação. Trata-se, neste caso, de *alimento emocional*, ainda que com perda energética física. A abstração é no entanto possível quando entendemos que os instintos podem ser controlados e redirecionados até certo ponto, cabendo para isto buscar outras formas de "estímulos" e novos campos para o experimento.

A castidade ou o celibato dos guerreiros é tido como um dos temas "polêmicos" destes ensinamentos entre os observadores externos. Isto confere uma nota especial neste ensinamento, quando quase tudo aquilo que hoje é apresentado oferece uma faceta condescendente com relação ao tema, mostra de que falha no aspecto crucial do sacerdócio e da iniciação real. Os videntes têm plena consciência disto, e em algum momento Don Juan chega a dizer que aquilo que faz da Igreja Católica uma ordem unificada e indestrutível é justamente o celibato de seus padres.

É importante observar que, a rigôr e sob a ótica da tradição, este é um dos fatores mais eloquentes a favor da pureza e da veracidade desta linhagem. É certo que, se Castañeda fosse um mero oportunista (como por vezes é acusado no que diz respeito às drogas), ele não teria incluído com tamanha ênfase um item tão "polêmico" para a ótica vulgar.

No entanto, apesar de os guerreiros se reunirem em grupos mixtos, e da sua intensa busca pela "energia escura" e pelo poder pessoal, para surpresa de muitos nem uma única linha sobre a popular "magia sexual" é escrita nas obras de Castañeda e nas de seus colegas.

Não podemos responder pela verdadeira cultura pré-colombiana, no sentido dos séculos que antecederam à Conquista, mas naquilo que se refere aos videntes dos últimos tempos, nem a influência da filosofia oriental parece ter dado lugar a práticas desta natureza entre os sábios indígenas. Apenas nos resta pensar que estes guerreiros vivem tão completamente absortos nos mistérios a que estão dedicados, que esta dimensão da existência fica relegada e definitivamente absorvida nas buscas ocultas.

O tema é certamente polêmico na visão dos ensinamentos mais puros, quase tanto quanto a questão das drogas, sempre tratados com o devido cuidado e reserva. Em *Os Raios e as Iniciações* de Alice A. Bailey, o Tibetano menciona a magia sexual como uma prática aceitável no estágio de iniciante espiritual. No Oriente esta prática é corrente e se divide em duas correntes chamadas "via úmida" e "via seca". A primeira adota o contato físico, ao passo que a última (considerada mais "segura") rejeita todo o uso da fisiologia. A arte sagrada tibetana comumente mostra os deuses em pares e inclusive em cópula sagrada, servindo também isto para tema de meditação. O êxtase sexual é visto como um símbolo e uma referência para o êxtase espiritual, tal como o Sol é tido como uma imagem e uma referência do espírito iluminado.

Quanto às drogas, houve uma convergência de interesses de época e é até possível que don Juan, mais que aproveitado isto como "isca", tenha realmente percebido a importância das plantas sagradas na abertura da percepção do discípulo ocidental. A prova desta possibilidade dá o controle total do mestre sobre a situação, administrando as experiências e livrando o pupilo de todos os graves perigos que lhe acercaram nesta via, a qual de resto em poucos anos foi totalmente abandonada, em favor de um aprendizado realmente maravilhoso e cada vez mais profundo.

e. Os Mistérios Maiores na Polaridade

Em princípio tudo isto está portanto muito correto. Ainda assim, sabemos que existem aspectos superiores envolvidos na própria sexualidade. Trata-se de Mistérios Maiores no que se refere à Dualidade como expressão imediata das energias para conduzir ao sagrado ou à Unidade primeira.

Tais questões dificilmente a humanidade tem sido capaz de discernir por dizer respeito à mais alta síntese possível nesta ronda cósmica. Devido a esta dificuldade, na literatura de Castañeda o amor tampouco é diretamente focado em sua dimensão sublime, apesar de suas conseqüências transcendentais estarem previstas no próprio Regulamento, mediante o relacionamento do casal-nagual de uma forma especial, relacionamento este que toma no entanto uma forma amplamente abstrata, revelando toda a sua dimensão espiritual.

Existe sim uma grande afeição e respeito entre os feiticeiros. O magnetismo dos guerreiros, o ambiente mágico e os desafios contínuos do caminho recanalizam com eficiência as energias pessoais.

Mas a grande atração que desperta a figura dos Naguais homem e mulher, e especialmente o amor sagrado existente entre o homem-Nagual e a mulher-Nagual, nunca chega a dar lugar a elaborações mais profundas sobre estes mistérios. Este é um aspecto que caberá aos Videntes Cósmicos no Novo Mundo, associada ao desenvolvimento de uma Psicologia Integral de fundo alquímico (em direção à qual C. G. Jung sinaliza), que inclui a hábil disposição de elementos de síntese harmonizando Natureza e Civilização, tal como fizeram os orientais.

A síntese que representa o contato amoroso perfeito é algo absolutamente insubstituível na sua beleza e nos seus frutos, sempre puros e elevados. Algum dia a humanidade estará liberada para amar perfeitamente e em grande escala? Sabemos que isto está no seu destino e que apenas depende de tomar as medidas necessárias para curar a Terra.

O esplendoroso "caminho-do-meio" entre o gozo egoísta e a iluminação ascética, não é uma utopia, sendo antes a resposta lógica para todos os problemas da humanidade. Descartá-la é que tem gerado todas as formas de impasses, ausência de sentido e sofrimento a que tem estado sujeita a sociedade. Considerá-la como certo é como por fim cerrar a caixa-de-Pandorra. Tal conquista representa a dádiva suprema reservada às raças sábias e meritórias (trataremos porém melhor disto no Capítulo dedicado à "Mulher-Vênus" do Volume III desta série).

É muito provável que os antigos videntes tenham empregado em algum momento a "energia feminina", da forma semelhante como faziam os tântricos orientais. Tudo indica que a magia sexual é de origem atlante, raça que teve como tarefa explorar a dimensão sexual: "crescei e multiplicai-vos", diz o Genesis. Existem imagens maias que sugerem tais práticas (ver o Códice Porrúa divulgado por Humbatz Men em *Segredos da Religião-Ciência Maia*).

Na mitologia pré-colombiana, existe um mito feminino que parece atender a este aspecto da mulher, é *Tonatzin*, a deusa-mãe serpente, companheira de Quetzalcóatl como uma virgem-mãe. A energia serpentina representa sempre uma força básica da Natureza, como a *Kundalini* dos hindús. *Tonatzin* é a função-Lua da mulher, o aspecto água, maternal, emocional, passional e instintivo.

Em seu aspecto superior, diz respeito ao processo de *economia da energia vital*, tal como buscaram criteriosamente cultivar os novos videntes, respeitando também eticamente a função natural da sexualidade. Apenas sobre esta base torna-se possível a evolução espiritual.

Na época da colonização este mito foi adaptado para dar origem à "padroeira das Américas", a Virgem de Guadalupe, cujo mito a representa na forma da mulher descrita no Apocalipse 12, a mulher solar cercada por 12 estrelas, tendo a Lua sob os pés, símbolo que tem sido também as-

sociado por nós ao Brasil cercado pelos doze outros países da América do Sul, assim como ao *horóscopo* do nagual ou mesmo da mulher-nagual.

Neste aspecto, a eliminação deste procedimento pode ter sido uma das reformas realizadas entre os toltecas. Chegaram a tal ponto no domínio das realidades paralelas, que sentiram que misturar diretamente energias trazia mais prejuízos que vantagens. Trazia sempre de volta ao "ponto básico" e impedia a liberação no "conhecimento silencioso".

Por algum tempo permaneceram fisicamente afastados das mulheres, até que solidificaram suas atenções no "terceiro ponto de referência", que é o *intento*. Então as mulheres foram novamente chamadas a participar ativamente dos trabalhos de vidência.

Existem mudanças nestas relações dentro das distintas etapas de trabalhos. As iniciações obedecem a uma dialética em suas energias. Os graus pares –2, 4, 6, etc.– são "psíquicos" e polarizados, e é nestes que se pode esperar um melhor desempenho por parte das mulheres.

Segundo o Tibetano (em *Raios e as Iniciações*, de Alice A. Bailey), a Magia Sexual é uma técnica da Primeira Iniciação. Favorece a energia física, mas pode revelar-se traiçoeiro. É uma forma de desenvolver a "energia escura" e a "falsa luz" ou poder mágico através da focalização na matéria, empregada como fonte direta de disciplina numa "renúncia parcial". O trabalho do *Aprendiz* é o da disciplina física, e para isto existem vários recursos, entre eles a técnica do *não-fazer* e a Tensegriedade. No geral, o papel da mulher é de *referência*, simbolizando a mística da Natureza com a qual o postulante teve aprender a comungar.

No segundo grau, chamado *Companheiro* na Maçonaria, o ideal é o da fraternidade. O iniciando deve manifestar certo refinamento psíquico obtido a partir de sua associação com o Mestre. Aqui a mulher simboliza a Alma, que deve ser receptiva ao espírito do Mestre para juntos realizarem um matrimônio místico. Caracterizado pela dualidade, é o momento para iniciar a exercitar-se no *sonhar*.

O terceiro estágio é positivamente criativo e liberador. O iniciado deve aprender a gerar energia semeando o *fogo interior*. A mulher representa a Alma fusionada ao Espírito gerando o Ser, produzindo engenho e visão.

A quarta etapa, de natureza iluminativa, representa necessariamente uma apoteose porque está associada ao centro do *coração*. A mulher se tornará ela mesma um veículo para a liberação interdimensional, assim como o homem, ambos reunidos fundindo caminho e caminhante numa única caminhada. Os caminhos do infinito se abrirão assim naturalmente, trazendo possibilidades até então impensáveis.

* É interessante ver que o novo ciclo de equilíbrio teria começado através de um xamã vindo do Oriente, Lujan, portador da filosofia chinesa que tanto enriqueceu a tradição tolteca. Foi também o xamã mais íntimo do desafiador da Morte, que lhe conferiu nada menos que 50 dons de poder, vindo a ser o principal codificador dos passes mágicos.

Capítulo 14

O Deserto e a *Árvore do Conhecimento*

O xamanismo encontra seu campo de trabalho no ambiente natural. Nas culturas xamânicas, a Natureza é vista como um ambiente *elementar*, um campo de esforços para a criação e a evolução do homem, assim como para a sua regeneração. O ambiente xamânico por excelência é no geral extremado, seja ele as densas florestas (elemento Água), as vastas estepes (elemento Terra), as elevadas montanhas (elemento Ar) e áridas desertos (elemento Fogo). Este meio restritivo fortalece pois energias específicas, fornecendo "matéria-prima" ao ser humano, mas dificulta a organização superior e o desenvolvimento intelectual e técnico, induzindo ao desapego e à abstração, ao esvaziamento e à solidão. Por isto o xamanismo está associado a épocas remotas e a determinadas regiões do globo.

O nomadismo simbolizava a condição errante do homem no planeta. Afixar-se a um ponto sinalizava apego e ilusão. A peregrinação libertava o homem do acúmulo de posses. Neste estágio, o sacerdócio é o recurso-diretor fundamental, porque o espírito de sacrifício permite preservar com pureza o contato das forças naturais.

Os sábios buscavam o deserto para meditar e Moisés reteve por 40 anos o povo judeu no deserto para purificá-lo e poder realizar a sua missão racial. Sacrificou sua própria visão da Terra Prometida em nome da futura nação hebraica. Isto foi necessário porque o povo escravizado não teve capacidade para aceitar as primeiras leis dadas por Deus no Sinai, tendo para isto que chegar uma nova geração (ver também profecia em Apocalipse 11,2). As Leis Mosaicas tinham em vista depurar o estado de consciência atlante de adoração materialista do bezerro de ouro. Assim, a peregrinação surge como elemento de purificação e de renovação.

Desde que floresceu a cultura árya, o elemento *conceitual* tornou-se poderoso e o homem tem andado em busca da paz e da pureza da mente, assim como do resgate do coração. E para isto a Natureza é sempre um auxílio eficaz. Nela transparecem os quatro elementos, que formam o universo do coração (quarto Centro), e onde o homem surge como a *quintessência*.

Este estado reflete o *espírito-Zen*, a busca pela harmonia interior. *Zen* é corruptela do chinês *Chan*, do sânscrito *Dhyana* que significa "meditação". Meditar é sinônimo de auto-controle, de coordenação interior e de *criatividade*.

O Jardim-Zen oferece recursos para esvaziar a mente e gerar correntes mentais pacíficas. O símbolo da mulher-lua é o Vazio, expresso externamente pelo Jardim-Zen. A Lua é isenta de luz própria; ela reflete o Sol da mesma forma como a mulher reflete o homem.

Os princípios tradicionais de beleza e vazio podem ser empregados em ambientes conturbados visando harmonizá-los. Através da harmonia exterior o homem também encontra a harmonia interior e as coisas começam a revelar um desígnio superior.

Quando o homem alcança a harmonia interna, ele pode dedicar-se de forma positiva a recriar a sua existência, e foi isto que deu origem à civilização. O Jardim-Zen é uma lembrança das origens e também um recurso para renovar a mente e pacificar a alma, expressão característica do Dharma de Vazio (*Sunyata-Dhama*), como o de Gautama, lei espiritual destinada a purificar as consciências de suas estruturas corrompidas como castas e ritos em desuso. O Dharma de Gautama tinha uma estrutura numérica aparentada à do Regulamento do Nagual: Quatro grandes Leis (relacionadas às esferas elementais), postas em prática através de Oito Caminhos. E estava direcionado aos mistérios da consciência.

A busca do Vazio representa o *resgate da consciência*, retomada após a esvaziamento interno de um ciclo cultural estruturador, gerando um processo de materialização e formalização de costumes, perdendo sua vitalidade interna e permanecendo apenas a forma externa como verdadeira *cadeia* espiritual.

Por isto o Jardim-Zen não prevê nenhuma espécie de árvore –isto é, de vida orgânica. Ele é árido e se compõe unicamente de pedras, o reino mais *estático* da Natureza, sinalizando o retorno a uma condição original, para realizar uma limpeza tão completa quanto possível dos conteúdos subjetivos. Qualquer possibilidade de movimento deve ocorrer sobre novas bases, e estas apenas podem ser obtidas através da *meditação no vazio*.

O Jardim-Zen é o deserto, onde não chove e não existe vida ou atividade. O monge meditante afasta todo o sentimento e todo o pensamento.

O reino mineral é o básico em qualquer planeta. Ele não está sequer associado à vida como tal. No entanto, seus componentes fazem parte da ordem biológica e estão na sua base.

É também sobre o Jardim-Zen que se começa a recriar a Natureza interior. É sobre o *vazio* que a Criação aparece em sua verdadeira harmonia original. No treinamento dos guerreiros toltecas, a aridez das montanhas é empregada para concentrar energias (Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pgs. 76-77). A contemplação está na base dos trabalhos dos videntes, e a Natureza deve ser empregada para isto. O propósito inicial é deter o fluxo dos pensamentos e despertar a segunda atenção. Com esta o vidente torna-se capaz de penetrar na essência dos reinos, sejam eles mineral, vegetal ou animal, assim como em fenômenos da Natureza como vento, o nevoeiro, as nuvens, a chuva e o raio. Inicialmente emprega-se os reinos mais estáticos, e depois os "fenômenos cíclicos", ou os elementos mais dinâmicos. Uma última série inclui o fogo, a fumaça e as sombras, havendo ainda as estrelas e a água, tidas como práticas muito avançadas (Castañeda, *op. cit.*, pg. 215 ss.).

Os desertos e os chaparraís são ambientes desafiadores porque exigem do homem poder interior. Induzem à solidão e à autoconcentração como nenhum outro, sendo assim geradores de poder. Certamente os pampas se incluem neste quadro.

O Jardim-Zen é um pequeno deserto artificial, despido de vegetação luxuriante. Mas a partir dele pode-se começar a recriar a vida, surgindo com isto a arte do paisagismo sagrado, tal como no Jardim-Tao ou o "jardim japonês" (meio-termo entre o Jardim-Zen e o Jardim-do-Éden), que imita a natureza em sua harmonia essencial. Nele os quatro elementos, que são as essências da vida, estão em perfeito equilíbrio. Não expressam uma verdadeira ordem hierárquica *solar* ou centralizada, como numa mandala (Jardim-Éden), mas simbolizam a beleza e a abundância natural e o bem-estar humano, propiciando a realização do ideal humanitário quádruplo de níveis *pessoal, conjugal, social e espiritual*. O Jardim-Tao é o padrão das Idades de Bronze, assim como o Jardim-Zen é da Idade de Ferro. Regidos pela República, não são propriamente o reino da ordem, mas antes a procura da harmonia em ambientes caóticos. Mas por isto refletem a busca pela renovação e a reconstrução do edifício do conhecimento e da espiritualidade desde suas raízes. A República –assim como a Democracia– é um resgate de valores essenciais, a "busca pela humanidade básica" de cada um. Seus limites são também evidentes, e à medida em

que emergem valores mais elevados, deve-se resgatar também aqueles padrões superiores de organização, próprio da Teocracia, por exemplo.

Observemos pois o seguinte quadro:

Jardim Zen plano físico.
Jardim Tao plano emocional.
Jardim do Éden plano mental.

É um fato que a complexa estruturação do "grupo do Nagual" atesta um desenvolvimento considerável da tradição tolteca. Reflete o seu grau de conhecimento e de poder ao organizar hierarquicamente a sociedade de guerreiros –não tanto uma hierarquia vertical, mas antes horizontal; se se pode assim dizer. O Nagual é quem "detém em mãos o mito vivo", dizem os guerreiros.

Por outro lado esta ordem não chega a irradiar-se abertamente na sociedade, o que é também reflexo da época materialista que impede maior integração, assim como do ambiente repressor que sofre o indígena. Este quadro de isolamento limita o progresso espiritual em toda a parte. Os antigos videntes pertenciam a um ambiente de maior integração, mas também limitado e sujeito à corrupção. Com a chegada dos espanhóis conheceram uma crise maior e passaram a trabalhar em grupos fechados, adaptando-se ao mundo e criando espaços alternativos para as suas viagens de conhecimento.

O Jardim-Zen induz a este *regresso* para que o mundo possa ser vivido em sua pureza e integridade original. O homem busca a Natureza para se fortalecer contra os vícios humanos acumulados na Civilização. Ele não pode viver no Jardim-do-Éden enquanto tiver impurezas na alma. Deve ser dirigido para o Jardim-Zen a fim de recobrar a consciência, obtida através do Vazio, que é a experiência do aqui-e-agora proporcionando a *Presença Autêntica* e a condição de Homem Verdadeiro.

O ensinamento tolteca afirma que o Nagual auxilia as pessoas a viver a aqui-e-agora. Na formação do guia-Nagual é muito importante o conhecimento da natureza humana e suas mazelas psíquicas.

A Natureza fornece os recursos elementares da vida humana nos quatro planos de Criação: físico, psíquico, mental e intuitivo.

Em termos básicos, o nível *físico* deriva da fartura de alimento, no nutriente material que ele colhe nos frutos das árvores e nos grãos, e também nos processos químicos do Sol.

O nutriente *psíquico* está presente na beleza e na vastidão do meio natural, assim como nos desafios ao espírito que ele oferece e na companhia dos semelhantes.

O nível *mental* se encontra no conhecimento da ordem que prevalece em todas as coisas e nos recursos que deve desenvolver para a sobrevivência, inclusive aprendendo com os mais sábios.

Por fim, o nível *intuitivo* se encontra na percepção da harmonia cósmica e do sentido maior que pressente-se por detrás de tudo, fornecendo um sentido sagrado à existência.

Estes alimentos básicos o homem encontra na Natureza, e deve continuamente buscado. É sobre esta base unicamente que se pode construir a verdadeira ordem civilizatória e toda a harmonia humana. A humanidade é uma superestrutura a ser colocada sobre a base natural. Mas quando esta superestrutura se desgasta, então é preciso recomeçar todas as coisas desde o princípio, porque aquilo que se corrompe também se contamina.

Esta é uma das razões para a atual revalorização do ambiente natural, de resto tão ameaçado em sua integridade. Além, é claro, de sua importância *cósmica* no futuro. São estes pois os três níveis de trabalhos "ecológicos" que procura a humanidade atual:

1. *Nível Físico*: Preservação do ambiente natural;
2. *Nível Psíquico*: Resgate das bases elementares da existência;
3. *Nível Mental*: Valorização do aspecto espiritual da Criação.

a. A "Árvore do Conhecimento"

O "conhecimento" tem sido o grande mote do trabalho dos novos videntes. Tudo o que é por eles realizado tem como pivô a busca pelo saber, até mais do que pelo ser. Tal coisa se deve à natureza da quinta raça, fundamentando todos os trabalhos da civilização mundial nos últimos cinco mil anos.

Exemplos disto estão no Regulamento. O grupo básico do nagual tem quatro membros e o nagual é a sua quintessência.

Este quadro corresponde aos cinco centros existentes na Árvore Iniciática árya, tal como cultuavam os toltecas e os budistas.

O *Conhecimento* está muitas vezes associado à quintessência e ao pentagrama que representa também o Homem e o Microcosmos.

É dito que a raça árya expressou a perfeição do padrão humano. Tal coisa pode ser entendida fisicamente, mas o verdadeiro conceito de homem perfeito apresenta antes um aspecto *espiritual*, sendo especialmente aplicado aos Adeptos Áryos. A nova Dinastia trará mestres ainda mais elevados, e deles será dito serem *homens universais*.

Os cinco centros estão relacionados à "Árvore do Conhecimento" de que fala o Genesis, e à metade inferior da Árvore Sefirótica.

Quando Deus criou o Paraíso ele colocou o homem no seu centro, onde se achava a Árvore da Vida.

Até então os homens evoluíam pelo "Caminho do Raio", que é o do Espírito, situado na coluna central da Árvore Sefirótica, empregando apenas 4 esferas.

Mas a partir da segunda sub-raça, simbolizada por Eva, foi tomado o "Caminho da Serpente", que é o da Alma e atravessa transversalmente a Árvore Cabalística, empregado 7 esferas. Esta é a "Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal". De certo modo, o Vazio é a virtude máxima e a síntese deste ciclo.

Na Árvore Sefirótica, a esfera do Conhecimento é Daath, uma *sephira* oculta "desativada" desde o Pecado Original e chamada de "abismo", surgindo no seu lugar Malkuth, "o Reino", associado à Terra e seus quatro elementos, na base de tudo. *Daath* marca o limite evolutivo da esfera da Alma, simbolizado pelo "véu do abismo". Significa também a morte (death) ou o limite da condição humana.

No corpo humano, a Árvore do Conhecimento está associada ao "sistema nervoso autônomo".

Todos os órgãos do corpo estão regidos pelos dois sistemas, o *autônomo* e o *voluntário*. O sistema autônomo está relacionado aos "intintos naturais", e seu nome indica que exerce a sua atuação de forma automática ou "natural". Está associado ao sentimento de autonomia humana, com tudo o que isto pode conter de ilusório ou transitório.

A Árvore do Conhecimento vincula ao *tempo* através dos instintos, sendo a serpente um dos mais significativos símbolos do tempo.

b. Os Passes Mágicos

Os *passes mágicos* nasceram da percepção dos movimentos "naturais" ou espontâneos realizados pelos videntes sob estados intensificados de consciência. Os videntes terminaram percebendo que reproduzir estes movimentos em consciência normal auxilia a "parar o mundo", ou seja, a penetrar naquela "segunda atenção".

Por muito tempo se apresentou os passes mágicos como geradores de bem-estar físico e mental. Mas os últimos naguais reformularam este conceito e definiram a sua função básica de *redistribuir a energia*.

Para isto se emprega os *centros de energia* existentes no corpo humano. A aura humana é descrita pelos videntes como um "ovo luminoso" contendo vários departamentos, setores e divisões, como as suas muitas camadas que lhe dá o aspecto de "cebola", com os vórtices através dos quais a força vital é redistribuída por todo o corpo (ou por todos *os corpos*). Esta energia quando não é distribuída, se torna como a "casca" deste ovo, tornando a pessoa rígida. O excesso de energia estagnada é nocivo e corresponde a morrer de sede enquanto se tem um tanque de água que não se pode usar.

Isto acontece preocupando-nos e sucumbindo à tensão da vida cotidiana, e então "a energia se junta na periferia da bola luminosa, às vezes ao ponto de formar um sedimento grosso como uma casca."

Diz Castañeda em *Passes Mágicos*:

"A verdadeira magia dos passes mágicos é o fato de que eles fazem com que a energia que se transformou em casca entre novamente nos centros de vitalidade, daí a sensação de vitalidade e de destreza experimentada pelos praticantes.

"A energia, que normalmente se transformou em casca, é liberada e começa a entrar nos vórtices de vitalidade do corpo." (pgs. 25-26)

Don Juan diz que a energia densa deposita-se "em baixo": "Essa casca ou crosta era a energia encrostada na parte de baixo, que tinha sido descartada dos nossos centros vitais de energia durante toda a nossa existencia, devido ao desgaste de vida diária." (pg. 206) Como se fosse mais "pesada", esta energia descartada é depositada na parte inferior dos centros ou do conjunto energético humano. Certamente ela sobrecarregará as áreas *instintivas*, que serão naturalmente empregadas para eliminá-la.

Esta concentração densa de energias é semelhante aos "complexos" de que fala a Psicanálise e também à condensação de energia representado pelo centro da base da coluna.

É fácil perceber que a vida cotidiana emprega uma parcela muito pequena das energias disponíveis ao ser humano. A própria Ciência compreende que o nosso potencial intelectual ocioso é imenso. E o mesmo se poderia dizer das nossas faculdades psíquicas.

Infelizmente se procura desenvolver isto de forma estreita e meramente mental, esquecendo que a mente está integrada a todo o resto. E com isto determina-se "currículos" opressivos para as crianças e jovens e que para nada auxiliam no desenvolvimento da nossa totalidade.

Os feiticeiros acreditavam que a única forma de mobilizar tais energias era através dos passes mágicos.

As seis séries da *Tensegridade* podem ser associadas aos seis centros da nova hierarquia. Existem séries masculinas, femininas, mixtas e neutras, assim como gerais para os *níveis* de consciência.

Estes movimentos centralizadores e redistribuidores de energias correspondem então ao trabalho com o *tempo*.

Quando a energia está estagnada na "casca" do ovo áurico, gerando impulsos intintivos, então a consciência está regida pelo *tempo circular*.

Quando a energia entra nos centros preenchendo-os ela está regida pelo *tempo central*.

E quando a energia é finalmente redistribuída saturando os corpos ela está regida pelo *tempo polar* (ou cósmico)

O grande propósito de buscar o Vazio é o de equilibrar a esfera pessoal. Para isto o trabalho individual é de suma importância.

Trabalhando sobre os centros o indivíduo alcança definir suas esferas internas, seu microcosmo pessoal. E este é o plano da Árvore da Vida (*Tonacacuáhuil* em nahuatl). Até a etapa atlante a tarefa era ativar as energias duais das duas *nadis* polares, *Ida* e *Pingala*, solar e lunar.

Um dos recursos mais difundidos entre os videntes telúricos para isto são os *passes mágicos*, movimentos que visam ativar os centros de energia distribuídos ao longo do corpo, redistribuindo a energia disponível, que se destinam geralmente a auxiliar a focalizar a Segunda Atenção.

Estes *passes* adquiriram várias formas ao longo das gerações, tendo recebido influência das artes marciais (recomendada pelos Naguais) e outras como a dança e o teatro, além de servir de base para a ritualística tradicional (praticamente desativada pelos últimos Naguais). Castañeda transmitiu-os na forma dos exercícios recebidos por seu benfeitor, e chamou esta técnica de *Tensegridade*, palavra retirada da Arquitetura e que reúne "tensão" e "integridade".

Na sua maioria, os passes são dádivas diretas dos Naguais, especialmente do nagual chinês Lujan, quem recebeu, na virada do século XIX, mais de 50 dádivas de poder do *Inquilino*, muito mais do que qualquer outro de sua linhagem. Tais dádivas são basicamente *movimentos do pontos de aglutinação*, e os exercícios visam acionar estes movimentos. Trazem portanto um poder especial e antigo, devendo ser realizados sob a orientação de um instrutor credenciado.

Outra influência importante que veio através do nagual Lujan foi a das artes marciais do Oriente. Deste modo, podemos dizer que os passes mágicos resultam basicamente desta confluência de fatores: artes marciais e movimentos do ponto de aglutinação.

A partir do Nagual Julian, mestre de Don Juan, os passes adquiriram uma abordagem mais ampla enquanto *redistribuidores de energia*.

Don Julian Osório tinha um espírito artístico e aplicou todos estes ritos ao teatro. A teatralização era importante, e isto reflete aquilo que propriamente conhecemos como *xamanismo*. Sua capacidade de manipular as coisas do mundo era fantástica, pois era um mestre da *loucura controlada* e da *espreita*.

Silvio Manuel, do grupo de Don Juan, elaborava passos de danças com eles. Quanto a Don Juan, considerava a ritualística muito eficiente para prender a atenção, mas em compensação acarretava morbidez de caráter nos seus praticantes. E reduziu os passes mágicos à sua essência, empregando-os como "exercícios" e atuando quicá mais objetivamente sobre os centros.

Castañeda procurava seguir seus passos, e sua originalidade radicou-se em adaptá-los e sobretudo em abrir academias para divulgar estes "passes mágicos".

Através disto conheceu uma nova dimensão da energia, que é aquela gerada pelo *grupo*. Até então eram permitidos grupos de no máximo 16 componentes entre os guerreiros toltecas. Viu então que grupos com mais de 100 participantes geram uma energia muito especial. Esta percepção, já antiga na China, é portanto uma nova revelação no ocidente.

Percebeu, como tantos outros instrutores antigos, que a energia grupal compensa a falta de energia existente a nível individual.

Quando Jesus Cristo declarou: "Onde dois ou mais se reunirem em meu nome, ali estarei", ele não estava apenas apresentando um princípio fraternal, mas elucidando uma lei energética, válida, é verdade, sobretudo a nível espiritual, uma vez que a ética da fraternidade é realmente uma realidade cósmica.

Capítulo 15

A Ressurreição ou o Salto para a Eternidade

São muito raros aqueles que vão além das montanhas. Alcançá-las já é uma conquista ímpar e admirável.

Por isto os melhores homens se contentam em conquistá-las. Na verdade, é tudo o que um homem pode desejar e esperar fazer com os próprios esforços. Além disto existe um abismo terrível no qual a humanidade apenas pode vislumbrar a Morte.

A maioria dos que alcançam receber uma visão gloriosa do mundo, desde o alto, retornam e passam o resto de suas vidas ensinando outros a chegarem onde eles estiveram.

Mas, há certos momentos em que se torna necessário ir mais adiante.

Deve-se despertar as asas e voar além dos planos mundanos, por mais elevados que sejam. Sem dúvida, o desafio da morte é algo maior do que tudo o que os caminhos da Terra podem oferecer.

Os horizontes da Eternidade são, este sim, vertiginosos, e para alcançá-los o único portal existente é o da Cruz. Mas uma vez que o Vitorioso conquista este umbral, muitos outros podem passar pela porta aberta e chegar até ela através de um caminho sinalizado.

Todos devem saber no entanto que os dois braços da cruz se chamam *tragédia* e *glória*, e meditar sobre isto no caminho. E que a cruz a ser tomada é a *Cruz do Mundo*. Assim deve funcionar as coisas, para haver ordem.

Ao mesmo tempo, deve-se refletir que ser homem é estar destinado a mais do que os horizontes limitados da Terra. Deus quer que seus filhos despertem para as limitações do mundo, que salvem-se como almas imortais e desenvolvam os corpos de luz de luz necessários à jornada eterna. Sem, é claro, desprezar a Terra, antes amando-a ainda mais para cumprir seus objetivos, que é o de servir como um berçário de estrelas viventes.

a. O Grande Umbral

A única forma digna de viver é morrendo, e a única forma sábia de morrer é vivendo. Este método é chamado "andar sobre o abismo", e por vezes se trata mesmo de "saltar *no* abismo". De fato, andar *sobre* o abismo deve ser considerado como uma atitude prévia a saltar *no* abismo.

A morte deve ser vencida. Isto não é impossível para o homem, dizem os sábios, e oferecem meios para acirramos nossas convicções neste sentido.

Inicialmente, a própria morte também é considerada pelos xamãs do México como algo que nos é imposto por nossos condicionamentos culturais. Podemos aprender que temos a *oportunidade* de sermos imortais.

"O poder do homem é incalculável; a morte existe só porque a temos *intentado* desde o momento em que nascemos. O *intento* da morte pode ser suspenso fazendo que o ponto de aglutinação troque de posições." (cit. em *La Rueda del Tiempo*, pg. 289)

Na religião judaico-cristã a morte é um dos atributos do "pecado original". O fato de o homem estar fora do paraíso tem esta consequência principal. Ao desdenhar a Árvore da Vida ele praticou um pecado mortal, fazendo-o sentir-se limitado e perecível. Mas através de métodos adequados ele pode retomar o seu caminho para a perfeição primeira.

Este processo está especialmente relacionado ao quarto grau, chamado crucificação espiritual. Nos processos divinos este evento se dá após 12 anos de iniciação. Por esta razão o Arcano XII é o Sacrifício e o XIII o da Morte. Representa o enfrentamento da morte *iniciática* que o verdadeiro guerreiro deve encarar.

Ao fim de 13 anos de árduo aprendizado, Castañeda chegou a um grande limiar no qual deveria superar em definitivo as suas limitações físicas. E tal coisa deveria ser feita *saltando num abismo* – e não apenas metaforicamente.

Castañeda descreve como isto aconteceu no final de sua obra "Portas para o Infinito" (*Tales of Power*). Inicialmente, ele e seus co-discípulos foram conduzidos algumas vezes para o platô de uma montanha, a fim de realizarem repetidos "saltos" até o fundo do abismo a título de treinamento com o auxílio de seus mestres.

Chegaria porém o momento em que ficariam sozinhos, pois seus mestres partiriam eles mesmos para o Desconhecido, e os discípulos teriam que dar o salto por sua própria conta.

Assim que o nagual Don Juan, reunido a seu grupo de videntes sumiram no ar, Castañeda e com mais alguns discípulos correram juntos até a borda do abismo e saltaram, sem saber se para a morte, para a eternidade ou para retornar.

Este salto podia corresponder à morte pelo fracasso, ao retorno a este mundo ou, numa terceira hipótese, a uma "combustão" interna especial da qual já não se pode retornar fisicamente, pela colocação do ponto de aglutinação numa área demasiadamente longínqua. É o que fizeram os seus mestres porém já sem necessitarem saltar (representando portanto uma outra categoria de atuação e que descrevemos no Volume III).

Mais tarde Castañeda descreveu o que aconteceu consigo. Despertou num outro universo, retornando logo ao nosso junto a seus colegas. Mas o grupo de seu Mestre permaneceu naquele mundo paralelo para sempre ou, quem sabe, até que os grupos se reencontrem para uma nova etapa de jornada, já que neste campo as possibilidades são quase infinitas.

Em muitos casos o guerreiro estará treinado para isto. Terá postergado a morte muitas vezes, de modo que sua hora já teria chegado há muito.

Seja como for, este ato é ilustrativo daquilo que os iniciados de 4º grau devem realizar. O 3º grau está simbolizado pelo triângulo e o seu trabalho é semelhante a escalar uma montanha. Ir além disto é para poucos, sendo por regra impossível prosseguir sem um mestre experiente.

Após chegar no alto da montanha, o indivíduo tem apenas duas alternativas: retornar para se tornar um instrutor ou um guia para os caminhos escarpados do treinamento iniciático, ou dar o salto definitivo para o desconhecido, o que poderá levá-lo aos abismos mais profundos, como as fossas abissais dos oceanos, as únicas significativamente mais radicais do que as montanhas da Terra. Isto é unicamente o que pode levar mais adiante. Muitos avatares são jogados às águas, como Osíris, Moisés e Ulisses. Corresponde também ao que se costuma descrever como "ir aos infernos".

Neste momento o guerreiro fica só no mundo, sem a companhia de seus mestres. O salto no abismo refletiu-se também em um abismo *interior*. Diz ele em *La Rueda del Tempo*:

"*Relatos de Poder* ("Porta para o Infinito") leva a marca de minha queda definitiva. Na época na qual tiveram lugar os acontecimentos que se narram neste livro sofri uma profunda sacudida emocional, a crise do guerreiro.(...) O fato de não ver mais a Don Juan não podia ser aliviado (...)" (pg. 169)

Sua solidão foi imensa e isto o motivou a saltar do abismo, na esperança de que "Don Juan estaria obrigado a levar-me consigo e a salvar qualquer ápice de consciência que me restasse, morto e tudo". (*Op. cit.*, pg. 170) É preciso esta ponta de desespero para ir além das medidas humanas. Mas também é preciso "amar este mundo" para a ele regressar e permanecer lutando após esta grande prova.

Normalmente este "salto" resulta na morte ou na *iluminação* do iniciado, que atravessa então crises tremendas, ilustradas na crucificação de Jesus e em todos os dramas expiatórios a que se submetem os Avatares. No caso de Castañeda, o "pulo no abismo", seguiu-se a um ciclo de 13 anos de aprendizado, e nisto o padrão está matematicamente condizente. Após outros 2x13 anos ele faleceria *de fato*, cumprindo neste ciclo a clássica *Roda do Tempo* espiritual de 24 (ou 26) anos, em analogia com o Zodíaco Maior.

Assim, entre morrer e reencarnar, a Sabedoria prevê a "alternativa" da *ressurreição*. Neste sentido, aquele que ressuscita o faz porque apenas alcança a iluminação, e é graças a esta nova luz que ele sobrevive à uma morte virtual. Alguns destes iniciados permanecem com graves seqüelas, e sobrevivem graças à energia adicional a que tem acesso, à qual são obrigados a manter e a cultivar continuamente como forma de compensar suas crises surgidas a partir do processo de "crucificação" ou mesmo antes. Ou seja: pelo aspecto natural, a morte já lhes teria colhido há muito. E se em algum momento relaxam, o corpo pode entrar em colapso, de modo que são obrigados à vigilância permanente, que outra coisa não é do que a prática da "impecabilidade".

Num outro sentido, a Tradição ensina que aqueles que morrem com méritos também atravessam no além o Portal da Luz, e é como se se iluminassem lá chegando. Existem vários testemunhos de indivíduos que viram ou até se aproximaram desta luz, descrita como uma fonte de gozo divino.

Em *La Rueda del Tempo*, Castañeda afirma:

"As citações de *Relatos de Poder* me trouxeram vivamente a lembrança de que o *intento* dos chamãs que viveram no México em tempos remotos seguia funcionando impecavelmente. *A roda do tempo* se movia inexoravelmente ao meu redor, obrigando-me a olhar em sulcos dos quais não é possível falar sem perder a coerência." (pg. 173)

Existem muitas formas de viver na beira do abismo sem nele cair ou sem dele fugir. Este "andar sobre o fio da navalha" é essencial para a condição humana, e os sábios sempre apontaram este caminho. Basicamente deve-se permitir a presença de *Deus* em nossas vidas. Os toltecas de Castañeda quase nunca falavam em Deus, e nisto se aproximavam dos budistas. Mas são apenas conceitos. No fim, *céu*, *Tao*, *Nirvana* ou *liberdade* representam o mesmo. Diz o Tibetano que a liberdade é a mais divina das virtudes.

Quando se tem a oportunidade de conviver com mestres e guerreiros tão poderosos como os de Castañeda, os conceitos perdem muito da sua importância. Os elementos essenciais estão ali, nos videntes iniciados, no *mito* que sustentam e nas energias que mantém. A palavra dificilmente abarca a magia.

A força grupal, associada à autoridade de um mestre, e tudo isto emoldurado por uma tradição longa e sábia, são de longe o mais importante. Esta é a essência das Escolas de Mistérios, centros de perpetuação da Sabedoria sagrada.

Mas o homem médio e o iniciante também devem tratar de empregar recursos de liberação, tais como a vivência comunitária e a religião, ou na auto-entrega e no desapego. O homem deve usar as coisas sem envolver-se com elas (isto é o mínimo que ele deve fazer, mas é muito difícil quando existe a necessidade de posses). Deve usar sua vontade mas em nome de algo maior, e sempre tratar de *obedecer a uma autoridade*. Os grupos humanos e sociais devem sempre tratar de contatar um Centro Maior e através deste vínculo nortear as suas ações.

Como em outras épocas, existem hoje muitas Escolas e Caminhos no mundo. Provavelmente vários deles terão coisas positivas a ensinar. O vínculo com uma Ordem suprema será vital como forma de legitimar as suas ações e mostrar que não impera ali o separatismo e o fanatismo, e nem se insinua o egocentrismo sob qualquer forma. Enquanto não se estabelece este vínculo nada se pode esperar de mais sério e profundo. Cada Escola necessita se sujeitar a algo, e este Centro deve ser encontrado em cada época. Uma Escola séria aceita o controle, a disciplina, a orientação e a energia superior, porque é isto que ela também trata de oferecer àqueles que a procuram.

b. O "Caminho da Perda"

Segundo Angeles Arrien em *O Caminho Quádruplo*, o caminho do Mestre se caracteriza pela administração da perda.

A ausência de nossas necessidades vitais gera um grande vazio e carência que necessita ser preenchido de algum modo, e o guerreiro procura fazê-lo através dos altos valores e energias.

Quando conseguimos compensar uma ausência por energias *verdadeiramente* novas, e não meramente tratando de substituir o perdido de forma paliativa, então podemos dizer que o processo teve sucesso.

Estes caminhos *alternativos* são muito frequentes entre os iniciados, através dos quais eles tratam de vencer os seus limites, e não apenas os limites imediatos das vicissitudes do caráter, das tendências psíquicas e da inércia espiritual, e tampouco as limitações mentais ou intelectuais, mas os próprios limites físicos na medida em que estes sofrem bloqueios através da velhice e, especialmente, da *enfermidade*.

A auto-cura é um ato de poder, por isto o guerreiro deve tratar de curar-se com seus próprios esforços, porque a sua cura pessoal também representa a *cura do mundo*. Certa ocasião Castañeda pretendia realizar uma cirurgia, e a resposta que ouviu de sua mentora Florinda Matus foi esta:

"Sois o nagual. Ou curas a ti mesmo ou morres. Nada de ambigüidades nem duplo comportamento. Se o nagual tem que ser operado por um doutor é porque tem perdido o seu poder." (*La Rueda del Tiempo*, pg. 200)

Por vezes a busca permanente pela cura se torna o preço pela vida e até do conhecimento. Na linhagem de Don Juan havia um exemplo clássico de emprego da "enfermidade como caminho". Tratava-se do nagual Julian, o mestre de Juan Matus. Originalmente um ator e homem de temperamento libertino, foi encontrado à beira da morte pelo nagual Elias, obtendo deste a garantia de que poderia sobreviver por muitos anos ainda, contanto que adotasse o caminho guerreiro de impecabilidade. E foi assim que "com o tempo o ator chegou a ser o nagual Julian:

um tuberculoso que não se curou jamais, mas que viveu até talvez os cento e sete anos, sempre caminhando na borda do abismo." (Castañeda, *La Roda del Tiempo*)

No mesmo sentido cabe a perda de um ente amado, que tende a gerar um grande vazio em nossos corações. Ou então, a perda pode nem ser definitiva ou absoluta como o caso da morte, mas uma ausência dolorosa. Os guerreiros sofrem grandes perdas desta natureza. O Regulamento até os contempla com suas regras, através da partida das figuras carismáticas do Nagual e da Mulher-Nagual, tida como essencial para o amadurecimento dos processos daqueles que ficam. Entende-se que dá a motivação necessária para lutar e auto-transcender tudo o que for necessário na esperança de retomar o contato idílico de algum modo. E na tentativa desesperada de voltar a preencher-se os guerreiros crescem.

Tudo isto se enquadra no *caminho do sacrifício* que caracteriza o sacerdócio, em especial no *quarto grau*. Trata-se também do *caminho adverso* citado pelo Ensino da Agni Ioga, o qual é muito valorizado pelos guerreiros. "Aos guerreiros lhes resulta mais fácil seguir adiante em condições de máxima tensão que ser impecáveis em circunstâncias normais." (Castañeda, *La Rueda del Tiempo*, pg. 216) Em *A Travessia das Feiticeiras*, Clara Grau afirma que "o corpo humano possui um sistema de energia extra que entra em ação quando estamos sob tensão. E a tensão acontece sempre que fazemos alguma coisa em excesso" (pg. 146) Os atletas conhecem bem este processo e até exploram os seus limites sabendo que esta força extra é capaz de proporcionar possibilidades fantásticas. Isto é especialmente desenvolvido pelos chamados "atletas de Deus", cujas façanhas amiúde surpreendem.

O sacrifício realizado com consciência pode gerar as mais sublimes energias. Nem sempre será o caso de "consolar-se" com a perda, mas sim de trabalhar pela reconquista, como observamos realizarem os heróis dos épicos que necessitam resgatar um reino ou a sua amada.

Isto se enquadra numa das formas regulares de trabalho do guerreiros:

"(...) uma das artes de um guerreiro é fazer o mundo desmoronar por um motivo específico e, depois, tornar a restaurá-lo a fim de continuar a viver." (*Viagem a Ixtlan*, pg. 135)

Deste modo, o sacrifício espiritual não pode ser classificado como mera "renúncia". Por isto o Ensino da Agni Ioga diz que *sacrifício é inclusão*, e daí vemos nos mitos muitas vezes os heróis recuperarem tudo o que perderam e saírem até ganhando com isto (o mito de Jó é um clássico neste sentido).

Este processo faz parte da conquista dos bens espirituais, pois o sábio deve "procurar antes de tudo o reino dos céus, e então todas as coisas lhe serão dadas." Por isto o seu retorno é cheio de glórias. Diz o vidente:

"O xamanismo é uma viagem de regresso. Um guerreiro regressa vitorioso ao espírito após haver descido ao inferno. E do inferno regressa com troféus. A compreensão é um de seus troféus." (Castañeda, *La Rueda del Tiempo*, pg. 295)

Sempre ouvimos falar que o Cristo toma sobre os seus ombros as dores do mundo. Ao padecerem em função dos "pecados do mundo", os Avatares eliminam parte substancial do carma humano e o mundo já pode ser salvo.

O *Livro do Zohar* menciona o processo sofrido pelos Messias e que poderia ser considerado *padrão* neste nível:

"No Paraíso existe um palácio conhecido como o *Palácio dos Enfermos*, onde o Messias entra para visitar todas as enfermidades, as penas e os sofrimentos, convidando-os para que tomem posse dele. Isto é feito, e o Messias padece então de todos os castigos que merece Israel. Se o Messias não tivesse tomado sobre si os castigos que merece

Israel, ninguém teria sido capaz de suportar os sofrimentos do mundo. Mas o Messias suporta os sofrimentos de toda a humanidade."

O "justo" se revela especialmente através da *ressurreição*. Com isto ele gera uma energia de amplitude global. Ao produzir esta energia ele dá mostras de possuir uma alma universal ou de ser um veículo para a consciência cósmica.

Uma técnica particular de os videntes trabalharem a experiência da beira-do-abismo é através dos "pequenos tiranos". Este método não se limita pois à "lapidar o ego", representando também uma forma de colocar-se sob um "risco calculado" que nos mantém alertas. As restrições da vida comum podem trazer muitos ensinamentos se aceitamos as suas lições. Saminhos que conhecemos bem, pois surgem amiúde para compensar a falta de instrução exterior. O carma ensina a via do darma.

Acima de todas as perdas, está a perda universal que o homem tem para a Morte. O guerreiro luta para manter a consciência da morte tratando de viver com intensidade cada momento. E toma as medidas necessárias para isto: desapego, auto-abandono. O guerreiro-viajante busca menos os objetivos do que os horizontes em si. Ele faz da viagem a sua própria meta. Elege um lugar mítico para alcançar, se deseja, mas sabe que este propósito se acha antes dentro de si.

A morte é o adversário supremo que jamais será vencido de todo, mas apenas sendo desafiado é que pode nos permitir crescer e conquistar algo (ver Castañeda, *El Lado Activo del Infinito*, pg. 164).

Estando assim prostrado perante o Inevitável, sabendo de sua condição passageira, uma das qualidades do guerreiro é a de peregrino sobre a terra. Sente-se assim um *guerreiro-viajante*, sempre buscando manter a consciência de sua real condição. Sabendo que a perda definitiva é inevitável, faz tudo para dar o melhor de si:

"...os guerreiros-viajantes são pragmáticos. Não estão envolvidos com nostalgia ou melancolia. Para os guerreiros-viajantes, só existe a luta, e é uma luta sem fim." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 168)

Assim, o guerreiro-viajante não lamenta o inevitável. Pois, de qualquer forma, para ele a morte termina por representar uma vantagem. Liberado das contingências carnis, a consciência alcança a unidade definitiva. Os atavismos terrenos são deixados de lado com as últimas lembranças. E purificados de todos os agregados históricos, a alma vê-se livre e fortalecida para seguir o seu destino eterno:

"Para um bruxo, a morte é um fator unificante. Em vez de desintegrar o organismo como ocorre normalmente, a morte o unifica." (Castañeda, *El Lado Activo del Infinito*, pg. 246 ss.)

Os fragmentos de energias, normalmente separados pelas memórias dispersas do homem, se unem por fim no momento da morte. (cf. *op. cit.*, pg.336 ss.). É como a questão da chama no pasto: ao chegar o vento, ou ela se apaga sendo fraca, ou ela cresce sendo forte.

Mas isto também pode ser antecipado pela experiência do salto no abismo. E se a dispersão faz o xamã chorar, a unidade se caracteriza por um calafrio profundo. Este é um *fato energético*. E para um *guerreiro-viajante*, tudo o que importa são os *atos energéticos* (Castañeda, *op. cit.*, pg. 388).

É lugar comum nos meios esotéricos dizer que a morte requer uma grande preparação. Esta é a mais importante das questões, de modo que nunca será demais enfatizá-la. Don Juan destaca então um ensinamento crucial: "...temos que ter algo pelo qual morrer, antes de pensar que temos algo pelo qual viver." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 319) Diz também que "vida e morte andam mão a mão, mas é a morte que leva o timão."

Afinal, a morte é mais definitiva, mais poderosa do que a existência física. Esta é que deve adaptar-se às circunstâncias gerais da existência. Perante a eternidade, a vida material é apenas um detalhe –embora um detalhe fundamental. Para que serve, então? Para aprendermos, dirão uns; para resgatarmos o nosso carma, dirão outros. E todos estão certos.

A existência física é uma escola. Mas os sentidos não são os únicos meios de percepção e de experiência. Eles são apenas os recursos básicos para um aprendizado que sempre prossegue. São os veículos para o desenvolvimento da consciência, em termos primários inicialmente, mas também de *individualização*. Através deles conhecemos os recursos de que dispomos como homens. Muitas escolas virão adiante, mas todas elas empregarão como base aquele aprendizado inicial, como o do *abc* ou o das operações matemáticas fundamentais.

c. O Dom Feminino

O *Caminho da Perda* substitui de certo modo o salto "físico" no abismo. O sacrifício e a enfermidade são também caminhos comuns de ascensão espiritual. Mas existe um caminho "paralelo" que também se torna regra, sendo porém exclusivo para as *mulheres*.

Ocorre que as mulheres são preservadas de saltarem no abismo e até de maiores padecimentos, apenas porque possuem um *útero*. A menstruação abre uma porta com a mesma importância de saltar no abismo e despertar num outro mundo! É algo como se o sangue expelido substituísse o sangue (mesmo simbólico) dos sacrifícios masculinos.

O útero, aquele receptáculo destinado a gerar a vida, pode ser usado para concentrar tremendas energias, especialmente a energia adicional que a menstruação confere. Esta é sem dúvida uma das "vantagens" que teriam as mulheres no caminho do conhecimento. Afinal este "abismo" está *mensalmente* diante delas e ultrapassá-lo nem requer grandes perigos.

Certas idéias religiosas afirmam porém que a mulher está incapacitada para o Alto Sacerdócio, e uma das razões é justamente a menstruação, que "inverte" a polaridade feminina gerando uma energia híbrida. O ensinamento tolteca interpõe aqui um grande mistério, cuja solução pode estar na *energia racial*.

No geral, parece que as mulheres sempre são poupadas de maiores sacrifícios no caminho espiritual. Podem ser raptadas e até desviadas, como acontece nos mitos. Os guerreiros e heróis devem então resgatá-las e para isto terminam por modificar o mundo.

Afinal, o caminho do esforço e do sacrifício é masculino. À mulher não é dada o poder de chegar à iluminação com as próprias forças, e por isto u'a mulher nunca será um Avatar (embora os *Puranas* incluam pelo menos uma entre os 22 Avatares de Vishnu). Mas esta situação é por demais rara e não poderia por si só proibir todo o sacerdócio feminino.

Como quase todo mundo, a mulher também se ilumina e ascende com o auxílio dos iluminados. Criou-se até uma palavra especial para o processo feminino: *assunção*, para caracterizar a dependência ao elemento masculino. Nada disto deve ser visto com maus olhos, antes pelo contrário, pois preserva o romantismo e a hierarquia. Afinal a "dependência" feminina é contrabalançada pelo sacrifício pessoal do masculino.

d. O voto sagrado

Todo o ser humano tem uma sensação natural de imortalidade que o leva a viver como se fosse eterno, quando na verdade necessita ainda estabelecer vínculos com o perene para de fato sobreviver.

Em parte, este sentimento deriva da semente eterna que como homens todos possuímos, a qual deve ser no entanto regada para crescer e se transformar numa planta eterna (símbolo este que, mal compreendido, faz certos intérpretes improvisados atribuírem a Ósiris o caráter de "deus da vegetação"!).

As resoluções têm o poder de redirecionar as coisas e permitir seguir trabalhando. Agir de forma impecável reúne poder e atrai "boa sorte". Cada coisa é tão importante como qualquer outra diante de nossa morte. E este é um estado de espírito que deveríamos cultivar sempre.

"Num mundo onde a morte é o caçador não há decisões grandes ou pequenas. Só há decisões que um guerreiro toma à vista de sua morte inevitável." (*La Rueda del Tiempo*, pg. 97)

O caminho nos colocará frente a frente com vários desafios, confrontando nossa perseverança. Apenas a morte pode servir de conselheira fiel.

O importante é saber o pagar o preço para abrir as portas necessárias. A única coisa que diferencia um vitorioso de um derrotado, é a persistência e a decisão inquebrantável de *pagar o preço pelas coisas*.

Diante da morte não há espaço para atitudes negligentes para com a vida. E o guerreiro-viajante prepara-se com cuidado para a viagem final, com plena dedicação, atenção e até *prazer*. Isto faz pensar nestas palavras de Don Juan:

"Os atos têm poder. Especialmente quando o guerreiro que atua sabe que estes atos são sua última batalha. Há uma estranha felicidade ardente em atuar com pleno conhecimento de que o que se está fazendo pode muito bem ser seu último ato sobre a terra." (*La Rueda del Tiempo*, pg. 105)

Todo o iniciado é alguém que exercita continuamente o "ter que acreditar". Ser um iniciado é viver seu sonho de guerreiro. O guerreiro não vive na realidade a não ser para modificá-la. Seu verdadeiro ambiente é o de seu sonho, o de seu projeto de existência superior para si e para o mundo.

O guerreiro não abandona o campo de batalha porque que não tem mais para onde ir e porque sabe que ele é imprescindível ali, e que este fato lhe dará forças e proporcionará ajuda na hora em que for necessária.

Por esta razão, mais do que ninguém os Mestres são seres que levam ao máximo de suas possibilidades a fórmula de "ter que acreditar", também chamado de "voto de fé". Para exemplificar, eles sabem que não podem confiar em ninguém, porque conhecem a natureza humana. E no entanto, investem tudo o que têm e trabalham com todas as suas forças pela salvação da humanidade, semeando constantemente flores nos desertos dos corações. E desta semente farta eles sempre colhem algo, e alguma semente é transmitida para as futuras gerações.

Ao assumir a inteira responsabilidade por sua vida, sem lamentar seu passado ou seu presente, o guerreiro caracteriza-se pelo *sentido de dever*. Por isto ele troca a crença ou a descrença pelo *ter de acreditar* (op. cit., pgs. 100 ss.), que é, por assim dizer, uma atitude racional em termos práticos, porque lhe permite caminhar.

O mundo em que ele se propõe ingressar está no além, pertence ao invisível. E ele deve exercitar toda a sua *loucura controlada* para voar para este mundo. Obviamente, nada se compara a poder contar com a guia de um "louco" realizado neste caminho.

A fé é um sustentáculo daquele que abandonou a segurança dos meios materiais e se entregou aos poderes superiores. Sem ser movido pelos desejos, o guerreiro aceita tudo o que lhe vem, e vê tudo como desafios à sua impecabilidade. Um bom exemplo é a estorieta hindú do yogue acusado de gerar um filho numa mulher. A criança lhe é entregue e ele a aceita sem protestos. Anos mais tarde, outros vêm reivindicar a paternidade da criança, e ele a entrega, novamente sem protestar.

Também é válido relembrar a filosofia da *ética viva*, no Ensino da Agni Ioga, que afirma que o yogue-do-fogo mantém-se no campo de batalha simplesmente porque este é o seu dever. Ele é necessitado ali e nada mais poderia fazer a não ser lutar. Esta é muitas vezes a situação dos buscadores no mundo atual, com suas tamanhas complicações.

O guerreiro *tem que acreditar* que poderá vencer, mesmo desconhecendo se as forças de que necessita virão. Somente assim ele descobre que elas existem e estão à disposição do lutador impecável.

O que o novo homem necessita é de um *treinamento de fogo*, pois o quarto grau corresponde a este elemento. Por isto os mundos sutis são o seu grande campo de experiência, e o coração o seu verdadeiro órgão de sensibilidade.

O *batismo de fogo* prometido pelo Cristo virá em nível cósmico e individual, e devemos estar preparados para recebê-lo, treinando com as energias do coração, amando de forma incondicional e buscando a identificação com a natureza como uma espécie de novo *rito racial*.

Capítulo 16

A Tarefa Ashrâmica I: *Fundamentos*

Vimos nos volumes anteriores que o nagual tem entre suas tarefas a de compôr um grupo de guerreiros.

Como este grau está associado ao comando ashramico e também ao princípio de sacrifício e transcendência, o seu processo iniciático está vinculado ao elemento *sucessório*. Existem cargos que são únicos e um Mestre sabe a hora de deixar o palco, até porque chega o momento de o discípulo assumir a cabeça de um Ashram, e também porque não é bom que hajam divisões de poder. Esta é uma das razões pelas quais o nagual-aprendiz deve *retornar* de seu salto no abismo, após vencida esta prova transcendental.

Na tradição hindú, a herança espiritual que um Mestre lega a seu discípulo inclui uma energia interior que determina um salto vibratório e de consciência. Tudo isto segue uma velha lei, aquela de que, quando um iniciado se ilumina, ele libera um mestre no infinito. Este mestre tinha um vínculo direto com o iniciado, e a liberação final é a "recompensa" pelo sucesso de sua tarefa, da mesma forma como esta tarefa foi o preço para ele por fim se liberar.

O processo lembra pois as descrições dos teósofos sobre a ascensão e liberação dos cargos hierárquicos, especialmente a nível de Mestres. Os Mestres "internos" atuam como "Anjos solares" (uma nova versão dos "anjos guardiães"), orientando espiritualmente os discípulos da luz. Atravessam nisto eóns guiando seus discípulos através das reencarnações destes pupilos, numa tarefa que deve ser cumprida a fim de que eles próprios possam ser liberados, coisa que apenas acontece quando chega a época de uma manifestação divina, permitindo que muitos novos mestres surjam. Por isto a Jerusalém celeste do Apocalipse tem dois andares, cada qual com um grupo de 12 unidades: o dos novos guerreiros no alto, e o dos antigos guerreiros na base. Isto explica porque os alicerces da Cidade sagrada estão associados aos Apóstolos e as suas portas às 12 Tribos. Os novos serão "legião" e se acham no alto ou na superfície, no verdadeiro plano de revelação. Os outros serão os liberados para os campos cósmicos que surgem pela última vez sobre a Terra.

No final de *Portas do Infinito*, o nagual Juan Matus despede-se de seu grupo de discípulos realizando todos um derradeiro ato de poder, indo o velho grupo diretamente para a outra dimensão, e saltando os novos de um abismo (numa teatralização daquilo que realizam simbolicamente os altos iniciados tomando a cruz espiritual), num *vôo* que transporta também este grupo para outras dimensões, embora devendo retornar a esta ainda para consumir serviços, para fazer a sua parte de compôr um novo grupo de iniciados, depois de aprender a conviver com o seu próprio grupo. Retornam pois disto tudo apenas aqueles que deveriam retornar. O Mestre realiza um "sacrifício" especial indo para uma ultradimensão, numa ascensão derradeira para o seu plano evolutivo, tomando o *Caminho de Evolução Superior* por ele escolhido (ver

Parte III desta Série). No seu lugar permanece como guia o discípulo principal, que é o *nagual*--aprendiz.

Através da experiência da cruz espiritual, os Comandos-Fênix tornam-se peritos nas artes da ressurreição. Também têm a sobrevivência póstuma assegurada de forma *autônoma*. Graças a isto eles podem ser incluídos entre os Quadros Sagrados e transitar livremente pelas esferas internas do sistema solar.

a. A Recapitulação Final

Um dos grandes elementos deste processo é a *recapitulação*. O ensinamento tolteca ensina que a recapitulação é necessária para se entrar na "terceira atenção", prévio à saída deste mundo, e que ao defrontar-se com a Morte o guerreiro deve realizar o inventário de sua vida. Disto depende o próprio sucesso da travessia para o Além. A *Águia* apenas aceita uma recapitulação perfeita para liberar o indivíduo, pois é a forma mais segura de perder a forma humana (em termos subjetivos). Do contrário, a consciência é requisitada e ocorre a "segunda morte" de que falam as escrituras, que é a morte da alma ou da consciência.

Existem muitas narrativas de indivíduos que realizam *espontaneamente* uma recapitulação no momento de suas mortes, ou perante aquilo que deveria ter sido a morte segundo as leis naturais, mas que por alguma razão misteriosa são poupados e "retornam", podendo então descrever pelos que passaram, inclusive "no outro lado" da vida.

A recapitulação é na verdade um procedimento natural no universo e toda a entidade em evolução resume as suas etapas no final, como forma de dar início a uma nova etapa maior.

Deste modo, a recapitulação dos atos diários é também uma prática de todo recomendável. Nela podemos, sem maiores esforços, lembrar de tudo o que fizemos, deixando atrás as cargas desnecessárias, perdendo e pedindo perdão, para assim entrar na "pequena morte" diária que é o sono, de forma leve e então aproveitar melhor a viagem às outras dimensões. Os próprios sonhos são basicamente formas de canalizar energias contidas, tendo assim um intenso fundo terapêutico.

Quando Castañeda compilou *A Roda do Tempo* ele estava no final de seu trabalho e missão, no termo de uma verdadeira roda-de-tempo. Depois que Don Juan e seu grupo se foram, Castañeda seguiu sendo instruído por Florinda Matus, uma guerreira *expert* nas técnicas de recapitulação e que fora "deixada para trás" para completar a instrução do grupo de Castañeda. Este trabalho constituía basicamente na recapitulação de *vivências* feitas pelo grupo de Castañeda com o de Don Juan.

E foi assim que, após vários anos da partida de Don Juan, teve início um novo ciclo literário com "memórias revividas", a partir de *O Segundo Círculo do Poder*. O próprio título indica que desde então a polarização do nagual Castañeda estava definitivamente no âmbito do *nagual* ou da "segunda atenção". Os livros passaram a ter uma dimensão superior e a riqueza de seus ensinamentos chegou no seu pináculo. Geralmente, apenas os sonhos e os estados alterados de consciência (como a "segunda atenção", o reino do *sentir*) podem suplantar a realidade em intensidade.

Em *La Rueda del Tiempo* Castañeda escreve:

"As visões que tive de Don Juan graças às minhas novas capacidades de recapitulação, foram infinitamente mais intensas que qualquer das que tive dele enquanto estava vivo."
(pg. 245)

O processo pode chegar a grandes requintes como o de desvendar detalhes inéditos e, ainda mais, penetrar em situações simplesmente estranhas ao histórico individual. Diz Florinda Matus: "Os guerreiros podem enfocar sua atenção inclusive sobre pessoas que nunca conheceram. O resultado final desta profunda focalização é sempre o mesmo: a cena se reconstrói. Aparecem padrões inteiros de conduta, tanto os esquecidos como novos, ao alcance do guerreiro." (*La Rueda del Tiempo*, de Castañeda). Uma guerreira define o emprego da recapitulação como "o ato de trazer de volta a energia que já despendemos em ações passadas". (Taisha Abelar, *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 62)

A recapitulação pode ser ordenada por hierarquia de importância ou por sequência, ou ainda ser feita "ao acaso". Quando se procura a hierarquização das evocações mnemônicas por importância, recomenda-se que a recapitulação inicie pela atividade sexual passada, "porque é aí que grande parte da nossa energia fica aprisionada". (Taisha Abelar, *op. cit.*, pg. 67). O guerreiro deve tratar de *substrair o seu intento da sexualidade*, algo possível para um espírito impecável.

A recapitulação apresenta duas funções. Uma delas tem o sentido de retornar às origens, de modo a reunir a totalidade do indivíduo. O outro é que apenas assim se torna possível realizar uma "terapia" completa, de modo que possamos atravessar o Portal da Morte com nossa consciência liberada, sem os entraves "psicológicos" que tanto pesam na esfera da Alma. A balança de Osíris exigia um coração leve como uma pluma para liberar o espírito; de outra forma ele seria devorado pelo monstro tripartite chamado *Am-Mit*, quer dizer, seria destruído ou retornaria ao tríplice ciclo material.

Castañeda apresenta este fato com as seguintes palavras:

"...a recapitulação era uma técnica que tinha dois objetivos transcendentais: o objetivo abstrato de (des)cumprir um código universal que exige que a consciência seja abandonada no momento da morte e o objetivo extremamente pragmático de adquirir fluidez perceptiva." (*Passes Mágicos*, pg. 112)

Sabe-se que os terapeutas recomendam a revisão de nosso passado como forma de liberar a energia retida nos "complexos". Normalmente a memória fica retida por traumas ou pela condição vulgar da consciência. A Alma humana é coisa frágil e o homem facilmente se traumatiza. Existe normalmente muita dor na alma do ser humano. Sua condição costuma ser lastimosa, e a criança termina por agregar complexos e definir comportamentos especiais como mecanismo de defesa.

Não raro a presença destes traumas nos impede de possuir uma consciência atualizada, ou seja, de viver plenamente o aqui-e-agora. Temos mágoas de alguém, e mesmo que já tenhamos esquecido disto (até como forma de sofrer menos), certo padrão energético termina se impondo, gerando uma situação duradoura e uma auto-imagem que pode se cristalizar. Nos agarramos então a este diálogo interno e ao frenesi do trabalho ou da diversão como formas de fugir da dor, repetindo as coisas para nos convencer delas.

Os xamãs toltecas afirmavam que existe em nossas vidas acontecimentos centrais que mobilizam o nosso estado habitual de ser. A estes acontecimentos eles chamavam de *acomodador*.

Queremos esquecer-los, e com isto terminamos por bloquear partes importantes de nossas existências, drenando com isto toda uma sequência de acontecimentos e impedindo o fluxo de nossa memória e, com isto, de nossas energias. O que devemos fazer é, antes, tratar de revivê-los, e então superá-los com os recursos do guerreiro.

O budismo parece também valorizar a recapitulação. Conta a tradição budista que, antes de ter a sua iluminação, o Buda realizou uma rememoração completa de sua existência e também de todas as suas encarnações anteriores:

"Recordou-se de seu primeiro, segundo e terceiro períodos de vida e assim prosseguiu através de eras incontáveis e de intermináveis formações e destruições do universo; lembrou-se de que nome tivera em cada existência, o que comera, que prazeres e sofrimentos conheceu, que tipo de morte sofrera, e como renascera." (Daisaku Ikeda, *O Buda Vivo*, Ed. Record, RJ).

É possível que tais narrativas tenham sido exageradas por discípulos e seguidores excessivamente influenciados pela doutrina reencarnacionista, confundindo os do microcosmos com os do macrocosmos, posto que o Buda parecia não dar importância às reencarnações.

Seja como for, os Mestres e Instrutores comumente necessitam fazer um trabalho semelhante, tendo em vista depurar o *ego* dos discípulos. Aqueles que tomam plantas sagradas também se deparam muitas vezes com um momento de reflexão e dor, pois torna-se necessária a solidão, o ensimesmamento e a contrição para reunir tudo o que está depositado de negativo, e que é expulso pelo próprio sofrimento, liberando então a consciência para o aqui-e-agora. Tal coisa representa fluidez e alinhamento:

"Recordar experiências desse modo é revivê-las e extrair dessa recordação um ímpeto extraordinário que é capaz de despertar a energia dispersada dos nossos centros de vitalidade e fazê-la retornar para eles. Os feiticeiros se referem a essa *redistribuição de energia* que a recapitulação causa como obter fluidez após dar ao mar escuro da consciência o que ele está procurando." (Castañeda, *Passes Mágicos*, pg. 117)

Os guerreiros afirmam que apenas a técnica da recapitulação pode conferir à alma a *antiguidade* de que ela necessita. A consciência obtém integridade e soberania através do controle sobre as situações antigas da vida, que saem das sombras e são corajosamente enfrentadas e "depuradas". Normalmente o processo inclui uma série de experiências positivas que enriquecem ativamente o espírito.

Hoje em dia a humanidade vive dias finais. Esta é uma das razões pelas quais tanto conhecimento lhe está sendo outorgado. Não apenas a soma da sabedoria dos povos tem se tornado disponível para se fazer uma síntese, como também novas revelações têm surgido com um especial caráter iluminador.

Um dos aspectos da Sabedoria Sagrada é, de um lado, justamente permitir a caminhada através da técnica e, de outro, a recapitulação do passado através da ciência.

No treinamento tolteca a recapitulação é feita em duas etapas. Na primeira se faz um "breve relato de todos os incidentes da nossa vida, que se apresentam, de uma maneira óbvia para exame. O segundo estágio é uma recordação mais detalhada, e deve chegar até o nascimento" (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 228). Dizem que um dos principais sinais de que a liberação é feita, é a capacidade de rir-se de tudo o que nos ocorreu (Castañeda, *op. cit.*, pg. 230). Mas tememos que nem tudo dê margem para gargalhadas...

A fim de conseguir isto, é importante a concentração. E esta tem sido obtida pelos videntes através de uma dupla metodologia: *redução da área dos sentidos* e uma *respiração* especial.

A redução de estímulos sensoriais é realizada colocando o indivíduo dentro de um engradado, até por anos a fio. No passado esta técnica também era realizada dentro de cavernas e pirâmides. Outra técnica empregada é a de suspender os indivíduos em arreios, seja num galho de árvore ou numa sala. Segundo os guerreiros toltecas este procedimento auxilia a restaurar a integridade pessoal. Esta técnica é especialmente útil para preparar a terceira atenção, aludindo ao caráter libertador do reino animal, em relação ao solo no qual os vegetais estão presos. Por

isto na época árya as habitações começaram a ser feitas acima do solo, ficando o térreo para os animais. Isto confere segurança e simboliza a base natural da humanidade, que dela começava a se desprender através de sua hierarquia.

Ao mesmo tempo, pratica-se técnicas respiratórias que auxiliam a recordação. A recordação está inserida num processo de recuperação de energias pessoais e de depuração de energias alheias, feita através da respiração em suas duas fases de inspiração e de expiração: "A natureza produtora de vida da respiração é também o que dá sua capacidade de limpeza" (Castañeda, *op. cit.*, pg. 230). Tal técnica está portanto muito aproximada às etapas básicas do *Pranayama*, a técnica oriental de controle de energias através da respiração:

"(...) a recapitulação é um ato mágico no qual a intenção e a respiração representam um papel fundamental." (Taisha Abelar, *op. cit.*, pg. 117)

Sua base é pois a *intensão*. A intensão é a chave da magia e, na verdade, de todas as coisas criadas, pois a rigôr tudo é magia.

Esta respiração especial também obedece as direções horária e anti-horária. Move-se a cabeça para a esquerda para recuperar energias deixadas com pessoas e em lugares, e move-se a cabeça para a direita para soltar as energias que ficaram em nós.

Esta técnica foi criada pelos videntes da antiguidade e está repleta de sua intenção mágica, facilitando a energia que devemos empregar. O grande fruto da recapitulação é restaurar a percepção superior e a intuição, uma consciência especial que possuímos e que os toltecas chamam "o vidente". Esta entidade pode ser associada ao "Eu Superior".

Uma das técnicas mais empregadas para despertar a memória é simplesmente *caminhar*. Os xamas toltecas diziam que "caminhar precipita as recordações. Tudo o que vivemos fica guardado como sensação na parte traseira das pernas. Consideravam a parte traseira das pernas como o armazém da história pessoal do homem." (Castañeda, *El Lado Activo del Infinito*, pg. 193)

A técnica da recapitulação está inserida na arte da espreira, sendo uma de suas três práticas básicas, que inclui a respiração e a lista de elementos para recordar. Apesar de suas diversas modalidades e recursos, e ainda possível que o homem moderno julgue a recapitulação uma técnica algo morosa e complexa, tendo em vista a variedade de elementos presentes na existência de um indivíduo. Talvez para os índios fosse mais simples rever suas existências completas. No entanto, todos devem enfrentar os seus problemas como forma de superá-los, e nisto certo sofrimento inicial pode ser inerente.

Mas também se pode pensar em realizar métodos mais rápidos. Com a chegada dos videntes do futuro surgem novas formas de trabalho, aquilatadas pela sua prática e *atenção*. Estas técnicas são mais sucintas e poderosas, mas a sua validade também depende da impecabilidade de cada um, e da sua sinceridade e concentração.

Assim, podemos tratar de absorver os fios de energia algo conjuntamente, visualizando a energia invocada retornando pelos fios que nos conectam às coisas e às pessoas. Podemos determinar o seu número –pela quantidade de pétalas do *chakra* a ser trabalhado, por exemplo– e nomear estes fios. Não devemos nos surpreender se eles revelam seus próprios nomes, identificando coisas e pessoas com as quais temos alguma conexão. O nome surge como a "lembrança de algo" que vem através da energia recapturada, e muitas vezes se identifica até a *direção* em que o objeto se encontra. Os feiticeiros empregam muito este método.

É então a oportunidade para *transmutarmos* aquele vínculo através da postura Chilton, que até pode ser executada mentalmente. Para tudo isto devemos usar a respiração. A atração de energia é acompanhada pela inspiração. Quando for o momento de expirar, devemos direcionar a energia para o coração, vindo a imaginar um sol ali, irradiando e se fortalecendo a cada nova expiração. E assim dispomos a energia onde ela deve permanecer doravante: no coração, o centro que caracteriza o novo plano de consciência racial.

Segundo os egípcios e os tibetanos a alma sai pelo cérebro. Mas o coração possui um vínculo direto com ele.

b. A "Coleção de Eventos Memoráveis"

Para os xamãs a memória é pois um importante *reservatório de energias*. Eles praticam a recapitulação de seus atos como um meio de obter a integridade de suas energias. A Psicologia também aponta nesta direção quando analisa a teoria dos "complexos", vistos como situações traumáticas arraigadas no subconsciente do indivíduo, impedindo a fluência da energia pessoal de forma construtiva.

Segue mais ou menos nesta linha a recompilação de acontecimento memoráveis que todo o xamã deve realizar, como uma espécie de síntese da sua existência. A obra *O Lado Ativo do Infinito* representa um esforço de Castañeda no sentido de apresentar situações especiais de sua vida, as quais, devidamente rememoradas, poderiam auxiliar a aproximação do umbral do Mistério. Trata-se de atos que tem a marca da impessoalidade (op. cit. pg. 29). Mas estes eventos memoráveis muitas vezes terão em si elementos *acomodadores* de consciência, tais como os traumas.

Por isto tais situação seriam elementos indispensáveis para alcançar um equilíbrio pessoal definitivo:

"Segundo don Juan, os xamãs de sua linhagem estavam convencidos de que a coleção de acontecimento memoráveis era o veículo para o ajuste emocional e energético necessário para aventurar-se, em termos de percepção, ao desconhecido. (...) don Juan considerava que colecionar os eventos memoráveis em suas vidas era para os xamãs a preparação para entrar nesta região concreta que chamavam *o lado ativo do infinito*." (Castañeda, op. cit., pg. 14)

Podemos então dizer que a anulação do Acomodador libera o *vidente*.

Quando um guerreiro faz a sua despedida final do mundo, ele deve fazer a sua dança sagrada e nela apresentar a sua coleção de efeitos memoráveis. É este fato que lhe permitirá voar de forma definitiva para além da Águia.

Com isto ele conquista o "lado ativo do infinito", que vem a ser o aspecto manifestado do universo, associado à percepção espacial, ao passo que o lado passivo são suas forças subjetivas, relacionada às questões da temporalidade.

c. A Vitória da Alma

Muitos daqueles que suportam a morte clínica retornam porque suas tarefas ainda não estavam cumpridas. Vêm a *Grande Luz*, que é o Poder da Águia ou a Alma cósmica do Cristo, mas não a atravessam porque ainda não estão preparados para isto, e não obstante possuem este potencial.

Outros retornam justamente porque conseguiram atravessar este Portal. É o caso daqueles que se tornam Mestres. Tal processo está simbolizado pelo mito da Fênix, que revive após três dias de padecimento, evocando o processo crístico. Os mitos também descrevem ciclos raciais para o surgimento da Fênix, sendo o mais comum o de 500 anos, assim como o de 1500 anos

(Ciclo Sótico, a "tríplice fênix"). Corresponde no microcosmo ao ciclo de 40 anos (500 lunações) citado na Bíblia.

Outrossim, esta tem sido uma conquista massiva desde a última Raça-Raiz, a Árya, mesmo que geralmente obtida apenas no pós-morte. Para isto foram preparados os textos funerários no Egito e elaboradas as técnicas tibetanas de liberação póstuma da consciência, assim como a filosofia mística de muitas outras religiões.

O grande fruto desta passagem é a *Imortalidade*. Apenas como Imortais podemos dirigir-nos à vastidão que nos espera lá fora, revelada pela visão que temos do Universo a partir dos mundos extraterrenos.

Para isto o 4º grau representa o próprio confronto com a Morte, um ato direto e supremo de poder que desafia o Invencível. E ao desafiar a Morte neste supremo ato de poder, o guerreiro emite o seu canto de amor pela Terra. Dependendo de seu canto a Morte pode ser persuadida a se retirar, podendo o guerreiro preservar até mesmo a vida física caso tal possibilidade esteja no seu poder.

A capacidade de combustão que os *videntes* adquirem na hora de deixar este mundo está associada à fusão com o Poder Maior. A consciência não é perdida, como no caso das vontades débeis, mas funde-se ao Todo. É isto que se pode esperar por *imortalidade*.

Simboliza o objetivo último dos processos elementais: a *iluminação*, única forma de sair dos limites internos do sistema e liberar-se de todo o carma material. E isto pode ser feito durante ou após a encarnação. Em último caso, sempre há a possibilidade de se permanecer na dependência da Hierarquia, o que costuma ser a "alternativa" da imensa maioria da humanidade. Porém a verdadeira autonomia espiritual deve ser buscada *ainda em vida*.

Esta etapa representa uma importante transição desde a condição humana para a espiritual, degrau este simbolizado por um *abismo*. Quando esta iniciação é tomada na *via discipular* (como geralmente acontece), o drama é protagonizado através de um grupo de navegantes interdimensionais coordenado diretamente por um Guia ashramico. Muitas podem ser as formas que a iniciação toma nesta etapa, objetivando um ato de poder supraterebre. Aqui inicia o treinamento superior dos Homens-Pássaro.

Nesta etapa o Iniciado adquire muito poder e torna-se um canal direto de energias divinas. Pode ser apenas uma questão de tempo para chegar à Maestria, se puder se libertar de todo o carma humano residual. Representa, de qualquer forma, o *Nirvana* obtido após cumpridos os três graus de Esforços Humanos e, em especial, dos transcendentais sacrifícios exigidos neste grau.

É a mais difícil e dramática das iniciações, sendo por isto chamada *A Crucificação*. Em parte o sofrimento é causado pelo carma gerado pelos buscadores. Por isto apenas a impecabilidade pode proporcionar um caminho mais sereno. O Caminho do Guerreiro realça a sobriedade e a prudência.

Com este grau tem-se acesso às energias divinas, dando início aos estágios que não podem ser alcançados com recursos humanos. A única forma para obtê-los é mediante a absoluta consagração à Hierarquia *manifestada*. As *senhas* de acesso estão em poder daqueles que já o tem realizado. Apenas assim é possível receber esta iniciação em vida e postular os graus ainda mais elevados disponíveis no presente Ashram racial. A única exceção está relacionada à *via crucis* que diz respeito ao Avatar, num momento em que inexistente ainda a Hierarquia na Terra; mas uma vez que isto se cumpre, esta possibilidade se encerra automaticamente e outras mais facilitadas se abrem, no caminho aberto pelos Pioneiros.

d. Desvios no Caminho Telúrico

Cada passo na estrada do conhecimento tem a sua antítese. Cada virtude tem o seu pecado, e é muito fácil que cada um tome por virtude uma parte menor de seus defeitos. Confundir orgulho com vaidade ou até arrogância, ou desapego com indiferença, são atitudes corriqueiras na vida das pessoas em sua contínua preocupação com a "auto-imagem".

Em *O Poder do Silêncio* Don Juan apresenta uma lista destas paródias de comportamento, no que se refere à arte da espreita:

"Ser desapiedado não significa ser áspero, ser astuto não significa ser cruel, ser paciente não significa ser negligente e ser doce não significa ser estúpido." (citado em *La Rueda del Tiempo*, pg. 290)

O próprio progresso na jornada determina que as virtudes devam ir se acrescentando e modificando. A vida é dinâmica e a espiritualidade é sinônimo de *transformação* (cf. Bailey em *Os Raios e as Iniciações*). Permanecer no mesmo ponto além do necessário representa uma queda.

Existem pois desvios que são inerentes ao caminho, embora não inevitáveis. E também existem desvios que são desnecessários e irregulares. René Guenon classifica estes desvios como *contra-iniciação* e *anti-iniciação* (ver *Aperçus sur L'Initiation*), respectivamente.

Passemos a exemplificar os desvios inerentes ao quadro telúrico-xamanístico, em especial os três graus básicos relacionados aos "Três Mundos de Esforços Humanos".

No início da caminhada, o desvio se dá pela acomodação às virtudes materiais. A conquista de um bem-estar físico e digno pode com o tempo se transformar num entrave para a evolução. Tudo é relativo, e até o sacrifício da saúde pode servir como caminho de ascensão a partir de certa etapa.

Logo o buscador conhece a felicidade emocional, e o desvio se dá pela acomodação às virtudes psíquicas. A devoção pode gerar fanatismo e estagnação. Critica-se o "mental" como se amor fosse tudo, mal se dando conta de que esta postura pode também estar eivada pela ignorância, meramente *imitando* a virtude e sequer tendo um guru digno deste nome que possa realmente "pensar por nós" enquanto estamos crescendo.

Em seguida, ocorre a elevação mental e a conquista do conhecimento. Certas experiências são adquiridas e o iniciado pode encher-se de orgulho. Não se questiona até que ponto estas energias experimentadas são de fato nossas ou são bençãos advindas do *ashram* para fins de trabalho e serviço. As disputas com os outros se acirram e viram coisa sistemática. O indivíduo sente-se cheio de "autoridade" e se acastela numa torre de marfim.

Tal coisa culmina um ciclo. Se porventura ele renuncia a si e vai ainda além, então o quadro se torna muito mais complexo. O quarto grau pode envolver processos realmente dramáticos e o iniciado pode ver-se alvo de um quadro de grande turbulência, no qual os conflitos são evidentes, tanto quanto as grandes virtudes adquiridas. Já não é possível julgar humanamente esta situação. Por outro lado, isto não deve permitir-nos ser enganados. Existem muitas formas de distinguir entre um crucificado e um lunático, entre elas a biografia e o perfil do indivíduo. Em último caso, exames de vários tipos poderão dizer de que se trata.

Podemos encontrar todo o tipo de "filosofia" em nossos dias. Mas devemos sempre perguntar *o quê* estas pessoas tem alcançado, e se é isto que desejamos para nós.

Para seguirmos um caminho com seriedade devemos participar seriamente de uma Escola. Somente assim podemos trilhar um caminho forte com passos ajustados. Poderá exigir certas medidas externas como residir em ambientes especiais, por certo tempo.

Basta observar a intensidade do treinamento dos guerreiros toltecas. As penitências dos meso-americanos eram terríveis, semelhantes às de certos yogues hindus ou ainda mais cruéis. O Buda pregou um "caminho-do-meio", mas antes disto ele praticou penitências. Conforme escreveu Bailey, o verdadeiro caminho-do-meio (que é aquele que não nos deixa no meio-do-caminho), está relacionado à Hierarquia, o Centro que intermedia a Humanidade e a Divindade.

Passemos agora àquele grupo de desvios que são realmente desnecessários e irregulares. Eles incluem pecados e vícios, como o suicídio, a luxúria e as drogas. O exercício do poder espiritual desperta forças e elas necessitam ser continuamente controladas. Neste estado, cair numa atmosfera poluída é sempre muito perigoso. Até certo ponto tais coisas se enquadram nos desvios "naturais" do caminho. Mas se existe persistência instala-se um quadro de morbidez.

A tentação mais comum neste meio é a da *droga*, a busca de recursos externos que nos *reponham* a curto prazo certos estados de consciência que são como um paraíso perdido, de paz, beatitude, intensidade, força, magia e até conhecimento. Muitas vezes se negligencia o alto preço a ser pago.

Na ausência de auto-disciplina e de um ambiente saudável, a crise interior move o indivíduo a agarrar-se a artifícios como estes.

As plantas-de-poder podem ter a sua utilidade espiritual mas é muito raro o discernimento suficiente para dela se fazer uso sem ônus excessivo, tal como tinham os mestres de Castañeda.

Nisto, o artifício das drogas teve um valor especial nestas gerações porque se tratava de um processo de *busca pelo Santo Graal*, uma procura livre, nova e universal, na qual todos os caminhos deviam ser trilhados e todos os experimentos realizados, uma vez que aquilo que estava em jogo era o mais valioso, a saber, a *própria Terra*.

A "fé" gratuita na reencarnação, desvinculada de uma religiosidade sólida, é também uma forma de alienação. Nenhum Avatar enfatizou a reencarnação, pois contar com isto não é o melhor. Para reencarnar é preciso estar conscientemente associado à Hierarquia e tratar de assistir com regularidade os cultos e praticar os serviços devidos à ordem espiritual.

O tema tolteca dos Quatro Inimigos ilustra bem a questão dos desvios no caminho xamânico, estando relacionado às quatro iniciações elementais.

e. Os Quatro Inimigos

O guerreiro consumado se torna um "homem de conhecimento". Mas um "homem de conhecimento" é aquele que consegue vencer os seus quatro inimigos naturais, que são também as *provas* de cada etapa espiritual.

Estes quatro inimigos são: o medo, a clareza, o poder e a velhice. O tema é desenvolvido no Capítulo 3 de *Os Ensinos de Don Juan* (no Brasil, "A Erva do Diabo")

Inicialmente, no caminho do conhecimento o homem encontra o medo, que é basicamente a insegurança perante o desconhecido. Ignorando quase tudo sobre o caminho, o aspirante se aventura no escuro. Ele necessita de orientação e deve saber onde está pisando. Necessita de ousadia mas também de prudência. Por isto o discernimento é especialmente importante neste estágio. Ao medo do desconhecido, que é um aspecto da prudência, ele deve acrescentar o medo de perder tempo, que é um aspecto da ousadia.

À medida em que obtém experiência e compreensão, ele também adquire clareza. E esta clareza passa a se tornar um obstáculo no sentido de cegar o homem para as suas limitações, fazendo iludir-se com a capacidade mental adquirida, impedindo-o de avançar e aprender mais.

Esta clareza tende a desequilibrar o guerreiro e a fazê-lo agir de forma incorreta. É o que causa, por exemplo, o fanatismo nas seitas. Se ele alcança uma atitude equilibrada e vê a clareza como um simples instrumento para avançar, então ele adquire equilíbrio e com isto poder.

O poder é no entanto o mais forte de todos os inimigos que podem ser vencidos. Um homem de poder tem controle e até a sua ousadia pode ser bem administrada. Mas sem dar-se conta ele se torna caprichoso e cruel, pois é difícil vencer a prepotência do poder. Ele então perde o domínio sobre si e não sabe como e quando usar o poder, e a tendência será ele se auto-destruir.

A chave para controlar o poder é entender que o poder não pertence ao guerreiro, e que ele apenas pode ser empregado de forma frutífera sob esta consciência. "Deve controlar-se em todas as ocasiões, tratando com cuidado e lealdade tudo o que aprendeu".

Quando isto é alcançado, o guerreiro tem já certa idade e lhe aparece o último inimigo, aquele que jamais poderá ser de todo vencido: a velhice. Haverá a tendência de o guerreiro desejar retirar-se. A velhice poderá ser afastada, mas jamais vencida. No entanto, segundo Don Juan, se o guerreiro entregar-se à velhice ele inclusive perderá as suas conquistas anteriores. Apenas se o homem persiste até o fim é que ele pode ser chamado de "homem de conhecimento", nem que seja por um breve momento.

Estes quatro "inimigos" estão naturalmente associados aos quatro graus espirituais toltecas. A prova do iniciante é o medo; a prova do guerreiro é a clareza; a prova do homem de conhecimento é o poder; e a prova do vidente é a velhice.

No entanto, não é difícil ver que estas etapas podem ser aplicadas a qualquer processo que possamos atravessar na vida e aos seus ciclos. Pois os três inimigos que o homem pode vencer são também como as linhas de tempo *passado*, *presente* e *futuro*. Outra forma de associar estas três tendências diz respeito aos três ritmos, *tamas* ou inércia, *satwa* ou equilíbrio e *rajas* ou impulso.

O medo é gerado pelos vínculos com o passado, determinando inércia e resistência a mudanças; a clareza surge pela certeza de dominar o presente e pela sensação de se harmonizar as coisas; e o poder pela capacidade criadora de forjar o futuro e pelo dinamismo alcançado.

Comumente iniciamos um empreendimento com entusiasmo mas também com certo receio causado pela ignorância e pela novidade. Vencemos isto pela compreensão e a intimidade com o tema, que por sua vez pode gerar fanatismo e orgulho. Se equilibramos esta tendência com a aspiração e a humildade, logo temos o controle completo da situação, na forma de poder. Com isto muitas vezes acontece de a pessoa acomodar-se com o poder adquirido, o qual dificilmente poder ser desafiado em seu próprio nível por outra pessoa, e este acomodamento gera uma postura arrogante e independente. É preciso compreender que este não é ainda o fim do caminho. Pois quem aprendeu tudo deve agora tratar de *ensinar*, e para isto devemos reunir tudo o que aprendemos, sem qualquer classe de acomodação. Não podemos concluir um ciclo se não nos desprendemos do poder e do controle que nele adquirimos. Este deve ser empregado apenas para seguir adiante, para darmos início a um novo ciclo e uma nova atividade. Muitas vezes as pessoas reclamam que não podem abandonar algo porque necessitam ainda "administrar" aquilo que criaram. Porém, esta prisão será não raro ocasionado pela falta de habilidade em desprender-se e na falta de habilidade gerada por esta ausência de desapego. Em resumo, o poder é ainda um desafio para ele. Chega a velhice ou aparecem novas oportunidades e ele não pode dedicar-se àquilo que realmente necessita por agarrar-se ainda ao antigo. É preciso então realizar o sacrifício do poder através do *poder do sacrifício*.

Capítulo 17

A Escola-TAU

Podemos dizer que o treinamento xamânico abrange as quatro primeiras iniciações ou os *graus elementares*, na medida em que trabalha com os Quatro Elementos que integram o Plano da Criação, ainda que o quarto e último deles, o *Fogo*, represente já uma alta esfera de transição e até possa ser incorporada a um grupo superior.

A forma de atuar dos mestres atlantes estava basicamente focada no coração e na transmutação da consciência, e foi assim descrita:

"Os Adeptos Ibezianos ensinam o significado da psique, do ego ou da alma e da unidade humana, de modo que possa ser o que realmente é, um Deus caminhando pela terra, na sua natureza inferior (física, astral e mental) completamente controlada pela alma, ou aspecto amor, e isto não em teoria mas de fato e verdade." (Alice A. Bailey, *Tratado Sobre Magia Branca*)

O *amor* representa a síntese das energias dos elementos e a sua mais nobre expressão. Desta forma o homem pode sentir-se Deus, na medida em que carrega uma Alma imortal e que esta é a sua verdadeira essência. Mas, enquanto homem deve ainda fazer o "fiel da balança pender" para o lado superior, empregando o seu livre-arbítrio positivamente, até o momento em que acumule suficiente conhecimento, sabedoria e energia para desejar apenas o mais elevado e buscar uma síntese verdadeira.

A importância do trabalho atlante residia em representar um padrão *universal* para esta ronda, base para qualquer outra forma de trabalho a ser realizado, especialmente a nível de *humanidade* (Raças-Raízes). Por isto diz-se também que estas formas de atuação "ainda persistem e estão sendo reproduzidos pelos Mestres e Adeptos encarnados fisicamente em todo o mundo." (Bailey, *Op. cit.*) A pregação sobre o amor é fundamental em qualquer discurso espiritual e é a única verdadeiramente útil à humanidade.

a. A Palavra Atlante

Em qualquer época a síntese da cultura é representada pelo *dom da Palavra*, que é a essência da manifestação humana. É a palavra que dá vida às coisas, chamando-as por seu nome, que é a expressão da sua essência. E segundo a Filosofia Esotérica os mundos são criados pela Palavra divina, isto é, na sua essência espiritual (ver II Pedro 3, 5). A palavra sagrada de cada raça resume o seu conhecimento e a sua essência.

"O som ou a fala e o uso das palavras foram sempre considerados pelos antigos filósofos como o mais alto agente usado pelo homem para modelar a si mesmo e ao seu ambiente. O pensamento, a fala e a resultante atividade no plano físico, completam a tríade que faz um homem o que ele é, e o coloca onde está" (Bailey, *Op. cit.*, pg. 114)

O verdadeiro conhecimento para o homem é aquele que o conduz à liberação da matéria densa e depura a sua consciência. Por isto uma das grandes tarefas da hierarquia atlante era *desenvolver a conscientização da morte* como forma de despertar a humanidade para o seu destino inalienável e para a necessidade de procurar as soluções possíveis.

E a síntese destas soluções foi representada para a humanidade pela palavra TAU:

"É interessante registrar que, nos dias da Atlântida, a palavra usada era TAU, enunciada explosivamente e tão forçadamente que os pensamentos-forma assim energizados e impulsionados agiam como uma bumerangue e voltavam para aquele que os enviava. Esta palavra TAU é igualmente, em sua forma simbólica, o símbolo da reencarnação. É o desejo pela forma que produz o uso da forma e causa um renascimento cíclico e constante na forma." (Bailey, *op. cit.*)

O TAU é chamada a *Palavra Mística* e está relacionada ao Plano da Personalidade. Por isto os seus efeitos possuem reflexos basicamente nos planos materiais, para os purificar e perpetuar, ainda que de forma subjetiva e espiritual. Transposta para os planos superiores segue como um poderoso agente de dinamização.

Uma das formas de pronuncia-la é através do "chamado da mariposa", descrito por Castañeda em *O Segundo Círculo do Poder*.

Assim como *Tula*, a palavra TAU é extremamente universal, devido à difusão e à importância da cultura atlante. Suas aparições evocam comumente as idéias de reflexividade e de geração. E não podemos deixar de associar a palavra TAU ao gruplo universal de letras nahuas, ATL.

Muitos nomes divinos começam com T, especialmente no universo atlante (pré-clombiano), assim como a palavra "deus" que no grego e no nahuatl é *Teo*, semelhante a TAU.

Taw é o nome da última letra do alfabeto hebraico, indicando o *propósito* deste ciclo alfabético de 22 letras (2+2=4). O alfabeto sagrado hebraico possui vínculos com a cultura atlante.

b. O Manejo da Dualidade

Antigamente esta letra era desenhada na forma de *cruz*, tal como a forma latina da letra "T". Na Cabala ela significa *reciprocidade*, tal como no "efeito-bumerangue" que produz. Este efeito é realizado pelo martelo do deus germânico Thor, que quando jogado retornava a ele como um bumerangue. Thor produz raios com este martelo, e Zeus, o deus do raio dos gregos, também porta um cetro. Tratam-se pois de referências ao processo gerador de energias através da palavra TAU, relacionando-se ao símbolo do *vajra* e ao número oito em sua dialética vibratória.

O formato de instrumento da letra T, seja martelo ou machado, tem grande importância na "lapidação" e no "corte" de energias. O próprio ato de martelar ou de jogar o machado implica num "vai-e-vem" contínuo, relacionado à várias atividades rítmicas humanas e naturais, como são os movimentos do coração. Outras palavras associadas a isto são *bifurcação*, *livre-arbítrio* e *dualidade*. O poder de "retorno" que possui a palavra TAU está associado à geração de energias, pela Lei de Causa-e-Efeito. Esta dualidade é uma atividade refletora e "feminina" que pode ser simbolizada pelo espelho. Tezcatlipoca, o deus que carrega uma tau ou cruz às costas, significa

espelho fumegante, "fumegante" porque atua com energias íneas, do 4º plano em diante. No Budismo, o quarto centro está associado a *Akshobya*, o Dhyani-Buda cuja sabedoria é "como um espelho" e cujo símbolo é o *Vajra*.

O símbolo chinês do TAO, palavra que significa "caminho", envolve quatro princípios, dois absolutos e dois relativos, sendo a base de toda a Cosmologia. Suas duas energias cósmicas *ying* e *yang* envolvem a dialética essencial do universo.

O tau tem uma primeira função como *gerador de dualidades*. Mas depois ele produz a síntese e até uma nova essência superior.

No Budismo Mahayana podemos encontrar esta vinculação através da "Senda do Conhecimento":

"Não entraste em Tau, a Senda que conduz ao conhecimento –a quarta verdade? Pois agora descansa sob a árvore de Bodhi, que é a perfeição de todo o conhecimento. Pois, sabe-o, tu és o Mestre do *Samadhi*, o estágio da visão infalível. Contempla! Tu te tornaste a Luz, tu te tornaste o Som, tu és o teu Mestre e o teu Deus. Tu próprio és o objeto de tua busca: a voz que incessantemente soa através da eternidade, isenta de mudanças, os sete sons em um só, a VOZ DO SILÊNCIO."

O trecho é de *A Voz do Silêncio* (I, 97-99) e trata dos atributos da iluminação, obtida no quarto grau, no Plano chamado *Bodhi*, donde a "árvore de iluminação" do Buda que é a mesma cruz do Cristo ou a TAU. Fala do supremo deleite, do conhecimento perfeito, da maestria, e do som eterno que ali é escutado.

O deleite deriva do gozo da *Shakti-Kundalini* e do repouso no final da jornada, sob a árvore da luz.

Este conhecimento refere-se não apenas à integralidade da técnica iniciática desde o ponto de vista do *ciclo material*, o qual é ali superado, mas também às leis cósmicas reveladas pela Mente divina neste estágio.

E nisto, o princípio de *retorno* presente na palavra *Tau* não tem apenas fins materiais (como o de gerar a reencarnação), servindo também para produzir a *preservação* e a *glorificação* da matéria, gerando a *ressurreição* e a própria *iluminação*. Certamente será útil no *Sendeiro de Retorno* ou de manifestação divina (ver *O Espelho de Obsidiana*).

Além disto a própria possibilidade de reencarnar está vinculada ao mérito. Povos como os toltecas entendem que se o homem não adquire certo poder espiritual a sua permanência está comprometida. Existe porém a realidade da *intercessão divina* através da Hierarquia de Mestres. Um indivíduo pode permanecer, evoluir e até reencarnar graças ao auxílio das energias divinas, bastando para isto estar alinhado com os trabalhos raciais e subordinados aos hierárquicos. Esta é uma possibilidade mais rara entre os povos pagãos, que são aqueles que não recebem diretamente a luz do dharma, embora tampouco a eles esta porta esteja de todo cerrada.

Sem a centralização e o equilíbrio, a energia permanece oscilante e dual, capaz de gerar o caos. O "som de muitas águas é a maneira simbólica de expressar a influência do TAU" (Bailey, *op. cit.*), o "mar psíquico" que de certo modo está associado ao catástrofe atlante final:

"Foi o uso constante do TAU que provocou a inundação final que varreu a antiga civilização Atlântica.(Bailey, *Op. cit.* pg.377)"

O *som sétuple* mencionado n'*A Voz do Silêncio* é associado por Bailey ao AUM áryo (*Op. cit.* pg.377), também como tríplice (*Op. cit.* pg. 117). Ele vem sendo ensaiado desde a época atlante, mas não foi forte o suficiente para evitar a grande crise:

"Os poucos que usavam o AUM naqueles dias não eram bastante potentes em expelir a força do desejo. Os corpos mentais da raça não podiam responder àquele mais novo som criador. A humanidade era ainda dominada pela saudade e pelo desejo a tal ponto que o

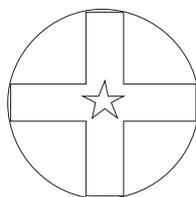
desejo unido pelas possessões e pelo gozo da forma lançou os homens esotericamente 'nas águas'. O desejo pela forma ainda força sobre a humanidade o constante processo do renascimento, até que o tempo em que a influência do TAU se esgote e o som AUM possa dominar." (Bailey, *Op. cit.*)

A Bíblia explica isto pela "queda dos anjos", seguida pelo Dilúvio universal.

O TAU, como a grande Palavra da Quarta Ronda, perdurará até o final, equilibrando-se cada vez mais com o AUM, até que este se torne o fator dominante e uma nova base energética tome lugar com a chegada da Quinta Ronda, o que ocorre a partir desta virada de Milênio, por assim dizer, após a apoteose da Quarta Dinastia-Farohar que trará o "canto do cisne" da ronda que se extingue. Deste modo a Palavra TAU é mais do que um resquício arqueológico, ainda que seja bem pouco usada e seus efeitos tenham até que ser amplamente removidos.

Mas como as raças se alternam entre psíquicas e metais, seria lógica também a *fusão* de ambas as palavras.

Durante a Quarta Ronda, a base tem sido sempre a cruz psíquica ou o TAU. No seu centro deve ser impresso o pentagrama mental que representa o AUM.



Este foi portanto a forma-pensamento de *equilíbrio* durante a Quarta Ronda. O pentagrama é a quintessência que centraliza todas as mandalas, de modo que seu posicionamento ao centro da cruz é *natural* e sempre evolutivo. No Volume III, estudaremos também como o TAU tem sido reunido ao AUM gerando uma nova forma.

O conhecimento destas palavras revela o verdadeiro nome de nosso Logos:

"A palavra sagrada da Raça atlântida era Tau, exatamente como a da raça ariana (a quinta) é Om. Diz-se que as palavras sagradas dadas às Raças-Raízes em sucessão são as sílabas consecutivas de uma grande palavra que é o verdadeiro Nome Sagrado." (Lead-beater, *Vida Interior*, I)

Tudo isto pode conferir portanto muita informação para o estudante intuitivo. Mais não pode ser dito pois a magia "atlante" interfere demasiadamente sobre os planos materiais. A aquisição de força sem o correspondente controle é sempre perigoso para si e para o mundo, pois foi o que resultou na catástrofe da Atlântida.

A *Tau* representa uma síntese das energias materiais, e compenetrar-se de seus mistérios representa o objetivo máximo da humanidade. De pouco lhe vale o conhecimento "abstrato", podendo apenas insuflar-se o ego e desviar-lhe de seus objetivos, tal como ocorreu ao obter o Conhecimento do Bem e do Mal, adquirindo dúvidas quando deveria nortear-se pela fé e assim chegar às suas metas principais, inclusive ao Conhecimento Total. Por isto é com muito propósito que São Paulo discursa em torno do amor, subordinando todas as coisas a ele e o colocando na *base* de todo o resto (ver I Co, 13). Após chegar ao mundo da luz, o conhecimento é automaticamente adquirido, inclusive sobre as questões mais abstratas.

A vocação para o conhecimento puro pode ser um sinal para as mais altas realizações, já ao nível da hierarquia. De qualquer forma, para ter acesso real e seguro às ciências sagradas, é preciso alinhar-se às suas fontes espirituais.

Capítulo 18

As Iniciações Solares

As Iniciações Solares ou Sistêmicas são aquele par de iniciações que a humanidade comparte historicamente com a hierarquia. Trata-se dos graus 3° e 4°. São chamadas "solares" porque denotam algum grau real de iluminação. E são ditas "sistêmicas" porque são aquelas que melhor caracterizam as energias deste Sistema Solar.

Estes dois graus integram com os anteriores (estudados em *A Serpente Emplumada*, volume I desta série) o plano geral do Xamanismo, que é o plano de trabalhos relacionado aos Quatro Elementos da Natureza, representando o quadro espiritual do centro da *Humanidade*, hoje plenamente integrado com a Quarta Raça Sagrada.

a. O Treinamento Xamânico

O treinamento xamânico tradicional está documentado em muitas partes. Envolve ritos de passagem e provas de coragem. Vale-se de sonhos e de *aliados* dos três reinos da Natureza. E emprega as artes em toda a sua dimensão dramática: música, dança e representação foram sempre elementos essenciais nas práticas xamânicas.

Seguindo uma tradição universal, por regra o verdadeiro xamã é um ser renascido de prova transcendentes, em lutas contra enfermidades, animais, homens, feiticeiros e seres de outros mundos. As provas não são apenas umbrais, mas também caminhos. "Você se surpreenderia ao ver como se pode agir bem, quando se está encurralado", diz Don Juan (*Porta para o Infinito*, pg. 91).

O guerreiro tende a "perder a forma humana", e isto implica na debilitação do corpo físico, compensada pelo fortalecimento das energias sutis dos outros corpos. Diz Castañeda em certa altura:

"Don Juan (...) tinha me preparado para viver exclusivamente através do poder pessoal, que eu compreendia ser um estado de ser, uma relação de ordem entre o sujeito e o Universo, uma relação que não pode ser interrompida sem resultar na morte do sujeito" (*O Presente da Águia*, pg. 30).

Além disto, o próprio manejo com forças superiores requer uma crescente simplificação do espírito e a intensificação da auto-disciplina. Nem mesmo os melhores videntes estão liberados para agir de maneira displicente:

"...talvez o guerreiro não seja um prisioneiro, e sim um escravo do poder, pois essa escolha não é mais para ele. Genaro não pode agir de outro modo a não ser

impecavelmente. Agir como um asno o esgotaria e provocaria sua morte." (*Porta para o Infinito*, pg. 173).

Esta é a técnica de "andar sobre o abismo", para o qual os guerreiros toltecas são literalmente empurrados um dia (e da qual as mulheres são poupadas por terem um útero). Neste processo, o guerreiro pode se deparar muitas vezes com situações que normalmente lhe teriam custado a vida, embora isto apenas possa ser considerado uma iniciação quando resulta na aquisição de poderes superiores. Isto se aplica regularmente apenas ao nagual, líder, sacerdote e xamã.

Com o advento da hierarquia estes procedimentos sofreram modificações importantes, vindo a interiorizar e a sintetizar as energias. Ainda assim os iniciados dos três primeiros graus sempre se reportam às energias naturais.

O nagualismo dos videntes telúricos soa tão complexo porque envolve técnicas muito primitivas, pela influência dos antigos videntes atlantes. Como não contavam com uma estrutura hierárquica satisfatória, capaz de impôr uma visão de síntese, eles se absorviam demais em detalhes secundários e perigosos.

Ainda assim o período áryo facilitou as coisas, dando origem ao neo-xamanismo, que teve nos toltecas um de seus principais expoentes, ao lado dos tibetanos. Sob a luz dos novos recursos, o treinamento xamanístico foi simplificado e recodificado, abrangendo os três níveis básicos de trabalhos: a *técnica da espreita* para o plano físico, a *arte de sonhar* para o plano emocional, e o *domínio da intenção* para o plano mental. Obviamente os três métodos se aplicam em todos os graus e planos.

Este é, com pequenas variantes, o treinamento-padrão em qualquer programa de iniciação. Os graus superiores estavam não apenas parcialmente inacessíveis aos videntes, como também representam realmente esferas raramente acessíveis e cujos programas não costumam ser divulgados.

Embora os antigos pré-colombianos detivessem todo o conhecimento sagrado, o único grau superior razoavelmente contemplado pelos toltecas recentes era o quarto. O trabalho do quarto grau se destina à conquista da *imortalidade*, e deu origem à religião e aos cultos de sacrifício tão difundidos entre estes povos, ao passo que o trabalho do quinto grau deu acesso à imensa ciência astrológica por eles desenvolvida, originando inclusive o Regulamento do Nagual.

De um modo geral, o treinamento xamânico consiste em:

Grupo Básico (Iniciações Planetárias ou Lunares)

1° grau: *iniciação da Terra*;

2° grau: *iniciação da Água*;

Grupo Superior (Iniciações Sistêmicas ou Solares)

3° grau: *iniciação do Ar*;

4° grau: *iniciação do Fogo*.

Estes quatro graus estão pois relacionados aos Quatro Elementos, e sua sequência é relativamente intercambiável *dentro dos grupos*; conforme se os focaliza em termos de tempo ou de espaço, de processo ou de estado, de evolução ou de arquétipo.

O treinamento tolteca dos novos videntes necessitou reduzir estes graus a apenas três, reunindo os dois últimos num só em função da virtual *fusão* entre raça e hierarquia ocorrida neste contexto.

No geral, por se concentrar a quatro graus, o treinamento xamânico pode ser visto como o do *desenvolvimento humano*. O homem pertence ao quarto reino da Natureza, por isto a condição humana completa é quádrupla. Isto ocorre de modo especial na Nova Raça, por ser a quarta raça sagrada. Dizem os sábios do Quarto Caminho:

"...enquanto seus quatro corpos não estiverem totalmente desenvolvidos, nenhum homem têm o direito de ser chamado Homem, no pleno sentido dessa palavra. Assim, o homem verdadeiro possui numerosas propriedades que o homem comum não possui. Uma dessas propriedades é a imortalidade. Todas as religiões, todos os ensinamentos antigos, trazem a idéia de que, pela aquisição do quarto corpo, o homem adquire a imortalidade; e todos eles indicam caminhos que conduzem à aquisição do quarto corpo, isto é, à conquista da imortalidade." (Gurdjieff, citado por P. D. Ouspensky em *Fragmentos de um Ensino Desconhecido*, pg. 61)

Para o homem, a essência da sabedoria é a busca pela imortalidade. Todo o homem tem apenas uma certeza na vida: a de que irá morrer fisicamente. Quanto ao resto, isto, no que se refere à morte espiritual, é tudo uma questão de crença e de *trabalho*. Se refletir um pouco verá que *existem* razões para alimentar esperanças de imortalidade espiritual, conquanto se esforce para isto. São verdades lógicas, pois o contrário, apenas traria um vazio irremediável à existência (de resto, foram fartamente corroboradas pela sabedoria dos povos). De fato, o caminho para a eternidade é o da saúde e o do fortalecimento moral, e todo mundo pode colher os seus frutos à medida em que se dispõe a andar.

Perante um pensamento claro não pode haver dúvidas sobre a verdade, se colocamos as coisas claramente em termos de *sim* e *não* e então investimos nisto.

O quarto corpo, isto é, a quarta iniciação, traz consigo a iluminação, que são energias sagradas e eternas. Com elas surge uma consciência atemporal. Seus sinais podem ser registrados até *fisicamente*, não apenas através dos "canais sutis", mas do próprio sistema nervoso.

Também se pode associar estas energias a *etapas da meditação*, um vez que a evolução da consciência permite condensar e concentrar os processos. Deste modo devemos relacionar as quatro iniciações elementais às últimas etapas do Ashtanga Yoga, que inclui o *Samyama* ou o triplo controle:

- a. Abstração ou *Pratyahara*
- b. Concentração ou *Dharana*
- c. Meditação ou *Dhyana*
- d. Contemplação ou *Samadhi*

Analisamos a seguir a forma como os "novos videntes" do México desenvolveram o seu treinamento básico, acrescentando algumas poucas referências oriundas do tradição árya para fins de comparação e enriquecimento.

A técnica árya não é distinta da atlante, embora certamente mais avançada e mental. É apenas em relação ao treinamento tolteca de Castañeda que podemos observar certas idiosincrasias especiais, em função da adaptação que sofreu o nagualismo com a chegada dos conquistadores. Antes disto havia uma complexa mistura de tradição e decadência, que depois foi purificada e adaptada aos novos tempos.

Também acrescentamos a simbologia que adota o Nagualismo da Nova Era –síntese entre a tradição xamânica e hierárquica–, afim ao elemento que a caracteriza, que é *Ar*. Por isto os símbolos dos graus de sua hierarquia são tomado do reino alado em distintas partes do mundo. É a

chamada *Hierarquia dos Pássaros*, de âmbito universal. Relaciona-se também à arte tolteca do conhecimento, definida poeticamente pelos videntes como o *pássaro da liberdade*.

No presente segmento vamos avaliar o treinamento relacionado aos dois graus solares.

3º grau: Intento e Ver – Plano Mental

A síntese da volição, consciência e livre-arbítrio chama-se *intento*. O conceito de *intento* é o cerne do treinamento dos guerreiros e a chave de todo o seu conhecimento. Através dele se abrem as chaves dos mundos. Diz Castañeda em *A Roda do Tempo*:

"Considerando tudo o que me havia ensinado Don Juan acerca de seu mundo cognitivo, cheguei à conclusão, que era a conclusão que ele mesmo compartilhava, de que a unidade mais importante desse mundo era o conceito de *intento*." (pg. 14)

Naturalmente, o intento representa uma capacidade *humana* por natureza, associada à vontade e ao livre-arbítrio, não apenas porque permite opções e atitudes a partir do raciocínio, mas também abre as chaves da magia.

Aquilo que for instintivo e mecânico já não se pode colocar propriamente sob as "asas do intento", em termos de manipulação pessoal, ainda que qualquer entidade, em qualquer reino, naturalmente exista apenas a partir de algum vínculo com o *intento*.

"Mas o que resultava de valor inconcebível para aqueles chamãs era que o intento – uma pura abstração– estava intimamente ligado ao homem. O homem podia sempre manipulá-lo. Os antigos chamãs do México se deram conta de que o único modo de afetar esta força era mediante um comportamento impecável. Só os praticantes mais disciplinados podiam alcançar esta proeza."

Naturalmente, o intento resume os melhores frutos do livre-arbítrio. O *intento* é basicamente a orientação proposital da vontade, a energia do alinhamento. Também se pode denominar como o *propósito*. Não se deve confundir com a intenção, que pode ser boa ou má. O intento é uma essência volitiva, um conteúdo energético direcionado que gera resultados nos planos sutis.

O intento é aquela força que nos conduz a estados de consciência distintos, dando acesso aos vários mundos. E, por ser o *intento* uma força de natureza mental, é importante que o guerreiro obtenha uma *compreensão profunda* dos processos envolvidos em cada caso, como forma de obter a motivação e o estado de consciência necessário capaz de mover o ponto de aglutinação.

A palavra sânscrita *mandala* significa "controle mental". O diagrama cosmológico que leva este nome representa uma forma de organizar o *intento* do mundo. "*Intenção* é o poder que sustenta o universo. É a força que tudo concentra. E faz o mundo acontecer." (*A Travessia das Feiticeiras*, pg. 56, Taisha Abelar)

Na verdade, a importância do intento reside em que ele é o mecanismo que permite nos movimentar nos outros mundos. Ali não existem os sentidos e nem a razão, mas apenas a volição pura para nos permitir atuar dinamicamente no ambiente e no relacionamento com outros seres.

Seu direcionamento e efeito comportam uma dimensão visual, pois está vinculado às energias mentais:

"Para os chamãs do antigo México, o *intento* era uma força que podiam visualizar quando *viam* a energia tal como flui no universo. A consideravam uma força onipresente que intervinha em todos os aspectos do tempo e do espaço. Era o que impulsionava tudo." (Castañeda, *Op. cit.*)

Representa a *terceira base* da técnica para manejar o alinhamento entre as emanções interiores e exteriores. A primeira base é *ver*, e a segunda base é a *vontade*, a energia produzida pelo aumento das emanções. O domínio da *intento* e da *espreita* são consideradas como as duas obras-primas dos novos videntes.

Enumeremos as três bases que permitem os alinhamentos cósmicos de energias:

1. Ver (Sonhar)
2. Vontade (Espreita)
3. Intento (Poder)

O *intento* é portanto energia consciencial; aplicada e criativa, é intenção dirigida e mobilizada. Por isto corresponde à etapa *Dhyana* ou meditação no *Samyama*, no qual o treinamento interior adquire um aspecto positivo ou criativo. Existe um núcleo de consciência capaz de agir com propósito interior, não se limitando a refrear impulsos ou a concentrar energias.

É o campo da "Terceira Atenção", que o *nagual* Juan Matus coloca como a grande conquista dos novos videntes e sua área de trabalho especial. A exemplo de várias tradições semi-hierárquicas, o treinamento tolteca reúne a terceira e a quarta atenção. Mas a verdadeira terceira atenção, conforme ensina a hierarquia árya, é um estado de elevada concentração de energia gerado pelo alinhamento dos três corpos inferiores, tornando-se capaz de canalizar uma expressão básica de energia divina através dos sub-planos superiores do plano mental. Esta luz se expressa então na forma de *vidência interior*, gerando certas peculiaridades no campo energético que servem para sinalizar a posse desta condição.

O *intento* é a chave mais oculta da consciência. "Para levar a cabo a interrupção dos vestígios, o benfeitor trata a intenção como um processo, como se ela fosse um fluxo, uma corrente de energia que pode eventualmente ser cessada ou ser reencaminhada." (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 258).

O intento é a chave dos atos de magia e um procedimento de grande sutileza. Não há como empregá-lo para fins mesquinhos. "O intento só surge para algo abstrato. Esta é a válvula de segurança dos xamãs; de outra maneira seriam insuportáveis" (Castañeda, *El Lado Activo del Infinito*, pg. 24). Mais:

"As ações do xamãs existem exclusivamente no reino do abstrato, do impessoal. Os xamãs lutam por alcançar uma meta que nada tem a ver com a busca do homem comum. Os xamãs aspiram a chegar ao *infinito*, e a ser conscientes disto." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 94)

A experiência no infinito *despersonaliza* o ser humano a ponto de terem os xamãs que pronunciarem seus nomes antes de nela penetrarem, a fim de preservarem suas individualidades (Castañeda, *cf. op. cit.*, pg. 94).

De que forma então os feiticeiros antigos liberaram grande poder mágico no campo material? Eles atuaram de forma inferior e não no campo do verdadeiro intento. Quando muito, misturaram as coisas e ficaram presas de suas próprias artes negras.

As novas linhagens cultivaram este dom de forma mais pura, e assim foram muito mais longe nas suas conquistas. Para isto abriram mão das pretensões materiais. O misterioso xamã conhecido como Sílvio Manuel era considerado como o mestre do intento, e por seu intermédio era capaz de realizar as maiores proezas interdimensionais. Foi ele que tomou nas mãos a recondução dos passos de Castañeda quando foi revelado que este seria um *nagual* de três pontas, criando o impasse da finalização desta linhagem.

Apesar de seus poderes imensos, Sílvio Manuel não tinha vontade própria, e por isto quase nunca fazia qualquer coisa. Apenas quando aparecia uma situação associada ao Plano da Águia é que ele ativava o seu intento.

O *intento* é uma forma de atenção concentrada, e alcança a sua perfeição na esfera da Terceira Atenção, tema bastante hermético e em torno do qual devemos tecer aqui alguns esclarecimentos, não tanto nas complexidades do sonhar ou com experiências psíquicas, mas no próprio plano da *mente criativa*, conforme ensinado pela Escola Trans-Himalaya. A nova Raça realizará uma fusão entre as duas formas de trabalho. Por isto também se denomina *neoxamanismo* ao novo trabalho racial.

Iniciando pela questão dos *alinhamentos*, observamos que Don Juan ensina que o principal trabalho do terceiro grau é *realinhar os feixes de energia* mobilizados nas experiências inconscientes realizadas sob o comando do Nagual. O trabalho sobre os centros energéticos é objetivo no sistema tolteca, pela manipulação por vezes direta dos campos de energia no homem, aumentando a responsabilidade e a atuação do nagual ao ponto máximo. O realinhamento é obtido recordando-se as experiências preservadas no inconsciente, a rememorar significa reviver e assimilar em definitivo. Estes compartimentos de memória são reativados através da impecabilidade de vida. Enquanto o guerreiro não estiver preparado para assimilar de forma consciente estas vivências, elas permanecem depositadas no seu inconsciente e não interferem de modo substancial na vida do indivíduo. À medida em que o iniciado alinha sua personalidade ele move o ponto de aglutinação reativando as memórias esquecidas.

No sistema áryo isto toma a forma do *alinhamento da Personalidade*, agrupando a tríade básica dos planos. Para isto é preciso trabalhar a mente de forma criativa, empregando a *tensão interior* como uma ferramenta. Os centros recebem um alinhamento especial formando uma tríade específica: trata-se do *Primeiro Círculo do Poder*. O *triângulo* é a primeira forma do cosmos. É a base e o instrumento para os posteriores processos evolutivos.

Como não se enfatiza experiências inconscientes, os centros tampouco tendem a ser trabalhados diretamente em si, mas através do desenvolvimento de *éticas* condizentes. O ponto de aglutinação é trabalhado de forma distinta, sendo diretamente manuseado pelo próprio iniciado, que deve aprender a "focalizar o olho da Águia", o que é feito sob a influência de uma energia superior.

Este é um grau muito abstrato porque envolve o trabalho direto com energias, e para isto a presença do Mestre é quase fundamental, pois serve como um estímulo energético capaz de dinamizar a aura do discípulo ao ponto necessário. A energia se torna um objeto de manipulação direta, e o instrumento para isto é a *vontade* ou a intenção. É preciso gerar um instrumento sutil para manusear as energias sutis.

Em certo nível, o *intento* corresponde à tensão mental e à força de vontade. A intenção deve ser exercida de forma pura e relaxada. O trabalho impessoal exercita a alma para alcançar isto.

A tensão interna é muito enfatizada na Agni Ioga, técnica que trabalha diretamente neste nível, mobilizando as energias criativas e contactando o "imã cósmico". Neste grau o iniciado deve exercitar as suas *asas de luz* através da qual poderá ter acesso aos mundos sagrados. Sem isto ele pereceria no além, devendo antes permanecer na atmosfera terrena se possível.

O intento é um atributo próprio do corpo etérico. Através dele exercitamos a vontade pura e a energia. Ele deve ser usado inclusive na cura do corpo físico, quando o melhor é fortalecer o corpo etérico, o único que pode realmente curar o físico (cf. *A Travessia das Feiticeiras*, 166), por ser o seu modelo energético. Naturalmente ele pode ser danificado, mas através do intento podemos tratar de reforçá-lo e, indiretamente estaremos curando o físico, que é apenas um "envoltório" daquele.

A Filosofia Esotérica de Alice A. Bailey (Escola Arcana) afirma que o trabalho do Agni Ioga está além do contato com o Anjo Solar. Para empreender este grau deve-se ter plenamente incorporado o Eu Superior, o único que pode dirigir esta esfera.

Segundo o Tibetano, os magos negros não podem ir além do segundo grau, estando portanto incapacitados para o mental superior. Os toltecas corroboram isto dizendo que os antigos videntes viram-se seduzidos pelas conquistas de consciência psíquica e permaneceram atados em seus abismos, sacrificando a própria alma e até os seus discípulos em troca da permanência consciencial no plano material. Apenas os puros ascendem nas asas do intento.

A Escola Himalaya denomina o terceiro grau como *iniciação solar*. Oferecemos então as seguintes definições para este grau:

- guerreiro natural
- cavaleiro solar
- despreendimento espontâneo
- dinamismo interior
- verdadeira espiritualidade
- poder criativo
- sentido de liberdade
- energia elétrica.

No terceiro grau tem início a energia da *liberdade*, vista de forma positiva. Esta técnica envolve formas de intenção dirigida ou de "mobilidade mental criativa".

No sistema tolteca o terceiro grau se chama *vidente*. Está associado à perda da forma humana, o que apresenta entre os seus sinais a aparição de um grande olho diante da consciência interna (cf. Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 118), sinalizando o sucesso do alinhamento das energias. Através deste olho o guerreiro pode sonhar livremente sem adormecer, situação considera a condição "mais sofisticada" que um vidente é capaz de alcançar.

No esquema áryo este grau também está relacionado à "terceira visão" e ao "olho único", pois se caracteriza pela clarividência, que é basicamente a percepção *interna* de coisas sutis como o movimento das energias. O nagual Don Juan afirma que "*ver* só acontece quando a gente se esgueira entre os mundos, o mundo das pessoas comuns e o mundo dos feiticeiros." (Castañeda, *Viagem a Ixtlan*, Pg. 235)

De certo modo, *ver* é a coroação do intento. *Ver* não envolve apenas o sentido da visão, mas sim o ato de vontade e participação implícito no olhar, a essência interna que nos possibilita ter consciência das coisas. Assim, para os xamãs toltecas, no ato de *ver* a vista não é algo que se emprega para olhar, mas para atuar sobre aquilo que é visto (cf. Castañeda, *El Lado Activo del infinito*, pg. 231).

Se *olhar* se dirige para as formas externas, *ver* se refere à energia que existe oculta nas formas. "(Como) a energia é o resíduo irreduzível de tudo, *ver* energia diretamente é o máximo para um ser humano." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 256).

Na *Hierarquia dos Pássaros*, este grau se denomina *Hamsa*, o Cisne. Trata-se do veículo do Brahma, o deus da Criação na Trimurti hindú. A mítica habilidade do Cisne em separar a água do leite denota não apenas discernimento mental como também a capacidade criativa do iniciado deste grau com as energias sutis. Este estágio está associado ao plano mental e ao planeta Marte, o senhor das guerras. Assim, o verdadeiro guerreiro da luz emerge neste estágio, na forma do *vidente*.

4º grau: Liberação – Plano Intuitivo

Após o terceiro grau o Nagual se prepara para a sua iluminação e liberação deste planeta. Geralmente ele aguarda para isto o pleno cumprimento do Regulamento, que inclui o compromisso de completar e orientar um novo grupo. No geral a liberação também é realizada de forma grupal, embora hajam casos em que os guerreiros partam um a um.

Esta iluminação está associada ao *Samadhi* no *Samyama* áryo-oriental e ao que chamaríamos de "Quarta Atenção", um estado jamais contemplado pelas linhagens toltecas ou, pelo menos, nunca mencionado pelos novos videntes (talvez porque o toltequismo realiza certa *fusão de categorias*), mas que na idade áurea do toltequismo pode ter sido bem conhecido. Para ser objeto de culto necessitaria ser presenciado pelos videntes na Terra, o que não tem sido possível nos últimos séculos, dentro do trabalho da categoria de *Arhats* por eles buscada.

No quarto grau o iniciado passa por provas supremas e as vence unicamente através do acesso a energias sagradas. Após isto, sua tarefa é em princípio meramente o fortalecimento da energia divina que contata. Por ser um grau sagrado, este iluminado pode ser posto em contato com grupos para dinamizar as suas energias. Será um Nagual no sentido superior do termo, isto é, um *Arhat*, que significa "vitorioso" ou "venerável". O processo do *Arhat* pode ser muito difícil caso a hierarquia não se ache regularmente manifestada e preservada na Terra. Daí a importância da proteção e da preservação das linhagens de mestres. O *ashram* elementar que o *Arhat* administra é de natureza intrasistêmica, relacionada às esferas temporais. Sua estrutura está prescrita no Regulamento do Nagual. Na Hierarquia dos Pássaros do novo xamanismo, este grau recebe o nome de *Fênix*, evocando o pássaro mitológico que renasce de suas próprias cinzas.

Este grau pode ser melhor vivido a nível de hierarquia, em termos regularidade histórica.

b. A Iniciação Tolteca

O que vamos apresentar na seqüência resume as quatro iniciações raciais sob a ótica tolteca dos novos videntes, na senda do guerreiro.

Em *O Fogo Interior*, Castañeda transmite aquilo que os novos videntes denominam os *quatro passos no caminho do conhecimento*, numa linguagem associada àquilo que se conhece como **iniciações**. São estes os quatro passos:

1. *Aprendiz*. Resume-se no trabalho de mudar a visão sobre si mesmo e sobre o mundo.
2. *Guerreiro*. O indivíduo sujeita-se a uma extrema disciplina e auto controle.
3. *Homem de Conhecimento*. É quando se desenvolve paciência e senso de oportunidade.
4. *Vidente*. Caracteriza-se pela capacidade de *ver*.

Na etapa de *Aprendiz* o buscador deve libertar-se da antiga forma de ver o mundo e a si próprio. Deve assimilar as bases de uma nova concepção de universo, ou pelo menos maleabilizar a anterior. "Modificar nossa concepção de mundo é o ponto nevrálgico da feitiçaria." (*Porta para o Infinito*, pg. 20)

O *Guerreiro* ou o 2º grau caracteriza-se pela busca da *impecabilidade*, definida como o esforço de "dar o máximo de si por todo o tempo" (*Porta para o Infinito*, pg. 15).

A expressão *homem de conhecimento* no 3º grau é teoricamente aceitável, embora lisongeira em termos espirituais. Tecnicamente, este é que seria o estágio de *vidente*, numa acepção básica do termo. A idéia de *visão* (interna) costuma estar associada ao terceiro grau e ao "terceiro

olho", o elemento de **equilíbrio**. *Ver* deveria ser agrupado ao desenvolvimento da paciência e de oportunidade.

Por isto, a colocação da condição de *vidente* como quarta categoria é insuficiente –a menos que, tal como faz o Budismo, se trate de uma *fusão* com o quinto grau áryo, no qual se recebe o *Conhecimento Perfeito*. De outra forma, o quarto grau deveria evocar aquela liberdade procurada pelos videntes, chamando-a quiçá de *Homem Livre* (ou, antes, *Homem Eterno*). Mas como os toltecas não esperavam sobreviver a este grau, o seu sistema foi reduzido e adaptado. Deve de qualquer forma fazer referência à Iluminação, que é o elemento real de **transcendência**. No budismo chama-se *Arhat*, significando "venerável".

Capítulo 19

Os Aliados da Natureza

O contato com "seres da natureza", chamados *elementais* em certas culturas, foi sempre um método muito empregado pelos iniciados. Em cada elemento estes seres possuem um nome distinto: *gnomos*, *sílfides*, *ondinas* e *salamandras*. E ainda podem ser de hierarquias diferentes, como os *elfos*, as *fadas*, as *sereias* e as *nereidas*. O grupo básico se chama *elementais*, *elementales* e *elementares*.

Estas escalas vão evoluindo apenas no refinamento de suas energias, mas sempre sem corpo material, sendo por isto chamados *seres inorgânicos*. Tratam-se das energias que alimentam os diversos níveis do cosmos, como "matérias-primas" do universo.

Suas formas aparentes se devem muito à interpretação mental que faz deles o próprio homem, com o qual se relacionam, oferecendo as suas energias em troca de *consciência*.

Segundo Don Juan, esta associação corresponde a um pacto com o demônio, porque implica numa barganha com a própria alma, tendo em vista a conquista de algum bem material ou físico. Por não saberem bem como tratar estas forças, muitos homens ficaram presas de suas artimanhas. Por isto os videntes toltecas atuais renegam amplamente o conceito de "aliado" e os chamam apenas de *seres inorgânicos*:

"Os xamãs do antigo México deram o nome de *aliados* às forças inexplicáveis que atuavam sobre eles. Os chamaram *aliados* porque pensaram que podiam servir-se deles para sua satisfação, uma idéia que resultou ser quase fatal para aqueles xamãs, porque o que eles chamavam *aliados* são seres sem essência corpórea que existem no universo. Os xamãs de hoje em dia os chamam *seres inorgânicos*." (Castañeda, *La Rueda del Tiempo*, pg. 49)

Segundo os videntes da linhagem do nagual Juan Matus, existem na Terra 48 faixas de amanações da Águia (Castañeda, *O Fogo Interior*, pg. 154 e *Porta para o Infinito*, pg. 39), número este usado em algumas de suas feitiçarias (cf. Castañeda, *A Erva do Diabo*, pg. 26). Isto concorda com o ensinamento do Quarto Caminho, que afirma que tanto o corpo físico humano como o planeta Terra estão sujeitos a 48 leis (ver *Fragmentos de um Ensino Desconhecido*, de P. D. Ouspensky, pg. 116). Seria portanto a base da estrutura física ou do plano material, análogo quicá aos 23 pares de cromossomos que possuímos.

Conforme o toltequismo, das 48 emanações existentes, 7 são inorgânicas e conscientes e 40 são apenas "estruturas inconscientes que geram organização", e cuja energia depende de doações por parte dos seres orgânicos e inorgânicos.

No entanto, afirmar que as sete emanações são dotadas de consciência é uma verdade apenas relativa. O fato é que, especialmente nos extratos inferiores, é o homem quem as dota de consciência. O que possuem estas emanações são *forças* e *energias*.

Podemos mesmo dizer que a distinção feita entre "aliados" e "seres inorgânicos" se trata bem mais do que simples semântica. Corresponde, segundo a *forma* e o *nível* com que se trabalham tais energias, realmente a uma dupla ótica, a dos *elementais* e a dos *anjos*, ou a dos *asuras* e a dos *devas*, em sânscrito. De certa forma, tratam-se das mesmas *estruturas*, porém diferenciadas pelo enfoque dado. Por isto a yoga oriental mostra sempre estes grupos como *duplicados*.

Os aliados tampouco devem ser confundidos com uma classe de espíritos chamados "auxiliares", próprios dos bruxos ou *diablos* e que servem para dar poderes de metamorfose, entre outros. No geral, "um aliado é um poder que um homem pode introduzir em sua vida para ajudá-lo, aconselhá-lo e dar-lhe a força necessária para executar atos, grandes ou pequenos, certos ou errados." (Castañeda, *A Erva do Diabo*, pg. 53) Empregado para enriquecer e ampliar as perspectivas humanas ("Este aliado é necessário para realçar a vida de um homem, orientar suas ações e aumentar seus conhecimentos." – Castañeda, *op. cit.*, pg. 53), naturalmente tal força pode ser substituída pela interação com mestres dotados de iniciações superiores, tal como pretendem as Tradições modernas.

Com relação às 40 emanções "livres", sequer energia possuem, pois significam meramente potenciais organizativos a serem empregados, tais como as estruturas "astrológicas".

Estas também realizam permutas entre si. Os seres inorgânicos sabem preservar a forma, mas nunca gerar energia. Por outro lado, podem emprestar sua energia acumulada aos seres orgânicos.

Obviamente, podemos associar estes "seres inorgânicos" aos *devas* ou entidades energéticas que sustentam os planos de consciência. Os antigos videntes afirmavam existir sete planos e que se pode evocar os seres de alguns deles através do emprego dos elementos físicos (água, ar, etc.), para gerar "aliados" sob cujo auxílio é possível realizar proezas.

Os seres inorgânicos não tem forma própria, embora possam aparecer à consciência com alguma forma em função das habilidades que a mente possui de revestir as sensações com alguma forma para interpretar a sua natureza.

a. Revisitando os Reinos

O ser humano é um ente com imensas possibilidades. O livre-arbítrio lhe acarreta em grandes desafios, mas também lhe confere enormes potencialidades. Coroando a cadeia biológica, certamente novas oportunidades lhe seriam oferecidas, vindo a constituir um novo reino. Mas isto também exige um longo aprendizado.

De algum modo, o homem deve refazer toda a cadeia evolutiva dentro de si, e na sua esfera cultural, dependendo das ferramentas que possui, isto pode passar pela magia, em seus diversos graus e formas.

Assim, em algum momento, poderá parecer atraente a concretude e a longevidade dos minerais, o poder de contemplação e a paz dos vegetais, assim como a força e a liberdade dos animais.

Com o tempo, ele encontrará valores ainda mais estupendos dentro de si, que não afastem os anteriores, mas que os incluam e suplantem de algum modo, empregando-os para conquistas mais elevadas através de novas formas de encarar a existência, agora dentro do universo propriamente *humano*, cujas belezas são já transcendentais e *sagradas*. Ali ele realizará as verdadeiras *iniciações* destinadas à humanidade alinhada com a hierarquia.

Os aliados são portanto as energias materiais com que os iniciados contam durante o ciclo humano de evolução, as quais se acham presentes em seu interior ou na sua constituição

energética. São a base de sustentação do plano físico cósmico no qual evoluímos, os chamados seres *elementais* e até mesmo *anjos* e *devas* nas escalas mais elevadas.

No decurso de sua evolução elementar, os iniciados procuraram os mais diversos recursos para apurar os estados de consciência e dinamizar suas energias. O sacerdócio primitivo nasceu do emprego de alguns instrumentos especiais que a natureza oferece, aos quais deram o nome de *aliados*. O objetivo era expandir os limites humanos empregando os recursos dos outros reinos, sobretudo os inferiores, já que o homem recém estava despertando suas energias internas. Até certo ponto esta *recapitulação* é válida.

Toda a evolução necessita de recapitulação, e enquanto o homem não chega ao seu próprio grau evolutivo, ele deve desenvolver as suas forças básicas objetivamente, por assim dizer. Isto inclui apenas os três reinos básicos e as três primeiras raças, que são as raças verdadeiramente xamânicas. Os três reinos superiores correspondem já a raças hierárquicas. Em esoterismo apenas se conta como raças *verdadeiras* aquelas que estão sob a coordenação de energias superiores. A hierarquia apareceu na Terra na Terceira Raça-Raiz, mas a primeira raça verdadeiramente humana foi a atlante, e foi somente nela que a hierarquia se manifestou.

A humanidade em si sempre dependeu e dependerá das energias naturais. Mas a hierarquia tem emergido desde as raças anteriores no rumo de novas energias, estas sim sagradas. A decadência da civilização gerou problemas também nesta esfera, ocasionando a "queda dos anjos".

O xamã honra as suas raízes naturais, as essências elementais de seu próprio ser, de modo a fortalecê-las. Mas, segundo os novos ensinamentos hierárquicos, o trabalho direto sobre estas energias tende a enfatizá-las em demasia, gerando desequilíbrios, pois uma vez que se as penetra tornam-se esferas sedutoras e até destrutivas. A "consciência mineral" gera segurança e subjetividade; a "consciência vegetal" gera intensidade e passividade, e a "consciência animal" gera força e agressividade.

Por isto os homens da nova raça devem atuar a nível de *coração e cérebro*. O coração é o quarto centro, sendo ainda um centro elemental, relacionado ao *fogo*, mas este é o mais sutil dos elementos, servindo de elo entre o natural e o divino. Além disto, corresponde ao quarto reino, que é o humano, gerando amor e iluminação. O cérebro escapa totalmente das esferas elementais e seu trabalho diz respeito à hierarquia.

Por isto os discípulos da luz devem hoje trabalhar as energias naturais na forma do *neo-xamanismo*, onde os elementos apresentam referências basicamente estéticas, psicológicas e éticas, sem cultos e rituais excessivos. Os trabalhos devem ser realizados em conjunto, sem deter-se no culto específico a um único reino, mas enfocando-os indiretamente e em grupo, até alcançar a condição humana. A estrutura da mandala ou a "roda da medicina" xamânica podem ser empregados para isto (ver sobre o tema na obra de Angeles Arrien, *O Caminho Quádruple*, que oferece um panorama didático dos métodos xamânicos).

São estes então os "aliados da natureza" e seus reinos:

1. Reino Mineral: Plano Físico

Os aliados que os videntes buscavam nos outros mundos eram de sete espécies, um em cada plano do universo. Mas, de certo modo, estes seres pertencem ainda ao reino mineral e ao plano físico *solar*, cuja grande propriedade é o sentido de permanência física.

Pertencem ao reino mineral, que é o único reino inorgânico abaixo do humano. A tradição européia chama aos seres deste reino de *gnomos*. Estes seres pequenos e telúricos são como as pessoas que se contentam com a estabilidade da vida sem questionar o seu destino. Muitas vezes

será este mesmo o seu papel. O mundo necessita dos "homens simples" e estes podem ser perfeitamente felizes na sua humildade. Este estado de consciência está associado ao grau de aprendiz, no qual prevalecem os trabalhos materiais e a depuração física.

O elemento no qual os aliados deste mundo costumam ser capturados é a água, que é um mineral líquido, com o emprego de um espelho. O reino mineral está relacionado ao elemento terra e ao quaternário. O Nagual Juan Matus recebeu quatro aliados, que legou a seu sucessor nagual, Carlos Castañeda. Estes seres outorgam poder, mas é preciso saber controlá-los, do contrário eles se tornam destrutivos. O aprendiz de feiticeiro não pode descuidar de suas energias, pois elas são como animais a seu serviço e devem ser alimentados e cuidados. Elas aumentam as possibilidades e os recursos do homem.

Em *O Segundo Círculo do Poder* (pg. 110) revela-se que o Nagual possui um recurso mágico para evocar e pacificar estes aliados. Trata-se do "grito da mariposa" (expressão simbólica pois as mariposas não emitem sons). O emprego de *mantras* ou a emissão de vibrações sonoras para evocar seres e energias elementais representa um recurso tradicional conhecido de várias tradições. As fórmulas e as palavras mágicas fazem parte desde os encantamentos mais comuns até as práticas mais avançadas do yoguismo. Não há como alcançar os graus superiores sem estas práticas, associadas ao *verbo criador*.

2. Reino Vegetal: Plano Psíquico

O contato interno com árvores era uma antiga prática xamanista, mas segundo Don Juan, devido à destruição sistemática que este reino sofreu, ele tornou-se hostil ao ser humano.

Inclui-se também na categoria dos aliados o emprego de certas plantas capazes de induzir estados alterados de consciência. Esta segunda categoria corresponde ao reino vegetal e ao plano psíquico, foco da *Segunda Atenção*, de natureza contemplativa e ativadora do sistema nervoso vegetativo ou autônomo. As plantas são geralmente ministradas às pessoas que necessitam restaurar as suas energias, sendo utilizadas somente pelos feiticeiros que dominam a sua arte. Mas também são empregadas para dar um impulso final no caminho dos guerreiros. (cf. Castañeda, em *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 193).

As plantas de poder são espécies vegetais especiais. Os videntes afirmam que os cogumelos possuem a particularidade de apresentar um casulo luminoso muito semelhante ao do homem, inclusive em tamanho, razão pela qual auxiliam no alinhamento das energias. A Ciência moderna afirma que as os cogumelos representam a espécie vegetal mais evoluída, estando muito próxima do reino animal.

Segundo os videntes, animais (incluindo homens), plantas e insetos integram as três setores da grande faixa de emanção orgânica da Águia. Segundo os toltecas, de um modo geral as plantas estão mais próximas do homem que os insetos.

As plantas de poder enfatizam o sistema nervoso vegetativo, tornando o homem contemplativo e perceptivo, embora sem a clareza tridimensional do alinhamento da Razão. De modo semelhante a *sonhar*, polarizam a consciência numa direção subjetiva, podendo oferecer sérios perigos se o indivíduo não possui uma disciplina sólida e boa saúde.

O vínculo com o reino vegetal é muito primitivo e deve ser tratado com cautela. As experiências com plantas de poder podem desestruturar a aura a um ponto perigoso.

O segundo reino, vegetal, está associado ao elemento água e seus elementais são chamados *ondinas*. Estes seres vivem especialmente nas cachoeiras ou nas corredeiras, e possuem um canto maravilhoso por sua melodia. Num certo sentido, são as sereias de que falam os mitos antigos, as quais seduzem os navegantes que, atraídos por seus cantos maviosos, se atiram às

águas atrás destes seres e assim invariavelmente se afogam. Era o que acontecia amiúde com os antigos xamãs quando se aventuravam por estes reinos. Seduzidos pelos deleites da *Segunda Atenção* que proporciona intensidade e contemplação, ele desejavam morrer neste estado, entregando-se à atitudes incompatíveis com a humanidade ou com os poderes reais que obtinham, até porque muitas vezes estes contatos eram realizados artificialmente. O mito também simboliza o instinto sexual, e nisto temos a "queda dos anjos"

Estas experiências são porém necessárias na evolução, razão pela qual cada iniciado é posto em contato com os seres elementais. A forma de fazer isto dependerá da condição do iniciado.

Com relação às sereias, os mitos mostram três possibilidades de enfrentar a situação.

Ulisses toma o caminho do *guerreiro* e se amarra ao mastro do navio. Não se recusa a escutá-las mas pede que não o soltem a nenhum preço.

Quanto aos marinheiro, tomam o caminho do *asceta* e simplesmente tapam os ouvidos.

Finalmente, Orfeu toma o caminho do *mestre*, e com sua lira toca uma melodia ainda mais bela que desvia a atenção dos marinheiros.

Cada um reflete um nível de poder, e todos são válidos.

O leitor poderá obter mais informações sobre o Aliado Vegetal no Volume I desta obra.

3. Reino Animal: *Plano Mental*

A terceira espécie de aliados é do reino animal e seus benefícios favorecem o plano mental. A mobilidade e a força dos animais apresentam os estímulos necessários para o desenvolvimento da mente concreta, resultando oportunamente a aquisição da *consciência* no reino seguinte (o humano). O vínculo com o aliado-animal favorece os elementos dinâmicos da Terceira Atenção. Este padrão é o mais elevado do xamanismo em seu nível, que inclui a rigôr apenas os três reinos básicos e as três primeiras raças. É por isto que o xamã denomina-se *nagual* entre os pré-colombianos, termo retirado do vínculo com o reino animal. O nagualismo é a adaptação natural do espírito-aliado à terceira iniciação dentro do trabalho xamânico.

No Capítulo dedicado ao Nagual vimos que o Zodíaco mental é um vínculo com os arquétipos da forma humana. Em sua busca e identificação dos animais de poder, os xamãs geralmente terminam se identificando com animais que representam verdadeiro *protótipos* no reino da Natureza, como "a força do urso, a soberania da onça, a visão da águia e a astúcia do coioite".

Todas as raças elegem entidades que apresentam analogias com a energia racial. As quatro raças sagradas estão representadas pelo grupo de seres que conformam os *querubins* no Oriente Médio, e que tomou a forma de jaguar-águia-serpente-homem na cultura-pré-colombiana. No *querubim* oriental temos os seguintes animais e suas respectivas raças-raízes e reinos (sendo esta apenas uma das associações possíveis):

1. Raça Lemuriana: Touro (*Reino Mineral*)
2. Raça Atlante: Leão (*Reino Vegetal*)
3. Raça Árya: Águia (*Reino Animal*)
4. Raça Americana: Homem (*Reino Humano*)

Este seres correspondem aos signos *fixos* do Zodíaco e centralizam tríades de alinhamentos, como o "pilar central" da Árvore da Vida.

A Lemúria representou o início do processo espiritual, associado ao reino mineral e também ao animal. Daí o culto às energias elementares e a valorização dos minerais. Foi o início da Psicologia, pela compreensão dos mecanismos instintivos. Não houve propriamente cultura espiritual, a nível de humanidade, mas simplesmente um despertar gradativo da *mente* naqueles que pertenceriam algum dia aos quadros hierárquicos. A própria humanidade entregava-se à descoberta de seu livre-arbítrio e desenvolvia as artes elementares da sobrevivência, como a caça, a pesca e a coleta, numa vida tribal. Como a evolução é dinâmica, a virtude de uma raça torna-se pecado nas subseqüentes. O mito da serpente como associada ao pecado representa um culto "residual" que a nova raça deverá extirpar.

Um arquétipo animal atlante seria o do leão, com sua força e beleza particular. Pertencente a uma categoria de animais que não possuem predadores, e colocando-se com isto de algum modo no topo da cadeia alimentar, os grandes felinos (jaguar, onça, tigre, pantera) também sempre representaram o sagrado, possuindo um vínculo especial com o xamanismo, mas também com a realeza. A cultura atlante viu a geração do mito real, apoiado sobre os fatos naturais e biológicos, como o sol, o coração e certos animais "superiores". Com isto a humanidade desenvolveu certo sentido religioso verdadeiro. No ambiente onde não haviam cavalos, o felino sempre se destacou. A palavra nahuatl *nagual* significa "jaguar", e na astrologia pré-colombiana o signo de jaguar está relacionado ao xamã. Destreza, força, acurácia, beleza e soberania caracterizam estes grandes felinos. O xamã necessita de poder para enfrentar os desafios das selvas. E nenhum outro ser se apresenta melhor adaptado do que os grandes felinos, capazes de ter aceso a qualquer elemento, inclusive as árvores e as águas. Por sua resistência, diz-se que certos felinos possuem várias vidas. O Nagual apresenta uma imortalidade relativa, sendo capaz de protelar a sua morte e de conquistar a ressurreição enquanto Arhat.

Na raça árya foi o touro, quando se domesticou completamente a natureza, colocando-a a serviço da civilização. A vaca se tornou sagrada e o vegetarianismo foi adotado, dando início à cultura da Idade de Ouro, com reflexo na adoração do bezerro de ouro iniciado na raça anterior. Um variação deste ser é o cavalo, símbolo do poder humano-espiritual. O garanhão é em si um animal poderoso. Seu "harém" simboliza o seu excepcional vigôr. Seu porte é magestoso e sua força admirável. Mas é enquanto montaria que ele adquiriu uma importância especial, como se os quatro elementos estivessem ali a serviço da quintessência simbolizada pelo ser humano. Nas profecias áryas o cavalo branco permanece como um símbolo divino. No mesmo sentido, a exaltação árya do elemento Ar trouxe à tona os seres alados como a Águia, que passou a representar a própria divindade em muitas tradições. A síntese foi o mito de Pégaso, o cavalo alado que serve de montaria à Hércules.

Na nova raça-raiz, a americana, a esfera humana escapa totalmente às analogias dos reinos inferiores e encontra a si própria. Nem por isto ela deixa de abandonar os cultos elementais, pois a humanidade pertence ao âmbito do *quaternário*. Mas nesta última raça ele poderá finalmente realizar por completo o seu Plano divino, com tudo o que isto significa em termos cósmicos, pois esta é também a quarta ronda planetária, cujo propósito é precisamente o de *formar a humanidade*. O poder-animal já não representa um fim em si mesmo, sequer para o nível humano, que doravante poderá contar com energias *próprias* para a sua experiência eterna. É no seu semelhante que ele achará as suas principais forças e o sentido de ser.

Vimos que os aliados possuem limites energéticos, e cada espécie atua num certo nível do cosmos.

Agora que é chegada a 4ª Raça Sagrada (6 Raça-Raiz), onde a humanidade deve coroar os seus esforços e colher os frutos de sua evolução, ela deve buscar um aliado que vai além dos reinos criados, ali onde iniciam as energias hierárquicas.

Capítulo 20

Lugares de Poder no Norte

O mundo pré-colombiano é farto de pontos arquitetônicos, equiparando-se talvez apenas ao Egito. Os maias especialmente, deixaram centenas de ruínas importantes. Várias cidades mexicanas modernas são de origem pré-colombiana, como Oaxaca, Tula, Ixtlan e a própria cidade do México, sendo alguns dos principais pontos freqüentados pelos videntes.

No entanto, segundo estes videntes, a energia de alguns destes lugares pode ser nociva, e assim como certas montanhas, cidades e áreas específicas do México, não devem ser buscadas pelo "homem moderno" e pelos guerreiros em geral, pois apresentam emanações negativas.

a. Tabus e Malefícios dos Locais Místicos

É certo que boa parte destas proibições seguem as antigas tradições de maldizer os locais sagrados tendo em vista a sua preservação, em épocas que apenas se poderia profanar estes centros. Tais locais amiúde têm servido como túmulos e guardam riquezas. As tradições atlantes prescrevem que os nobres e reis mortos devem descansar em paz no seu túmulo, especialmente preparado para ele e muitas vezes até *por* ele no decurso da sua existência, a um custo sempre elevado. Acreditava-se que se este local fosse respeitado e preservado, o espírito do morto permanecería no local, abençoando a região e até aqueles que eventualmente pudessem se aproximar do local de forma reverente.

Os toltecas também acreditavam na permanência de antigos feiticeiros, mas davam uma conotação realmente negativa a isto (o que não deixa de lembrar as maldições e as ameaças sempre deixadas às portas dos túmulos egípcios).

Seriam residências permanentes de antigos feiticeiros que a partir dali extraem as energias de seus visitantes, os quais sentem-se por isto cansados e desernegizados. Todos os guerreiros que as visitaram também foram vítimas de "azar" a partir daí.

O problema é que os magos antigos, obcecados pela segunda atenção, levaram o seu poder tão longe que de algum modo permaneceram nestes locais, vampirizando a tudo e a todos para preservar alguma consciência e vida sensível. Diz Castañeda:

"O Nagual disse que não há nada mais perigoso que a fixação do mal da segunda atenção. Quando os guerreiros aprendem a focalizar o lado fraco da segunda atenção nada é empecilho para eles. Tornam-se caçadores de homens, vampiros. Mesmo depois de mortos podem atingir sua presa através do tempo, como se estivessem presentes aqui e

agora; e nos transformamos em presas se entramos numa daquelas pirâmides. O Nagual chamou-as de ciladas da segunda atenção." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 21).

Os novos videntes tinham na sua linhagem a experiência do *Inquilino*, o antigo feiticeiro multi-secular oriundo das antigas linhagens de feiticeiros "negros", que interferiu na evolução da nova linhagem, e trocava poderes ocultos pela energia dos naguais. Algo semelhante era atribuído a estes *vampiros* antigos dos locais. Esta é uma das explicações para a existência das entidades vampirescas usadas pela Loja Negra.

Tratemos de desenvolver um pouco mais o tema para que aqueles que se dirigem para estas regiões possam precaver-se contra estas antigas energias de ilusão. A nova humanidade irá resgatar os mistérios atlantes e deve empregar a experiência como exemplo, inclusive precavendo-se contra certas tendências colaterais.

No *Tratado Sobre Magia Branca* de Bailey encontramos referências sobre a manutenção destas energias:

"Os poderosos pensamentos-forma construídos nos antigos mistérios Ibezianos (particularmente na América) permanecem até agora sem terem sido destruídos. Este gigantesco 'Morador do Umbral' de todos os verdadeiros Mistérios tem que ser dissolvidos antes que o aspirante possa prosseguir."

Certamente tal coisa acarreta em implicações a nível espiritual. Os atlantes desenvolveram a sua magia a um grau incrível. Castañeda dá mostras disto, e seus mentores afirmam que os poderes dos antigos videntes eram assombrosos. O fato é que a energia gerada pelos antigos feiticeiros permanece como um espectro no umbral da Iniciação atlante, isto é, especialmente diante do Quarto Grau.

b. O Trabalho dos Antigos Adeptos

A morte foi sempre o supremo desafio e o "último inimigo", mas apenas com o tempo os sábios foram aprendendo a tratar com ela, e apenas com o tempo é que os caminhos superiores foram sendo revelados. Este progresso está diretamente vinculado ao acréscimo das capacidades dos homens e dos mestres.

Os antigos adeptos e, especialmente os feiticeiros, estavam altamente limitados em seus poderes cósmicos, sendo esta uma das razões pela qual se diz que os a Loj Branca não lançou raízes na época lemuriana

Estes feiticeiros antigos geraram uma super-focalização de consciência nas coisas materiais, e é esta a base de suas magias. Focalizando na matéria e trabalhando com a vontade e a auto-disciplina, eles desenvolveram uma "falsa luz" (ver *Espelhismo – Um Problema Mundial*, de Alice A. Bailey), que é a base da "energia escura" de que falam os toltecas. Para preservar fisicamente as suas vidas, realizaram pactos tido hoje como tenebrosos com as entidades da matéria, conseguindo "protetores" entre reinos de grande longevidade mas de pouca evolução.

A seu ver isto era ciência, mas para os Adeptos áryos se tornou tolice e paixão cega. Ainda hoje permanecem todavia os efeitos das engendrações atlantes, que procura impedir que o iniciado abra as portas para a luz. É muitas vezes neste nível que se travam as grandes batalhas na Terra, de forma subterrânea e nos bastidores da História.

Pensamos porém que a origem de muitos destes espectros remontem a uma antiguidade ainda maior, aos tempos *lemurianos*. Os feiticeiros da Lemúria tinham sérios limites para a transcendentalidade. A palavra "Magia Negra" está por força associada à Raça Negra, ainda que outras também a tenham praticado ostensivamente. No jargão da Magia, os *lemures* são almas

de mortos ou vampiros astrais. A necrofilia e a invocação dos espíritos remonta à magia lemuriana. Na ausência de um elo hierárquico terreno, as primeiras raças necessitavam destes contatos elementares para assegurar-se das possibilidades de sobrevivência da Alma. Com o tempo passaram a associar-se à tais entidades em busca de poderes e conhecimentos.

Dotados de maior sensibilidade e imaginação, os atlantes aprofundaram estas práticas e penetraram ainda mais nos mistérios dos outros reinos. Colocados numa posição dramática onde a consciência da morte era iminente, numa época de grandes transformações do planeta, tampouco se conformaram com as incertezas e trataram de empregar os seus poderes astrais para solucionar aparentemente seus dilemas, dando ouvidos às *seduções* dos "demônios" dos reinos inferiores, os quais necessitam da energia e da consciência humanas para poderem *sentir* e evoluir. Isto pode ser feito sem que o homem necessite entregar a sua própria essência, a menos que deseje realmente perder a Alma em troca de poderes aparentemente excepcionais. Alguns destes seres antigos bruxos permaneciam vivos ou semi-vivos à época de Castañeda, que pode contatar vários deles, sendo o mais impressionante o chamado *Desafiador da Morte* (ou o *Inquilino*) Muitas vezes tais feiticeiros associam-se a um certo templo ou acidente topográfico (uma caverna, uma saliência).

Estes adeptos ibezianos (ou atlantes) não podiam conceber nada além da *primeira iluminação*, e esta estava tragicamente vinculada à morte física. A consequência natural entre os irresignados foi procurar abrir mão de ambas e procurar caminhos satânicos de auto-preservação.

O homem atlante tinha uma intensa relação com a morte. A iniciação hierárquica era a da *crucificação* (4º grau), de modo que quase tudo pelo que ele podia aspirar era pela iluminação da Alma sob o peso de uma cruz. Esta era a nota e o espírito da hierarquia atlante.

Muitos destes iniciados, inseguros de seus destinos, antes de esperar a morte física e correr riscos, até por não saberem em que condições a morte os colheria, abandonavam os seus corpos sepultando-os em lugares mágicos, enquanto realizavam os ritos derradeiros de abandono desta vida. Os novos videntes seguem de certo modo este processo na medida em que podem ultrapassar um umbral cósmico e deixar esta existência sem deixar rastros. Nisto eles aprimoraram as antigas técnicas, ou antes, aqueles é que representaram degenerações destes procedimentos realmente elevados.

Seja como for, o homem se tornou responsável por estas distorções. E como estes procedimentos são artificiais e contrários à Natureza, tornaram-se tenebrosos e passaram a obstaculizar a verdadeira evolução espiritual. De modo que todo aquele que *sutilizasse* a atmosfera planetária passaria a representar uma ameaça para estes escravos das ilusões da matéria. Naturalmente o nome *maya* daquela raça pós-atlante tem uma de suas origens aí.

Havendo despertado para os mistérios do coração, foram capazes de grandes feitos, razão pela qual foram chamados "gigantes" na Bíblia (Gen 6). A forma estabelecida para evoluir seria o caminho do sacrifício, por ser aquele do *coração*, entendendo que este sacrifício seria basicamente um treinamento e uma purificação psíquica tendo em vista maiores conquistas.

Mas a paixão, que nos melhores casos é também um veículo para a elevação espiritual, levou alguns menos confiantes a retrocederem em seus caminhos, conspirando os dons recebidos e inclusive "tomando mulheres", no *plural* como diz o Genesis. A partir daí perderam todos os vínculos com o sagrado e tiveram que apelar exclusivamente para a magia. Rebelando-se desta forma contra o desígnios divinos se tornaram "anjos caídos". E esta foi a origem do Dilúvio, como demonstra claramente o Livro do Genesis.

Mas a partir do último Milênio, no chamado "Quinto Mundo", a compreensão da prisão da matéria gerou um novo ciclo, dando origem ao mito da "busca pelo pássaro da liberdade", uma excelente intuição dos novos videntes mas que somente agora poderá ser realmente alcançada.

Na crucificação espiritual (4º grau), luz (sol) era sinônimo de sacrifício. Para os adeptos atlantes a matéria devia ser sacrificada, assim como a mente, tendo em vista o desenvolvimento do *coração*. Diz o *Tratado Sobre Magia Branca*:

"Nos dias da Atlântida, a meta que a Hierarquia de Mestres estabeleceu para si mesma foi o despertar, no homem, da natureza do amor, como um passo na direção do despertar do centro do coração. Para fazer isto, os Mestres daquele tempo focalizaram a Si mesmos (deliberadamente e de propósito) no centro do coração e escolheram trabalhar inteiramente através daquele centro, subordinando o seu equipamento mental e a energia mental que Eles podiam usar ante a necessidade daquele tempo."

Ainda hoje os adeptos tibetanos trabalham com mentalizações pessoais, e há quem realize explorações psíquicas no corpo humano encontrando várias entidades ali.

Os adeptos atlantes sabiam que ultrapassar o umbral da quarta iniciação confere grandes poderes aos homens, porque lhe traz a iluminação e uma certeza *espiritual* de imortalidade, com a qual os adeptos da mão esquerda não podiam contar porque os seus instrumentos estavam brutalizados, e com isto desejavam algo mais "concreto".

A luz espiritual não apenas eleva a energia planetária, como fundamenta uma alternativa de religião para a humanidade. Na verdade, representa a *religião verdadeira*, oposta aos cultos materialistas baseados em falsas realizações. Este se tornou então um dos grandes campos de batalha entre os adeptos atlantes, sobretudo face às influências áryas, cuja superioridade espiritual soava perturbadora para aqueles antigos cultores do poder mágico material. Como diz o Tibetano, no plano da matéria a Loja Negra é mais poderosa.

Ainda hoje todo aquele que chega a este umbral se depara com antigas engendrações terríficas tornando muito difícil ultrapassá-lo. A Loja Branca permite até certo ponto este contato porque serve de *prova* para os que ali chegam, assim como um serviço *especial* que cada iniciado deve prestar auxiliando a destruir estas formas-pensamento. Apenas assim a maldição da Queda do homem poderá ser revogada.

Obviamente tudo isto tem um grande valor antropológico e até espiritual, pelos registros que mantiveram. Assim como no Egito certas pirâmides preservam desenhos e inscrições relacionados aos mais elevados procedimentos esotéricos, afirma-se que algo semelhante tenha ocorrido na Meso-América antiga:

"Algumas pirâmides são gigantescos lugares de não-fazer. Não eram moradas, mas lugares de os guerreiros desenvolverem seus *sonhos* e exercitarem sua segunda atenção. O que quer que fizessem era registrado em desenhos e figuras nas paredes." (Castañeda, *op. cit.*, pg. 19).

Segundo as linhagens toltecas contatadas por Castañeda, as colunas do Templo de Tula são assim, habitadas por espíritos antigos. As quatro frontais são guerreiras e tem forma humana, e as quatro posteriores são guerreiros e tem caracteres, registros de procedimentos ocultos feitos por homens, cuja natureza é mental.

Os videntes acreditam que "poderíamos aguentar talvez uma visita às pirâmides" (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 21). Ainda assim, cremos que por vários aspectos possa valer a pena visitar certos locais, mesmo que nesta única vez. São quase por natureza lugares de muita magia e beleza, e seus mistérios aumentam ao sabermos um pouco do que se passou por lá, ainda mais com as informações esotéricas dos novos videntes, que seriam uma das poucas fontes *vivas* destas culturas.

c. As Regiões de Poder (I)

Mas também existem locais francamente favoráveis aos verdadeiros guerreiros. Em *Viagem a Ixtlan* (Cap. 11), Don Juan apresenta a Castañeda certos "lugares de esclarecimento" destinados ao "sepultamento" de antigos guerreiros. Não se tratam de cemitérios e nem de moradas de espíritos, mas a locais em que os guerreiros se enterravam em câmaras para obter conhecimento e respostas. Sua forma é circular, e afirma o nágual haverem dezenas destes locais em todo o México.

Também existem regiões inteiras magnetizadas, seja por sua preservação ou seu isolamento, assim como por energias magnéticas especiais. Na literatura de Castañeda transparece a magia de toda aquela vasta região das montanhas mexicanas, além de desertos como o de Sonora, situado numa faixa da Terra considerada *sagrada* que é o paralelo 30, localizado no exato centro dos hemisférios.

Em *O Fogo Interior*, Castañeda afirma que "Don Juan sempre voltava a Sonora como um recurso de renovação. Ele havia explicado que um nágual, sendo um líder com enormes responsabilidades, precisa ter um ponto físico de referência, um lugar em que ocorra uma confluência conveniente de energias. O deserto de Sonora era um lugar assim" (Cap. 7). Em *Viagem a Ixtlan* Don Genaro também afirma gostar muito do "deserto do norte" (Cap. 18). E em *A Travessia das Feiticeiras* Clara Grau afirma ser aquele um "lugar de energia" (pg. 19).

A função de liderança está associada àquilo que se define como o 1º Raio, sendo esta justamente a energia que existe nesta faixa planetária. Esta energia regeneradora está associada à função da *pirâmide*. Podemos observar que o paralelo 30 está no exato centro do hemisfério. Além disto, se encontra na base de um triângulo perfeito com o ápice nos polos.

Esta faixa é portanto o lugar da síntese e do equilíbrio, estando associado à *Montanha Sagrada* das origens e à idéia de *polo* cultural e solar (tratamos dos princípios desta energia em *A Serpente Emplumada*, Volume I desta série). Por isto Don Juan afirmou que "o deserto de Sonora, por motivos para ele incompreensíveis, provoca uma beligerância aguda no homem ou em qualquer outro organismo." (*O Fogo Interior*, Cap.9) Trata-se da forma como age esta *energia* em indivíduos pouco refinados, do contrário surgiria como *poder espiritual*. Esta região dominada pelo 1º Raio exercita tanto a força da Vontade como a energia do Poder. Por isto o seu potencial pode ser empregado tanto para a iniciação como para a feitiçaria. O Tibetano declarou, através de Alice A. Bailey, que todos os magos negros atuam na linha do 1º Raio. Mas também afirmou que o regente deste raio coordena as Escolas de Iniciação no mundo.

La Catalina e outras guerreiras do grupo do mestre de Don Juan viviam no deserto de Sonora e Castañeda teve vários encontros com ela. Era uma feiticeira do estilo antigo, que gostava de transformar-se em seres estranhos, e usava as emanções do deserto em suas artes. O grupo de Don Juan a considerava como uma "tia", e empregava suas habilidades para dar demonstrações das possibilidades da magia.

"As pessoas podem dizer que é porque o ar aqui é muito seco, ou porque faz muito calor. Os videntes diriam que há aqui uma confluência particular das emanções da Água, as quais ajudam o ponto de aglutinação a mover-se para baixo." (Castañeda, *O Fogo Interior*, Cap.9)

O fato de o deserto não oferecer todos os potenciais climáticos de equilíbrio típicos desta faixa do planeta, pode fazer degenerar a qualidade da energia, sobretudo na consciência humana. Daí a tendência para fazer o ponto de aglutinação mover "para baixo", facilitando o emprêgo dos recursos de feitiçaria (especialmente a metamorfose animal). É como se a síntese ocultista do paralelo 30 se associasse à especificidade elemental de uma região xamânica, reforçando as potencialidades do xamanismo.

Mas esta força também é algo independente do clima porque está associada à energia solar (que é equilibrada nesta faixa) e à energia das formas (a pirâmide acima mencionada). Mas um

deserto não armazena por si muita energia, a menos que se considere a do sol. Esta região teve realmente a temperatura máxima da América do Norte, em 57 graus. Mas a própria *energia natural*, sem a interferência humana que é dali expulsa sob a inospitalidade local, contribui muito para isto. Além disto, existem *milênios* de fixação consciencial de energias humanas de poder, magia e guerra nesta região (ver abaixo).

A "tendência para baixo" parece não representar porém uma regra, de outra forma Don Juan, que evita este estilo de atuar, não teria ele mesmo um gosto especial por Sonora e nem o empregaria para renovar suas próprias energias. Tampouco atribuiria sua força às "emanações da Águia" se fosse algo mau em si. Eis portanto mais uma intuição do nagual Don Juan, vaga mas sempre com um fundo de realidade. Caberia pois enfatizar unicamente que nesta faixa "há uma confluência particular das emanações da Águia, as quais ajudam o ponto de aglutinação a mover-se."

Com relação à agressividade, é uma das formas como se expressa a energia concentrada. Mas o espírito guerreiro é também um padrão evolutivo. Aquele que deseja evoluir deve enfrentar as forças da inércia e do desvio.

Os yaquis, povo da região de Sonora (Don Juan era yaqui), eram inclusive tão aguerridos que foram deportados pelo governo do México para a área central do país por várias décadas. Em *El Lado Ativo del Infinito* Castaneda diz: "(Don Juan) queria iniciar-me, amparado pela força da região onde vivia, um centro de fortes reações e emoções (...) gente de guerra havia vivido ali durante milhares de anos, impregnando o território com suas preocupações pela guerra. (...) Don Juan vivia naquele tempo no estado de Sonora, ao norte do México." (pgs. 16-17)

Em *A Travessia das Feiticeiras*, Taisha Abelar trata de sua ampla tradição cultural: "Os índios yaquis possuem uma história oral rica e vasta", e obtém tudo isto "diretamente do mundo dos sonhos". (pg. 29) Também é dito que suas cidades sagradas, colocadas ao longo do Rio Yaqui, correspondem simbolicamente a locais de seu universo mítico, sendo que "elas existem no outro mundo, do qual eles recebem o seu poder". Tais cidades, pelo que consta, ainda existem. Esta correspondência de cidades e pontos sagradas ao longo de um rio, fazendo a imagem dos centros energéticos existentes ao longo da coluna vertebral, era realizada pelos egípcios, cuja capital e centro supremo ou solar estava no paralelo 30. O Ganges na Índia tinham esta mesma conotação, pois alguns mitos rezam que ele nasce da cabeça de Shiva, e outros que nasce dos pés de Vishnu. Trata-se pois de uma simbologia universal. Atualmente também se está formando um contexto assim na América do Sul (ver *O Espelho de Obsidiana*).

Pois o paralelo 30 tem centralizado e *culminado* a maior parte das civilizações sagradas da Terra. Basta seguir os centros existentes nesta faixa para observar este fato: *Heliópolis*, a atual Cairo com as grandes Pirâmide e a Esfinge, capital solar no Egito; *Jerusalém*, onde seria sacrificado Isaíque e onde foi sacrificado Jesus, na Judéia; *Ur*, de onde veio Abraão, na Caldéia; *Persépolis*, capital do império universal Persa; *Harappa*, modelo de urbanismo sagrado no vale do Rio Hindus; o deserto de *Multan* no Paquistão; *Meru*, *Rishikesh* e *Hardwar*, cidades santas dos iogues, na Índia; *Lumbini*, onde nasceu Buda; *Ayodhya*, a sagrada cidade Rama no Nepal; e *Lhasa*, a "cidade dos deuses", no Tibet. Na América do Sul temos a antiga *Ilha da Páscoa*, antigo "umbigo do mundo" e, em ascensão na Nova Era, o vale do rio Elqui no Chile e a cidade solar de *Porto Alegre* no Brasil.

O paralelo 30 sedia o *trono divino*. É nele que se destinam a assentar as dinastias espirituais na Terra, para reger as civilizações áureas.

O fato de as grandes metrópoles sagradas meso-americanas estarem centralizadas no paralelo 20 tem causas especiais, relacionadas inclusive à natureza intrínseca da cultura *atlante*, seguindo os princípios das três faixas de construção cultural apresentados por La Ferrière.

Uma delas é que, contrariando a regra, no antigo território do México a região do paralelo 30 não era exatamente afável, estando antes caracterizada por amplos e áridos desertos e pela vizinhança ameaçadora dos bárbaros do Norte.

Além disto, o fato de ser aquela a Segunda Dinastia Sagrada. Sabe-se também que a base do calendário e do sistema notacional meso-americano é *vigesimal*. Segundo alguns estudiosos, na data inicial do Calendário sagrado meso-americano, chamado *Tzolkin* em maia, o sol incide verticalmente sobre o paralelo 20.

Certamente, neste sentido tampouco se pode deixar de vincular o mês oriental de 30 dias, divididos em três decanos, e centralizado no paralelo 30, à natureza tríplice da raça árya. E seguindo esta idéia, devemos esperar agora uma nova cultura universal baseada no "valor-40". Ainda assim, é preciso deixar claro que o paralelo 30 representa uma referência universal *absoluta*, por se encontrar no centro dos hemisfério. Um sinal disto é que Shambala chegou na terra durante a Terceira Raça-Raiz, a Lemuriana.

Tampouco se poderia desprezar as condições ambientais da região, especialmente as *geológicas*. No México e na fronteira com os Estados Unidos, o meio-ambiente é basicamente tomado por desertos e montanhas, dificultando maiores estabelecimentos humanos e limitando-os a pequenas cidades e vilas. Na costa atlântica estadunidense o quadro muda um pouco.

O paralelo 30 se caracteriza em princípio justamente por oferecer possibilidades especiais de vida a partir de sua riqueza climática. Mas isto também se acha na dependência das condições geológicas ali existentes.

É em parte justamente a grande procura humana por estas regiões que as têm esgotado através dos tempos.

Certos países estão envoltos por uma aura mística. É o caso do México e da Índia. Neste sentido, penetrar certas fronteiras é como entrar num território mágico: "A fronteira é um fato concreto, mas os feiticeiros usam-nas simbolicamente." (Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 113).

Era uma recomendação de Don Juan que Castañeda ficasse residindo no México. Na década de oitenta viveu por três anos na Guatemala, a terra dos maias modernos, e depois retornou ao México, indo sempre a Los Angeles e à sua casa de Malibu.*

Os Estados Unidos oferecem muitos lugares mágicos, locais onde se desenvolveram suas antigas e belas culturas indígenas. As grandes planícies onde o búfalo corria livre, as Montanhas Rochosas, o Grande Cânion e o Jardim dos Deuses no Colorado, a região dos grandes lagos, os Parques Nacionais de Yesomite e de Yelowstone, as belezas do Alaska, as regiões desérticas do Sul, etc.

Este quadro permite forma um panorama xamânico e outro hierárquico.

A energia hierárquica permanece ao sul, em torno do paralelo 30, na faixa que abrange Texas, Lousiana e Flórida, mas que alcança Califórnia, Arizona, Novo México, Mississipi... (é claro que parte dela não apresenta boas condições para a vida humana).

A energia xamânica ou elemental pode ser associada de muitas maneiras a estas regiões. Abaixo sugerimos uma forma:

- a. Montanhas Rochosas Terra
- b. Grandes Lagos Água
- c. Yesomite e Yelowstone Ar
- d. Arizona Fogo

O buscador pode transitar especialmente por estas áreas ao longo de seus ciclos espirituais, buscando a síntese nas regiões hierárquicas.

* Depois que seu mestre se foi, sob o impacto da perda Castañeda saiu a percorrer o mundo. Mas em *Conversas com Carlos Castañeda* de Carmina Fort, afirma não ter encontrado "nada que valesse a pena". Ao que parece tampouco buscou em outros ensinamentos maiores complementos e esclarecimentos. E ainda menos substância viu nos instrutores de yoga ocidentais.

Bibliografia

- Abelar, Taisha
A Travessia das Feiticeiras, Editora Record.
- Anagarika Govinda, Lama
Fundamentos do Misticismo Tibetano, Ed. Pensamento, SP
- Arguelles, José
A Ascensão da Terra
- Bailey, Alice A.
Tratado sobre Fuego Cosmico; Editorial Kier, Buenos Aires.
Inicição Humana e Solar; Fundação Cultural Avatar, RJ, 1985.
Los Raios y las Iniciaciones; Editorial Kier, Buenos Aires.
Cartas Sobre Meditação Ocultista; F.C.Avatar, Niterói, RJ
Um Tratado sobre Magia Branca; F.C.Avatar, Niterói, RJ
La Manifestacion de la Jerarquia; Ed. Kier. B. Aires.
De Belém ao Calvário; Fundação Cultural Avatar, Niterói, RJ
Espelhismo - Um Problema Mundial; Fundação Cultural Avatar, Niterói, RJ
- Bension, Ariel (seleção)
El Zohar, José J. de Olañeta, Editor
- Bentov, Itzykak
Um Livro Cósmico, Ed. Pensamento, SP
- Burckhardt, Titus
Símbolos, Jose J.Olaneta editor, Espanha, 1991
- Caso, Alfonso
Los Calendários Prehispanicos, UNAM, México, 1967
- Castañeda, Carlos
A Erva do Diabo, Editora Record, SP.
Viagem a Ixtlán, Editora Record, SP.
Uma Estranha realidade, Editora Record, SP.
Portas para o Infinito, Editora Record, SP.
O Segundo Círculo do Poder, Editora Record, SP.
O Presente da Águia, Editora Record, SP.
O Fogo Interior, Editora Record, SP.
A Arte de Sonhar, Editora Record, SP.
Passes Mágicos, Editora Record, SP.
A Roda do Tempo, Gaia Ediciones, Madrid
A Face Ativa do Infinito

- Donner, Florinda
Sonhos Lúcidos, Editora Record.
Shabono, Editora Record.
A Bruxa e a Arte de Sonhar, Editora Record.
- Fort, Carmina
Conversando com Carlos Castañeda, Editora Record.
- Guénon, René
O Rei do Mundo, Ed. Minerva, Lisboa
Formas Tradicionales y Ciclos Cósmicos, Ed. Obelisco, Barc.
- Ikeda, Daisaku
O Buda Vivo, Ed. Record, RJ
- Jinarajadasa, C.
Fundamentos de Teosofia, Editora Pensamento, SP.
- Ken Eagle Feather
El Camino Tolteca, Arkano Books, 1988, Madrid.
- Mann, John (e Lar Short)
O Corpo de Luz, Ed. Pensamento, SP
- Men, Humbatz
Segredos da Religião-Ciência Maia, Ed. Ground, SP
- Ouspensky, P. D.
Fragmentos de um Ensino Desconhecido,
Ed. Pensamento, SP
O Quarto Caminho, Ed. Pensamento, SP
- Piña Chan, Román
História, Arqueologia e Arte Prehispânica, F.C.E., México
Chichén Itzá, A Cidade dos Bruxos d'Água, F.C.E., México
- Raynaud de la Ferrière, Serge
Teocracia y Tibet – Hacia una Edad de Paz.
Yug Yoga Yoguismo
- Salvi, Luís A. Weber
Tushita - O Dharma de Arco-Íris de Maitreya Buda, IBRASA, SP
O Portal de Farohar
O Livro dos Chohans, Ed. Agartha, SP
América Latina, Magia e Poder
A Arte da Unidade, FEEU, P.Alegre, 1991
Jornal Paralelo – A Cultura da Idade de Ouro, FEEU
Revista Órion de Ciência Astrológica, FEEU, Porto Alegre.
- Scholem, Gershom

- As Grandes Correntes da Mística Judaica*, Ed. Perspectiva, SP, 1972
- Schuon, Fritjof
Sobre los Mundos Antiguos, Biblioteca de Estudios Tradicionales, Ed. Taurus, Madrid
- Séjourné, Laurette
Pensamento y Religion en el Mexico Antiguo, F.C.E., México
El Universo de Quetzalcóatl, F.C.E., México
- Shwaller de Lubicz, R. A.
Le Roi de la Théocratie Pharaonique, Flammarion, Paris, 1961.
- Speeth, Kathleen Riordan
O Trabalho de Gurdjieff, Ed. Pensamento, SP.
- Thot, Max
As Profecias das Pirâmides, Ed. Record, RJ
- Trismegisto, Hermes
A Tábua de Esmeraldas
- Wallis Budge, E. A.
O Livro Egípcio dos Mortos, Ed. Pensamento, SP
- Wilson, Colin
Caminhos do Despertar, Martins Fontes, SP.
- Woodroffe, John
El Poder Serpentino, Ed. Kier, Bs. Aires.

Bibliografia

- Abelar, Taisha
A Travessia das Feiticeiras, Editora Record.
- Anagarika Govinda, Lama
Fundamentos do Misticismo Tibetano, Ed. Pensamento, SP
- Arguelles, José
A Ascensão da Terra
- Bailey, Alice A.
Tratado sobre Fuego Cosmico; Editorial Kier, Buenos Aires.
Iniciação Humana e Solar; Fundação Cultural Avatar, RJ, 1985.
Los Raios y las Iniciaciones; Editorial Kier, Buenos Aires.

- Cartas Sobre Meditação Ocultista*; F.C.Avatar, Niterói, RJ
Um Tratado sobre Magia Branca; F.C.Avatar, Niterói, RJ
La Manifestacion de la Jerarquia; Ed. Kier. B. Aires.
De Belém ao Calvário; Fundação Cultural Avatar, Niterói, RJ
Espelhismo - Um Problema Mundial; Fundação Cultural Avatar, Niterói, RJ
- Bennet, J.
Os Mestres de Sabedoria, Ed. Pensamento, SP
- Bension, Ariel (seleção)
El Zohar, José J. de Olañeta, Editor
- Bentov, Itzyk
Um Livro Cósmico, Ed. Pensamento, SP
- Burckhardt, Titus
Símbolos, Jose J.Olaneta editor, Espanha, 1991
- Caso, Alfonso
Los Calendários Prehispanicos, UNAM, México, 1967
- Castañeda, Carlos
A Erva do Diabo, Editora Record, SP.
Viagem a Ixtlán, Editora Record, SP.
Uma Estranha realidade, Editora Record, SP.
Portas para o Infinito, Editora Record, SP.
O Segundo Círculo do Poder, Editora Record, SP.
O Presente da Águia, Editora Record, SP.
O Fogo Interior, Editora Record, SP.
A Arte de Sonhar, Editora Record, SP.
Passes Mágicos, Editora Record, SP.
A Roda do Tempo, Gaia Ediciones, Madrid
A Face Ativa do Infinito
- Donner, Florinda
Sonhos Lúcidos, Editora Record.
Shabono, Editora Record.
A Bruxa e a Arte de Sonhar, Editora Record.
- Fort, Carmina
Conversando com Carlos Castañeda, Editora Record.
- Guénon, René
O Rei do Mundo, Ed. Minerva, Lisboa
Formas Tradicionales y Ciclos Cósmicos, Ed. Obelisco, Barc.
- Ikeda, Daisaku
O Buda Vivo, Ed. Record, RJ

- Jinarajadasa, C.
Fundamentos de Teosofia, Editora Pensamento, SP.
- Ken Eagle Feather
El Camino Tolteca, Arkano Books, 1988, Madrid.
- Mann, John (e Lar Short)
O Corpo de Luz, Ed. Pensamento, SP
- Men, Humbatz
Segredos da Religião-Ciência Maia, Ed. Ground, SP
- Ouspensky, P. D.
Fragmentos de um Ensino Desconhecido,
Ed. Pensamento, SP
O Quarto Caminho, Ed. Pensamento, SP
- Piña Chan, Román
História, Arqueologia e Arte Prehispânica, F.C.E., México
Chichén Itzá, A Cidade dos Bruxos d'Água, F.C.E., México
- Raynaud de la Ferrière, Serge
Teocracia y Tibet – Hacia una Edad de Paz.
Yug Yoga Yoguismo
- Salvi, Luís A. Weber
Tushita - O Dharma de Arco-Íris de Maitreya Buda, IBRASA, SP
O Portal de Farohar
O Livro dos Chohans, Ed. Agartha, SP
América Latina, Magia e Poder
A Arte da Unidade, FEEU, P.Alegre, 1991
Jornal Paralelo – A Cultura da Idade de Ouro, FEEU
Revista Órion de Ciência Astrológica, FEEU, Porto Alegre.
- Scholem, Gershom
As Grandes Correntes da Mística Judaica, Ed. Perspectiva, SP,
1972
- Schuon, Fritjof
Sobre los Mundos Antiguos, Biblioteca de Estudios
Tradicionales, Ed. Taurus, Madrid
- Séjourné, Laurette
Pensamento y Religion en el Mexico Antiguo, F.C.E., México
El Universo de Quetzalcóatl, F.C.E., México
- Shwaller de Lubicz, R. A.
Le Roi de la Théocratie Pharaonique, Flammarion, Paris, 1961.

Speeth, Kathleen Riordan
O Trabalho de Gurdjieff, Ed. Pensamento , SP.

Thot, Max
As Profecias das Pirâmides, Ed. Record, RJ

Trismegisto, Hermes
A Tábua de Esmeraldas

Wallis Budge, E. A.
O Livro Egípcio dos Mortos, Ed. Pensamento, SP

Wilson, Colin
Caminhos do Despertar, Martins Fontes, SP.

Woodroffe, John
El Poder Serpentino, Ed. Kier, Bs. Aires.